



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O QUE PENSAM AS EDUCADORAS E O QUE NOS REVELAM OS BEBÊS SOBRE
A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

VIVIANE DOS REIS SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O QUE PENSAM AS EDUCADORAS E O QUE NOS REVELAM OS BEBÊS SOBRE
A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

VIVIANE DOS REIS SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S586q Silva, Viviane dos Reis
O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil / Viviane dos Reis Silva ; orientadora Tacyana Karla Gomes Ramos. – São Cristóvão, 2018.
272 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação Infantil. 2. Creches – Nossa Senhora do Socorro (SE). 3. Crianças. 4. Prática de ensino. I. Ramos, Tacyana Karla Gomes, orient. II. Título.

CDU 373.2(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



VIVIANE DOS REIS SILVA

**“ O QUE PENSAM AS EDUCADORAS E O QUE NOS REVELAM OS
BEBÊS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL ”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca
Examinadora.

Aprovada em: 28.02. 2018

Tacyana Karla Gomes Ramos

Prof.ª Dr.ª Tacyana Karla Gomes Ramos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Prof.ª Dr.ª Rosana Carla do Nascimento Givigi
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Daniela de Oliveira Guimarães

Prof.ª Dr.ª Daniela de Oliveira Guimarães
Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2018

Dedico esta dissertação aos bebês e educadoras que foram protagonistas deste estudo. A vocês, meu sentimento de gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Tacyana Karla Gomes Ramos, por todo apoio e orientação durante este processo formativo. Sou grata por tudo que aprendi ao seu lado desde a graduação. Se meus horizontes investigativos apontam para pesquisas com bebês é porque tive na minha formação profissional inicial o contato com olhar sensível que a senhora sempre dedicou a estes pequenos grandes seres.

A todos os professores que contribuíram para minha formação durante o Mestrado em Educação: Anamaria Bueno, Rosana Givigi, Maria Inez, Josefa Eliana, Joaquim Tavares e Edmilson Menezes.

Às professoras Rosana Givigi e Daniela Guimarães por todas as contribuições para aprimoramento da pesquisa. Agradeço pelo modo cuidadoso e ético que as análises foram conduzidas e partilhadas.

À turma da disciplina Fundamentos Metodológicos da Educação Infantil, onde realizei o estágio docente. As tardes das quartas-feiras foram repletas de aprendizados.

À minha família por todo apoio. Em especial a meu pai José Domingos (*in memoriam*), que sempre estará comigo em espírito, minha mãe Marinalva que faz dos meus sonhos os seus e não mede esforços para contribuir na minha formação humana e profissional. Aos meus irmãos pela união e estima nessa caminhada que é nossa: Ana, Domingos e Wagner. Obrigada por compartilharem esse sonho comigo! A minha sobrinha Myrella pelas vibrações positivas. Agradeço por compreenderem as ausências que foram necessárias para lapidar a pesquisa.

Aos amigos do interior que apesar da distância, continuaram presentes: Michele, Mateus, Nininha, Ilanno, Diana, Lindiney.

Aos amigos e colegas que a UFS me presenteou por terem comemorado minha aprovação no Mestrado e acompanhado alguns momentos desta etapa da minha vida: Douglas, Emily, Polyana, Mônica, Erick, Bia, Dani, Cris, Mateus, Ceíça, Junior, Jeane, Laíse e Thamisa.

À incrível turma 2016.1 por todo apoio, respeito e estima por cada um dos colegas. Em especial àqueles que acompanharam de perto estes dois anos, somando energias positivas e lapidando alguns elementos da pesquisa: Cris, Bel, Tailla, Gisele, Mari, Lenilda, Ana Cláudia, Advanusia, Elis, Tati.

Ao meu namorado Junior por todas às vezes que me disse que “Tudo daria certo!”.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo apoio técnico disponibilizado, em especial as pessoas de Guilherme e Graciele.

Ao Departamento de Educação da UFS por disponibilizar o gravador de áudio sempre que solicitado.

À CAPES pelo apoio financeiro fornecido.

Agradeço à direção e coordenação da creche investigada.

Sou grata enormemente às educadoras e aos bebês que protagonizaram esta pesquisa. Cada dia em campo foi fantástico!

Por fim, agradeço ao universo pelas conspirações favoráveis, por todas as vezes que me fez acreditar que em cada detalhe do caminho este e outros sonhos me esperavam.

*Há um menino, há um moleque, morando sempre
no meu coração. Toda vez que o adulto balança
ele vem pra me dar a mão.*

(Milton Nascimento)

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender os saberes docentes sobre a organização dos espaços para bebês e os usos destes pelas crianças na Educação Infantil. O arcabouço teórico foi composto pelas obras de Abramowicz; Oliveira (2010); Agostinho (2004); Cairuga (2015); Carvalho (2011); Delgado; Müller (2005); Fernandes (2016); Horn (2004; 2015; 2013; 2014); Gandini (1999); Guimarães (2009); Nornberg (2013); Rocha (2008); Simiano e Vasques (2011), Soares; Sarmiento; Tomás, (2004), entre outros autores que tecem discussões à luz da Sociologia da Infância. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, configurada em um estudo de caso. O campo de pesquisa investigado foi o agrupamento etário denominado de Berçário I de uma creche municipal, localizada em Nossa Senhora do Socorro/SE, constituído por oito bebês e duas educadoras. Os dados foram produzidos com base na observação participante. Realizamos observações das rotinas do Berçário, seguidas de escritos em diário de campo, videogravações e registros de imagens por meio de fotografias, entrevistas audiogravadas com educadoras e aplicação de questionários. Todos estes procedimentos proporcionaram a organização de encontros reflexivos com as educadoras denominados de *Móviles dos Saberes*. Utilizando-se a técnica de *autoscopia* (SADALLA; LARocca, 2004), foram retomados trechos de entrevistas, exibição de videogravações realizadas, episódios descritos, fotos e registros escritos, problematizando a organização dos espaços onde tais ações foram protagonizadas pelas educadoras e crianças integrantes do estudo. A análise dos dados produzidos foi realizada mediante os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2007). Essa proposta funda-se na construção de uma pesquisa formativa, permitindo-se estabelecer diálogos entre o olhar do pesquisador e dos sujeitos envolvidos, contribuindo, assim, para provocar reflexões dos profissionais que atuam na creche sobre o seu trabalho, lapidando-se, por meio da articulação entre teoria e prática, reflexões sobre as práticas pedagógicas, assentando-se em um caminho que preza pela qualidade dos espaços construídos com e para as crianças que ingressam na Educação Infantil desde bebês. Os dados produzidos revelam que a dimensão pedagógica da organização dos espaços para bebês evidencia-se pelas brincadeiras, explorações e interações suscitadas por eles. Os *Móviles dos Saberes* atentaram para a necessidade de reorganizações e ressignificações de tais espaços a partir de um olhar atento para as motivações e interesses expostos pelos bebês. Revisitar e refletir sobre os momentos protagonizados pelos bebês e educadoras nos diferentes espaços da creche conduziu os sujeitos desta pesquisa a valorizar os arranjos espaciais que compartilhavam experiências, cotidianamente, reconhecendo-os como importante componente curricular da prática pedagógica com bebês.

Palavras-chave: Bebês. Creche. Educação Infantil. Espaços. Saberes Docentes.

ABSTRACT

This research seeks to understand the teaching knowledge about the organization of spaces for babies and the use of these spaces by children in Early Childhood Education. Our theoretical framework is composed of the works of Abramowicz; Oliveira (2010); Agostinho (2004); Cairuga (2015); Carvalho (2011); Delgado; Müller (2005); Fernandes (2016); Horn (2004; 2015; 2013; 2014); Gandini (1999); Guimarães (2009); Nornberg (2013); Rocha (2008); Simiano e Vasques (2011), Soares; Sarmiento; Tomás, (2004) and among other authors who make discussions in the light of the Sociology of Childhood. This is a qualitative research, configured in a case study. The research area investigated was the age group called Nursery I of a municipal nursery, located in Nossa Senhora do Socorro/SE, made up of eight babies and two educators. Data were produced based on participant observation. We carried out observations of nursery routines, followed by field diary writings, video recordings and image records through photographs, interviews with educators and questionnaires. All these procedures allowed for the organization of reflexive meetings with the educators known as *Mobiles of Knowledge*. Using the autoscopy technique (SADALLA; LAROCCA, 2004) interviews, videotaped shows, episodes described, photos and written records were reviewed, problematizing the organization of spaces where such actions were carried out by the educators and children who are members of the study. The analysis of the data produced was performed using the assumptions of content analysis (BARDIN, 2007). This proposal is based on the construction of a formative research, allowing to establish dialogues between the researcher's and the involved subjects' perspectives, thus contributing to provoke reflections of the professionals who work in the day-care center about their work, being stoned, for through the combination of theory and practice, reflections on pedagogical practices, based on a path that values the quality of spaces built with and for children entering infant education since infants. The data produced reveal that the pedagogical dimension of the organization of the spaces for babies is evidenced by the games, explorations and interactions raised by them. The Mobiles of Knowledge have tried to the necessity of reorganizations and resignifications of such spaces from a close look at the motivations and interests exposed by the babies. Revisiting and reflecting on the moments played by the babies and educators in the different spaces of the nursery led the subjects of this research to value the spatial arrangements that shared experiences, everyday, recognizing them as an important curricular component of the pedagogical practice with babies.

Keywords: Babies. Nursery. Child Education. Spaces. Teacher Knowledge

LISTA DE EPISÓDIOS

Episódio: Experiências no Sítio de Seu Lobato.....	101
Episódio: Experiências no Sítio de Seu Lobato.....	104
Episódio: Leitura para bebês.....	112
Episódio: Experiências com boliche.....	117
Episódio: Experiências com boliche.....	121
Episódio: Colando bolas na fita adesiva.....	131
Episódio: Experiências com latas.....	133
Episódio: Experiências com latas.....	143
Episódio: Esconde-esconde na cortina.....	150
Episódio: Esconde-esconde na cortina.....	153
Episódio: Esconde-esconde no tecido.....	158
Episódio: Pega-pegas.....	165
Episódio: Olha o aviãozinho.....	168
Episódio: A canoa virou.....	173
Episódio: Empurra o brinquedo.....	177
Episódio: Experiências no labirinto.....	184
Episódio: Experiências com bolas.....	187
Episódio: Bolas no cesto.....	191
Episódio: Experiências com caixas.....	197

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LUGAR PARA VIVER AS INFÂNCIAS.....	25
3 UM PERCURSO METODOLÓGICO PAUTADO NA ESCUTA E VALORIZAÇÃO DAS FALAS DE BEBÊS E SUAS EDUCADORAS.....	37
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	39
3.2 PESQUISA COM BEBÊS À LUZ DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.....	42
3.3 ESTUDO DE CASO: SITUANDO O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO.....	45
3.3.1 Apresentando a sala dos bebês.....	50
3.3.2 Participantes da pesquisa: educadoras e crianças.....	56
3.3.3 Rotina.....	65
3.4 OBSERVAÇÕES.....	67
3.4.1 Entrevistas e questionários.....	69
3.4.2 Diário de campo, fotografias e videogravações.....	71
3.5 MÓBILES DOS SABERES: ENCONTROS REFLEXIVOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PARA BEBÊS.....	77
3.6 ANALISANDO DADOS E CONSTRUINDO CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	92
4 ESPAÇOS QUE APROXIMAM E CONVIDAM ÀS BRINCADEIRAS E EXPLORAÇÕES.....	96
4.1 BRINCAR, EXPLORAR E INTERAGIR: SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AOS ARRANJOS ESPACIAIS PELOS BEBÊS E SUAS EDUCADORAS.....	97
4.2 A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS COMO TERCEIRO EDUCADOR: CENAS QUE ENTRELAÇAM BRINCADEIRAS, EXPLORAÇÕES E INTERAÇÕES.....	176
4.3 OS MÓBILES DOS SABERES, O APRIMORAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DOCENTE EM LÓCUS.....	207
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
REFERÊNCIAS.....	217

ANEXO A – PARECER FAVORÁVEL DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	224
APÊNDICE A – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NA PESQUISA.....	227
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Responsáveis pelas crianças).....	230
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Educadoras).....	232
APÊNDICE D – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	234
APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	235
APÊNDICE F – EPISÓDIOS PROTAGONIZADOS NO ESPAÇO INTERNO DA SALA DE ATIVIDADES DO BERÇÁRIO.....	236
APÊNDICE G – SLIDES MÓBILES DOS SABERES.....	246
APÊNDICE H – MÓDULO: A DOCÊNCIA COM BEBÊS.....	271
APÊNDICE I – MÓDULO: ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	272

1 INTRODUÇÃO

Tenho tanto que brincar, como brinca um brincador, muito mais o que sonhar, como sonha um sonhador, e também que imaginar, como imagina um imaginador [...] Quando for grande, quero ser brincador. Brincar e crescer, crescer e brincar, até a morte vir bater à minha porta. Na minha sepultura, vão escrever: “Aqui jaz um brincador”.

(Álvaro Magalhães)

Adentrar nos espaços formativos da educação infantil nos possibilita evidenciar um direito conquistado pelas crianças do nosso país a partir da Constituição Federal de 1988 que delega ao Estado o dever de ofertá-la. A educação infantil, reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) como primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas a crianças entre 0 e 5 anos de idade, atualmente está se configurando como um campo de estudo em crescente e contínua produção.

A integração da educação infantil à educação básica, ancorada pela referida Lei em 1996, assim como a elaboração e fixação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) em todo território nacional no ano de 2009, buscou romper com o caráter assistencialista que por muito tempo perdurou esta área de atuação educacional.

As creches¹ possuem um histórico atrelado fortemente ao ato de guardar e cuidar das crianças pequenas devido a entrada da mulher no mercado de trabalho. Neste contexto histórico as práticas higienistas se sobressaíam em detrimento de uma proposta pedagógica que alicerçasse o trabalho sob o viés do binômio cuidar e educar.

Com a ampliação de pesquisas e políticas públicas que enfatizam a educação como um direito das crianças, agora a creche representa um lugar propício para o desenvolvimento infantil de forma integral, permeada por práticas que reconheçam as crianças como atores sociais competentes (BRASIL, 2010).

Levando em consideração a criança como centro do planejamento curricular (BRASIL, 2010), a educação em creches e pré-escolas apresenta características que lhe são peculiares. A constituição de espaços que dialoguem com uma educação para infância explicita essas particularidades. Seguindo essa premissa, estudiosos da infância têm realizado diversas pesquisas sobre o potencial educativo dos espaços físicos das escolas de educação

¹ Segundo a LDB e DCNEI refere-se à instituição responsável por cuidar e educar crianças de zero a três anos de idade.

infantil, reconhecendo a necessidade de pensar a organização dos espaços desde o planejamento pedagógico, visto que estes são entendidos como componente curricular importante para o desenvolvimento de práticas ajustadas aos interesses e motivações das crianças: alicerce do trabalho nas instituições de educação infantil que concebem as mesmas como atores sociais competentes, agentes do seu próprio desenvolvimento em parceria com os adultos.

Neste sentido, ao reconhecer o potencial educativo dos espaços destinados às crianças, esta pesquisa teve como objetivo central compreender os saberes docentes sobre a organização do espaço para bebês e os usos deste pelas crianças na creche.

Parte-se do pressuposto de que ao analisar a maneira como os arranjos espaciais dessas instituições são constituídos, é possível interpretar as possibilidades de aprendizagens existentes frente à finalidade da educação infantil promulgada na LDB e em suas diretrizes curriculares nacionais.

Baseando-se neste objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos para o presente estudo: a) evidenciar o desenvolvimento de interações, explorações e brincadeiras entre os bebês e suas educadoras nos espaços da creche; b) compreender o processo de construção e reconfiguração dos saberes docentes no que concerne a organização dos espaços para bebês; c) construir um espaço reflexivo entre a pesquisadora e as educadoras sobre o potencial educativo dos espaços destinados às crianças.

Ressaltamos que nosso olhar é guiado por uma concepção de criança ativa, disposta a descobrir e vivenciar cada pedaço do mundo por meio das suas experiências, buscando incessantemente desde a mais tenra idade explorar, interagir e investigar os espaços que compõem o seu dia a dia a partir de seus múltiplos movimentos corporais.

Para Horn (2004), atentar-se para todos os elementos pertencentes aos espaços da educação infantil revela um olhar repleto de sensibilidade, capaz de refletir sobre as reais necessidades e interesses das crianças. A autora enfatiza que o investimento na formação dos profissionais é um importante passo para um caminho cujo foco seja uma educação de qualidade, que reconheça as crianças como sujeitos potencialmente capazes, guiadas por desafios, que se desenvolvem em plena interação com o seu meio físico e social. Porém, algumas realidades educacionais ignoram o importante papel que a organização dos espaços possui, interpretando-os apenas como pano de fundo da proposta pedagógica, desconsiderando-os como elementos-chave no desenvolvimento de explorações, brincadeiras, interações, enfim, neutralizando sua presença e valorizando-os somente por suas extensões métricas.

Preocupada com esta evidência que surgiu em suas investigações, Horn (2004) problematiza o descaso que alguns espaços dedicados à educação de crianças apresentam:

Aliás, o que sempre me chamou atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios (Horn, 2004, p. 15).

Do mesmo modo, eu também fui tocada pela ausência de arranjos espaciais que configurassem uma educação para infância ao adentrar berçários de uma instituição municipal de educação infantil, enquanto graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus São Cristóvão.

Os berçários pesquisados à época eram compostos por cartazes fixados em alturas indevidas aos olhares dos bebês com conteúdos que denotavam uma escolarização precoce: as salas eram esvaziadas de materiais que fomentassem a dimensão lúdica, não havia organização de cantos temáticos, os móveis não podiam ser explorados pelas crianças devido a altura, os espaços não proporcionavam desafios, seus arranjos espaciais não lançavam convites às ações das crianças. Estes espaços eram planejados sob a ótica do adulto, cuja organização não levava em consideração as motivações e interesses dos bebês; as crianças nestas experiências não eram sujeitos do planejamento curricular, nem tão pouco reconhecidas como atores sociais competentes.

O movimento de tentar compreender como é configurada a educação dos bebês e práticas de suas professoras teve início em 2011, com o desenvolvimento do estudo de Iniciação Científica denominado de “Modos de participação social de crianças de um ano nas práticas educativas de sua professora na creche”, sob a orientação da professora Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos, inserindo-se numa pesquisa mais ampla, intitulada Participação social de crianças de 0 a 3 anos nas práticas educativas de professoras e suas interfaces com a organização pedagógica, que examinou as estratégias sociais que a criança utiliza para participar das atividades educativas propostas pelas suas professoras, com o intuito de formular indicadores que orientassem a organização de práticas educativas ajustadas aos interesses e habilidades sociocomunicativas das crianças.

No ano de 2012, em mais um projeto de iniciação científica com a referida professora, – no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – investigamos a configuração de saberes docentes que permeavam as práticas cotidianas de duas educadoras

que atuavam com crianças de zero a doze meses e suas implicações na (re)organização didática.

E em 2013, dando continuidade ao movimento de pesquisa, construímos o estudo responsável pela construção dos dados do meu trabalho monográfico, intitulado “Recursos de comunicação dos e entre bebês de quatro a oito meses nas práticas cotidianas da educação infantil”.

Durante estas pesquisas, algumas questões me instigaram e me levaram a refletir sobre a organização dos espaços para bebês como objeto de investigação do projeto de pesquisa submetido ao edital para alunos regulares do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em 2015. Acreditamos que o espaço se constitui como uma dimensão pedagógica, ou seja, faz parte do currículo da educação infantil.

Neste sentido, de acordo com Gandini (1999, p.157), o ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador”. Portanto, muitos detalhes da prática pedagógica e da concepção de criança e infância estão expostos na forma como o ambiente é organizado, porque o espaço não é neutro, ele também media o processo educativo, com sua concepção pautada na intencionalidade do profissional ao organizá-lo, conforme explica o autor.

Nesta ótica, o problema de pesquisa deste trabalho configurou-se a partir do seguinte questionamento: quais os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do Berçário I² e os usos deste espaço pelas crianças de uma creche municipal da cidade de Nossa Senhora do Socorro/SE?

Somando-se a este propósito, buscamos na literatura existente ampliar nossos olhares ao passo que nos deparamos com um conjunto de pesquisadores atentos à dimensão pedagógica dos espaços que compõem a educação infantil. Nosso arcabouço teórico é composto pelas obras de Agostinho (2004); Cairuga (2015); Carvalho (2011); Horn (2004; 2013; 2014; 2015); Gandini (1999); Guimarães (2009); Nornberg (2013); Simiano; Vasques (2011), dentre outros autores. Em meio aos diálogos que englobam o universo da educação em creches, estes pesquisadores destinam seus olhares investigativos para a importância contida na organização dos espaços físicos das instituições de educação infantil. Suas investigações apontam para a compreensão de que os espaços não são neutros, eles possuem intencionalidades pedagógicas, expostas pelas formas que são pensados e organizados.

² Turma de bebês com idades entre 06 – 12 meses, integrantes do agrupamento etário denominado *Berçário* pela instituição de ensino. Ressaltamos que há variações quanto aos nomes dados às turmas destinadas à educação para bebês. Compreendemos o recorte etário para denominação de “bebês” segundo Brasil (2012), indicado para crianças com idades entre 0 a 18 meses.

Em parceria com estes autores trazemos também as contribuições dos documentos oficiais organizados pelo Ministério da Educação (MEC) que orientam a educação infantil no Brasil. Seleccionamos as publicações que denotavam atenção à organização dos espaços como um dos critérios para lapidar uma educação infantil de qualidade. Foram estes os documentos elencados para contribuir com nosso estudo: Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil: Encarte (2006); Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil (2006); Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil: volumes 1 e 2 (2006); Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças (2009); Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, (2009); Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (2010); Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica (2012); Estudo propositivo sobre a organização dos espaços internos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento (2013); Estudo propositivo sobre a organização dos espaços externos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento (2014).

Nosso recorte literário abrangeu em sua maioria pesquisas realizadas a partir de 2010, ano que se aproxima da data de publicação das DCNEI, já que elas entraram em vigor para todo território nacional em dezembro de 2009. A fixação desta publicação é fruto de um movimento social e político que representa um marco na história dos direitos da criança a uma educação de qualidade, guiada por princípios que a reconhecem como “sujeito histórico e de direitos”, possuidora do direito a interagir, brincar, imaginar, fantasiar, opinar, aprender, observar, experimentar, narrar, questionar, por fim, a ser criança e viver a plenitude desta etapa humana, marcada pelo lúdico como combustível para experimentar o mundo.

O referencial teórico utilizado para guiar nossos fazeres metodológicos na pesquisa com crianças refere-se às contribuições da Sociologia da Infância. Tais leituras nos orientaram a uma concepção de criança ativa, reconhecida como ator social competente que se desenvolve por meio das relações compartilhadas cotidianamente (ABRAMOWICZ; DELGADO; MÜLLER, 2005; FERNANDES, 2016; OLIVEIRA, 2010; ROCHA, 2008; SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2004).

Esse novo caminhar na pesquisa com crianças atribui ao adulto uma postura de escuta, de abertura para encará-las como sujeitos no processo de investigação, pois não são objetos de estudo, mas sim atores sociais plenos, construtores de culturas e colaboradores das pesquisas,

demonstrando por seus gestos, movimentos e falas se aceitam ou não as propostas apresentadas, se dialogam com nossas escolhas metodológicas ou se é necessário reconstruir o caminho. Compartilhando deste referencial teórico-metodológico, diversos autores brasileiros debatem a qualidade da educação destinada às crianças.

Com a finalidade de elucidar o campo científico de publicações que toma a organização dos espaços para bebês como objeto de estudo, realizamos buscas em duas plataformas de dados que expõem as teses e dissertações defendidas no Brasil: a) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e b) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Prosseguindo, trouxemos o levantamento bibliográfico para próximo da nossa realidade acadêmica, realizando pesquisas na Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e no acervo da Biblioteca digital de teses e dissertações da Universidade Tiradentes³ (UNIT). Cabe salientar que a escolha das pesquisas selecionadas se deu ao analisar os títulos, resumos e palavras-chave, evidenciando nestes itens se o nosso objeto de estudo estava contemplado.

Em seguida, descrevemos o percurso das buscas, dando destaque às pesquisas elegidas. A apresentação dividiu-se em dois blocos, inicialmente com a interlocução entre os achados da CAPES e BDTD, e posteriormente entre as pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades sergipanas.

Em pesquisa realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, entre os anos de 2010 a 2015⁴, e no site da BDTD entre os anos de 2010 a 2017, utilizando-se para filtragem de conteúdos três combinações de descritores – 1ª: berçário, creche; 2ª: espaço, berçário; e 3ª: bebês; educação infantil –, evidenciamos na CAPES um total de 06 trabalhos para o primeiro filtro e 36 na BDTD, selecionando-se 03, ambos encontrados nas duas plataformas, conforme apresentamos a seguir:

³ Corresponde a instituição de Ensino Superior vinculada a rede privada de ensino. Esta é a única instituição do setor privado que possui Programa de Pós-Graduação em Educação na modalidade *stricto sensu* no Estado de Sergipe.

⁴ Busca realizada durante a elaboração do pré-projeto de pesquisa para apreciação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe em 2015. Vale destacar que, com a aprovação e andamento da pesquisa, tentamos ampliar a busca para 2017, utilizando-se os referidos descritores. Porém, o site da CAPES nos direcionou apenas para arquivos em formato de artigos, inviabilizando, assim, a ampliação do nosso arcabouço investigativo, pois priorizamos a leitura de teses e dissertações para que pudéssemos traçar um panorama das pesquisas realizadas no Brasil a respeito do nosso objeto de estudo. Devido às lacunas organizacionais da plataforma de periódicos da CAPES, o levantamento das produções neste banco de dados deu-se somente de 2010 a 2015.

Quadro 01 – Teses e dissertações elegidas: CAPES; BDTD

Teses e Dissertações escolhidas		
Descritores	Autores/publicação	Título
Berçário Creche	MOREIRA (2011)	Ambientes da infância e a formação do educador: arranjo espacial no berçário – Tese
	CALLIL (2011)	Formar e formar-se no berçário: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um Centro de Educação Infantil – Dissertação
	GOBBATO (2011)	'Os bebês estão por todos os espaços!': um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil – Dissertação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados da CAPES e BDTD

Em pesquisa realizada por Moreira (2011), com objetivo de investigar o processo de apropriação do espaço por educadores que atuam nos berçários da Creche Institucional Doutor Paulo Niemeyer, no Rio de Janeiro, constatou-se que, no decorrer da pesquisa, os educadores foram demonstrando assimilação dos espaços como componentes da prática pedagógica, sendo considerados mediadores das atividades educativas. Essa apropriação foi se delineando ao longo dos encontros de discussões da prática mediada pela pesquisadora. Graças a este entendimento, práticas guiadas pelo senso comum passaram a ser questionadas e ressignificadas pelos professores.

Com proposta semelhante, Callil (2011) desenvolveu a investigação “Formar e formar-se no berçário: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um Centro de Educação Infantil”. O foco principal do referido estudo foi investigar as possibilidades de promover mudanças nas práticas educativas de professoras de berçário de um Centro de Educação Infantil da rede municipal de educação da cidade de São Paulo. Apesar da resistência das professoras em organizar espaços desafiadores na sala do berçário investigado, com o desenrolar da pesquisa, essas profissionais passaram a valorizar os usos dos diversos espaços da instituição e se mostraram mais sensíveis à observação das ações das crianças nesses espaços.

Na dissertação “‘Os bebês estão por todos os espaços!': um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil”, Gobatto (2011) buscou investigar as vivências dos bebês nos diferentes espaços da educação infantil em uma escola municipal de educação infantil, localizada em Porto Alegre/RS. Em sua pesquisa de mestrado, uma das suas hipóteses principais era a defesa de que os bebês saíam muito pouco das salas.

Porém, ela foi surpreendida ao perceber que os bebês compartilhavam de outros espaços de convívio social além da sala do berçário.

Os descritores *espaço*, *berçário* apresentaram apenas 02 trabalhos na CAPES, pesquisas estas selecionadas na busca anterior. Na BDTD, obtivemos 26 registros, destes selecionamos 04 pesquisas, três delas correspondem às dissertações e teses elegidas anteriormente. Nesta busca destacamos o trabalho: “Materiais potencializadores e os bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário” – Dissertação (MALLMANN, 2015).

Mallmann (2015) buscou compreender os modos como os bebês de uma instituição pública de educação infantil do interior do Rio Grande do Sul partilham situações de explorações e brincadeiras sob as influências de objetos encarados na pesquisa como materiais potencializadores do protagonismo infantil, exposto no modo como os bebês exploraram, interagiram, vivenciaram e conduziram as sensações emergentes do contato com diferentes materiais, destacando assim as contribuições de pensar a organização dos espaços, tempo e materiais que respeitem e sustentem as motivações e interesses dos bebês.

Na terceira e última busca, cujos descritores foram: *bebês*; *educação infantil*, na CAPES, tivemos acesso a um total de 16 trabalhos – incluindo o de Gobbato (2011), encontrado na primeira pesquisa. Dos 16, no entanto, não tivemos nenhuma seleção nova na CAPES. No site da BDTD obtivemos um número expressivo em nossa última busca, foram encontrados 98 trabalhos. Destes, apenas 03 destacavam a organização dos espaços como objeto de estudo, dois destes já foram identificados nas buscas anteriores: Gobbato (2011) e Mallmann (2015). A novidade da busca está na seguinte pesquisa: “Os espaços lúdicos como elementos formadores em uma creche do Município de Santo André” – Dissertação (ARAUJO, 2016).

Araujo (2016) realizou um trabalho cujos objetivos pautaram-se em observar e analisar o modo como as professoras se apropriam dos espaços da creche, enfatizando o caráter formativo a partir da observação das brincadeiras dos bebês nestes espaços, configurando-os como espaços lúdicos.

As pesquisas descritas têm em comum as metodologias colaborativas, onde educadores e crianças foram parceiros na construção dos dados. Todas elas buscaram, de forma ética, provocar reflexões e possíveis mudanças na educação destinada aos bebês, visando sua melhoria e tendo como foco o espaço como dimensão curricular.

O levantamento das produções nos direcionou para 155 produções registradas na BDTD e 21 na CAPES, deste número expressivo elegemos 04 dissertações e 01 tese que dialogam com nossas proposições investigativas.

Diante do número de trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação do país, chamamos atenção para a pouca produção no que concerne a organização dos espaços como foco principal dos estudos desenvolvidos.

Outro dado pertinente é perceber que nenhum trabalho se refere à região Nordeste. A área de concentração das discussões gira em torno do eixo Sul-Sudeste, compreendendo as seguintes instituições: Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2011); Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CALLIL, 2011); Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GOBBATO, 2011; MALLMANN, 2015); por fim: Universidade Nove de Julho, São Paulo (ARAÚJO, 2016).

Também é oportuno enfatizar o dado referente ao total de trabalhos voltados para a educação infantil produzidos nos programas de pós-graduação do estado de Sergipe. Em consulta realizada na Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS apenas duas dissertações versam sobre problemáticas da educação para bebês em Sergipe: “Linguagens da infância na perspectiva de educadores de creche: o que revelam as narrativas” – (LIMA, 2017) e “Práticas pedagógicas na educação infantil: o brincar na narrativa de educadoras de crianças de zero a três anos” – (FONTES, 2017).

Todavia, não encontramos trabalhos focalizados na organização dos espaços. Ao fazer a consulta na Biblioteca digital de teses e dissertações da UNIT não encontramos nenhuma pesquisa a respeito da educação infantil na contemporaneidade, nem tampouco da educação de bebês.

Levando em consideração o número pequeno de pesquisas relacionadas aos usos e atribuições dos espaços da creche e principalmente a inexistência desta temática nas dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação do Estado de Sergipe, justifica-se a escolha de pesquisar junto aos educadores e crianças o objeto de estudo apresentado: os saberes docentes sobre a organização do espaço para bebês e os usos e atribuições deste pelas crianças na creche.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, configurada em um estudo de caso. Este tipo de pesquisa justifica-se porque voltamos nosso olhar para uma situação particular (ANDRÉ, 2013). O estudo de caso em questão foi realizado no agrupamento etário denominado *Berçário I* de uma creche municipal, localizada no município de Nossa Senhora do

Socorro/SE, constituído por oito bebês, com idades entre 11 a 16 meses no início do estudo e duas educadoras.

Os procedimentos metodológicos que sustentaram o referido estudo de caso baseiam-se na observação participante, seguida de notas em diário de campo, entrevistas, questionários, fotografias e videogravações. Tais instrumentos proporcionaram a organização de encontros reflexivos com as educadoras denominados de *Móviles dos Saberes*. Utilizando-se a técnica de *autoscopia* (SADALLA; LARocca, 2004) lapidou-se uma metodologia de pesquisa de caráter formativo, onde foram retomados trechos de entrevistas, exibição de videogravações realizadas, episódios descritos, fotos e registros escritos, problematizando a organização dos espaços onde tais ações foram protagonizadas pelas educadoras e crianças integrantes do estudo. A análise dos dados produzidos foi realizada mediante os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2007).

Juntar-se aos sujeitos da pesquisa para discutir sobre os dados produzidos, no decorrer do percurso investigativo, permitiu ampliar nossos olhares, ou seja, foi possível estabelecer diálogos entre o olhar da pesquisadora e dos sujeitos envolvidos, enriquecendo ainda mais a pesquisa, visto que ela passa a atingir a reflexão dos profissionais sobre o seu trabalho.

Tristão (2004a) reconhece que pesquisar junto às professoras que atuam com bebês caracteriza um olhar sensível aos direitos das crianças desde a mais tenra idade. Ampliar as discussões tecidas sobre a docência com bebês, adentrar os espaços das creches, conhecer o cotidiano educacional destes pequenos seres e suas educadoras, possibilita dialogar sobre os caminhos percorridos e os passos que ainda é possível trilhar no que concerne a construção de uma pedagogia voltada para as suas infâncias, atentas às motivações e interesses dos principais atores sociais que constituem as instituições de educação infantil: as crianças.

Porém, a autora evidencia um desafio enfrentado por esse grupo: “[...] É mais fácil pensar que as crianças são atores sociais, potentes, criativos, quando falamos de crianças maiores. Aqui, no entanto, referimo-nos a bebês e, assim sendo, é um desafio pensar em alteridade quando este outro é um bebê” (p. 07).

É preciso olhar a criança bem de perto, pois suas ações cotidianas, orquestradas no interior da creche, revelam os principais aspectos de uma prática pedagógica voltada para os bebês. Nessa perspectiva, a autora enfatiza a relevância das professoras destinarem os olhares para as crianças, mas esse direcionamento do olhar precisa ir além do que é possível enxergar comumente, ele exige uma observação atenta aos dizeres desse grupo, cuja interlocução não se dá por uma fala articulada em palavras e sim por meio de movimentos, balbucios, olhares, choros, toques, sorrisos, entre outras expressões.

Essas maneiras de vivenciar o mundo, próprias dos bebês, expõem o potencial sociocomunicativo destes pequenos e orientam os fazeres pedagógicos da rotina na creche: “Perceber o bebê como esse ser competente amplia as possibilidades do trabalho pedagógico com o berçário” (TRISTÃO, 2004a, p. 09).

Nesse sentido, evidencia-se a percepção de um bebê potente, de alguém capaz de nos dar pistas sobre suas motivações, necessidades e interesses. Logo, justificamos a relevância desta pesquisa por contribuir na reflexão a respeito das implicações contidas na organização de um ambiente propulsor do desenvolvimento infantil, que dê visibilidade ao mundo social das crianças; contribuindo, assim, com um conjunto de saberes que possam discutir práticas de organização espacial atentas às necessidades, motivações, interesses e desafios das crianças.

A respectiva dissertação está estruturada em cinco seções. Inicialmente apresentamos nosso objeto de pesquisa, situando-o na literatura existente, bem como expondo as motivações que nos levaram a elegê-lo como problemática pertinente no campo de estudos que englobam a educação infantil, conforme discorreremos neste texto introdutório.

Na segunda seção, intitulada “Espaços na educação infantil: lugar para viver as infâncias”, apresentamos o arcabouço teórico que sustenta nossas discussões sobre a organização de espaços com e para bebês nos contextos institucionais de educação. Iniciamos a seção com a perspectiva de encarar o espaço como *lugar*, indo além das materialidades, enxergando-o sob a perspectiva das relações humanas que irá suscitar. Dando continuidade, explicitamos a relevância de pensar os arranjos espaciais como um dos elementos que constituem o planejamento pedagógico, elucidando alguns pontos a considerar em sua organização.

O percurso metodológico é detalhado na terceira seção, denominada “Um percurso metodológico pautado na escuta e valorização das falas de bebês e suas educadoras”. Exibimos a abordagem qualitativa ressaltando o tipo de pesquisa que nos orienta: estudo de caso, além das contribuições teóricas e metodológicas da Sociologia da Infância na produção de dados com crianças. Expomos para o leitor o campo de pesquisa que realizamos a investigação, dando atenção especial ao agrupamento etário denominado Berçário I. Apresentamos os participantes da pesquisa, bem como os espaços e tempos que constituem a rotina pedagógica destes sujeitos. Os procedimentos metodológicos adotados são explicitados. Para finalizar a seção, elucidamos como se deu a organização dos dados produzidos, destacando os pressupostos da Análise de Conteúdo como contexto teórico que nos permitiu debruçar sobre os enunciados proferidos pelas educadoras, na busca por sua interpretação.

A quarta seção é resultado da análise dos dados produzidos na pesquisa, intitulada “Espaços que aproximam e convidam às brincadeiras e explorações”. Buscamos articular às contribuições teóricas à produção de dados. Dissertamos sobre a capacidade que os espaços têm de aproximar os bebês e educadoras, convidando-os a interações, explorações e brincadeiras, agindo como um terceiro educador, sendo assim compreendido em sua dimensão pedagógica, parceiro de educadores e crianças, componente curricular primordial na docência com bebês. Finalizamos a referida seção apresentando as contribuições formativas proporcionadas pelas discussões tecidas ao longo dos Móviles dos Saberes.

Por fim, tecemos nossas considerações finais construindo um diálogo com nossos objetivos investigativos, identificando o que é possível considerar ao debruçar-se sobre eles.

2 ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LUGAR PARA VIVER AS INFÂNCIAS

*O corpo de uma criança é um espaço infinito
onde cabem todos os universos.*

(Rubem Alves)

Os primeiros espaços que os bebês experimentam são os que fazem parte do seu contexto familiar, sendo assim, a sua casa representa um espaço que reserva inúmeras descobertas e interações. Para Cairuga (2015) é no “espaço-casa” que os bebês vivenciam suas primeiras experiências, narradas pela harmonia entre seu mundo físico e social. Esse ambiente quando não apresenta riscos ao desenvolvimento da criança, é metaforicamente denominado pela autora como “ninho” por representar uma morada assentada em relações afetivas, seguras e aconchegantes, onde as crianças podem explorar seu entorno físico e social junto a adultos que entusiasmam suas conquistas e formas peculiares de descobrir o mundo.

Para além do ambiente familiar, Horn (2015) atenta para importância das crianças terem acesso à educação infantil. Sua defesa pauta-se no reconhecimento das relações sociais como princípio básico para o desenvolvimento humano. Logo, as crianças que adentram esses espaços educacionais ampliam seu leque de interações, atuando com sujeitos que não fazem parte do seu ciclo familiar. Vale destacar que os arranjos espaciais que entrelaçam estas novas relações são elementos primordiais, pois muitos episódios interativos surgem pelo contorno que os móveis, brinquedos e objetos dão as ações das crianças (HORN, 2004). Consoante, os Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil destacam:

No que diz respeito às interações sociais, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil. Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade (BRASIL, 2006c, p. -14-15).

Atuando de forma integrada com as famílias na educação das crianças, a creche representa um importante papel social, político e educativo. É no interior delas que inúmeras crianças estão vivendo suas infâncias, ampliando seus repertórios culturais desde muito pequenas. Acreditando na potência das relações humanas, Nornberg (2013) defende que a sala destinada aos bebês na creche (Sala de Referência) se constitui como um espaço propício para viverem suas infâncias, pois representa um espaço coletivo, onde as trocas sociais delineiam o dia a dia de crianças e adultos. Sua tese sustenta-se no argumento que vislumbra o *berçário* da

creche “como lugar constituído para o *contato* humano e de *relação* com ele” (p. 101). Guimarães (2009) fortalece nosso argumento ao dialogar com a construção de espaços relacionais. Segundo a autora, a materialidade que constitui os arranjos espaciais estimulam os encontros entre as crianças, mobilizando as aproximações e as trocas interativas.

Assim, com a entrada na creche, os bebês ampliam seu universo social. Suas relações interativas se dão com novos sujeitos. Adultos e crianças que não faziam parte da sua rotina passam a ocupar grande parte do seu dia a dia, possibilitando novas experiências afetivas, linguísticas, culturais, cognitivas, artísticas, ou seja, ampliando o leque de oportunidades para conhecer e experimentar o mundo. Uma vez que para os bebês tudo é novidade, cada detalhe é motivo de exploração: “[...] inicialmente fazem isso através da ação física, sugando, tocando, apertando, cheirando, mordendo, engatinhando e experimentando diferentes sensações” (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, p. 10, 2015).

Um conjunto de novas e instigantes sensações fará parte do dia a dia dos bebês, seja dentro ou fora da instituição de educação infantil, a partir dos toques, sons, cheiros, gostos e cores, eles irão aprendendo um pouco mais sobre o mundo que vivem, usando o corpo como mecanismo que lhes permitem experimentar e descobrir o seu meio físico e social com autonomia.

São as relações com estas materialidades que explicitarão os sentidos e significados que estes materiais proporcionam às crianças e educadores. Essas maneiras de se relacionar com os arranjos espaciais encaminham para uma compreensão de um espaço que ultrapassa medidas e passa a ser reconhecido em sua categoria de lugar que educa, constituído pelas dinâmicas humanas que sua organização proporciona (AGOSTINHO, 2004; GUIMARÃES, 2009; SIMIANO; VASQUES, 2011).

Ao interpretar o espaço como lugar, parte-se de uma concepção que valoriza e atribui sentido as interações humanas no seu meio físico e social. Guimarães (2009) reforça o argumento apresentado ao explicar que: “[...] o tamanho de um espaço para a criança não tem relação só com a metragem dele, mas relaciona-se com a forma como esse espaço é experimentado” (p.96).

Nesta pesquisa, trabalhamos com a perspectiva de espaço como lugar, pois segundo esclarecem Simiano e Vasques (2011):

[...] o lugar possui um significado para além do sentido físico e geográfico. Constituí-se (ou não) a partir da relação afetiva que os sujeitos desenvolvem ao longo de sua vida na convivência com o espaço e com o outro. É a dimensão humana que transforma o espaço em lugar. O lugar se constitui

quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, quando reconhecemos a sua legitimidade (p. 06).

Agostinho (2004) coaduna com a perspectiva de que o espaço se torna lugar a partir das ações de quem o habita. Em pesquisa realizada em uma creche pública municipal de Florianópolis, ao observar como as crianças ocupavam e se relacionavam com o espaço da instituição, a referida pesquisadora confirmou sua tese de que “[...] um espaço torna-se lugar socialmente construído” (p.14). Desta forma, ao planejar a organização dos espaços é preciso estar atento às possibilidades de atuação das crianças, propondo espaços que convidem ao lúdico, que favoreçam o desenvolvimento de interações e brincadeiras.

Assim sendo, são os bebês e educadores por meio de interações, explorações e brincadeiras que potencializam os espaços da creche, demonstrando que a forma como eles são organizados favorecem encontros e narrativas diversas. Nas palavras de Agostinho (2004), as tramas que acontecem nos cenários da creche nos levam a concluir que “[...] o espaço vive, respira é dinâmico.” (p. 14). Ele traduz as vidas que o rodeiam, esclarece os mundos que o cercam.

Compreendido em seu potencial educador, o espaço configura-se como mais um importante elemento na educação infantil, indo além de suas extensões métricas, sendo reconhecido com terceiro educador. Considerado componente curricular essencial na educação de crianças, ele é capaz de proporcionar valiosas experiências e aprendizagens nos ambientes internos e externos à instituição, podendo contribuir para o estímulo a interações, explorações, movimentos, desafios, atuando como mediador do desenvolvimento infantil. (GANDINI, 1999).

Nessa trilha de proposições, os documentos oficiais organizados pelo Ministério da Educação – MEC orientam a educação infantil no Brasil e nos auxiliam a compor nosso arcabouço teórico no que tange a organização dos espaços para bebês, conforme apresentado a seguir:

Quadro 02 – Organização dos espaços para Educação Infantil: MEC

Documento/Ano da publicação	Objetivo
Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil: Encarte, (2006).	Descrever espaços que podem fazer parte de uma instituição de Educação Infantil para crianças de 0 a 6 anos, alternativas a estes espaços e sugestões para aspectos construtivos.
Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil, 2006.	Definir critérios de qualidade para infraestrutura das unidades destinadas à

	educação da criança de 0 a 6 anos.
Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil: Volumes 1 e 2 (2006).	Estabelecer padrões de referência orientadores para o sistema educacional no que se refere à organização e funcionamento das instituições de Educação Infantil.
Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças (2009)	Apresentar critérios relativos à organização e ao funcionamento interno das creches, que dizem respeito principalmente as práticas concretas adotadas no trabalho direto com as crianças e critérios relativos à definição de diretrizes e normas políticas, programas e sistemas de financiamento de creches, tanto governamentais como não governamentais.
Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009).	Auxiliar as equipes que atuam na educação infantil, juntamente com famílias e pessoas da comunidade, a participar de processos de autoavaliação da qualidade de creches e pré-escolas que tenham um potencial transformador.
Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (2010).	Estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na educação infantil.
Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica (2012).	Orientar professores, educadores e gestores na seleção, organização e uso de brinquedos, materiais e brincadeiras para creches, apontando formas de organizar espaço, tipos de atividades, conteúdos, diversidade de materiais que no conjunto constroem valores para uma educação infantil de qualidade.
Estudo propositivo sobre a organização dos espaços internos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento (2013).	Orientar e auxiliar a organização dos espaços internos sintonizada com os objetivos do Proinfância e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI).
Estudo propositivo sobre a organização dos espaços externos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento (2014).	Apontar caminhos que vislumbrem o entendimento de que, em todas as dependências da instituição de educação infantil, uma criança ativa e protagonista encontrará desafios que a convide e instigue a aprender, com destaque aos espaços externos e às inúmeras possibilidades de brincar e interagir que ali podem ser oferecidas às crianças.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos documentos dispostos no Portal do MEC

Os documentos selecionados têm em comum a atenção destinada ao desenvolvimento de uma educação infantil de qualidade, destacando a organização dos espaços como um dos critérios para alcançá-la. Todas as publicações valorizam em sua redação as possibilidades pedagógicas que os arranjos espaciais suscitam quando são pensados e planejados levando em consideração as motivações e interesses das crianças.

O espaço é interpretado pelo conjunto de textos do MEC como um componente curricular essencial: “o espaço físico não apenas contribui para a realização da educação, mas é em si uma forma silenciosa de educar” (BRASIL, 2006b, p. 7). Compreendido em suas dimensões educativas, parceiro da prática pedagógica, o espaço dialoga e expõe a concepção de criança e educação que entrelaça as propostas educacionais desta etapa da educação básica.

Nos documentos oficiais organizados pelo MEC, a criança é vista como ator social competente desde bebê, sujeito que se desenvolve por meio das interações e brincadeiras delineadas cotidianamente nos contextos culturais nos quais se insere. Partindo desta orientação que enxerga a potência da criança desde a mais tenra idade, propõe-se pensar na qualidade dos espaços que contemplam as instituições de educação infantil.

Cairuga (2015) corrobora a referida elucidação e acrescenta que é preciso, ao ambiente físico, expressar “[...] a visão de um bebê competente, ativo, que apesar de tão pequeno, é protagonista de suas ações” (p.154).

Brasil (2009a) integra essa defesa e publica um texto com uma linguagem direta que soa quase como uma súplica em prol de espaços e tempos que confirmem e favoreçam a autonomia dos bebês, reconhecendo-os como atores sociais competentes: “os bebês não são esquecidos no berço; os bebês têm direito de engatinhar; os bebês têm oportunidade de explorar novos ambientes e interagir com outras crianças e adultos” (BRASIL, 2009a, p. 23).

Corroborando com a proposta de desenvolver um trabalho pedagógico alicerçado no protagonismo infantil, Guimarães (2009), chama atenção para como enxergamos a criança, pois nosso olhar moldará a organização dos espaços percorridos por ela na educação infantil.

Portanto, se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades (p. 94-95).

Assim, se partimos de uma concepção de criança como ator social competente, sujeito ativo que se desenvolve a partir das suas experiências lúdicas com o mundo em meio às trocas sociais, os espaços serão organizados levando em consideração a agência que as crianças

possuem. Logo, os arranjos espaciais favorecerão por meio dos cenários montados as interações e brincadeiras, eixos primordiais no trabalho com crianças (BRASIL, 2010).

Cairuga (2015) compartilha de um referencial teórico que reconhece o importante papel que a organização dos espaços suscita na prática pedagógica com bebês. Desta forma, reitera-se a defesa de reconhecer “[...] o ambiente físico como dimensão material do currículo” (p. 154). Compreender o espaço como componente curricular é vê-lo para muito além da metragem. O espaço não é neutro, para Guimarães e Kramer (2009), a organização espacial exprime e consolida ações e opções pedagógicas.

Evidenciam-se as marcas humanas que o ambiente da creche possui, visto que, os espaços são constituídos levando em consideração as dinâmicas exploratórias e interativas que os aspectos físicos e sociais do ambiente proporcionarão. Então, a constituição dos espaços na educação infantil é um ponto a considerar na hora de organizar o planejamento pedagógico.

A esse respeito, Barbosa e Horn (2001) pontuam: “Com relação à organização dos espaços internos, as salas, é fundamental partimos do entendimento de que o espaço não pode ser visto como pano de fundo e sim como parte integrante da ação pedagógica” (p. 76). Trazê-lo para o plano de trabalho é reconhecê-lo como elemento que educa, assim como a figura do educador. Mas para que o espaço aja como um terceiro educador é necessário debruçar o olhar sobre como organizá-lo e reorganizá-lo levando em consideração os dizeres e fazeres dos bebês, como apontam os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil: “[...] observar suas reações e iniciativas, interpretar desejos e motivações são habilidades que profissionais de Educação Infantil precisam desenvolver” (BRASIL, 2006c, p. 15). Esse aprimoramento profissional com foco na criança acontece quando o educador é munido de referenciais teóricos e práticos que sustentem suas escolhas.

Acreditando nas contribuições que a organização dos espaços suscita nas aprendizagens das crianças, Horn (2015) elenca alguns princípios norteadores para organizar os espaços institucionais que englobam a educação de bebês. Um ponto chave seria reconhecer a relevância que o meio, composto pelo entorno físico e social, estabelece no desenvolvimento dos bebês. Outro detalhe apontado pela autora refere-se às considerações dos adultos sobre como acontece o desenvolvimento das crianças, pois isso repercute em seu trabalho pedagógico e concomitantemente na organização dos espaços. A terceira proposição diz respeito ao arcabouço teórico que os profissionais que atuam com bebês têm, visto que a teoria ajudará a guiar suas práticas e posicionamentos pedagógicos. Por fim, cabe aos

educadores reconhecerem o potencial educativo que o espaço possui, sendo este um companheiro nas práticas pedagógicas com bebês.

Neste sentido, a parceria entre o educador e o espaço é primordial, os Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil realçam esta atribuição: “[...] o professor tem papel importante como organizador dos espaços onde ocorre o processo educacional. Tal trabalho baseia-se na escuta, diálogo e observação das necessidades e interesses expressos pelas crianças, transformando-as em objetivos pedagógicos” (BRASIL, 2006b, p. 10).

Horn e Gobatto (2015) esclarecem que planejar o espaço para bebês é um dos pilares que sustentam a prática pedagógica com os pequenos. Esse planejamento acontece desde suas opções decorativas, perpassando pelo mobiliário e escolha dos brinquedos e objetos que os bebês terão acesso. Na constituição dos espaços, as autoras chamam atenção para as concepções de criança e educação que a organização destes denota. Para as referidas pesquisadoras, os educadores imprimem essas marcas na forma como os espaços são organizados.

Para Simiano e Vasques (2011), a educação de crianças em contextos coletivos requer pensar na qualidade dos espaços que permeiam as práticas e relações em grupo. As autoras apontam para a preocupação na composição dos materiais que serão dispostos. Desse modo: “[...] defende-se que a educação coletiva se efetiva na materialidade de um espaço: daí a importância de que seja rico, diverso em materiais, brinquedo, mobiliário. O espaço educa, expõe ideias, externaliza mensagens” (p. 01). Parte-se, portanto, de uma concepção que concebe o espaço para além da metragem, portanto, ele não é neutro, dialoga com o projeto educativo que a instituição ou grupo de educadores planejam para as crianças.

A oferta de objetos, disposição do mobiliário e brinquedos é relevante para constituição dos espaços da creche. Nesse quesito Horn e Gobbato (2015) elucidam a seguinte proposição: “[...] quando o educador escolhe materiais para oferecer aos bebês, quando ele insere um mobiliário que desafia novas posturas corporais ou que serve de apoio para os que estão aprendendo a ficar em pé, ele está intervindo no seu desenvolvimento e nas aprendizagens” (p. 75).

Barbosa e Horn (2001) acreditam que a organização dos espaços é essencial para o desenvolvimento infantil, pois o meio físico e social atua estimulando os aspectos motores, exploratórios, simbólicos, lúdicos, afetivos e interacionais das crianças. Baseando-se no potencial educativo dos espaços destinados à educação infantil, as autoras orientam a configuração de arranjos espaciais atrelados à diversidade que o mundo apresenta. Nesse

caminhar, Barbosa e Horn (2001) nos indicam que pensar os espaços que as crianças compartilham todos os dias no interior de creches e pré-escolas requer atenção a elementos diversos, dentre os pontos destacados pelas autoras, evidenciamos:

“Os Odores” – contempla os cheiros das pessoas que habitam estes espaços, as comidas que são preparadas, os cômodos da instituição, as plantas, hortas e jardins – quando há –, por fim o cheiro dos objetos, brinquedos, móveis e materiais que as crianças exploram durante a rotina pedagógica.

“Os Ritmos” – os espaços contemplam os diversos ritmos que são marcados pelo tempo que as crianças têm na educação infantil. Nesse sentido, pensa-se na qualidade dos espaços que acolhem as crianças e famílias quando chegam à instituição, espaços para o sono, higiene, alimentação, brincadeiras e interações.

“O mobiliário e as cores” – os móveis ajustam-se à faixa etária que se destina, por exemplo, na sala de bebês são disponibilizados armários baixos. Enquanto às cores que decoram a escola da infância, sugere-se que elas mudem conforme as necessidades e interesses dos grupos, portanto não serão as mesmas do início ao final do ano, pois carregarão as marcas dos sujeitos que vivenciam estes espaços.

“Os sons e palavras” – a sonoridade é um elemento importante a ser pensado. Diferentes sons podem ser incorporados ao ambiente desde os espaços destinados aos bebês, desta forma as crianças ampliam suas sensações ao passo que ouvem os mais diferentes sons. As palavras também são relevantes nestes espaços, pois a partir de conversas com as educadoras as crianças ampliam seu universo linguístico.

“O Tocar” – organizar espaços que favoreçam as mais diversas explorações sensoriais, permitindo que as crianças sintam diferentes texturas. Espaços também que permitam o toque corporal como representação de carinho e afeto.

Com base nos critérios evidenciados anteriormente, chamamos atenção para configuração de espaços na educação infantil que explicitem a intrínseca relação entre o meio físico e social, pois ambos dão forma aos arranjos espaciais e os constituem como lugar para viver a infância. São nos odores, toques, sons, palavras, cores, móveis, brinquedos, objetos e ritmos que o dia a dia em creches e pré-escolas contorna as experiências infantis e lhes despertam as mais diversas sensações, particulares ou coletivas. O espaço revela-se assim “dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável, e acessível para todos” (BRASIL, 2006b, p. 10). São nestes espaços que são desenvolvidas interações e brincadeiras, chaves que as crianças têm em mãos para adentrar e apreender o mundo.

A constituição de espaços que estimulem o brincar é tão importante para as propostas da educação infantil que o MEC organizou em 2012 a publicação intitulada de “Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica”, composto por cinco módulos com orientações para a comunidade escolar sobre a relevância de organizar espaços lúdicos para as crianças de 0 a 3 anos de idade. Em suas considerações a respeito da configuração de um ambiente que convide, instigue e acolha o brincar, destaca-se a proposição a seguir: “o brincar é a coisa mais importante para as crianças, a atividade mais vital, pela qual elas aprendem a dar e receber, a compreender a natureza complexa do ambiente, a solucionar problemas, a relacionar-se com os outros, a ser criativa e imaginativa” (BRASIL, 2012, p. 73).

Carvalho (2011), ao apresentar os porquês de pensar a organização do espaço físico no planejamento pedagógico chama atenção para percebê-lo enquanto aliado do desenvolvimento infantil. Partindo desta concepção, a autora evidencia características primordiais ao pensar na configuração de espaços para as crianças. Estes porquês também fazem parte do conjunto de propósitos que se destinam os Espaços, materiais e equipamentos das Instituições de Educação Infantil segundo os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2006d). Em seguida destacaremos os pontos evidenciados por Carvalho (2011), articulando-os às citações dos Parâmetros organizados pelo MEC.

a) Demarcar a identidade dos sujeitos que fazem parte de determinado grupo, expondo suas marcas nos arranjos espaciais que vivenciam suas experiências: “15.7 As paredes são usadas para expor as produções das próprias crianças ou quadros, fotos, desenhos relacionados às atividades realizadas visando a ampliar o universo de suas experiências e conhecimentos” (BRASIL, 2006d, p. 42).

b) Trabalhar a autonomia das crianças, organizando espaços que provoquem suas ações e fortaleçam o reconhecimento da criança como ator social competente.

c) Favorecer movimentos amplos por meio de uma organização espacial aberta, segura e composta de desafios.

d) Estimular as sensações das crianças, convidando-as a explorar o mundo a partir dos seus sentidos: “15.3 propiciam as interações entre as crianças e entre elas e os adultos; 15.4 instigam, provocam, desafiam a curiosidade, a imaginação e a aprendizagem das crianças; 15.5 são disponibilizados para o uso ativo e cotidiano das crianças” (BRASIL, 2006d, p.42).

e) Oferecer lugares seguros e que transmitam confiança para que as crianças possam se aventurar em suas conquistas: “15.8 As cores e as tonalidades de paredes e mobílias são escolhidas para tornar o ambiente interno e externo das instituições de Educação Infantil mais bonito, instigante e aconchegante. 15.9 O mobiliário, os materiais e os equipamentos são

organizados para tornar os diferentes espaços da instituição de Educação Infantil mais acolhedores e confortáveis” (BRASIL, 2006d, p. 43).

f) Pensar nos espaços como propulsores de interações com o coletivo, mas também organizar cantos e recantos que valorizem o particular: “15.1 são construídos e organizados para atender às necessidades de saúde, alimentação, proteção, descanso, interação, conforto, higiene e acolhimento das crianças matriculadas” (BRASIL, 2006d, p. 42).

Todas estas recomendações dialogam com a tese de que a organização dos espaços contribui de forma significativa no desenvolvimento das crianças. Nessa trilha de proposições, segundo Guimarães e Kramer (2009), na educação para crianças de 0 a 3 anos é primordial “[...] planejar o cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem” (p. 85). Guiando-se por esse parâmetro, os painéis e cartazes serão fixados na ótica das crianças, os materiais, brinquedos e mobiliários serão selecionados levando em consideração as oportunidades exploratórias e interativas, destinando atenção para as inúmeras sensações que irão provocar no grupo. Desse modo, os espaços agem como um banquete à espera das ações das crianças.

O convite pauta-se em proporcionar movimentos amplos nos espaços internos e externos à sala de referência, atrelados a desafios, segurança e conforto para que as crianças possam se aventurar e viver suas infâncias de forma plena. Em sintonia, os Indicadores da qualidade na Educação Infantil ressaltam: “os bebês e crianças pequenas precisam ter espaços adequados para se mover, brincar no chão, engatinhar, ensaiar os primeiros passos e explorar o ambiente” (BRASIL, 2009b, p. 50). Pensar em espaços que favoreçam o protagonismo da criança nos orienta para a seguinte constatação:

As ações desenvolvidas pela criança serão descentralizadas da figura do educador e norteadas pelos desafios dos materiais, brinquedos e do modo como organizamos o espaço. Nesse cenário, o adulto envolvido nessa prática deverá observar criteriosamente seu grupo de crianças e pensar o que, como e por que disponibilizar diferentes materiais (de toda ordem e de diferentes naturezas, estruturados e não estruturados, tudo que possa permitir a interação e a construção do conhecimento da criança) (HORN; GOBBATO, 2015, p. 70).

Quando se propõe a organizar espaços que descentraliza a atenção destinada ao adulto e a distribui para os demais elementos materiais e humanos que os arranjos espaciais possuem, parte-se de uma concepção de criança ativa, protagonista do seu próprio desenvolvimento, capaz de em contato com seu meio físico e social construir e reconstruir seu conhecimento, ampliar suas aprendizagens (BRASIL, 2010; HORN, 2013; 2014).

Essa postura ética pautada na valorização da autonomia da criança para escolher com o que e quem se relacionar é uma característica peculiar para organizar espaços atraentes e ajustados aos interesses e motivações das crianças. Ao adulto cabe analisar atentamente as ações das crianças a fim de captar pistas para organizar e reorganizar os cenários que compõem as instituições de educação infantil para que emergjam novas cenas. Essa postura ética rompe com uma tradição por muito tempo perpetuada associada à afonia e passividade como atributos da infância (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, 2015).

Thiago (2012), ao realizar seu estágio docente em uma turma de bebês de onze meses a um ano e três meses de idade durante o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, foi conduzida pelas ações das crianças a pensar na configuração de “um espaço que dê espaço”. Com efeito, movida por inquietações advindas de um olhar sensível e atento às crianças, foi preciso reformular seu projeto inicial de estágio, reorganizando espaços que contemplassem a autoria das crianças, evidenciada pela autonomia em escolher o que, com quem e como explorar. Eis que emergiu o projeto “Criando e recriando espaços”. Com o delinear do projeto, a pedagoga em formação buscou criar segundo suas palavras: “um espaço que dê espaço”, dê espaço às ações autônomas das crianças, que possibilite explorações e aprendizagens sem a intervenção direta do educador, espaço que descentralizasse as ações do adulto, tornando visível e possível o agir dos bebês.

Os bebês denotam por meio de suas ações no mundo um investimento em observar atentamente e investir em seu meio físico e social, expressando assim que seus olhos, mãos, ouvidos, boca e nariz, assim como seu corpo inteiro, são janelas que lhes permitem oportunidades investigativas nos diferentes espaços que vivenciam suas infâncias, traduzindo em suas ações a epígrafe que inicia este capítulo: “O corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos”.

Deste modo, os arranjos espaciais provocam os mais variados encontros entre crianças e adultos e principalmente entre criança-criança. Esses encontros sociais vão tecendo o protagonismo infantil, as falas dos bebês são valorizadas e compreendidas mesmo quando não há enunciação vocabular, sendo assim, seus movimentos corporais iniciam e sustentam interações e brincadeiras, seus corpos são responsáveis por proporcionar e reinventar suas aprendizagens, emergentes nos diferentes espaços compartilhados em grupo (HORN; GOBBATO, 2015).

Nesta proposta que centraliza a atividade da criança e descentraliza a figura do adulto, cabe ao educador observar as brincadeiras, experimentações e interações protagonizadas pelos

bebês nos espaços da instituição com foco na organização e reorganização destes arranjos espaciais. Nessa trilha de proposições, Horn (2015) salienta:

Prestar atenção no modo como as crianças brincam, observar o modo como se relacionam, compreendê-las a partir de seu contexto sócio-histórico, recheando esse olhar teoricamente e registrando o que o vê, são ações indispensáveis para essa solidária parceria com a organização do espaço. Deixar de ser o ator principal, para muitos educadores, muitas vezes desestrutura e desmorona uma prática construída em carreira “solo” desse educador! Reafirmo: o espaço é uma construção social e solidária (p. 116).

Neste sentido, a escuta das múltiplas linguagens das crianças é peça-chave para organizar e reorganizar os espaços das instituições de educação infantil de modo a considerar suas motivações e interesses, afinal, estes atores sociais protagonizam cenas cotidianamente nos mais diferentes espaços, atribuindo-lhes o sentido de lugar, evidenciando pistas essenciais para pensar a constituição de espaços para muito além da metragem, explicitando assim a dimensão pedagógica que possuem ao serem vivenciados pelas crianças e educadores.

Cairuga (2015) problematiza a prática da observação em um grupo de bebês: “[...] Se perguntássemos a um bebê como ele gostaria que fosse um espaço a ele dedicado, o que teríamos como resposta?” (p. 169). Eis a questão: e quando o outro é um bebê? Como escutá-lo? Por meio de suas infinitas expressões: olhares, choros, balbucios, sorrisos, gargalhadas, movimentos corporais, enfim, captando suas formas peculiares de viver e estar no mundo, atentando-se para a potência que eles possuem desde a mais tenra idade, sendo interlocutores assíduos no seu meio físico e social.

Dando continuidade ao debate sobre o protagonismo de bebês e suas educadoras, apresentamos na próxima seção as escolhas teórico-metodológicas que guiaram a produção de dados do presente estudo.

3 UM PERCURSO METODOLÓGICO PAUTADO NA ESCUTA E VALORIZAÇÃO DAS FALAS DE BEBÊS E SUAS EDUCADORAS

Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras.

(Manoel de Barros)

Tomando como ponto de partida o poema de Manoel de Barros para explicitar os procedimentos metodológicos que traçaram o caminho percorrido por esta investigação, reconhecemos que, debruçar-se sobre o exercício da pesquisa requer dedicar-se dias e noites a “escovar” inúmeras palavras.

No delinear desses dois anos de formação no Mestrado em Educação, muitas foram as inquietações, tentando decifrar o que havia por trás dos dados produzidos, em busca da escuta dos primeiros sons que entrelaçam esta dissertação.

O emaranhado de palavras que foram cuidadosamente escovadas e transformaram-se neste trabalho é fruto de orientações, leituras, observações, aproximações com os sujeitos da pesquisa, videogravações, fotografias, questionários, entrevistas e encontros reflexivos.

Continuando com a escova em mãos, acreditamos que traçar o percurso utilizado para chegar aos objetivos de um respectivo estudo oferece a oportunidade do pesquisador e de futuros pesquisadores organizarem seu trajeto para construção do conhecimento.

Segundo Duarte (2002), explicar a forma como uma pesquisa foi conduzida possibilita que outras pessoas se apropriem e refaçam o caminho traçado por determinado pesquisador, permitindo avaliar se tal método atende as indagações e consequentemente a busca de respostas do seu objeto de pesquisa.

Levando em consideração o objeto de estudo, nossa abordagem metodológica refere-se a pesquisa qualitativa baseada em um estudo de caso, realizado no agrupamento denominado Berçário I de uma instituição municipal de educação infantil, localizada no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, realizada com um grupo de oito bebês, com idades entre onze a dezesseis meses no início do estudo e duas educadoras, no qual

procuramos compreender os saberes docentes sobre a organização dos espaços para bebês e os usos destes pelas crianças na creche.

Nossos fazeres metodológicos na pesquisa com crianças são guiados pelas contribuições teóricas e práticas da Sociologia da Infância que desde o final do século XX divulga o conceito de criança como ator social competente. As crianças passam a participar das pesquisas como sujeitos ativos do processo de investigação e não como meros objetos de estudo.

Neste sentido, um dos critérios utilizados para dar início à investigação foi o de considerar as crianças e educadoras como sujeitos ativos no contexto que envolve a pesquisa. Portanto, carregamos conosco a concepção de que construímos uma investigação *com* as crianças e suas educadoras, reconhecendo-as como atores sociais competentes.

Buscamos nos familiarizar com os sujeitos da pesquisa, entrando em contato com o dia a dia dos mesmos e participando de suas rotinas, na busca por uma aceitação cautelosa. À medida que fomos sendo aceitos, demos início aos processos escolhidos para produção de dados.

Coadunando com nossos objetivos, adentraremos os espaços e rotinas dos bebês e suas educadoras seguindo os fundamentos metodológicos da observação participante, acompanhada de registros escritos no diário de campo, entrevistas, questionários, fotografias e videogravações.

Todos esses procedimentos culminaram na organização de encontros reflexivos com as educadoras denominados de *Móviles dos Saberes*. Utilizamos a técnica de autoscopia (SADALLA; LARocca, 2004) para respaldar o cunho formativo da investigação. Em conjunto com as educadoras, foram impulsionadas reflexões sobre a retomada de alguns relatos das entrevistas, exibindo atividades realizadas no berçário, capturadas em vídeos, fotos e registros escritos, problematizando a organização dos espaços físicos onde tais ações foram protagonizadas.

Entramos no campo de pesquisa com o corpo e alma dispostos a deixar-nos levar pelas emoções que o ato investigativo proporciona. Como salienta Fazenda (2012): “O mesmo brilho no olhar, a mesma perplexidade no gesto e na voz são perseguidos por cada pesquisador, seja ele iniciante ou não” (p.12).

Assim foram os dias destinados a estar com os bebês e suas educadoras. O olhar que conduziu a pesquisa foi guiado por aquelas que já nascem intrinsecamente ligadas a arte de pesquisar e descobrir o mundo: as crianças. Conforme explicita Rubem Alves (2010, p. 66): “Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os

gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal”. Não só os olhos, mas o corpo inteiro encantava-se a cada detalhe observado. Se estivesse a dançar, os ritmos seriam os mais variados possíveis.

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A palavra Metodologia deriva de método que tem sua origem etimológica na Grécia: o termo grego *methodos* significa caminho. Portanto, começamos a explicitar nossos passos a partir da abordagem metodológica escolhida para este estudo.

Refere-se à pesquisa qualitativa, entendida segundo Oliveira (2007) como: “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (p. 37). Este trajeto que escolhemos percorrer foi primordial para alcançar nossos objetivos investigativos.

Neste sentido, a abordagem qualitativa guia este trabalho porque parte-se de uma concepção plural das interpretações sociais, onde não há lugar apenas para quantificações estáticas, visto que, realizamos pesquisas com seres humanos, partícipes e atuantes dos contextos nos quais se inserem.

Reforçando o argumento, Minayo (1994) salienta que: “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (p.22). Sob essa ótica concebemos o ser humano em sua dinamicidade, composto e recomposto por meio das interações delineadas cotidianamente. Ainda segundo Bogdan e Bikler (1994):

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. [...] Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos (p. 48).

Desta forma, a abordagem qualitativa representa uma escolha pautada em olhar os sujeitos que compõem esta pesquisa por meio de suas subjetividades, sendo estes compostos pelas inúmeras influências sociais que lidam cotidianamente. Nesta perspectiva metodológica,

consoante Oliveira (2008), “[...] a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas” (p. 03).

Logo, são nessas interações e interpretações que os homens, cujo processo de formação é intrínseco a eles, vão pouco a pouco se constituindo e reconstituindo enquanto sujeitos que possuem crenças, valores e histórias particulares e ao mesmo tempo coletivas, decorrência da prática de humanização que demanda apreender hábitos culturais historicamente construídos (ARAUJO; MOURA, 2008).

Outro fator relevante na escolha da abordagem qualitativa diz respeito a sua grande gama de técnicas de pesquisa para alcançar os objetivos propostos (GONZAGA, 2006). Sendo o fenômeno educacional demasiadamente complexo é preciso fazer relações com diversas fontes para compreendê-lo o mais próximo possível da sua completude.

Esse posicionamento metodológico requer um constante ir e vir nos dados produzidos, cruzando-os. Ademais, entrevistas, questionários, observações, videograções, fotografias, entre outros procedimentos não são analisados separadamente, ambos se articulam e compõem o texto científico qualitativo.

Para concluir os porquês que nos levaram a referida opção metodológica, ancoramo-nos na exposição das 10 principais características de estudos desta natureza, elencadas por Taylor e Bogdan (1986), à medida que as apresentamos, comentamos sobre como elas se articulam em nossa pesquisa:

1. A pesquisa é guiada por um modelo flexível de investigação. Esse foi um dos pontos primordiais do nosso trabalho em campo. A cada novo dia, em contato com os sujeitos, fomos redefinindo o desenho da investigação. Deste modo, não obedecemos a um cronograma estático, nem tão pouco nos agarramos a técnicas e modos de caminhar propostos no pré-projeto desta dissertação, por outro lado, trilhamos nosso caminho abertos a flexibilidade investigativa que as pesquisas qualitativas em educação demandam.
2. Na metodologia qualitativa o homem e o campo de pesquisa são considerados em seus aspectos holísticos, ou seja, buscamos entendê-los nos vários aspectos que compõem sua totalidade. Esse entendimento nos conduziu a pensar os discursos das educadoras que dão vida a este trabalho como reflexo das suas experiências pessoais e profissionais, imbricadas em seus contextos sociais.
3. As interações entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa são delineadas naturalmente e não de maneira invasiva. Essa característica fez presença constante em

todas as etapas da produção de dados. As primeiras aproximações, observações, entrevistas, questionários, encontros reflexivos, conversas informais, todos esses procedimentos carregam consigo uma postura ética, onde a escuta e compreensão foram companheiras desde o início até o final da pesquisa de campo.

4. Para compreender os enunciados proferidos em campo, os pesquisadores qualitativos lançam o olhar para o entendimento do lugar de fala que as pessoas ocupam. Para que isso aconteça é preciso ainda um exercício de identificação com estes sujeitos. Portanto, nossa análise partiu da concepção de que os discursos das educadoras são construídos e reconstruídos levando em consideração sua trajetória docente, destacando seus saberes constituídos pela relação entre suas histórias de vida, experiências profissionais e diálogos com a produção acadêmica da área que trabalham atualmente: docência com bebês.
5. O pesquisador qualitativo deve admirar-se diante dos dados que emergem no exercício investigativo, dito de outro modo, os olhares são novos, desprendidos de pré-conceitos, de esperas programadas em nossas mentes. Sendo assim, a pesquisa qualitativa nos conduz para o encontro do inesperado, nos aproxima do assombro próprio de quem realiza pesquisas com seres humanos e percebe que não é possível categorizar os dados sem antes tê-los produzidos. Essa postura esteve presente nesta pesquisa ao passo que nossa visão passou por uma breve dilatação na pupila para que em alguns instantes pudéssemos enxergar e interagir melhor com o campo pesquisado.
6. Para o pesquisador que adota este modelo de pesquisa todas as falas e percepções dos participantes da pesquisa são importantes. O objetivo não é ouvir um discurso baseado nas crenças do pesquisador, mas sim compreender detalhadamente os pontos de vistas dos participantes do estudo. Logo, não buscamos uma verdade absoluta, respeitamos a pluralidade das falas, pois elas são fruto das inúmeras inferências humanas. Esse posicionamento foi salutar nos momentos de entrevistas e encontros reflexivos com as educadoras, onde esclarecíamos sempre que possível que não tínhamos um modelo de fala a ser ouvido, estávamos ali para compreender os saberes destes profissionais sem julgamentos presos a dicotomias, tal como certo e errado.
7. A pesquisa qualitativa realiza uma investigação humanista. A metodologia escolhida para conduzir o trabalho científico nas ciências sociais explicita a concepção que temos do homem. Ao considerá-lo em sua totalidade, imerso em suas crenças e valores

não optamos por uma metodologia meramente quantificável, mas sim por um caminho que contempla e tenta compreendê-lo por completo. Foi neste sentido que nos dispusemos a escutar as educadoras, compreendendo a formação dos seus saberes.

8. As pesquisas qualitativas têm validade porque são produzidas levando em consideração as características dos seus objetos de estudos: realidades não fracionadas, mas sim descritas e exploradas.
9. Na pesquisa qualitativa consideramos que todos os contextos são merecedores de investigações. Não há uma hierarquia científica, pois as relações humanas são orquestradas nos mais diferentes cenários, palcos da diversidade humana. Seguindo essa premissa, a educação de bebês é um campo investigativo que vem ganhando grande visibilidade nas últimas décadas nas pesquisas sociais. Em especial, a partir do final do século XX quando a Sociologia da Infância expandiu o argumento de que as crianças são atores sociais competentes.
10. Por fim, a pesquisa qualitativa é compreendida como uma arte. Os pesquisadores que adotam este tipo de abordagem se deparam com uma maneira de fazer pesquisa flexível, aberto à criação dos artifícios metodológicos que irá seguir pelo próprio pesquisador. Nesse caminho que a pesquisa qualitativa nos inspira, não nos agarramos aos preceitos dos métodos de modo estático, mas os compreendemos como recursos orientadores, nunca como um caminho aprisionante e determinista.

3.2 PESQUISA COM BEBÊS À LUZ DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Em 1980 emerge uma área de estudos que passa a reconhecer a criança como ator social competente, trata-se da Sociologia da Infância. Este campo teórico e metodológico surge pela necessidade de colocar a criança no centro dos estudos sociais, de reconhecê-las e interpretá-las por meio de suas falas e ações. Enfatizando a constituição de pesquisas que descentralizassem a figura do adulto e buscassem compreender as infâncias pelas atuações cotidianas das crianças, seja em contextos educativos institucionais ou fora deles, diversos trabalhos foram publicados sobre a temática no final do século XX. Portanto, a Sociologia da Infância nasce em meio às lacunas que a Sociologia da Educação francesa transparecia em relação ao olhar destinado às crianças e suas infâncias (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010).

Considerando a multiplicidade de trabalhos e abordagens entre os sociólogos da infância, Müller e Hassen (2009) apresentam algumas características basilares: “[...] 1)

reconhecimento da infância como categoria social; 2) necessidade de pesquisa *com* as crianças e não somente *sobre* elas; 3) crítica às teorias tradicionais da socialização; 4) novas teorizações sobre a infância; 5) crítica à marginalização das crianças na disciplina.” (p. 473). No Brasil, a Sociologia da Infância ganha destaque nas pesquisas de diversos autores que discutem a qualidade da educação destinada às crianças. Essas premissas apresentadas são essenciais na consideração das crianças e das infâncias. Esses pesquisadores defendem que o trabalho pedagógico deve dar início tomando como base uma concepção primordial na Sociologia da Infância, o reconhecimento da criança como ator social competente, valorizada em seu momento atual (LIMA; MOREIRA; LIMA, 2014). Logo,

Essa é uma discussão pertinente e emergente, mostrando que a criança não é apenas promessa de futuro, um vir a ser, um ser incompleto, pelo contrário, ocupa um tempo e espaço importantes no presente, ultrapassando as análises que consideram esta faixa etária vinculada à passagem de uma fase para a vida adulta, ou apenas sua natureza biológica. A criança deve ser vista numa perspectiva histórico-social-cultural (SILVA; RAITZ; FERREIRA, 2009, p. 77).

Colaborando com esse movimento de escuta, Abramowicz e Oliveira (2010), acentuam que “[...] há muitas dificuldades para aqueles que pretendem realizar estudos sobre a criança e a infância, que se complexificam na medida em que temos que produzir formas de entender e de escutar o que as crianças dizem” (p. 44).

Em sintonia com a produção dessas múltiplas maneiras de compreender as crianças, Rocha (2008), atenta para a percepção das inúmeras linguagens das crianças, cuja fala articulada em palavras pouco se faz presente, principalmente em pesquisas com crianças pequenas ou bebês.

Estudiosos evidenciaram por meio de suas pesquisas que os bebês desde muito cedo, ainda no útero, conseguem apreender o que acontece fora da barriga da mãe (ELMÔR, 2009; SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

Desta forma, os bebês empenham-se nas interlocuções desenvolvidas por meio das falas dirigidas a eles desde a vida uterina. Esse envolvimento com o mundo externo ocorre porque o sistema auditivo humano começa a funcionar a partir da 22^a a 24^a semanas de gestação. Nos últimos três meses de gestação, a evolução do aparelho auditivo é notável, o bebê passa a responder com maior ênfase aos estímulos sonoros. Sinônimos dessas trocas entre os sons e bebês são as “mexidas” do feto, elas representam uma escuta voltada para o

mundo que o espera, balizam sua predisposição para tecer interações (TRISTAO; FEITOSA, 2003).

Baseando-se nessas considerações, as conversas entre a mãe e seus amigos, a voz do pai, avós, tios, primos, irmãos, as músicas ouvidas durante a gestação, as histórias contadas, todas essas ações linguísticas evidenciam que o bebê está imerso em um universo social antes mesmo de nascer.

Portanto, o bebê comunica-se desde o nascimento, não possui uma fala articulada, com uso de palavras, mas sim uma fala corporal, na qual os seus movimentos revelam seus interesses (SEIDL-DE-MOURA; RIBAS, 2012).

No movimento de reconhecimento social da criança, a percepção afônica, ou seja, sem voz, é negada até mesmo para quem não tem uma fala estruturada na articulação de palavras, mas sim expressa pelos recursos corporais. Sendo assim, devido ao engajamento teórico de alguns pesquisadores sensíveis aos potenciais dos bebês, este panorama conceitual passou por mudanças significativas (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

Essa nova configuração das pesquisas com crianças e a forma socialmente ativa do bebê traz algumas implicações éticas. Faz-se importante pensar em metodologias que estejam atreladas às especificidades das crianças. O termo de consentimento livre e esclarecido é uma ferramenta relevante eticamente, pois explicita a aceitação na pesquisa e oferece a possibilidade de saída, caso a criança ou responsável por ela deseje (FERNANDES, 2016).

Porém, o termo trata-se apenas de uma autorização legal, ao realizar pesquisa com crianças é preciso conquistar a confiança dos pequenos aos poucos, investir em trocas sociais que explicitem a aceitação a partir das manifestações das próprias crianças. Desta forma, é primordial atentar-se para o conselho de Delgado e Müller (2005), “[...] faz-se necessário obter permissão, que vai além da que é dada sob formas de consentimento, e isso raramente é feito com as crianças” (p. 355).

Reconhecendo as crianças como atores sociais competentes, ressaltam-se as participações ativas das mesmas durante o processo de produção dos dados desta pesquisa. Considerar os bebês e suas potencialidades sociocomunicativas é uma ação que busca reconstruir o lugar social da criança, desconstruindo visões e práticas assentadas na afonia dos bebês e crianças pequenas. À luz da visibilidade que estes sujeitos possuem atualmente, inúmeros pesquisadores desenvolvem suas pesquisas onde elas emergem como coparticipantes no delinear do trabalho científico. Parte-se do entendimento de que é preciso escutar as vozes e opiniões desses sujeitos, pois ninguém melhor que eles para explicitar genuinamente suas infâncias (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2004).

As crianças foram parceiras relevantes na construção desta investigação. O caminho percorrido com os bebês dentro e fora do campo escolhido para esta pesquisa esclarece a adesão do posicionamento de Rocha (2008), “[...] quando o outro é uma criança, a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais” (op. Cit., p. 45).

3.3 ESTUDO DE CASO: SITUANDO O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Levando em consideração o objeto de estudo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, configurada em um estudo de caso. Este tipo de pesquisa baseia esta investigação porque voltamos nosso olhar para uma situação particular dentro do universo que compõe uma instituição escolar, delimitando bem nosso foco de análise que partirá de uma situação singular (ANDRÉ, 2013; BOGDAN, BIKLEN, 1994).

Consoante André (2013), os estudos de caso emergem no final do século XIX nas leituras e interpretações científicas referente à vida social, sendo estes frutos de pesquisas desenvolvidas pela Sociologia e Antropologia. No século XX, entre as décadas de 1960 e 1970, estes estudos integram-se aos manuais sobre métodos e técnicas de pesquisa em educação. Sendo caracterizados apenas como “um estudo descritivo de uma unidade” (p. 97), ocasionando inúmeras críticas, principalmente relacionadas ao rigor e validade científica. Essas aferições duvidosas quanto à cientificidade dos estudos de caso provocou a reelaboração de seus objetivos investigativos, como aponta André (2013):

Já nos anos 1980, no contexto das abordagens qualitativas, o estudo de caso ressurge na pesquisa educacional com um sentido mais abrangente: o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu **contexto** e suas **múltiplas dimensões**. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da **análise situada e em profundidade** (p. 97).

Portanto, atualmente os estudos de caso desenvolvidos nas pesquisas qualitativas que englobam a educação buscam não se referir a meras descrições de um contexto particular observado. O olhar do pesquisador capta e traduz o percurso de produção de dados, bem como analisa e interpreta de forma contextual o seu caso, expondo em seu relatório final inferências pautadas em análises aprofundadas, elaboradas pela relação entre o campo de pesquisa escolhido para desenvolver seu estudo de caso e as leituras que embasam seu olhar investigativo.

Seguindo as proposições metodológicas de Bogdan e Biklen (1994), elegemos o estudo de caso de observação, pautado na produção de dados por meio da *observação participante*, escolha metodológica descrita e aprofundada adiante na seção correspondente aos procedimentos metodológicos. As principais características do estudo de caso apontadas pelos autores anteriormente citados são as seguintes:

1. Definição de um local específico para análise.

Nossa produção de dados deu-se no agrupamento etário denominado Berçário I na Escola Municipal de Educação Infantil Jason Gois da Silva, localizada no Conjunto Jardim no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, Rua do Caic, s/n.

2. Um grupo de sujeitos específicos.

O estudo de caso em questão foi realizado com um grupo de oito bebês, com idades entre onze e dezesseis meses no início do estudo e duas educadoras.

3. Um objeto que tenha relação com as atividades desenvolvidas na escola.

Buscamos compreender os saberes docentes sobre a organização dos espaços para bebês e os usos e atribuições destes espaços pelas crianças na creche.

Apresentado nosso contexto específico de análise, explicitaremos de forma mais abrangente onde fica situado o agrupamento etário denominado Berçário I, detalhando a seguir algumas informações da Creche Jason Gois da Silva⁵.

A instituição foi inaugurada recentemente, em outubro de 2014, dando início ao ano letivo em 2015. O público alvo da oferta de matrículas são crianças na faixa etária de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses. As crianças matriculadas advêm de famílias com baixas condições socioeconômicas. Este não se trata de um critério para matrícula, reflete a realidade da comunidade local.

Apresentamos uma fotografia que expõe a escola e o seu entorno social, onde atrás podemos visualizar as casas de muitas das crianças atendidas pela instituição, trata-se do Conjunto Jardim, em Nossa Senhora do Socorro/SE.

⁵ O nome real da instituição é revelado porque recebemos a devida autorização da Direção da escola para apresentá-la aqui na Dissertação de Mestrado.

Figura 01 – A Creche Jason Gois da Silva e seu entorno social



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O prédio possui fácil acesso, localizado à esquerda da Igreja católica e à direita do Colégio Estadual Professor Leão Magno Brasil. Em frente à escola há um enorme terreno baldio, onde há o acúmulo de lixo pela população.

Seu funcionamento ocorre das 07h às 17h, destinando tempo integral para as turmas do Berçário e Maternal I, II e III (crianças 0 a 3 anos), e turno parcial para as crianças da pré-escola (crianças 4 a 5 anos e 11 meses). A escola foi construída com o apoio do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância)⁶. Segundo a página da Secretaria de Comunicação Social de Nossa Senhora do Socorro o investimento financeiro aproximou-se dos R\$ 2 milhões, pleiteados com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A instituição é a primeira creche pública inaugurada das 03 creches do município. Sendo este um pré-requisito essencial para pleitear e conseguir a ajuda do Proinfância, afinal,

⁶ O programa foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007, e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação. Seu principal objetivo é prestar assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios visando garantir o acesso de crianças a creches e escolas de educação infantil da rede pública.

um dos requisitos era que o município apresentasse déficit comprovado de vagas na educação infantil.

Essa iniciativa governamental apoia-se no direito da criança ao acesso a uma educação de qualidade, prezando pela ampla e moderna estruturação física das instituições de educação infantil. Segundo a página virtual do referido Programa foram construídas 8.728 novas unidades em todo o país. Isso representa uma vitória para as políticas públicas da infância, que desde as criações das creches lutam para que as crianças tenham acesso a espaços onde possam viver suas infâncias da melhor forma possível.

A instituição representa o Projeto arquitetônico Proinfância tipo B, podendo atender 120 crianças no período integral ou 240 divididas em dois turnos. É importante pontuar que todo o mobiliário e equipamentos das instituições que possuem o modelo Proinfância são patrocinados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional (FNDE), cabendo à prefeitura seguir as normas técnicas exigidas pelo Programa. Todas as informações necessárias são expostas no portal digital do FNDE no item Programas – Proinfância.

A estrutura da escola que contempla o nosso campo de pesquisa é dividida em uma área externa e interna bastante ampla, subdivididas em: recepção, almoxarifado, diretoria, secretaria, sala dos professores, pátio com parquinho, refeitório, cozinha, lactário, sanitários adultos (feminino e masculino), sanitários infantis (feminino e masculino), despensa, lavanderia, sala de leitura, anfiteatro, cinco salas denominadas: Maternal 1, Maternal 2a, Maternal 2b, Maternal 3a, Maternal 3b, duas salas para a Pré-escola: Pré 1, Pré 2 e o Berçário.

Logo abaixo serão expostas imagens que ilustram algumas das repartições citadas.

Figura 02 – Maquete digital frontal direita Creche Proinfância tipo B



Fonte: <http://www.fnnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-projetos-arquiteticos-para-construcao/proinfancia-tipob>

Figura 03 – Vista frontal direita da Creche



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 04 - Diretoria e secretaria



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 05 – Pátio: parquinho e refeitório



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 06 – Cozinha e Lactário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 07 – Sala de leitura



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 08 – Anfiteatro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

3.3.1 Apresentando a sala dos bebês

O agrupamento etário denominado Berçário fica localizado logo após o refeitório, em frente ao pátio, no centro da instituição. Por essa proximidade com o espaço externo brincante, os bebês comumente dirigiam seus olhares para a área externa, denotando assim interesse em explorar os demais espaços físicos da creche. Muitas vezes suas motivações e interesses eram atendidos pelos adultos que os levavam a explorar o espaço externo à sala de referência destinada aos bebês.

Ao chegar à creche é possível identificar o Berçário facilmente, pois sua porta é decorada com figuras que remetem para um espaço pensado e planejado para bebês.

Figura 09 – Localização da sala do Berçário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 10 – Porta do Berçário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao abrir a porta da sala, encontrávamos do lado direito alguns nichos arquitetados com pedras de mármore. Neste espaço eram guardados os pertences pessoais dos bebês. Esses materiais estavam somente ao alcance dos adultos. Cabe ressaltar que cada bebê possuía um espaço próprio para guardar seus objetos, seus pertences eram organizados em um pote de sorvete reciclado, decorado com tecido e bonecos em feltro⁷.

⁷ Esse foi um dos primeiros espaços analisados com as educadoras. Nesse arranjo espacial chama atenção o modo uniforme que o grupo de bebês é representado, pois todos eles são identificados por figuras da pele clara, contrariando a realidade étnico-racial da turma. A exposição deste espaço gerou inquietações sobre como planejar os arranjos espaciais do berçário levando em consideração o respeito e a valorização das identidades do grupo. Com base nesses achados no sexto Móbile dos Saberes apresentamos sugestões de configurações espaciais respaldadas na construção da identidade do grupo.

Figura 11 – Nichos: pertences dos bebês

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 12 – Porta-utensílios particular

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na sequência serão explicitados os espaços internos que configuram a rotina do grupo. Esses arranjos espaciais elucidam as diversas atividades que delineiam o dia a dia das crianças e educadoras na creche. Serão apresentadas as seguintes configurações espaciais da sala de bebês: áreas de repouso, de higiene, de brincadeiras e o solário.

O Berçário tem uma área interna ampla, facilitando as brincadeiras, interações e explorações. No teto havia móveis em formato de nuvens com pingos de chuva. O canto da sala era arquetizado com janelas de vidro, sua altura estava ao alcance dos bebês. Para visualizarem o espaço externo com segurança, havia uma barra de apoio, o vidro permitia a entrada de luz e a possibilidade dos bebês explorarem a paisagem por meio de seus olhares. Esse espaço possuía cortinas que eram comumente ressignificadas pelas ações dos bebês, servindo às explorações e brincadeiras com seus parceiros de idade, com os adultos e também sozinhos, mediados pela relação bebê-objeto. O espaço agia como terceiro educador, propondo experimentações, favorecendo a autonomia de seus movimentos e expressões.

Figura 13 – Janelas do Berçário

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 14 – Brincando com as cortinas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Encostados à parede, próximo às janelas, estavam alguns colchonetes. Observamos que os colchonetes demarcavam um lugar para estar junto, para explorar, interagir e brincar. Muitas atividades aconteceram em torno deles. Todas as manhãs as educadoras traziam o cesto de brinquedos para próximo dos colchonetes e convidavam os bebês a explorarem estes espaços e materiais, conforme demonstrado nas imagens a seguir.

Figura 15 – Brincadeiras nos colchonetes



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 16 – Brincadeiras e explorações



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Do lado direito da sala tem uma enorme bancada de mármore, onde eram guardados alguns objetos confeccionados para os bebês brincarem, além das agendas das crianças, os diários escolares e alguns pertences pessoais das educadoras. No centro da bancada havia uma pia que facilitava a higienização das crianças nos momentos de alimentação. Ela também comportava utensílios como pratos, jaras, copos, panos, filtro, lixeira de pia, detergente, dentre outros objetos postos pelas educadoras. Vale destacar que a pia não possuía proteção, ficando exposta e provocando alguns acidentes, principalmente quando os bebês começaram a andar, algumas vezes eles batiam a cabeça, em outros momentos os bebês aproveitavam para explorar os canos e registros à amostra. A parede que comportava este espaço era decorada com imagens em E.V.A, as figuras apresentavam um jardim, com a presença de flores, árvore e animais, bem como uma figura humana regando as plantas. Era nesta parede também que estava fixado o ventilador da sala.

Para evitar a saída dos bebês, um berço era fixado na entrada da sala, ao lado da pia e próximo aos nichos. Na entrada da sala de higiene e troca também era fixado um berço para impedir a entrada das crianças.

Figura 17 – Canto direito da sala

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 18 – Explorando a pia

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na outra extremidade da sala havia um painel denominado de Sítio do Seu Lobato e um móbile gigante produzido pelas educadoras com canos de PVC, tecidos e alguns objetos pendurados (algumas vezes o móbile estava na outra extremidade da sala, próximo às janelas, mas em sua grande maioria ele encontrava-se próximo ao Sítio). O Sítio do Seu Lobato revelou-se um espaço potencialmente educativo, nele foram tecidas relações, explorações, brincadeiras. O móbile caracterizava-se por ser um material desafiador e seguro. Ele estimulou os movimentos autônomos dos bebês, favorecendo que as crianças ficassem em pé sem a ajuda prioritária do adulto, dessem seus primeiros passos apoiados nas barras.

Figura 19 – Brincadeiras no Sítio

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 20 – Explorando o Móbile de canos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As práticas de alimentação aconteciam no espaço interno do berçário. Logo, a sala era organizada para a alimentação dos bebês. No momento do café da manhã as educadoras traziam para o canto esquerdo da sala as cadeiras para alimentação (guardadas no espaço do

lavatório). No início do ano, muitos bebês se alimentavam por meio de mamadeiras, por esta razão a sala também era composta por duas poltronas de amamentação que ficavam localizadas no canto esquerdo, próximo à porta que dava acesso ao solário. Estas poltronas eram pouco utilizadas na rotina do berçário durante as observações desta pesquisa, realizadas no segundo semestre do ano letivo, raramente algum bebê sentava ou subia nelas. As educadoras só as utilizavam no momento do sono das crianças, horário que faziam as agendas dos bebês. Desse modo, os adultos privilegiavam estar com bebês em constante movimento, favorecendo suas motivações e interesses.

Figura 21 – Espaço para alimentação



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 22 – Poltronas de amamentação



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A sala possuía o espaço destinado à higiene das crianças. O cômodo era amplo, composto por duas pias e bancadas de mármore. No local do banho das crianças comportava-se uma banheira de plástico, pois a pedra de mármore poderia provocar acidentes devido à consistência lisa. As paredes da sala possuíam algumas imagens que representavam patos nadando, demonstrando que aquele espaço proporcionava o contato com água e tratava-se de um ambiente lúdico e convidativo. Para o trocador, era disponibilizado um colchonete, ofertando, assim, aconchego e segurança para as crianças. Infelizmente não havia espelhos nem armários. As educadoras acomodavam os materiais necessários para banho e troca, tais como sabonetes, shampoos, roupas, fraldas, pentes, dentre outros, em cima da bancada de mármore. As toalhas das crianças eram penduradas em cabides individuais, identificados pelos nomes dos bebês.

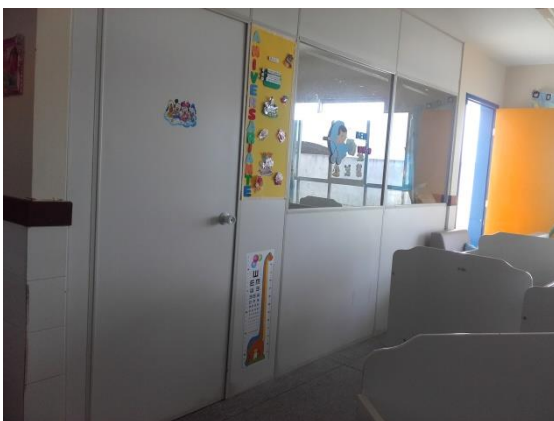
Figura 23 – Momento do banho

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 24 – Sala do banho e troca

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em relação ao sono dos bebês, havia um espaço exclusivo para o descanso das crianças, uma sala de repouso, localizada no canto esquerdo, ao lado do lavatório. Nesta sala ficavam oito berços que eram visualizados pelos adultos por meio de uma vidraça. Porém, os bebês não dormiam neste recanto, pois o local não possuía ventilação adequada. Portanto, no momento do sono, os berços eram trazidos para o espaço de atividades. Assim que os bebês acordavam, os berços eram guardados na sala de repouso. Nesta sala, as educadoras também guardavam os brinquedos e alguns objetos que fizeram ou iriam fazer parte das propostas pedagógicas organizadas por elas.

Figura 25 – Fachada da sala de repouso

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 26 – Momento do sono

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao lado da sala de repouso, na parte externa, tinha o solário. Neste espaço, os bebês e educadoras brincavam. Muitas vezes o convite para explorar este espaço externo partia dos próprios bebês: eles se aproximavam da poltrona que impedia o acesso à área externa;

focalizavam o olhar para fora; tentavam passar entre as arestas deixadas pelas educadoras; subiam na poltrona. Esses movimentos davam indícios das motivações e interesses das crianças. Sendo as educadoras em muitos momentos solícitas às investidas dos bebês. Em outros momentos, as educadoras organizavam atividades para realizar no solário: banho de piscina, exploração de “melecas”, brincadeiras com bolas, explorações e outras brincadeiras de livre escolha pelas crianças.

Figura 27 – Solário anexo ao Berçário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 28 – Brincadeiras no Solário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Como se fez notar, a sala era decorada com algumas figuras e cartazes em E.V.A, bem como com algumas ilustrações que exibiam personagens da *Disney* em adesivo, evidenciando a forte presença da indústria midiática nas instituições de educação. Um ponto relevante sobre a introdução desses elementos globalizados é que em muitas situações eles ofuscam o ingresso da cultura local. Outro ponto que merece destaque, ressaltado anteriormente, é a ausência da diversidade étnico-racial, sendo expostas predominantemente ilustrações com pele clara.

3.3.2 Participantes da pesquisa: educadoras e crianças

Os sujeitos do nosso estudo são duas educadoras e oito crianças de ambos os sexos, sendo cinco meninos e três meninas, cuja faixa etária no início da pesquisa variava entre onze meses a dezesseis meses. Cabe salientar que a frequência dos bebês foi registrada durante nossas idas a campo (ver APÊNDICE A).

A pesquisa foi realizada prioritariamente no turno matutino tendo em vista que à tarde o trabalho pedagógico era realizado por duas estagiárias do curso de Pedagogia. Por esta razão

havia uma predisposição para rotatividade de recursos humanos, situação que avaliamos ocasionar rupturas no processo da pesquisa.

Cabe destacar que antes da produção de dados ser efetivada, o referido estudo passou pela submissão e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, recebendo a devida autorização para o início dos trabalhos (ver ANEXO A).

O primeiro contato com as educadoras aconteceu durante o Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão: Rodas de conversas e estudos sobre práticas com bebês e crianças pequenas na creche⁸.

Na oportunidade, atuava como auxiliar de pesquisa da aluna Laíse Soares Lima, cuja dissertação, intitulada *Linguagens da infância na perspectiva de educadores de creche: o que revelam as narrativas*, resultou no primeiro módulo desenvolvido pela mestranda no referido projeto durante cinco reuniões presenciais aos sábados, nos dias 02, 09 e 30 de abril e 07 e 14 de maio de 2016, no horário das 09h às 11h. A cada narrativa escutada, alimentava a vontade de conhecer o berçário que as educadoras atuavam.

Em todos os encontros com as educadoras me surpreendia com a delicadeza que os bebês eram vistos, as palavras expressadas por elas me conduziam a transpor a cortina da imaginação, alimentada pelas falas, elas me convidavam a investir nas sensações que a rotina pedagógica vivenciada pelas educadoras e bebês podia oferecer se adentrasse os espaços que estes sujeitos trilhavam.

Foi envolvida pelo misto de sensações que as narrativas sugeriam que durante o curso apresentei minha proposta de pesquisa às educadoras, à diretora da instituição e à coordenadora pedagógica. De antemão, elas já demonstraram interesse, confiantes com as contribuições que o estudo proporcionaria.

No dia 25 de julho de 2016, com número CAAE 55605216.0.0000.5546, informando a devida autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, demos os primeiros passos na construção dos dados deste trabalho, conhecemos os demais sujeitos que dão vida a esta dissertação.

Após a autorização, apresentamos a proposta da pesquisa para as educadoras, coordenação pedagógica e famílias das crianças, explicando-lhes os objetivos e a metodologia de estudo a ser desenvolvido, ocasião em que solicitamos a autorização para o trabalho proposto através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver APÊNDICES B e C).

⁸O objetivo da ação consistia em buscar estratégias de intervenção pedagógica, pautadas num processo de formação docente, com perspectivas de (re)configuração de práticas educacionais para crianças de zero a três anos, integrantes de duas instituições públicas de educação infantil do município de Nossa Senhora do Socorro/SE, coordenado pela professora Tacyana Karla Gomes Ramos.

A seguir, no quadro 03 estão expostos os perfis profissionais das educadoras, elaborados com base nos questionários aplicados no começo da produção de dados em campo (ver APÊNDICE D).

Quadro 03 – Perfil profissional das participantes da pesquisa

Educadora Idade	Função	Formação	Tempo na PMNSS⁹	Tempo total de docência	Tempo de docência com bebês
Sueli 47anos	Pedagoga	*Ensino Médio: Magistério *Graduada em Pedagogia (2000) *Pós-graduação em Gestão Escolar (2003)	Fev./2000 16 anos	Fev./1985 31 anos	Set./2015 10 meses
Eraldina 54 anos	Cuidadora	*Ensino Médio: Magistério *Graduada em Pedagogia (2006)	Fev./2015 01 ano e 05 meses	Fev./2015 01 ano e 05 meses	Fev./2015 01 ano e 05 meses

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os nomes reais das educadoras são expostos porque ambas, durante o processo de produção de dados, assinalaram que poderiam ser elucidados. A abordagem metodológica favoreceu essa aceitação no sentido de que realizamos um percurso científico em constante parceria com os sujeitos deste estudo.

Um dos passos mais importante das pesquisas que reconhecem as crianças como atores sociais competentes diz respeito à entrada em campo. Nesse momento marcado pelos contatos iniciais com os sujeitos do estudo, os convites à participação dos bebês na pesquisa, a busca pela aceitação deles frente ao proposto, buscamos nos aproximar socialmente dos bebês de maneira cuidadosa e respeitosa, pois precisávamos ouvir suas falas, perceber se havíamos sido aceitas para então entrar em contato com a rotina pedagógica dos sujeitos investigados. Essa postura metodológica foi essencial para conseguir o consentimento dos oito bebês, matriculados no Berçário investigado.

A seguir apresentamos os nomes e idades das crianças que aceitaram participar desta aventura investigativa.

⁹ Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro-SE.

Quadro 04 – Bebês: Início da pesquisa – Julho/2016

Nome	Data de Nascimento	Idade
Arthur Ezequiel	24/07/2015	12 meses
Dennis Wendel	26/05/2015	14 meses
Henry Gabriel	06/07/2015	12 meses
Kiara	17/06/2015	13 meses
João Pedro	10/08/2015	11 meses
Lara Sophia	18/03/2015	16 meses
Nikolly Sophia	25/05/2015	14 meses
Werick Maxuel	14/07/2015	12 meses

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Cabe salientar que os nomes reais das crianças foram mantidos devido às autorizações concedidas pelos pais na ocasião de apresentação do estudo e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelas famílias dos bebês. Outro fator relevante atrela-se a concepção teórico-metodológica de atribuí-lhes a qualidade de sujeitos e não objetos de investigação.

Consoante à valorização das múltiplas expressões das crianças, descrevemos a seguir como os participantes desta pesquisa atuaram socialmente nos primeiros encontros com a pesquisadora, demonstrando, a partir das suas “vozes”, a aceitação da proposta de investigação.

O recorte apresentado expõe as aproximações dos bebês com a pesquisadora, o foco recai em grande proporção aos primeiros quinze dias da pesquisa, momento importante, representando os contatos iniciais com os sujeitos do estudo, os convites à participação dos bebês na pesquisa, a busca pela aceitação deles frente ao proposto pela pesquisadora. Realizamos observações seguidas de escritas em nosso diário de campo. Foram poucos os registros imagéticos e audiovisuais, pois não queríamos interromper os fluxos interativos, visto que poderíamos desviar a atenção dos bebês para a câmera, interrompendo relações sociais desenvolvidas com o objetivo de entrada gradual no campo de estudo e aproximações sociais com as crianças.

Neste sentido, procuramos nos aproximar socialmente dos bebês de maneira cuidadosa e respeitosa, pois precisávamos ouvir suas “falas”, perceber se fomos aceitas para, então entrar em contato com a rotina pedagógica dos sujeitos investigados.

Entre essas observações e aproximações, notamos que os bebês demonstraram interesse por conhecer a pesquisadora, expresso, por exemplo, na situação descrita a seguir:

João (11 meses), que estava em um dos berços me olhava atentamente, seu olhar parecia perguntar: “quem é essa pessoa estranha? O que ela está fazendo aqui?” Na medida em que o garoto me olhava, conversava com ele em tom meigo: “o que foi João que está me olhando? Está pensando: quem é essa? O que ela está fazendo aqui?”. Tentei me afastar um pouco do campo de sua visão para ver se ele continuava a me observar, seus olhos me seguiam. Falei em tom de brincadeira para educadora: “olha só, encontrei uma filmadora! Os olhos de João”. Ela respondeu: “está observando a tia nova, João. Ele é muito observador.”. João desde o primeiro dia de observações sempre mostrou estar atento à minha presença por meio do olhar. Eu o chamava para perto de mim, mas o garoto se recusava a atender os meus chamados. Quando tinha oportunidade, colocava-o no colo, levantava-o para tocar os móveis em formato de nuvens, pendurados no teto, no entanto, rapidamente, ele ficava inquieto, procurando pelas educadoras. Mas no dia 03 de agosto de 2016, oitavo dia de observações, João mostrou-se diferente, enquanto ele tomava o café da manhã, me olhava e esboçava leves sorrisos, aproveitei para conversar com ele a respeito do que ele comia. Logo em seguida, no momento do sono, o garoto estava no berço choramingando, me dirigi até ele e perguntei: “João, você quer colo?” O olhar dele dizia que sim. Coloquei-o no colo e comecei a balançá-lo, cantando: “que abraço bom. Que abraço bom. Que abraço bom que João tem...” Enquanto o ninava, pedia para o menino deitar sua cabeça sobre meu ombro, mas ele não me atendia. Foi então que senti o desconforto dele e pensei em uma alternativa para transmitir-lhe confiança: comecei a levantá-lo a ponto do móvel encostar em sua cabeça, dizendo: “olha a chuva, João.”. O garoto ria cada vez que o movimento de subir e descer se repetia. Reproduzi os movimentos em torno de cinco vezes, em todas elas João sorria. Logo depois continuei dando colo e ninando-o, o garoto encostou a cabeça no meu ombro e adormeceu nos meus braços, sem que eu precisasse pedir novamente para fazê-lo.

A partir desse episódio evidencia-se a concepção da criança como ator social competente, que está atenta ao que acontece ao seu redor. A presença de um adulto novo não passou despercebida por João, seus olhares anunciavam que assim como eles, eu também estava sendo observada atentamente. O olhar investigativo de João comunicava e enfatizava que além das autorizações em papel destinadas aos responsáveis, é primordial buscar posturas metodológicas que explicitem a aceitação das próprias crianças, pois elas sentem o movimento empreendido pela pesquisa e por meio das suas singelas linguagens anunciam se desejam ou não colaborar com o estudo.

Aproximei-me de Henry (12 meses), durante a alimentação. A professora perguntou se eu queria alimentá-lo, aceitei. No começo, o garoto abria a boca com dificuldades, aos poucos foi demonstrando confiança. Cantei a música “o que tem na sopa do nenê” da banda Palavra Cantada, adaptada para o que tem na papinha do nenê, refeição que o menino estava realizando.

Com Nikolly (14 meses), teci interações a partir de uma brincadeira de esconde-esconde por trás dos berços na hora do sono. Procurava a garota com o olhar, ela caminhava entre um berço e outro, me olhando e deixando escapar um leve sorriso.

Outras situações de aproximações sociais ganharam destaque no desenvolvimento das filmagens. Ao longo das videograções as crianças se aproximavam da pesquisadora, mostrando interesse pela câmera de vídeo que estava em suas mãos. Elas dirigiam-se até ela, tocavam na tela de exibição e reconheciam os bebês e os adultos que estavam sendo gravados. Esse reconhecimento era expresso por meio do movimento de apontar, comumente usado para identificar os integrantes dos vídeos e também a partir de expressões verbais balbuciadas. A aproximação social das crianças pode ser contemplada a partir do seguinte registro:

Werick (12 meses), sempre se mostrou risonho. No início ele sorria, mas não se aproximava, à medida que fui adentrando na rotina deles, o garoto se direcionava até meu colo. Entre as primeiras aproximações, destaco a curiosidade dele ao dirigir-se até mim sorrindo quando eu estava filmando o grupo. O menino tocava na lente da câmera, fixava os olhos na tela de visualização do que estava sendo gravado. Em uma situação de filmagem, ao se aproximar e tocar na tela do aparelho utilizado para videogração, Werick me ensinou usar um recurso que não sabia da disponibilidade: o zoom.

Figura 29 – Werick se aproxima



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 30 – Quero ver essa filmagem



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O episódio protagonizado por Werick ressalta uma postura-chave dos pesquisadores da infância: alguém que está disposto a aprender com as crianças. Os aparatos teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância são responsáveis por lapidar esse movimento de alteridade, construindo um profissional que é atento às competências das crianças, reconhecendo-as como seres atuantes socialmente e potencialmente comunicativos, por isso posicionam-se diante das situações que mexem com seus interesses e motivações.

Outras situações de aproximações sociais destacam-se, Lara (16 meses), Kiara (13 meses), Arthur (12 meses), Werick (12 meses) e Dennis (14 meses) mostraram aceitação da pesquisadora por meio de olhares, abraços, pedidos de colo, oferecimento de objetos, sorrisos. Vejamos:

Figura 31 – Kiara no colo da pesquisadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 32 – Werick no colo da pesquisadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 33 - Henry oferece brinquedos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 34 - Lara traz uma bola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 35 – Brincando com a pesquisadora

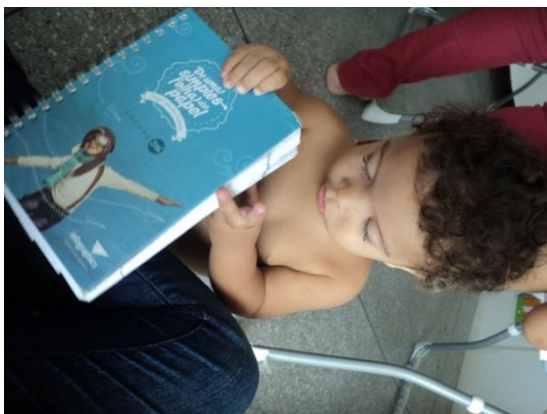


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Como se faz notar, o conjunto de ações interativas entre os bebês e a pesquisadora explicita que as crianças aceitaram a presença desse adulto, possibilitando o início aos processos escolhidos para produção de dados. Essa aceitação foi demonstrada pelas crianças a partir das suas posturas frente a pesquisadora, como pode ser observada através da oferta de objetos, busca de proximidade física, sorrisos e olhares dirigidos.

Um instrumento que auxiliou a aproximação entre bebês e pesquisadora foi o diário de campo. Os bebês notavam a presença deste novo objeto no cenário do Berçário e se aproximavam para poder explorá-lo. Esta, por sua vez, explicava para eles do que se tratava o material, ressaltando que estava escrevendo ali as ações deles nos espaços da creche. Estas conversas eram delineadas em tons lúdicos, oferecendo segurança para os bebês explorarem o diário de campo às suas maneiras, promovendo um clima favorável para o desenvolvimento da pesquisa. Abaixo estão registrados alguns destes momentos.

Figura 36 - Werick explora o diário



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 37 – Bebês observam o diário



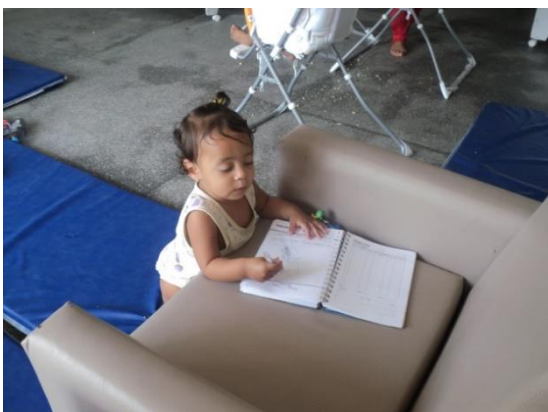
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 38 – Explorando o diário

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 39– Sentindo o gosto dos registros

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 40 – Registros de Nikolly no diário

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 41 – Nikolly auxilia a pesquisadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Todas essas ações expressam os investimentos interacionais dos bebês com a pesquisadora. Ela, por sua vez, mostrava-se responsiva às investidas sociais das crianças, dialogando e estimulando suas expressões.

Os episódios e situações interativas expostas mostram que os bebês estão atentos ao que acontece diariamente ao seu redor. Ao notarem a presença de um adulto novo no ambiente, eles buscaram através de suas formas próprias de aproximação estabelecer contato social, revelando, assim, que são seres potencialmente interativos.

À luz desse novo olhar para as crianças e suas infâncias, enfatizamos o delinear de uma educação infantil que tome a criança como centro do planejamento curricular, conforme estabelecem as Diretrizes Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Partindo dessa premissa, os aportes da Sociologia da Infância precisam adentrar os contextos institucionais educativos. Nessa ótica, educar crianças é uma prática que, segundo Ramos (2012), “[...] enxerga e acolhe o protagonismo social infantil e que busca aprender

com as crianças, conhecer seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações como bússolas a indicar caminhos e traçar rotas a serem navegadas pela Educação Infantil” (p. 14). Entre as direções apontadas, as cenas e cenários do protagonismo infantil na creche são excelentes caminhos a trilhar.

3.3.3 Rotina

A rotina do berçário acontecia guiada pela intrínseca relação entre o tempo e o espaço, cada atividade demandava uma configuração espacial e temporal específica.

Barbosa e Horn (2001) discorrem: “[...] O espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com as necessidades, usos, etc.” (p. 74). Essa relação é marcada pelas dinâmicas humanas que acontecem cotidianamente. Os espaços vão se configurando e reconfigurando com o passar do tempo, à medida que novas demandas surgem.

De acordo com Barbosa (2006), “Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil” (p. 35). A autora concebe a rotina como categoria pedagógica na busca por problematizar sua organização, revelando que não se deve tratá-la apenas como uma repetição das ações de modo rotineiro, automático, mas sim aberta ao que não está programado, ao inesperado, tão comum nas relações humanas.

Sobre os elementos básicos contidos na estruturação e operacionalização das rotinas pedagógicas da educação infantil, Barbosa (2006) destaca quatro importantes pilares, sendo estes: a organização do ambiente; o uso do tempo; a seleção e as propostas de atividades; a seleção e a oferta dos materiais.

Para ilustrar como acontecia a rotina¹⁰ das crianças e educadoras na creche, eis um relato extraído do diário de campo:

Logo ao chegar à creche os bebês eram acolhidos, com músicas de boas vindas. O acolhimento ocorria das 07h às 08h. Em seguida as educadoras preparavam o espaço para o café da manhã: as cadeiras de alimentação eram postas na sala. Terminado o café da manhã, aconteciam as brincadeiras e interações nos espaços internos e às vezes externos à sala de referência como o parquinho, solário e sala de leitura¹¹.

¹⁰ Apenas as experiências tecidas pela manhã são descritas em detalhes, pois a investigação ocorreu no turno matutino. As informações referentes ao turno da tarde foram disponibilizadas pelas educadoras, portanto, não acompanham notas de campo.

¹¹ Uma vez por semana, na maioria das vezes às segundas-feiras, os bebês eram conduzidos para sala de leitura, onde eram elaboradas e desenvolvidas atividades pela estagiária Márcia, responsável por planejar práticas de leitura e contação de histórias para todas as turmas da instituição.

Estes momentos de brincadeiras provocavam os movimentos amplos dos bebês, expostos por meio do engatinhar, correr, dançar, explorar objetos, interagir com o grupo. Essas atividades aconteciam sob a mediação das educadoras. Quando as atividades eram no espaço interno da sala, as educadoras traziam os brinquedos e materiais e deixavam à disposição das crianças, sendo recolhidos na hora do sono. Por volta das 09h30min, os bebês lanchavam. E após o lanche acontecia o banho das crianças. Em casamento com o banho, os bebês eram ninados e dormiam. Cada criança tinha um jeito particular de dormir, uns precisavam de um pouco de aconchego no colo, outros dormiam sozinhos. Neste momento as educadoras cantavam músicas de ninar. Quando os bebês acordavam por volta das 11h era o momento do almoço (Diário de campo, 2016).

Abaixo, sintetizamos a rotina do berçário investigado em um quadro, destacando os tempos, espaços e atividades realizadas pelo grupo de bebês e educadoras.

Quadro 05 – Rotina do Berçário¹²

ROTINA DO BERÇÁRIO		
Horário	Espaços	Atividades
07h-08h	Sala do berçário	Acolhimento
08h	Sala do berçário: cadeiras de alimentação	Café da manhã
08h30min	Espaço interno do berçário e externos	Atividades planejadas
09h30min	Espaço interno do berçário	Lanche
09h40min	Sala de higienização e troca	Banho
09h40min	Espaço interno do berçário	Sono
11h	Sala do berçário: cadeiras de alimentação	Almoço

Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2016.

¹² A rotina matinal finalizava no almoço. À medida que os bebês acordavam a refeição era servida. Após essa atividade o grupo envolvia-se em brincadeiras livres. Às 16h as educadoras começavam a organizar os pertences dos bebês e arrumá-los para a saída que ocorria entre 16h30min. às 17h.

Com intuito de descrever uma dessas atividades de forma mais detalhada, apresentamos a prática de alimentação, evidenciando as ações e envolvimento das crianças neste momento da rotina:

Assim que são acolhidos, os bebês exploram alguns objetos que são disponibilizados pelas educadoras enquanto o café da manhã não chega. Ao notarem a presença da lactarista e a entrega dos pratos, as crianças deixam os brinquedos e se dirigem até a direção que foi posta a comida: em cima do balcão de mármore. As educadoras começam a cantar: “Merenda boa! Bem gostosinha! Quem foi que preparou? Foi a tia da cozinha!”. À medida que cantam, se direcionam até a sala que guarda as cadeiras de alimentação e as trazem para o espaço físico do berçário. Os bebês dão indícios de que querem sentar nas cadeiras: se aproximam, levantam as pernas, se apoiam, tentam subir, tocam os assentos, direcionam os olhares para os rostos das educadoras, balbuciam, acompanham os movimentos dos adultos quando estes seguem para pegar as demais cadeiras, tocam nas pernas dos adultos (Diário de campo, 2016).

Vale ressaltar que a rotina do berçário não seguia um tempo rígido. Ela foi elaborada com base nas características do grupo. As educadoras conduziam as atividades de acordo com o ritmo das crianças.

No horário do café da manhã, algumas crianças se recusavam a comer, a recusa era respeitada pelas educadoras.

Muitas vezes o horário das brincadeiras excedeu o tempo comumente atrelado ao início de outra atividade, provocando assim interferência no horário do banho e sono dos bebês. Vale destacar que o banho e sono poderiam ocorrer antes ou depois do estabelecido. Quando as crianças faziam cocô, tomavam banho antes do horário elencado na rotina para o momento do banho.

No momento destinado ao sono, presenciei raras vezes alguns bebês acordados, as educadoras consentiam estas recusas, retirando-os dos berços e conduzindo-os ao chão para que pudessem brincar livremente pela sala. Portanto, esses horários que conduziam a rotina representavam uma base a ser seguida, não eram estáticos, pois a turma era dinâmica.

3.4 OBSERVAÇÕES

Ao adentrar o campo apresentamos novamente a proposta de pesquisa para as educadoras, direção e coordenação pedagógica. Desta vez nos baseamos na descrição detalhada do projeto de pesquisa que seria desenvolvido, destacando os objetivos da investigação e os procedimentos metodológicos para alcançá-los.

Um procedimento de pesquisa importantíssimo para a construção dos dados desta pesquisa diz respeito às observações, realizadas no Berçário investigado. O início das nossas observações aconteceu no dia 25/07/2016 e finalizou em 30/09/2016. Foram vinte e sete idas ao Berçário, ocasiões em que permanecíamos nele das 08h00min até as 11h00min.

Nossa chegada era marcada pelo horário que iniciava a rotina e nossa saída acontecia no momento do sono dos bebês. Ressaltamos que essa etapa contou com o apoio de escritos em diário de campo, videogravações e registros de imagens por meio de fotografias.

Em seguida expomos o cronograma com as datas que explicitam nossas observações.

Figura 42 – Cronograma: Produção de dados¹³



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Adentramos os espaços e rotinas dos bebês e suas educadoras seguindo os fundamentos metodológicos da observação participante. Nesse tipo de observação “[...] o pesquisador deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, estabelecer uma relação direta com os grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo” (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Essa foi nossa postura durante os dias que estivemos em campo, não estávamos ali apenas para observar e manter-se distante do grupo, pelo contrário, interagimos com as educadoras e crianças. E sempre que possível participávamos de maneira mais direta da rotina: conduzindo uma criança até o pátio, confortando outra que chorava, ninando para dormir, aceitando convites de brincadeiras, colocando no colo, alimentando os bebês,

¹³ Esse cronograma de observações foi acordado junto com as educadoras. Desde o início da pesquisa sinalizamos o desejo de permanecer em campo desenvolvendo a observação participante de julho até setembro, as educadoras foram solícitas a proposta. À medida que as observações ocorriam íamos combinando datas para a presença da pesquisadora. Nas duas primeiras semanas de observações visualizamos a presença diária da pesquisadora com o objetivo desenvolver uma relação de proximidade com os sujeitos na busca por aceitação e confiança. Logo depois a pesquisa foi conduzida com observações que variavam entre duas a três vezes por semana.

alertando as educadoras sobre situações de riscos entre as crianças, entre outras situações que cooperaram com o grupo e explicitavam que se tratava de uma observação participante.

A observação participante foi escolhida como técnica primordial para esta pesquisa porque precisávamos compreender os saberes docentes sobre a organização do espaço para bebês e os usos e atribuições deste espaço pelas crianças na creche entrando em contato com a rotina do Berçário.

Neste sentido, conforme esclarece Oliveira (2008), a observação participante necessita de uma preparação prévia que delimite “o quê e como observar”. Sendo assim, antes de entrar em campo já tínhamos definido a priori qual seria nosso objeto de estudo, focalizando nossos olhares para ele, observando-o atentamente.

Para Neto (1994), a relevância de adotar esse procedimento consiste na amplitude de elementos que não podem ser captados ou esclarecidos apenas por questões. Então, é preciso chegar mais perto, conhecer as realidades, aproximar-se de ambientes dinâmicos, pois é a partir desses movimentos que nos aproximamos da autenticidade contidas nas relações, afinal, podemos cruzar os dados, vislumbrar falas em imagens e vídeos. Enfim, experimentar o campo de pesquisa como ele realmente é: um organismo vivo, repleto de significados que podem ser decifrados pelo pesquisador ao passo que lhe induz a novos questionamentos.

Vale salientar que seguindo as orientações metodológicas de Kreppner (2001), não começamos a pesquisa com a predefinição de categorias de análise. Deixamos nos envolver pelos dados que iam emergindo naturalmente, tomando como referência aquilo que os sujeitos da pesquisa nos indicam com relação aos objetivos elencados para o presente estudo. Portanto, as categorias de análise emergiram no processo dinâmico entre a pesquisadora e os dados produzidos.

Durante os dias que permanecemos em campo realizamos duas entrevistas, aplicamos dois questionários, fizemos inúmeros registros no diário de campo, tiramos centenas de fotografias e produzimos 171 vídeos.

Posteriormente explicaremos como estes instrumentos se articulam à observação participante.

3.4.1 Entrevistas e questionários

Entrevistas e questionários são técnicas amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas. Segundo Neto (1994) a entrevista nos possibilita adquirir informações importantes presentes nas exposições dos sujeitos da pesquisa. O roteiro de uma entrevista

não surge aleatoriamente, ele emerge a partir dos nossos objetivos investigativos, envolvidos nos aportes teóricos que sustentam nosso trabalho. Logo, sua elaboração requer um planejamento cuidadoso e atento às questões norteadoras da pesquisa.

Duarte (2004) atenta para os critérios a seguir para elaborar uma entrevista embasada em pressupostos teórico/metodológicos. Esse zelo corresponde a uma postura investigativa que preza pelo rigor e confiança nos procedimentos adotados. Entre as proposições elencadas pela autora, destacamos: a) Definição e introjeção dos objetivos do estudo pelo pesquisador; b) Conhecimento do contexto que irá realizar a pesquisa: contatos com os participantes e com demais pessoas que participam daquele universo social; c) Revisão da literatura dos pressupostos teóricos e metodológicos; e) Conhecer a fundo seu roteiro de entrevista, se possível fazer um ensaio para analisar possíveis modificações; f) Organizar um ambiente leve, próximo da informalidade, mas sem distanciar-se dos objetivos da pesquisa, nem mesmo atrapalhá-los. Essas recomendações fizeram parte da nossa postura teórico/metodológica.

Na segunda semana da pesquisa realizamos as entrevistas com as educadoras (APÊNDICE E). A entrevista foi realizada uma semana depois que entramos em contato com o campo de pesquisa porque na primeira nos dispusemos a conhecer os participantes da investigação, explicitar os objetivos, estreitar os relacionamentos na busca por confiança e aceitação. Essa entrada cautelosa e ética é apontada por Oliveira (2007) como um dos pré-requisitos essenciais na realização de entrevistas.

Antes de iniciar a entrevista, explicitávamos os objetivos da pesquisa e pedíamos autorização para gravação. Na oportunidade, garantíamos que os dados só seriam usados para atividades científico-acadêmicas. Segue quadro com informações técnicas das entrevistas.

Quadro 06 – Dados das entrevistas

Educadora	Data	Duração	Quantidade de páginas¹⁴
Sueli	02/08/2017	51':08"	16
Eraldina	03/08/2017	17':12"	08

Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2016.

As falas das educadoras foram guiadas por um roteiro contendo dez perguntas, elaborado com o intuito de situar sua trajetória profissional e compreender os saberes docentes em relação às concepções de crianças, educação infantil, docência com bebês e organização dos espaços para infância, enfatizando a organização do espaço físico do

¹⁴ Fonte Times New Roman, tamanho 12. Espaçamento entre linhas 1,5. Margens: Superior e esquerda 3,0 cm; Inferior e direita 2,0 cm.

Berçário. Ademais escolhemos desenvolver uma entrevista semiestruturada, caracterizada por um desenrolar flexível já que possui uma estrutura previamente elaborada, mas que no decorrer da entrevista, em contato com os as falas dos informantes, novas perguntas podem surgir.

Em conjunto com esta etapa da pesquisa, aplicamos um questionário com intuito de traçar o perfil social destes profissionais, destacando sua função na creche, idade, tempo de trabalho na educação infantil e formação acadêmica.

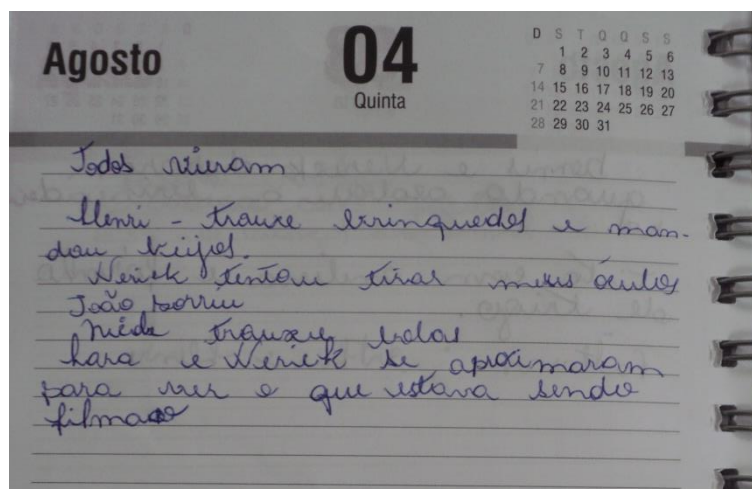
3.4.2 Diário de campo, fotografias e videograções

Segundo Zabalza (2004), os diários atuam de modo formativo, pois permitem a análise da experiência vivida a partir da narração escrita. Foi nesse sentido que o diário de campo fez parte da nossa pesquisa. Ele representou um instrumento onde podíamos anotar informações relevantes sobre as relações orquestradas pelos bebês, educadoras e pesquisadora nos espaços da creche. Nele, descrevemos nossa entrada em campo, destacando as primeiras aproximações com os participantes da pesquisa, acompanhamos a rotina e registramos o início de explorações e interações que se articulavam com os objetivos da nossa investigação.

É relevante pontuar que estas escritas em campo eram desenvolvidas de modo rápido, com uso de frases curtas, pois elas estavam entrelaçadas a fotografias e videograções. Não podíamos dedicar um tempo longo, pois poderíamos perder registros imagéticos importantes enquanto se debruçava sobre o diário.

Portanto, essa escolha metodológica deu-se em razão da riqueza de detalhes que os vídeos e fotografias poderiam nos oferecer posteriormente. Os registros escritos atuaram nesta pesquisa como pistas a serem seguidas em momentos pós-campo, onde ampliamos a escrita e transpomos a experiência vivida em inúmeras palavras que saltavam nossa memória e se articulavam com os pontos registrados enquanto estivemos no Berçário. Abaixo apresentamos um exemplo das nossas anotações, cuja escrita recai sobre as formas de aproximação entre crianças e pesquisadora.

Figura 43 – Diário de campo escrito em 04/08/2016



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

O aspecto da escrita pode parecer desajeitado, mas justifica-se em razão de que nessa fase de aproximação, privilegiávamos estar com as crianças, cultivávamos as relações desenvolvidas com os bebês com entrega e dedicação às investidas sociais do grupo. Se a escrita seguisse uma caligrafia perfeita, poderíamos perder a oportunidade de vivenciar interações de forma ética, atenta às motivações e interesses que emergiam naquele momento.

Conforme ilustra Neto (1994), a fotografia “[...] amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado” (p. 63). Assim, quando notávamos uma situação interativa permeada pelo nosso objeto de estudo, já estávamos a fotografar. Desse modo, as expressões das crianças contornaram nossos olhares, guiaram nossa escrita, conduziram nossa pesquisa. Essa captação dos detalhes das linguagens dos bebês só foi possível porque aliamos a potência do nosso olhar ao auxílio metodológico que a lente da câmera tinha a nos oferecer.

Nessa trilha de proposições, as fotografias registradas ao longo das nossas idas a campo denotam para onde nossos olhos foram fisgados enquanto estivemos com os bebês e suas educadoras em contextos de vida coletiva. Além de demonstrar nosso foco, elas nos convidam a refletir sobre os momentos que foram imortalizados: por que fizemos estes registros imagéticos? O que eles nos conduzem a pensar sobre espaços, tempos e materiais para os bebês? O que as ações das crianças nos revelam? Esses e outros questionamentos emergiam e justificavam a importância das fotografias como instrumento elegido para produção de dados.

Semelhante à escolha de fotografar momentos vivenciados pelos bebês e educadoras no berçário, aliamos a filmagem ao nosso aparato metodológico.

Fenômenos complexos formados pela interferência de múltiplas variáveis, muitas das quais atuam simultaneamente, como a prática pedagógica, por exemplo, são carregados de vivacidade e dinamismo. Para serem mais bem compreendidos, necessitam de uma metodologia capaz de conservar essas características. Desse modo, a videogravação permite registrar, até mesmo, acontecimentos fugazes e não-repetíveis que muito provavelmente escapariam a uma observação direta (SADALLA; LAROCCA, 2004, p. 423).

As gravações traziam um acréscimo no que diz respeito às visualizações e análises das situações interativas protagonizadas pelos sujeitos da nossa pesquisa. Elas reproduziam e nos davam maiores detalhes do cotidiano pedagógico, pois o elucidava de maneira dinâmica, nos permitindo debruçar sobre os mínimos detalhes das ações protagonizadas pelos bebês e educadoras.

Portanto, o vídeo nos possibilitou rever as cenas e cenários, atentando-se para as minúcias que poderiam ser perdidas se nos dedicasse a interpretar apenas os conteúdos das observações (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012).

Consoante Garcez et al. (2011): “[...] Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, o vídeo permite capturar o contexto das interações, assim como permite que façamos repetidas revisões, a fim de criar códigos para uma análise compreensiva do fenômeno” (p. 253). Levando em consideração a dinamicidade das relações humanas, acentuada nas interações entre os bebês e educadoras, muitas vezes em curtos períodos de tempo, sustentadas apenas com olhares ou movimentos corporais sutis, as gravações revelaram-se desde o início desta pesquisa como um recurso indispensável para atingir os objetivos propostos.

Ao se dispor a analisar os usos e atribuições do espaço físico do berçário pelos bebês, partimos de uma concepção de criança como ator social competente, que se desenvolve por meio das interações delineadas cotidianamente, mobilizando e sendo mobilizada constantemente pelo entorno educativo ao qual pertence. Interligada a tal percepção nossos artefatos metodológicos refletem uma postura investigativa que busca apresentar as crianças por meio de suas ações, sendo a filmagem uma ferramenta que permitiu registrá-las de forma autêntica, visto que capta e reproduz imagens e sons em constantes movimentos.

Nessa trilha teórica e metodológica nos apropriamos dos questionamentos e contribuições para pensar a pesquisa com crianças expostas por Aurélia Honorato et al. (2006): “Afim, como registrar tantos meandros, tantos detalhes, tantas relações para depois debruçar-se sobre? Há ditos que não são pronunciados oralmente; ditos que não são captados por um gravador e acabam perdidos sem um registro” (p. 06).

Portanto, elucidamos que as inúmeras ações das crianças são difíceis de interpretar somente a olho nu. Nesse sentido, buscamos na lente da câmera uma ampliação do que nossos olhares poderiam captar sobre o contexto vivo que estávamos fazendo pesquisa.

Logo, ao revisitar o material audiovisual produzido foi possível uma análise cautelosa, envolta em particularidades, que poderiam passar despercebidas se não tivéssemos utilizado as filmagens como recurso para produção de dados.

Os registros fílmicos foram realizados pela pesquisadora com o auxílio de uma câmera de vídeo móvel. Não havia um ponto fixo para realizar as gravações, o foco era evidenciado a partir das ações das crianças: às vezes era preciso estar em um canto da sala, outras vezes em outro, era necessário um movimento constante pela sala para alcançar os trajetos percorridos por bebês e educadoras, acompanhando assim o dizer dos seus corpos, falas expressas por inúmeros movimentos corporais, incluindo as expressões faciais, que nos davam pistas relevantes no delinear das interações e brincadeiras orquestradas nos espaços e tempos do berçário pesquisado.

Para acompanhá-los foi preciso abaixar, acocorar, virar, se debruçar sobre o chão, ficar em pé, ficar de joelhos, sentar, utilizar o zoom da câmera, entre outros malabarismos corporais para melhor observá-los e registrá-los. Todas essas manobras investigativas foram feitas para que as cenas videogravadas não perdessem a qualidade expressa no real, para que o recorte audiovisual pudesse chegar o mais próximo possível do que sentimos e vimos em campo.

Todas essas movimentações apesar de serem feitas com cautela para não interromper os processos interativos dos sujeitos, chamava atenção de alguns bebês principalmente para a câmera. Eles se aproximavam, tocavam e olhavam com atenção o visor da filmadora que reproduzia as cenas que o nosso olhar investigativo estava privilegiando no momento, olhavam para a pesquisadora parecendo perguntar o que aquele instrumento representava para o cotidiano pedagógico deles.

Em resposta a essas investidas sociais, a pesquisadora respondia aos questionamentos que eclodiam dos movimentos corpóreos, das expressões faciais, dos olhares dos bebês. A partir dos interesses e motivações das crianças o diálogo fazia presença, a pesquisadora explicava qual era o seu papel naquele momento, explicitando para os bebês o que e por que estava gravando determinada situação interativa, além de perguntar e informar qual/quais sujeitos protagonizava o registro audiovisual em curso.

O material produzido rendeu 171 vídeos. A duração dos vídeos não seguiu um padrão de cronometragem pré-determinado, pois conduzimos nosso olhar para nossos objetivos

investigativos, definidos e incorporados antes da entrada em campo, portanto, houve registros de apenas 1 min., mas com detalhes preciosos para a nossa análise. Bem como houve vídeos com 30 minutos que também foram importantes para o nosso objeto de pesquisa.

Desse modo, nossa postura metodológica nos conduziu a fazer escolhas, não saímos gravando e fotografando tudo, afinal isso não é possível. Em contrapartida, no campo emergia o que e até quando registrar uma determinada situação, podendo a filmagem ser sustentada por um tempo extenso ou curto, mas sem perder de vista o potencial daqueles registros independentemente da duração total de cada um deles. Por conseguinte,

[...] Não é possível especificar, de antemão, o tempo considerado adequado para a definição de uma unidade de análise; pode ser menos de um minuto (se as imagens contidas ali fizerem sentido para quem analisa), ou podem ser alguns minutos (mas é importante lembrar que, em linguagem audiovisual, poucos segundos de imagem podem conter muitos elementos a serem analisados) (GARCEZ; DUARTE; EISENBERG, 2011, p. 258).

Amparados nesta compreensão, para desenvolver a análise do material videogravado nos ancoramos na configuração de recortes que culminaram em episódios. Segundo Pedrosa e Carvalho (2005): “[...] um episódio é uma sequência interativa clara e conspícua, ou trechos do registro em que se pode circunscrever um grupo de crianças a partir do arranjo que formam e/ou da atividade que realizam em conjunto” (p. 432).

Assim sendo, assistimos aos vídeos e fomos procurando neles a presença de episódios que caracterizassem a nossa pesquisa. A identificação de um episódio dava-se ao notar os bebês e educadoras explorando e interagindo mediante os espaços que constituíam o berçário. O término de cada episódio era registrado quando as crianças e educadoras indicavam que a sequência interativa ganhava novos contornos, por exemplo, quando os sujeitos principais dos recortes elencados buscavam novos atrativos, iniciavam novas explorações e brincadeiras, divergentes do contexto evidenciado no início da sequência episódica.

Cada vídeo era assistido com bastante atenção, tínhamos ao lado um caderno para registrar os principais elementos de cada episódio, enfatizando as características que o aproximavam dos nossos objetivos de pesquisa.

Nessa etapa registrávamos os possíveis nomes dos episódios, integrantes, data, nome e duração total do vídeo, o recorte de minutos selecionado e a duração do episódio.

Esse tipo de análise permitiu a identificação de 88 (oitenta e oito) episódios interativos, filmados no espaço interno da sala do berçário.

É importante destacar que quando um determinado episódio fisgava a atenção da pesquisadora, este aparecia em uma descrição mais detalhada, exposta por texto em prosa. Esse tipo de registro nos indicava nossas futuras escolhas fílmicas para uma posterior análise, rica em detalhes das ações dos bebês e educadoras.

Esse movimento de selecionar é rotineiro na vida do pesquisador, pois por mais que os dados produzidos nos convidem à análise, temos a difícil tarefa de elencar um pequeno recorte que represente parte de um todo.

Devido ao número expressivo de cenas destacadas, nosso foco voltou-se exclusivamente para os usos dos espaços na sala de referência dos bebês, denominada Berçário. Após essa sondagem, organizamos os 88 episódios destacados no espaço interno do berçário em um quadro (APÊNDICE F).

Após a elaboração deste quadro geral, fizemos outra releitura do material produzido, agrupando os episódios em blocos de experiências similares, sendo estes denominados como: experiências com boliche, leitura para bebês, experiências no labirinto, experiências com latas, esconde-esconde, bolas no cesto, pega-pega, experiências com fita adesiva, experiências com caixas, desenhando círculos, festa de aniversário, brincadeiras com a baleia, experiências no espaço da alimentação, brincadeiras no Sítio do Seu Lobato, brincadeiras com a bandeira do Brasil, brincadeiras com o jacaré e dinossauro, experiências nos colchonetes.

Diante de um significativo número de episódios identificados no espaço interno, escolhemos 18 (dezoito) deles para uma análise mais detalhada. Estes episódios foram assistidos novamente e transcritos detalhadamente, atentando-se para os mínimos detalhes revelados nas ações dos bebês e educadoras. Revisitar e transcrever as cenas proporcionou a elaboração de questões norteadoras para posterior apresentação e debate com as educadoras nas ocasiões de reflexões dirigidas.

Cabe salientar que além dos episódios exibidos em vídeos, apresentamos também 05 (cinco) sequências interativas registradas por meio de fotografias, expondo, assim, um total de 23 (vinte e três) cenas protagonizadas pelos bebês e suas educadoras nos espaços do berçário.

Os dados empíricos selecionados proporcionaram diálogos pautados nos saberes das educadoras e foram agrupados em seis ocasiões/encontros de reflexões denominados de Móviles dos Saberes, elucidados a seguir.

3.5 MÓBILES DOS SABERES: ENCONTROS REFLEXIVOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PARA BEBÊS

Desde os primeiros dias em campo, explicamos para as educadoras os objetivos e procedimentos metodológicos que pretendíamos utilizar. Conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as entrevistas, observações seguidas de fotografias e videogravações dariam suporte para a construção dos encontros reflexivos, denominados de Móviles dos Saberes, tomando como referência para discussão os saberes docentes sobre a organização dos espaços para bebês e os usos destes espaços pelas crianças na creche.

Os encontros receberam o nome de Móviles dos Saberes em razão do móvel ser um objeto que está comumente associado à educação de bebês, também porque a sala do berçário possuía alguns móveis em formato de nuvem no teto conforme relatado. Outra característica importante que justifica a escolha é porque o móvel está em constante movimento, assim como a prática pedagógica e concomitantemente os saberes docentes.

Estas ocasiões foram desenvolvidas tendo como base a técnica denominada *autoscopia*, sendo esta:

[...] técnica de pesquisa e de formação que se vale de videogravação de ações de um ou mais sujeitos, numa dada situação, visando a posterior auto-análise delas. Em sua especificidade, a autoscopia supõe dois momentos essenciais: a videogravação propriamente dita da situação a ser analisada e as sessões de análise e reflexão (SADALLA; LAROCCA, 2004, p.421).

Dada a escolha metodológica de ancorar-se na elaboração de videogravações, traduzidas em episódios e questionamentos, a autoscopia mostrou-se uma técnica essencial para provocar a reflexão do contexto educativo que as educadoras do berçário faziam parte: “[...] a tecnologia de videogravação carrega o potencial de transformar em novidade a ser conhecida muitas daquelas realidades do dia-a-dia, que parecem tão familiares aos sujeitos” (SADALLA; LAROCCA, 2004, p. 423).

A pesquisadora, parceira e mediadora deste processo “[...] intervém intencionalmente na dimensão teórico-metodológica da profissão docente, de modo que a formação de professores seja também uma formação de pesquisadores” (ARAÚJO; MOURA, 2008, p. 99). Seguindo este propósito, a técnica metodológica denominada autoscopia instigou a presença de um olhar investigativo que a docência demanda, fomentando assim um ambiente de pesquisa formativo (LEITE; COLOMBO, 2006).

Para Nóvoa (2001), é no próprio ambiente de trabalho que o professor se desenvolve profissionalmente, pois “todo professor deve ver a escola não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende” (p.03).

Compartilhando desta acepção, os Móviles dos Saberes permitiram revisitar as cenas e cenários que as educadoras revestiam-se cotidianamente na docência com bebês, reapresentando com recursos audiovisuais o pleno exercício de suas funções profissionais.

Estes encontros reafirmaram a proposição de encarar a instituição educacional em que atuam como um ambiente altamente formador.

Neste sentindo, os Móviles dos Saberes representaram um espaço pensado e planejado em seu viés formativo. Compreendemos a formação profissional docente conforme Araujo e Moura (2008), na perspectiva do “não-acabado”, de um aprendizado contínuo, cujo aperfeiçoamento dar-se nas relações sociais vivenciadas nos múltiplos contextos que atua coletivamente.

Nesta ótica, estamos sempre nos formando, tendo em vista que a formação é intrínseca ao homem, denotando uma ação contínua, em andamento, inacabada: “[...] o Sentido de formar é sempre de um verbo conjugado no gerúndio” (ARAUJO; MOURA, 2008, p.77).

Nesta investigação, os Móviles dos Saberes emergiram com base nas experiências compartilhadas entre educadoras e bebês, sendo estas gravadas e apresentadas em vídeos, inicialmente lapidados pelo olhar da pesquisadora e a *posteriori* compartilhados com as educadoras como ponto de reflexão, provocando a análise do seu *locus* de trabalho por meio de registros fílmicos, suscitando suas falas em comunhão com os objetivos da pesquisa.

Nesse movimento as educadoras são consideradas atores relevantes no processo da pesquisa e não objetos passivos no decorrer da produção de dados.

Destacamos a potencialidade de analisar o contexto onde as educadoras que participam desta pesquisa atuavam, desdobrando na reflexão sobre a docência com bebês, bem como na organização dos espaços e materiais do berçário. Provocando assim discussões entre as educadoras e pesquisadora que elucidaram a configuração e reconfiguração dos saberes docentes. Respalando-se em Nóvoa (2001): “É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação” (s/p). Assumindo a relevância da formação em *locus*, esta investigação contribuiu para pensar a formação profissional das educadoras tomando como ponto de referência a realidade educacional que elas estão inseridas.

Envolvida por uma proposta de pesquisa sustentada pela acentuada parceria entre pesquisadora, educadoras e bebês, este estudo revelou-se um rico espaço de formação. Nos

encontros organizados pela pesquisadora, as falas das educadoras articulavam-se em torno das situações videogravadas; *contemplar* e *estranhar* são verbos que definem esses Móviles dos Saberes. O estranhamento foi primordial para repensar as experiências vivenciadas.

Como o campo da pesquisa é dinâmico, permitindo negociações, definimos junto às educadoras que estes encontros seriam realizados após o término do período de observações que ocorreu de julho a setembro. O mês de outubro destinou-se à análise dos dados produzidos e organização do material para discussão nos Móviles dos Saberes com as educadoras. Todas as fotografias, registros escritos nos diários de campo e filmagens foram minuciosamente analisados a partir de então.

No dia 07 de novembro retornamos a campo para análise do calendário de encontros, organizado pela pesquisadora. Foram combinados dez¹⁵ encontros, com início no dia 09/11 e término em 12/12. Decidimos que o melhor horário seria no momento do sono dos bebês, a partir das 10h, na sala do berçário. Segue o calendário de encontros definido neste dia.

Figura 44 – Cronograma dos encontros reflexivos

NOVEMBRO							DEZEMBRO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM
	1	2	3	4	5	6				1	2	3	4
7	8	9	10	11	12	13	5	6	7	8	9	10	11
14	15	16	17	18	19	20	12	13	14	15	16	17	18
21	22	23	24	25	26	27	19	20	21	22	23	24	25
28	29	30					26	27	28	29	30	31	

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

Os dois primeiros Móviles dos Saberes aconteceram nos dias 09 e 16 de novembro. Eles suscitaram discussões a partir de fotografias e questionamentos que focalizavam a organização dos espaços do berçário, bem como os usos desses espaços pelos bebês e educadoras.

O material para fomentar as discussões de todos os encontros foi organizado em *slides* (APÊNDICE G). As falas das educadoras foram audiogravadas.

O quadro exibido a seguir apresenta de modo sintetizado alguns elementos importantes referentes aos Móviles dos Saberes. Vejamos:

¹⁵Este calendário de encontros foi readaptado. Em novembro só conseguimos realizar dois encontros, pois a professora Sueli afastou-se das atividades profissionais por problemas de saúde. Os Móviles dos Saberes só retornaram em abril de 2017, onde realizamos mais quatro encontros: 08/01/2017; 06/05/2017; 20/05/2017; 01/08/2017, contabilizando seis encontros.

Quadro 07 – Síntese dos Móviles dos Saberes

Móviles dos Saberes Data/Duração	Temas	Dinâmicas
1º 09/11/2016 48min25seg	<p>*Organização dos espaços: contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI);</p> <p>*Espaço: componente curricular;</p> <p>*Espaços que trabalhem a identidade do grupo.</p>	<p>*Apresentação da proposta;</p> <p>*Exibição do cronograma de produção de dados;</p> <p>*Leitura do excerto das DCNEI;</p> <p>*Questões geradoras de debate;</p> <p>*Exposição dos registros fotográficos dos espaços do berçário seguidos de problematizações;</p> <p>*Síntese e combinados.</p>
2º 16/11/2016 44min04seg	<p>*Organização dos espaços: contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI);</p> <p>*Espaço: componente curricular;</p> <p>*Espaços que aproximam, convidam a explorações, interações e brincadeiras.</p>	<p>*Leitura do excerto das DCNEI;</p> <p>*Exposição dos registros fotográficos dos espaços do berçário seguidos de problematizações;</p> <p>*Síntese e combinados.</p>
3º 08/04/2017 02h53min14seg 4º 06/05/2017 02h46min26seg 5º 20/05/2017 02h31min37seg.	<p>*Organização dos espaços: contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI);</p> <p>*Espaço: componente curricular;</p> <p>*Espaços que aproximam, convidam a explorações, interações e brincadeiras;</p> <p>*Bebê – ator social competente;</p> <p>Ressignificação dos espaços com foco nas motivações e interesses dos bebês.</p>	<p>*Reapresentação do objetivo geral dos encontros;</p> <p>*Exibição do cronograma de produção de dados;</p> <p>Leitura do excerto das DCNEI;</p> <p>*Exposição dos episódios interativos protagonizados pelos bebês e suas educadoras nos espaços do berçário por meio de fotografias e vídeos seguidos de problematizações;</p> <p>*Síntese e combinados.</p>
6º 01/08/2017	<p>*Organização dos espaços: contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI);</p> <p>*Espaço: componente curricular;</p> <p>*Planejando os espaços para</p>	<p>*Reapresentação do objetivo geral dos encontros;</p> <p>*Exibição do vídeo <i>Assim se organiza o ambiente</i> seguido de questões geradoras de debate;</p> <p>*Apresentação das contribuições das DCNEI para pensar a organização dos</p>

01h46min55seg.	bebês; *Princípios balizadores para organização dos espaços: Espaço como terceiro educador; Criança como protagonista; Oferta de materiais diversificados; Favorecer múltiplos movimentos; Espaços para brincar e interagir; Foco nos espaços internos e externos; Nenhum espaço é marginal; Espaços que documentam; Espaço para além da metragem; Parceria entre espaço e educador.	espaços, tempos e materiais, sendo intercaladas as cenas protagonizadas nos espaços do berçário; *Exibição do videoclipe <i>O Explorador</i> ; *Sugestões de organizações dos espaços baseando-se em instituições nacionais; *Síntese dos princípios balizadores para organização dos espaços; *Avaliação dos Móveis dos saberes; *Agradecimentos e entrega de textos complementares.
----------------	---	--

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

O primeiro Móvel dos Saberes aconteceu na sala do berçário, no horário do sono dos bebês. Para iniciá-lo, relembramos o objetivo geral da pesquisa e o percurso percorrido até então. Explicamos porque os encontros seriam chamados de Móveis dos Saberes.

Figura 45 – 1º Móvel dos Saberes



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

Para começarmos as discussões tomamos como base as contribuições das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI). As Diretrizes consistem em um documento nacional, criado para estar norteando as práticas pedagógicas com crianças de 0 a 5 anos em instituições de educação infantil.

Em um primeiro momento questionamos se as educadoras conheciam as DCNEI e se a utilizavam no trabalho pedagógico com os bebês. Em seguida, pedimos para que falassem

suas impressões sobre a Organização de Espaço, Tempo e Materiais na Educação Infantil. Posteriormente, apresentamos o tópico das Diretrizes que balizam as propostas relacionadas a esta organização. Segue o trecho destacado para provocar reflexões:

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: [...] A indivisibilidade das dimensões expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança (BRASIL, 2010, p. 19).

Dando prosseguimento, continuamos com algumas questões que provocaram as falas das educadoras (VER APÊNDICE G). As perguntas se articulavam com o trecho destacado das diretrizes.

No primeiro encontro, os conteúdos discutidos permearam a concepção dos espaços para além da metragem, sendo eles entendidos como componentes essenciais no processo educativo dos bebês. Uma discussão muito pertinente também se deu no âmbito da organização de um espaço que identifique o grupo o mais próximo possível do real no que diz respeito a suas características étnico-raciais.

O segundo Móbile dos Saberes aconteceu na sala do berçário, durante o sono dos bebês. Este encontro seguiu a perspectiva do primeiro, anteriormente descrito. Portanto, as discussões levantadas explicitaram de forma clara o potencial educativo dos espaços e materiais que compõem o berçário.

Neste encontro trouxemos fotografias e questionamentos que contemplavam a organização dos espaços e materiais, assim como as ações dos bebês e educadoras a partir desses arranjos.

Figura 46 – 2º Móbile dos Saberes



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

Como exemplo das potencialidades que os espaços e materiais favorecem, trouxemos uma imagem que representava na rotina o momento de brincadeira livre, mediada pela exploração dos objetos e também o episódio *Empurra o brinquedo*, ilustrado em uma sequência fotográfica.

Esse conjunto de dados e indagações estimularam as falas das educadoras, sendo possível apreender os saberes docentes que estavam permeando a organização do espaço para os bebês.

O terceiro Móbile dos Saberes estava agendado para o dia 17/11/2016, mas, ao preparar os equipamentos para iniciá-lo, notei que Arthur não estava interessado em dormir. O garoto estava inquieto no berço. Perguntei às educadoras se poderia retirar o menino, elas consentiram. Fui até o berço, perguntei se o menino queria sair, ele disse que sim com o corpo, retirei o menino e o coloquei no chão. Ele se dirigiu ao local organizado para que o Móbile dos Saberes acontecesse. A pesquisadora deixou o menino explorar o material.

O seu olhar investigativo notou imediatamente que o berçário possuía um novo espaço e objetos a serem explorados. Suas investidas corporais explicitavam a compreensão de que nenhum espaço é marginal, todos os arranjos espaciais são convidativos à exploração, principalmente quando se trata de novos cenários. Arthur tocou as teclas do notebook, provocou sons no aparelho, sorriu como sinal de que estava gostando daquele tipo de exploração, ficou na ponta dos pés para melhor visualizar as imagens exibidas no computador.

Figuras 47 e 48 – 3º Móbile dos Saberes em 17/11/2016



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

Em respeito à decisão do garoto de não dormir no horário comum ao sono, remarcamos o terceiro encontro para a semana seguinte, afinal, o garoto dava indícios que queria explorar o entorno, demandando uma atenção maior dos adultos enquanto estivesse

acordado. Se continuássemos com a proposta do encontro e ignorássemos os pedidos do menino para sair do berço, não estaríamos agindo eticamente.

Na semana seguinte voltamos à creche para realizar o terceiro Móbile dos Saberes, mas fomos surpreendidos com a notícia de que a educadora Sueli tinha se afastado das atividades profissionais por problemas de saúde a partir do dia 24.11.2016.

O quadro de saúde dela era um pouco delicado, por isso precisou ficar em internação hospitalar, recebendo alta no dia 05/12/2016, acompanhada de atestado para repouso em casa. Desta forma, destacamos as interferências que não se pode controlar quando realizamos pesquisas. Por conta disso, reeditamos o cronograma da pesquisa.

Após o término do atestado médico, a educadora entrou de férias. Desde sua internação, entrei em contato diariamente para saber como ela estava, depois da alta médica, ela informou que continuava se recuperando em casa, com permanência de algumas dores na região acometida. Respeitamos este momento de descanso e combinamos de retornar os encontros quando as educadoras retornassem das férias, sugerindo a possibilidade de fazê-los em outro espaço e horário, alheio ao da creche.

O ano letivo da creche começou no dia 12/02/2017. Entrei em contato com as educadoras, Sueli continuava realizando exames e relatou que ainda se sentia indisposta. Além disso, os bebês estavam no período de adaptação e as educadoras estavam muito ocupadas tentando organizar a rotina das crianças; assim sendo, combinamos de retornar os encontros em março.

No entanto, neste período a pedagoga Sueli aderiu a greve do magistério iniciada no município de Nossa Senhora do Socorro/SE. A greve terminou no final de março, e Sueli retornou às suas atividades.

No dia 06/04/2017 fui até a creche conversar com as educadoras e definimos novamente a data, horário e local do nosso retorno. É importante destacar que esses meses sem a realização dos encontros reflexivos foi importante, pois permitiu uma análise mais minuciosa dos dados produzidos durante as observações em campo.

Nesse período assistimos a todos os vídeos, revemos todas as fotos e entrevistas, por fim, montamos os encontros. Combinamos que os encontros seriam realizados aos sábados. O calendário ajustou-se a predisposição das educadoras.

Retornamos no dia 08/04/2017, com a realização do nosso terceiro Móbile dos Saberes, desta vez realizado em uma sala de aula no prédio da Didática VI, localizado na

Universidade Federal de Sergipe – Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos - Campus São Cristóvão/SE. O encontro aconteceu das 08h às 12h¹⁶.

Figura 49– 3º Móbile dos Saberes em 08/04/2017



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

Para iniciar as discussões, relembramos o objetivo da pesquisa e apresentamos uma síntese da nossa trajetória metodológica no que diz respeito a produção de dados. Trouxemos também uma proposta de cronograma novo para o mês de abril. Mas as educadoras não confirmaram o quarto encontro para 29.04 porque o fim de semana antecedia o feriado de 1º de maio, então o realizamos em maio.

Antes de apresentar para as educadoras as imagens e vídeos produzidos no berçário, relembramos que as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (BRASIL, 2010) reforçam a importância de pensar a organização dos espaços, tempos e materiais.

Posteriormente expomos as ações das educadoras e crianças nos espaços do berçário, com base em fotografias e vídeos produzidos durante a pesquisa, sendo estes acompanhados por perguntas que se articulavam aos episódios expostos¹⁷.

Neste encontro exibimos 04 (quatro) episódios, registrados em fotografias: Experiências no Sítio de Seu Lobato; Pega-pegas; Experiências com boliche; Esconde-esconde na cortina.

Para exemplificar os questionamentos elencados, eis as perguntas geradoras do debate após a exibição do episódio Experiências no Sítio do Seu Lobato: Como esse espaço costuma ser utilizado? Quais atividades são realizadas nele? Qual atividade está sendo realizada no

¹⁶ Os 3º, 4º e 5º Móviles dos saberes foram realizados aos sábados, neste mesmo local e horário.

¹⁷ Os 3º, 4º e 5º encontros seguiram essa metodologia.

momento deste vídeo? Como essa atividade inicia-se? Como ela se apresenta na rotina do berçário? O que as ações das crianças e educadora nos revelam sobre esse espaço?

Cabe salientar que também apresentamos fotografias que não pertenciam a episódios, mas mostravam os bebês e educadoras em interação e exploração nos diversos espaços do berçário. Essas imagens vinham acompanhadas da seguinte questão: o que esse espaço comunica?

Em articulação com as imagens e vídeos, trouxemos para os encontros as falas (transcritas) das educadoras no momento das entrevistas. Essas falas dialogavam com os momentos congelados em imagens, representavam a ampliação do dito para o vivido, pois os dizeres das educadoras durante as entrevistas se materializaram nos dias que estivemos em campo, vendo, sentindo e registrando em fotos ou vídeos o que ouvimos.

Assim que todas as fotografias selecionadas foram apresentadas, suscitando as falas das educadoras, fizemos uma pausa para o lanche e retornamos com a segunda parte do encontro, momento no qual as educadoras tiveram contato com as cenas gravadas em vídeo pela pesquisadora durante a produção de dados.

Conforme anunciamos anteriormente, escolhemos 18 (dezoito) episódios interativos registrados em vídeo para apresentar e discutir com as educadoras. Neste encontro expomos e discutimos 04 (quatro) episódios a seguir apresentados:

Quadro 08 – Episódios do 3º Encontro

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutações selecionada	Duração
Experiências com boliche	Sueli; Arthur; Dennis; Kiara; Werick; Lara; Eraldina; Henry	28/07/2016 MOV01790 22':18"	00':00" – 08':31"	08':31"
Experiências com boliche	Sueli; Kiara; Lara; Arthur; Dennis; Werick	14/09/2016 M2U00078 19':41"	03':07" – 05':58"	02':51"
Leitura para bebês	Sueli; Eraldina; Werick; Dennis; Kiara; Arthur; Lara	14/09/2016 M2U00077 15':29"	00':00" – 07':30"	07':30"
Experiências no labirinto	Werick; Sueli	02/08/2016 MOV01877 15':32"	10':39" – 12':41"	02':02"

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2016.

Antes da visualização dos vídeos, a pesquisadora explicou para as educadoras o que era um episódio. Ancorando-se em Pedrosa e Carvalho (2005), denominamos episódio uma

sequência interativa, onde bebês e educadoras estão interligados, tecendo relações interativas. Para compor estes episódios, observamos como essa sequência deu início e como terminou. Todos os episódios que elegemos para analisar nos encontros reflexivos têm relação com a organização dos espaços do berçário e suas implicações educativas.

Logo em seguida foram apresentados os episódios selecionados. Assim que o episódio chegava ao fim, a pesquisadora parava o vídeo e fazia algumas perguntas. Cabe pontuar que não ficávamos presos aos questionamentos previamente concebidos e expostos nos *slides*, no decorrer das falas das educadoras novas perguntas surgiam.

Para exemplificar, serão expostas as perguntas relacionadas aos episódios que retratam experiências com boliche: como essa atividade foi pensada? O que as ações das crianças nos dizem a respeito dessa proposta inicial? Qual o papel das educadoras nessa atividade? O que o espaço e materiais favorecem? Quando vocês começam a ensinar para as crianças as regras para brincar com boliche o que acontece? O que as ações dos bebês comunicam?

No final do encontro ouvíamos as opiniões das educadoras sobre as seguintes questões: Para vocês como está sendo esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram? O que o conjunto de imagens e vídeos apresentado fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais?

Para finalizar, após as falas das educadoras, expomos e discutimos algumas citações de autores e obras que trabalham com a perspectiva de pensar a organização dos espaços destinados às crianças na educação infantil, pois compreendidos em seu potencial educador, eles são elementos-chave na proposta pedagógica da creche.

O quarto e quinto Móbile dos Saberes foram realizados nos dias 06/05/2017 e 20/05/2017. A educadora Eraldina não pôde comparecer ao quarto encontro.

Figura 50 – 4º Móbile dos Saberes



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

Figura 51 – 5º Móbile dos Saberes



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

No quarto Móbile dos Saberes expomos e discutimos 08 episódios. Tais cenas interativas são detalhadas no quadro a seguir.

Quadro 09 – Episódios do 4º Encontro

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com latas	Sueli; Werick; Kiara; João; Lara; Dennis; Eraldina; Nikolly; Henry	02/08/2016 MOV01871 30':47"	00':00" - 15':00"	15':00"
Experiências com latas	Arthur; Sueli; Eraldina; Nikolly; Dennis; Kiara	12/09/2016 M2U00075 04':37"	00':00" – 03':05"	03':05"
Esconde-esconde na cortina	Werick; Sueli; Kiara; Arthur	16/08/2016 MOV01988 01':58"	00':00" - 01':58"	01':58"
Esconde-esconde no tecido	Werick; Sueli; Nikolly; Dennis	02/08/2016 MOV01876 22':16"	16':21" – 20':10"	03':49"
Bolas no cesto	Henry; Sueli; Lara	22/08/2016 MOV02046 03':47"	00':00" – 03':47"	03':47"
Colando bolas na fita adesiva	Sueli; Dennis; Henry; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	04/08/2016 Vídeo final 411 18':50"	00':00" – 06':23"	06':23"
Pega-pegas	Dennis; Henry; Eraldina; Lara; Nikolly; Kiara	31/08/2016 MOV02080 05':18"	00':00" – 02':00"	02':00"
Pega-pegas	Sueli; Kiara; Lara; Arthur; Dennis; Werick	14/09/2016 M2U00004 07':05"	02':06" – 03':51"	01':45"

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

Ao finalizar as falas enunciadas com base nos episódios apresentados em vídeo, lançávamos perguntas para saber como estava sendo para as educadoras o movimento de revisitar as cenas registradas na turma do berçário que atuavam. Após os dizeres da educadora Sueli sobre como os Móviles dos Saberes repercutiam na sua formação e atuação, o 4º encontro foi encerrado.

No quinto Móbile dos Saberes, expomos e discutimos os 06 últimos episódios selecionados, apresentados a seguir.

Quadro 10 – Episódios do 5º Encontro

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutações selecionada	Duração
Experiências com caixas	Henry; Lara; Nikolly	31/08/2016 MOV02077 12':07"	00':00" – 09':37"	09':37"
Experiências com bolas	João e Arthur	12/09/2016 M2U00072 09':12"	00':00" – 04':17"	04':17"
Olha o aviãozinho	Henry; João; Werick; Sueli	24/08/2016 MOV02050 30':47"	22':16" – 24':43"	02':27"
Pegando minha cadeira ¹⁸	Sueli; Kiara; Lara; Dennis	16/09/2016 M2U00079 10':32"	01':07" – 04':07"	03':00"
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Eraldina; Werick; Kiara; Nikolly; Dennis	05/09/2016 MOV02095 07':01"	01':52" – 04':05"	02':13"
A canoa virou	Sueli; Eraldina; Nikolly; Dennis; Kiara; Arthur	09/09/2016 M2U00071 10':46"	03':56" – 10':46"	06':42"

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

Para finalizar, ouvíamos os dizeres das educadoras sobre as contribuições dos Móveis para formação e atuação com bebês, em especial, para pensar a organização dos espaços e materiais.

Em seguida, a pesquisadora agradeceu a aceitação e envolvimento das educadoras na proposta da pesquisa e lembrou alguns momentos de discussão, atentando para o que o conjunto de imagens e vídeos apresentados possibilitou pensar e repensar sobre a organização dos espaços, tempos e materiais.

O sexto e último Móvel dos Saberes aconteceu no dia 01 de agosto de 2017 na Creche Vovô Jason Góis da Silva, após o turno de trabalho das educadoras. Começamos o encontro às 12h e encerramos às 14h. Ele aconteceu na sala dos professores.

Buscou-se sintetizar as discussões tecidas durante os cinco encontros realizados com as educadoras. Com o auxílio de *slides*, a pesquisadora teceu considerações a respeito das bases teóricas que sustentam a pesquisa sobre a organização dos espaços para bebês.

¹⁸ Este episódio não aparece no corpus da nossa análise porque apresenta elementos distintos do arcabouço analítico que recai sobre as explorações, interações e brincadeiras tecidas nos espaços do berçário. A sua análise conduziu a percepção da intrínseca relação espaço-tempo, evidente nas ações protagonizadas por Kiara ao tentar pegar sua cadeira de alimentação quando percebe a chegada da lactarista na sala do berçário.

Figura 52 – 6º Móbile dos Saberes



Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

A pesquisadora começou o encontro lembrando o objetivo da pesquisa e assegurando que ele foi alcançado devido à escuta atenta das falas das educadoras durante a produção de dados, ressaltando que os olhares que as educadoras tinham sobre a organização dos espaços foram se redesenhando a partir do que discutimos nos encontros reflexivos.

A exposição foi guiada pelas considerações do vídeo “Assim se organiza o ambiente”, realizado pelo Instituto C&A e produzido por Olho de Peixe Filmes. A escolha do referido recurso audiovisual deu-se em razão de ser uma produção que resume os princípios que balizam a organização dos espaços para educação infantil, trazendo e enfatizando a perspectiva que discutimos nos encontros: um espaço que vai muito além da metragem, que pode atuar como um terceiro educador, dialogando com a proposta pedagógica dos educadores, sendo um componente curricular essencial na educação e por isso precisa ser pensando desde a etapa do planejamento até o processo de avaliação, atentando-se para como as crianças se envolvem nestes espaços e o que pensar e repensar a partir do que as ações das crianças nos indicam.

Após a exibição do filme, trouxemos as seguintes questões geradoras do debate: os espaços que os bebês vivenciavam na Creche Vovô Jason dialogam com a perspectiva do vídeo? Quais contribuições o vídeo traz para pensar a organização dos espaços para bebês?

Prosseguindo, foram apresentadas as contribuições proferidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil para pensar a organização dos espaços, tempos e materiais. As recomendações ganharam forma por meio do intercâmbio das vivências dos bebês e educadoras, captadas durante o período de produção de dados. Cada indicação proposta pelas DCNEI era debatida e ilustrada com imagens e falas que evidenciavam as cenas protagonizadas nos espaços do berçário investigado.

Logo após, exibimos o clipe “O Explorador”, do grupo Palavra Cantada. O vídeo coaduna com a concepção de criança reconhecida como ator social competente, disposta a explorar todos os espaços que faz parte do seu cotidiano desde a mais tenra idade. As cenas demonstram inúmeros bebês envolvidos na complexa experiência de dar seus primeiros passos, contribuindo assim para a ampliação de suas experiências sensoriais. Os adultos são figura-chave nestes estímulos, apoiando as iniciativas infantis de descobrir o mundo.

Continuando, trouxemos experiências de outras creches no que tange a ampliação dos olhares sobre a organização dos espaços. Neste momento enfatizamos ainda mais a concepção do espaço como elemento essencial na abordagem educacional. As sugestões englobam desde o *hall* de entrada até os espaços que contemplam as salas de referências para bebês. Tais proposições foram selecionadas com base no conjunto de textos que nortearam a pesquisa teoricamente. Focalizamos na constituição de espaços e materiais que convidem às brincadeiras e interações, respeitem e demarquem as identidades das crianças, trabalhem as questões étnico-raciais¹⁹, favoreçam as explorações sensoriais, promovam desafios e autonomia, possibilite o contato com a literatura.

Dissertamos sobre um espaço lúdico, rico em aprendizagens, guiado e sintetizado pelos seguintes princípios balizadores: espaço como terceiro educador; criança como protagonista; oferta de materiais diversificados; espaços que favorecem múltiplos movimentos; espaços para brincar e interagir; foco nos espaços internos e externos; nenhum espaço é marginal; espaços que documentam; espaço para além da metragem; parceria entre espaço e educador.

Para finalizar, lançamos os seguintes questionamentos: para vocês, como foi esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram? O que o conjunto de imagens e vídeos apresentados fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais? Tais questões permearam nossos encontros com o objetivo de ouvir das educadoras as contribuições que as discussões tecidas provocaram.

Neste sentido, o movimento da pesquisa deu-se em razão de tentar contribuir com o campo de estudo investigado. Essa contribuição é evidenciada pela elaboração dos Móviles

¹⁹ Para realçar essas questões foi exibido um recorte do vídeo Educação Infantil - Organização dos espaços físicos e dos materiais (08':28" – 11':02"). Este material foi produzido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), Instituto Avisalá, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e Ministério da Educação (MEC). Esta produção expõe um projeto de educação infantil e igualdade racial tendo como foco a organização dos espaços e materiais para promoção da diversidade étnico-racial. O trecho do vídeo apresentado refere-se primordialmente arranjos espaciais para bebês.

dos Saberes, encontros reflexivos responsáveis por resgatar e problematizar com foco no nosso objeto de estudo, momentos vivenciados na rotina dos bebês e educadoras que fazem parte desta pesquisa.

Seguindo esta premissa, nossa investigação trabalhou ancorada na perspectiva de uma pesquisa formativa, ouvindo as educadoras, prestando atenção às falas dos bebês e problematizando a prática realizada.

Esse conjunto de dados produzidos nos seis encontros demonstrou como os saberes das educadoras em relação à organização dos espaços para bebês são construídos e nos deram pistas de como esses saberes podem ser aperfeiçoados.

Para embasar teoricamente os saberes das educadoras, pensando em sua formação, foram confeccionados e entregues, no último encontro da pesquisa, dois módulos com textos que contemplam as referidas temáticas: a) A docência com bebês; b) Espaços e experiências na educação infantil. Os sumários dos respectivos conjuntos de textos encontram-se nos apêndices desta dissertação (APÊNDICE H e I).

A produção do material foi pensada no decorrer da produção de dados, emergiu da necessidade expressa pelas educadoras em se aproximarem de referenciais que pudessem guiar seus fazeres com os bebês. Os módulos com os textos só foram entregues no último encontro, pois se entregássemos antes, a leitura poderia interferir nos posicionamentos das educadoras e concomitantemente no nosso objetivo de compreender os saberes docentes que permeiam a organização dos espaços para elas.

3.6 ANALISANDO DADOS E CONSTRUINDO CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para finalizar nossas considerações a respeito da metodologia que conduziu nossa pesquisa, destacamos como se deu a organização da análise dos dados produzidos.

Em razão dos nossos documentos de análise emergirem em maior proporção das falas das educadoras por meio de entrevistas e encontros reflexivos, buscamos uma proposta de análise que nos permitisse debruçar sobre os enunciados proferidos, na busca por sua interpretação.

A análise dos dados produzidos foi realizada mediante os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2007). Sendo assim, encontramos na análise de conteúdo o apoio necessário para guiar nosso olhar investigativo. Este tipo de análise sustenta nosso trabalho porque acreditamos no potencial informativo das mensagens proferidas pelas falas das educadoras. Referenciando-se em Bardin (2007), a análise de conteúdo representa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 37).

Seguindo esta premissa, as mensagens proferidas pelas educadoras foram audiogravadas, escutadas e transcritas pela pesquisadora, resultando em um material escrito que posteriormente foi lido com atenção.

A transcrição e leitura cautelosa permitiram captar os conteúdos das mensagens, atentando-se para o contexto social propulsor delas, marcado por influências profissionais e pessoais que estes sujeitos faziam parte.

Desta forma, apoiamos nossa escolha nos dizeres de Franco (2008): “[...] a emissão das mensagens, sejam elas verbais, silenciosas ou simbólicas, está necessariamente vinculada às condições contextuais de seus produtores” (p.12). Portanto, considera-se o lugar de fala dos sujeitos, pois eles são constituídos pelas inúmeras influências sociais que os compõem.

Conforme Bardin (2007) explica: “[...] o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados” (p. 33). É nesse sentido que surgem as inferências, marcadas por uma análise atenta as informações contidas nas mensagens, nos conhecimentos lapidados por meio de seus conteúdos.

Porém, para alçar o arcabouço de inferências e construção de conhecimento, a análise de conteúdo sustenta-se em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Nesta primeira fase, denominada pré-análise, Bardin (2007) indica que uma das primeiras atividades realizadas consiste na *leitura flutuante*, trata-se das primeiras aproximações com os documentos que comporão a pesquisa. Neste caso específico, começamos esta etapa pela transcrição e leitura das entrevistas e encontros reflexivos, onde tivemos as primeiras impressões e orientações a respeito das mensagens veiculadas.

Dando prosseguimento, é feita a escolha dos documentos que serão analisados. Desde o início da produção de dados elegemos como espaços propulsores das falas das educadoras as entrevistas e encontros reflexivos. Desta forma, fomos guiados pela *Regra da homogeneidade*, neste tipo de seleção: “os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha” (p. 91). Conforme apresentado anteriormente,

as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e os encontros reflexivos foram delineados com aspectos em comum.

Outra regra adotada corresponde a *Regra de Pertinência*, cujos “documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (p. 92). Portanto, priorizamos a construção de documentos que dialogassem com nossos objetivos investigativos.

Após a escolha dos documentos de análise, partimos para a preparação do material. Nessa etapa, ouvimos e transcrevemos todo o material audiogravado durante a pesquisa. Cada entrevista ou encontro reflexivo foi transcrito na íntegra, separadamente, para que posteriormente pudéssemos explorá-los. Chegado este momento, finalizamos a pré-análise, adentramos agora na etapa de exploração do material.

A exploração do material deu-se pela leitura atenta de todas as falas transcritas. Guiando-se pelas orientações teóricas que sustentam nosso objeto de estudo, codificamos os nossos dados. Como aparato para os recortes textuais significativos, líamos as mensagens enunciadas pelas educadoras nos momentos propulsores de suas falas e identificávamos os conteúdos explícitos nos seus dizeres.

O corpus das narrativas das educadoras entrelaça-se às brincadeiras, explorações e interações protagonizadas nos espaços do berçário. Essas falas foram conduzidas pelos episódios interativos selecionados pela pesquisadora. Portanto, o campo fez emergir a seguinte categoria: Espaços que aproximam e convidam às brincadeiras e explorações. Dentro desta categoria, as falas das educadoras nos Móveis dos Saberes evidenciaram alguns temas que foram trabalhados ao longo das análises, no quadro a seguir é possível visualizá-los:

Quadro 11 – Categoria e temas que permeiam as análises

ESPAÇOS QUE APROXIMAM E CONVIDAM ÀS BRINCADEIRAS E EXPLORAÇÕES.
<ul style="list-style-type: none"> • Pensando a organização dos espaços: começando pelo planejamento; • Espaço como parceiro pedagógico; • Espaço propulsor de relações sociais e brincadeiras; • Bebê potente - negação do ofício de aluno; • O espaço como terceiro educador; • Nenhum espaço é marginal: os bebês exploram todos os espaços; • Educador como narrador das experiências tecidas nos espaços; • Reconfiguração dos saberes docentes no que concerne a organização dos espaços para bebês.

Fonte: Acervo da pesquisadora. 2017.

A categoria e temas expostos permitiram a produção de inferências e interpretações que serão explicitadas na seção seguinte. Cabe salientar que os principais pontos das falas das educadoras estão destacados em **negrito**.

4 ESPAÇOS QUE APROXIMAM E CONVIDAM ÀS BRINCADEIRAS E EXPLORAÇÕES

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(Manoel de Barros)

A epígrafe que inicia esta seção chama atenção para uma compreensão primordial nas pesquisas sobre a organização dos espaços para as crianças: os arranjos espaciais não são considerados importantes por conta de suas extensões métricas, mas sim pelos encantos que podem provocar nos sujeitos que o experimentam.

Compreendendo o espaço como componente curricular essencial no trabalho com bebês, nesta seção elucidamos as falas das educadoras, articuladas às ações das crianças nos espaços do Berçário.

Essas narrativas e episódios interativos protagonizados por bebês e educadoras são contornados pelas contribuições teóricas que embasam as discussões sobre a dimensão pedagógica dos espaços na educação infantil.

Os espaços do berçário constituem-se pelas dinâmicas humanas em lugares onde interações, explorações e brincadeiras fazem presença constante. Nesse sentido, os episódios discutidos nos Móveis dos Saberes explicitam que os arranjos espaciais do berçário ecoam vida e movimento, pois lançam, sustentam e ampliam inúmeras experiências lúdicas aos bebês e suas educadoras, conforme apresentaremos.

Levando em consideração o expressivo contexto de explorações, interações e brincadeiras delineadas pelos bebês e educadoras nos espaços do berçário investigado, apresentaremos essas experiências em dois grandes blocos de análise.

O primeiro bloco ressalta a agência dos sujeitos desta pesquisa nos arranjos espaciais, destacando as explorações, interações e brincadeiras nos espaços do berçário em parceria com as educadoras. São discutidos quatorze episódios, sendo expostos na respectiva sequência: Experiências no Sítio de Seu Lobato (dois episódios); Leitura para bebês (um episódio); Experiências com boliche (dois episódios); Colando bolas na fita adesiva (um episódio); Experiências com latas (dois episódios); Esconde-esconde na cortina (dois episódios);

Esconde-esconde no tecido (um episódio); Pega-pegas (um episódio); Olha o aviãozinho (um episódio); A canoa virou (um episódio).

Chama atenção nesses episódios à constituição de um espaço lúdico e relacional onde o grupo compartilha experiências e em alguns momentos engaja-se em práticas de reconfiguração dos sentidos e significados atribuídos aos arranjos espaciais, ajustando-os aos interesses e motivações expressos pelos bebês.

O segundo bloco de análise explicita em cinco episódios os “convites” feitos pelo espaço para o desenvolvimento de explorações, interações e brincadeiras. No entanto, em contraste aos episódios apresentados no primeiro bloco, há uma descentralização da figura do adulto, pois os bebês se relacionam com seu meio físico e social, seguindo, prioritariamente, os desafios propostos pelos arranjos espaciais, dando ênfase à percepção do espaço enquanto terceiro educador. Os episódios discutidos são os seguintes: Empurra o brinquedo; Experiências no labirinto; Experiências com bolas; Bolas no cesto; Experiências com caixas.

Para finalizar, destacamos o caráter formativo dos Móveis dos Saberes, apresentando e discutindo as falas das educadoras diante dos seguintes questionamentos: para vocês como está sendo esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram? O que o conjunto de imagens e vídeos apresentados fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais?

4.1 BRINCAR, EXPLORAR E INTERAGIR: SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AOS ARRANJOS ESPACIAIS PELOS BEBÊS E SUAS EDUCADORAS

Brincadeiras, explorações e interações permeiam os saberes docentes no que concerne a organização dos espaços para os bebês. A evidência de um espaço vivo e dinâmico, ajustado aos interesses e motivações do universo infantil é destaque nas falas das educadoras no primeiro Móvel dos Saberes. Antes de exibirmos os episódios interativos protagonizados por bebês e educadoras, evidenciamos os primeiros posicionamentos que configuram os saberes docentes no que concerne a organização dos espaços para bebês. Vejamos a seguir as falas das educadoras:

Vem **brincar**. Porque a gente **brincando desenvolve** muita coisa, **integra a amizade** deles (Eraldina, Primeiro Móvel dos Saberes, 2016).

Espaço, eu penso geralmente **o ambiente** que eu estou aqui. **Sala de aula**. No nosso caso é **a sala do berçário**. **É um todo**. Como é que eu posso dizer? **Conjunto**, aí. Pegou agora (Sueli, Primeiro Móvel dos Saberes, 2016).

Adequação. Vamos botar a palavra adequação. Vije! Adequação. Porque o espaço já pode ser adequado, mas além de ser adequado **ele precisa de vida**. Essa vida é **movimento, é cor. Simbologia.** O que você quer dizer com simbologia? É, tudo que tem aqui nessa sala (Sueli, Primeiro Móbile dos Saberes, 2016).

Espaço tem que ser **motivador**. Ele pode ser um espaço adequado, mas sem motivação, pode estar tudo no lugarzinho certinho, mas mesmo assim não vai proporcionar crescimento se o que estiver tudo arrumadinho não **interagir com o seu planejamento**, não é? (Sueli, Primeiro Móbile dos Saberes, 2016).

O espaço por si só é somente o corpo. Sem movimento (Sueli, Primeiro Móbile dos Saberes, 2016).

Adequação, vida, cor, simbologia, ludicidade, que quer dizer isso, **fantasia** que também é do lúdico, **motivação e integração** (Educadoras, Primeiro Móbile dos Saberes, 2016).

A educadora Eraldina começou seus posicionamentos evidenciando em sua fala a importância que as brincadeiras e interações representam para a educação infantil. O brincar é retratado como meio fundamental para a criança desenvolver-se. Nesse sentido, a organização dos espaços para esta educadora deve ter como eixo fundamental o delineamento de brincadeiras e interações. É importante salientar que a fala de Eraldina contempla os eixos que, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010), balizam seus currículos: brincar e interagir.

Espaços que convidam os bebês para brincadeiras e interações é destaque nas preposições de Horn (2015). Segundo a autora, os espaços destinados a crianças pequenas constituem-se ou precisam se configurar por meio de desafios, ou seja, arranjos espaciais marcados pela agência das crianças, cenários convidativos a brincadeiras e recheados de aproximações, proporcionando interações entre as crianças e os adultos, favorecendo e ampliando suas aprendizagens.

Nessa perspectiva, o espaço é reconhecido e valorizado para além de sua metragem (AGOSTINHO, 2004; SIMIANO; VASQUES, 2011). A educadora Sueli coaduna com exposto ao destacar a importância de organizar espaços adequados para o grupo de crianças, contemplando os elementos arquitetônicos e paisagísticos como promotores das experiências que serão vivenciadas cotidianamente com as crianças. A educadora chama atenção para pensar a organização dos espaços em consonância com o planejamento pedagógico, focalizando as motivações e interesses do grupo. A educadora evidencia em sua fala as vidas que pulsam e contornam os arranjos espaciais do berçário investigado, destacando os

múltiplos movimentos orquestrados por bebês e educadoras em meio às cores e elementos simbólicos presentes nas paredes, portas, teto, janelas da sala.

Seguindo essa ótica, as ações das crianças e educadoras nos espaços foram desenhando e redesenhando formas de ocupação. Em todos os episódios, a concepção de criança ativa é explicitada pela agência que as crianças demonstravam ter ao explorarem, brincarem e interagirem nos arranjos espaciais ao passo que atribuíam novos sentidos ao seu meio físico e social.

A categoria de ator social competente que emergiu nas ações protagonizadas pelos bebês fica evidente em cada uma das situações vivenciadas por estes pequenos. É essa ideia de um bebê potente que entrelaça os usos dos espaços e encaminha os saberes das educadoras, redimensionando seus olhares para possíveis ajustes no que concerne à organização dos espaços e experiências que eles podem produzir.

Dentre os espaços que constituem o berçário, o arranjo espacial denominado Sítio do Seu Lobato expressa o potencial educativo dos espaços que contemplam a educação infantil. Esse arranjo espacial promoveu inúmeras experiências que entrelaçaram brincadeiras, explorações e interações entre os bebês e suas educadoras na rotina do berçário investigado.

Com base nas falas das educadoras, este espaço foi planejado levando em consideração as motivações e interesses dos bebês. Trata-se de um painel com figuras de animais comumente encontrados no bairro que os bebês residem. De acordo com as educadoras, a ideia da organização do painel surgiu a partir das vibrações das crianças ao som da música “Sítio do Seu Lobato”, interpretada pelas animações de Bob Zoom e Galinha Pintadinha, reproduzida por recursos audiovisuais (TV e aparelho de DVD). No entanto, as educadoras ampliaram o leque de possibilidades pedagógicas que o Sítio do Seu Lobato poderia suscitar por meio de outros recursos:

Eu fui a uma feira e encontrei o **livro do Seu Lobato**, ai disse: **“Olha, vou tirar da televisão e vou levar para o livro!”** E a televisão, é fascinante, mas assim, a gente não tem uma, **a gente não consegue interagir muito com a criança com a televisão ligada.** Então, tanto que hoje, Eraldina está comigo e **a gente não sente falta da televisão.** Mas no início foi fácil para você? (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Tinha que colocar logo a televisão. Quando os meninos chegavam: vamos botar logo a televisão (Eraldina, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

As falas das educadoras são importantes para problematizar o uso exacerbado dos aparelhos televisivos nos ambientes educativos. Os recursos audiovisuais atraem facilmente

os olhares das crianças, sendo altamente educativos quando intencionalmente planejados para tal finalidade.

Portanto, seus usos merecem atenção especial no que se refere à escolha, tempo e qualidade do material exposto. Por estabelecer fascínio facilmente, as telas ofuscavam as brincadeiras e interações do grupo, conforme relataram as educadoras, ao passo que guiavam os olhares das crianças para o conteúdo exposto em vídeo, condicionando seus corpos a permanecerem em um determinado espaço, com olhos vidrados nas animações que eram exibidas.

Baseando-se na experiência do berçário investigado, percebemos que uma nova organização espacial modifica o leque de experiências que o grupo terá. Com a percepção da inibição das relações sociais, tendo em vista a característica de adestramento corporal que a TV demonstrava possuir. As educadoras refletiram sobre uma nova organização espacial e decidiram retirar a televisão da sala do berçário com objetivo de promover um espaço cujas trocas interativas entre o grupo prevalecessem. Para Horn (2015) a relação humana é a base para qualquer proposta pedagógica, pois o ser humano se constrói e reconstrói em constante contato com o outro, nos diversos espaços que atua. Reconhecendo o lugar primordial que a interação social ocupa no desenvolvimento humano, a educadora Sueli salienta a ampliação das relações sociais no agrupamento etário após a retirada da televisão e planejamento do espaço denominado Sítio do Seu Lobato:

[...] a gente **nem conversava**, a gente **não prestava muito atenção à criança**. [...] Eu vou pegar essa **ideia** que é maravilhosa da musiquinha do Seu Lobato e vou **colocando no painel** e **colocando em nós essa atividade**. Que **o autor principal** naquele momento, quem vai estimular somos **nós**. A **criança** tem que ter um **olhar pra gente**. Porque se a gente tem **o olhar para a criança**, a criança vai ter um **olhar para os outros** [...] Você pode começar a conversar com a criança com televisão ligada, ou com qualquer adulto [...], mas a gente vai desviar o olhar. [...] Então, você está **perdendo um tempo precioso com aquelas crianças**. Então assim, a gente passa a manhã com eles. **Comunicando o tempo todo com eles** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A fala em destaque enfatiza a percepção do uso da televisão como mecanismo que retrai a dinamicidade das relações entre os bebês e educadoras. Tal observação conduziu as educadoras a reorganizarem os espaços do berçário. A observação atenta das ações e reações das crianças pelas educadoras aponta para a compreensão de que os arranjos espaciais carregam marcas que nos indicam as cenas que podem ocorrer ou não devido aos móveis, brinquedos e objetos disponíveis (HORN, 2004; GUIMARÃES; KRAMER, 2009).

O tempo dedicado aos comandos do vídeo foi substituído pela qualidade da relação social olho no olho, por inúmeras explorações, interações e brincadeiras que emergiram em um contexto pedagógico vivo e dinâmico. A vivacidade que engloba a turma do berçário tornou-se perceptível e potencializada pelas experiências proporcionadas sob a influência do arranjo espacial denominado Sítio do Seu Lobato, sendo um canto da sala onde as crianças e educadoras em poucos segundos estavam em uma fazenda, tecendo brincadeiras e interações suscitadas pelos personagens expostos no painel.

No terceiro encontro reflexivo, apresentamos um episódio interativo capturado em fotografias no qual é possível visualizar e recordar algumas das experiências compartilhadas neste espaço.

Quadro 12 – Episódio Experiências no Sítio do Seu Lobato

Episódio	Integrantes	Data
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Arhur; Kiara; Dennis; Lara; Nikolly	25/07/2016

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Com base nos registros foi feito o seguinte questionamento: o que este espaço comunica? Vejamos as imagens e logo depois as falas das educadoras:

Figura 53 – Imitando um cachorro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 54 – Imitando os animais



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 55 – Brincadeiras no Sítio

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 56 – Brincadeiras no Sítio 04

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As fotografias expressam uma das atividades que acontecia com grande frequência no berçário. Nas figuras, a educadora Sueli brinca com os bebês de imitar os animais.

Na primeira e segunda imagem a educadora se aproxima de Arthur (12 meses) imitando um cachorro, o garoto demonstra o aceite ao convite à brincadeira através de sorrisos e gritos que pareciam simular medo do animal encenado por Sueli. É importante destacar que os bebês não possuem uma fala articulada em palavras, mas seus movimentos corporais revelam suas intenções. Nesse sentido, seus corpos inteiros agem como mecanismo de interlocução. Cabe ao adulto acolher as múltiplas linguagens que os bebês possuem, traduzi-las, favorecendo assim uma pedagogia da escuta, onde a criança desde muito cedo é reconhecida e valorizada como ator social competente (BARBOSA; RICHTER, 2015).

Na segunda imagem vemos a educadora apoiada nos joelhos, imitando o som do cão e olhando atentamente para o rosto do garoto. Essa nova orientação corporal se insere no contexto educativo e potencializa as trocas interativas entre os dois, pois ao mudar de posição, as expressões faciais da educadora e do menino ficam mais visíveis, permitindo uma conexão guiada pelos olhares de ambos. Arthur, por sua vez, observa-a atentamente e ressignifica o som à sua maneira ao longo das brincadeiras que giram em torno do Sítio do Seu Lobato. As contribuições de Barbosa e Richter (2015) coadunam com tal situação interativa protagonizada pela educadora Sueli e Arthur: “[...] Na interação com o outro, nas inúmeras possibilidades que o outro lhe aponta, ela imprime as marcas do humano e constrói sentidos nas linguagens” (p. 93).

É importante ressaltar que Dennis (14 meses) também participa do contexto interativo ao passo que observa atentamente e logo após imita as ações protagonizadas por Sueli e Arthur mesmo mantendo certa distância e não sendo percebido por eles neste primeiro

momento. Para Guimarães (2009), a imitação das ações de outrem é um artifício utilizado pelos bebês para se aproximar socialmente, demonstrando assim que a ação do outro lhe interessa e que há uma disponibilidade para trocas sociais.

Logo após, Arthur se afasta e Dennis balbucia algo, chamando atenção da educadora, ela olha para o garoto e motiva suas ações: “Pula Dennis, pula! Os carneirinhos pulam! Pulam!” O menino impulsiona o seu corpo e atende aos pedidos da educadora.

Neste episódio a educadora instiga as ações das crianças, demonstrando por meio do brincar como fazer alguns sons, além de mostrar-se disponível para escuta e visualização atenta às ações protagonizadas pelos bebês. Essa postura ética pautada na valorização das falas dos bebês ficou evidente a partir das pausas verbais que a educadora produzia com intuito de escutar as infinitas linguagens que crianças possuíam. A relação olho no olho também evidencia o desenrolar de um trabalho pedagógico eticamente estruturado. Nestas cenas visualizamos a organização de um espaço que é configurado sob a percepção de um bebê potente, ator social competente (BARBOSA; FOCHI, 2015; BRASIL, 2010; GUIMARÃES, 2009; TRISTÃO, 2004a).

Quando questionadas sobre o que o espaço em destaque nas imagens comunicava, as educadoras elucidaram:

O **visual** também. **Conhecem os animais** através das imagens, representando o **som desses animais**. Eles também **estão interagindo**. Estão fazendo o que aqueles animais fazem. E eu também de cachorrinho, imitando o cachorro [risos]. Então assim, existe uma **comunicação**, um **diálogo**. **Entre todos nós** que estamos e as crianças, a **imagem que está lá no fundo**, que é do **Seu Lobato** e essa **motivação**. Eles estão **motivados a fazer o som**, estão **dançando, brincando e aprendendo, interagindo** e com os outros (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli ressalta as relações sociais que o Sítio do Seu Lobato impulsionou. Esse arranjo espacial permitiu o estar junto, os bebês e educadoras teceram interações, explorações e brincadeiras que intensificaram a ideia de um aprendizado que acontece em constante contato com o outro. Para Horn (2015), a organização de um ambiente educativo que valoriza as relações sociais constrói seus alicerces levando em consideração a potência educativa que o estar com o outro proporciona.

As ações protagonizadas por bebês e educadoras neste arranjo espacial fortalecem a percepção de um espaço educativo vivo e dinâmico, construído e reconstruído pelos sentidos e significados que o grupo imprime. Todos os dias os bebês exploravam e teciam interações e brincadeiras neste espaço. Inúmeros foram os momentos que os convites para explorar e estar

neste espaço partiu das próprias crianças, demonstrando assim que a organização fomentava as motivações e interesses do grupo. As falas das educadoras elucidam os chamados dos bebês para o Sítio do Seu Lobato:

Eles mesmos **queriam começar**, eles mesmos **queriam apontar** já, querendo que **a gente também fizesse** (Eraldina, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Tinha momentos que eles ficavam ali **sozinhos, apontando**, cada bichinho. Sozinho. **Não precisava que estivesse junto**. Quando um via que **o outro estava lá próximo se aproximava**. Daqui a pouco estava até **nós nos aproximando**, não é? Porque também **eles chamavam para essa interação**. **Não era só um convite nosso, eles também faziam esse convite** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

As educadoras eram solícitas aos convites, juntando-se aos bebês, estimulando suas ações, propondo explorações, ampliando o vocabulário verbal, gestual, expressivo destes pequenos seres. Em interação com o espaço, seus parceiros de idade e adultos, os bebês constituíam os arranjos espaciais em lugar para viver suas infâncias.

Desta forma, o espaço não possui papel figurativo no ambiente que acontecem as experiências vivenciadas pelo grupo cotidianamente, ele integra a proposta pedagógica da instituição (BARBOSA; HORN, 2001).

No quinto encontro, apresentamos para as educadoras, em formato de vídeo, um episódio que abordava as experiências desenvolvidas no Sítio de Seu Lobato. No quadro a seguir serão apresentados os detalhes técnicos deste episódio e logo adiante a descrição da cena visualizada.

Quadro 13 – Episódio Experiências no Sítio de Seu Lobato

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutaçã selecionada	Duração
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Eraldina; Werick; Kiara; Nikolly; Dennis.	05/09/2016 MOV02095 07':01"	01':52" – 04':05"	02':13"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os bebês estavam nos colchonetes junto à educadora Sueli. Ela começa a imitar o som da vaca e entusiasma as crianças a se dirigirem para o Sítio do Seu Lobato, Kiara (14 meses), Werick (13 meses), Dennis (15 meses) e Nikolly (15 meses) atendem aos seus pedidos, vão

até o painel e tocam nos animais. Dennis toca a imagem da vaca, a educadora comemora: “Isso!”, a comemoração é completada com entusiasmo exposto por palmas.

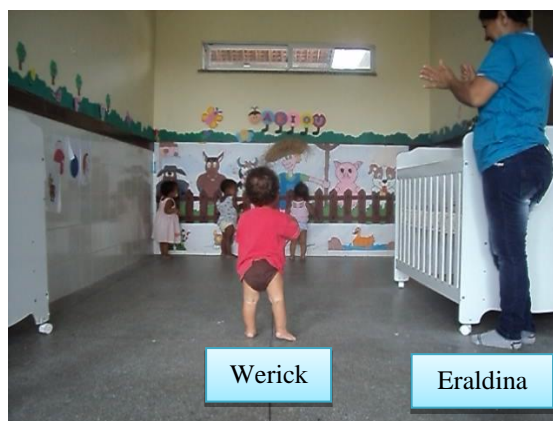
O interesse exposto pelos bebês em participar da brincadeira é acolhido pelas educadoras que começam a cantar: “Au, au, au, quem fez esse barulhinho? Au, au, au, quem fez esse barulhinho? Foi você? Não, não, não! Então, quem foi?”

Figura 57 – Os bebês chegam ao Sítio



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

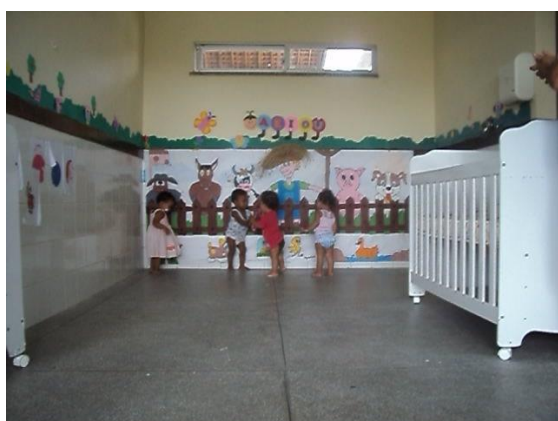
Figura 58 – Comemoração com palmas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

No princípio, as educadoras mantêm distância, entusiasmando as ações das crianças de longe. Por isso Sueli não aparece nas imagens acima. A educadora Eraldina percebe a disputa de um objeto entre Dennis e Werick, então se aproxima para mediar.

Figura 59– A disputa do objeto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 60 – A educadora intervém



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis logo em seguida se dirige até Kiara. A educadora se aproxima como se estivesse preocupada. Sueli que está do outro lado da sala nos colchonetes, envolvida na

atividade, pergunta: “Cadê o cachorro?”. Eraldina aproveita e chama Dennis para pegar o cachorro do painel, mas ele não atende ao pedido. A educadora, então, se dirige até o canto que ele está e retira Kiara, pois a situação estava ficando propícia para mordidas - frequentemente dadas por Dennis nos demais bebês.

Figura 61 – Eraldina afasta Kiara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 62 – Kiara e Eraldina se afastam



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis se afasta e retorna motivado por Sueli a procurar o cavalo, mas ele vai até o canto que Nikolly está sentada e senta sobre ela. As educadoras riem da situação. Sueli levanta-se e retira o menino. Uma educadora chega à sala do berçário e pede o celular de Eraldina emprestado, ela também solicita que as educadoras leiam uma receita médica, pois não estava decifrando algumas palavras.

Figura 63 – Nikolly senta-se



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 64 – Dennis senta sob Nikolly



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Enquanto isso, Dennis toca em Nikolly, Kiara e Werick. Nikolly choraminga em tom de incômodo e abraça a perna de Sueli. A educadora então pergunta: “Cadê o pintinho amarelinho?” Nikolly se aproxima do painel e toca nas figuras dos pintinhos. A educadora entusiasma as ações da garota: “Isso, Nikolly! Muito bem!”. E põe-se a cantar: “Meu pintinho amarelinho cabe aqui na minha mão, na minha mão. Quando quer comer bichinhos com seus pezinhos ele cisca o chão. Ele bate as asas, ele faz piu piu, mas tem muito medo é do gavião”.

Figura 65 – Nikolly abraça Sueli



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 66 – Nikolly toca os pintinhos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Enquanto canta, Sueli vai pegar um colchonete e traz para próximo do painel. Os bebês se dirigem até o colchonete. Eraldina e Sueli continuam cantando a música do pintinho amarelinho.

Figura 67 – Sueli busca o colchonete



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 68 – O grupo brinca no Sítio



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois as educadoras começam a cantar a música da baleia: “A baleia, a baleia, é amiga da sereia, olha o que ela faz, olha o que ela faz. Chibum, Chuá. Chibum, Chuá!”. Os bebês observam atentamente, Nikolly se levanta e balança-se ao som da música. Kiara e Dennis imitam os movimentos das educadoras, juntam as mãos e as balançam. As educadoras usam o colchonete para representar o som da baleia caindo na água. Kiara e Dennis também repetem as ações das educadoras. Werick parece estar com sono no colo de Sueli.

Figura 69 – A baleia é amiga da sereia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 70 – Chibum, chuá!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Kiara se afasta, os bebês continuam brincando com as educadoras, Dennis prossegue imitando as ações das educadoras.

Figura 71 – Dennis imita as educadoras



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 72 – Chibum!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A partir das falas e episódios protagonizados pelos bebês e educadoras no espaço denominado Sítio do Seu Lobato é possível interpretar que este arranjo espacial configura-se como um componente curricular (BRASIL, 2006b). Ele contribuiu nas práticas educativas

cujas brincadeiras possuíam como enredo estar em uma fazenda, cercado por animais. Desse modo, ao ouvir os sons dos animais, pronunciados pela educadora Sueli, os bebês se dirigem até este espaço, tocam nas figuras, ressignificam os sons, iniciam e sustentam interações por intermédio do que o espaço propõe.

Sob essa ótica, Simiano e Vasques (2011) elucidam: “O espaço potencializa a educação. Contudo, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as palavras, as relações e as experiências que constituem o espaço da creche em um lugar para os bebês” (p.12). Nesse sentido, dentre todos os cantos e recantos do berçário, esta organização espacial atrai o grupo, revelando que o espaço se configura como parte integrante da prática pedagógica, pois estimula as ações autônomas, interativas, criativas e investigativas das crianças.

De maneira lúdica, a partir do canto, as educadoras acolhem e estimulam novas explorações e brincadeiras. Agora, o animal em destaque é o cachorro. A letra da canção traz um mistério que precisa ser decifrado pelos bebês: “Au au au quem fez esse barulhinho?”. Em sintonia, espaço e educadora trabalham o desenvolvimento da linguagem. As músicas e perguntas em torno dos personagens expostos no painel eram comumente interligadas quando os bebês e educadoras interagiam no Sítio do Seu Lobato. Ao apresentarmos o episódio para as educadoras em nosso quinto Móbile dos Saberes, elas ressaltaram o potencial educativo que o Sítio apresentava na rotina do berçário:

O espaço daquele painel, quando **toca o nome dos animais**, eles já **representam**. Então eles já criam **uma representação muito favorável para aprendizagem**. Cachorro: au au, a música, os outros animais que estão ali. **Eles conseguem identificá-los**. Estimulava muito a **participação deles** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Atua nessa dinâmica de **enriquecer o vocabulário**, de **chamar mais atenção para o que eles estão vendo**. Perguntar onde está um e está o outro e eles irem lá apontar. **Imitar como o cachorrinho faz** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Nesse contexto pedagógico, os bebês eram interlocutores assíduos, por meio dos seus balbucios e movimentos corporais dialogavam com as educadoras, exercitavam sua autonomia, expressavam ações e reações que denotavam se acolhiam as propostas das educadoras ou expressavam desinteresse. Portanto, evidenciamos um espaço que, conforme Carvalho (2011), reconhece a criança como ator social competente.

Essa concepção de bebê potente, que expressa suas motivações e interesses por meio de suas linguagens corporais é elucidada pelas ações das crianças. Inicialmente o grupo se

envolve na atividade, mas logo se dispersa. Essa distração é valorizada pelas ações de Dennis, demonstrando que o espaço é vivo, dinâmico e respira, conforme esclarece Agostinho (2004). O menino segue até Kiara, busca contato social, evidenciando que tem interesse em tecer interações com a garota, o episódio interativo é interrompido pelas educadoras que aparentam preocupação, pois Dennis costuma morder os parceiros de brincadeira. Nesta manhã Kiara e Nikkoly haviam sido mordidas.

Dennis continua demonstrando o seu interesse em se relacionar com o grupo a partir do toque, da proximidade corporal. Desta vez, ele senta-se sobre o colo de Nikkoly. A menina apresenta insatisfação, logo depois a educadora Sueli o retira. As ações das crianças demonstram que o grupo inteiro estava disperso. Os bebês estavam usando o corpo para chamar atenção das educadoras, trazê-las para perto. O abraço e choro de Nikkoly traduz a vontade de estar junto à educadora Sueli. Atendendo aos seus pedidos, a educadora interage com a garota ao som da música “Meu pintinho amarelinho” e vai buscar um colchonete, trazendo para o Sítio do Seu Lobato, todos os bebês se aproximam. A esse respeito à educadora Sueli esclarece:

[...] Ali teve uma hora que eu **fui pegar o colchão** porque para mim, **em pé não consigo atingi-los**. Toda vez que eu vou para aquele canto, **eu levo os colchões porque a interação é melhor com eles quando eu estou sentada no chão**. Eu estava em pé, mas não estava tendo a mesma dinâmica, então eu peguei o colchão e sentei. Ai já mudou. **Pegar o colchão e levar para lá chama mais atenção para aquela atividade do que quando não está com colchão** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Nós nos aproximamos mais. Então a **atividade teve mais sentido**. A gente teve mais contato. [...] Quando o espaço estava sem colchonete, parece que não deu tanta importância. **Quando eu coloco o colchonete lá, criou uma importância maior naquele espaço**. E até Eraldina foi e sentou também. **Ficou todo mundo ali junto, apertadinho, reunido** [risos]. Então assim, não é só porque Dennis estava para morder, depois ficou interessante a atividade para todo mundo e ele parou de implicar com Nikkoly. **É essa questão mesmo de dar movimento à criança. De chamar atenção para que ele esqueça um pouco daquele comportamento dele. Começou a cantar, pegou se movimentou, ele parou de mexer com ela** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

As ações e falas da educadora Sueli explicitam que as motivações e interesses das crianças foram aceitos. Ao reorganizar o espaço de aprendizagem, as relações sociais do grupo foram intensificadas. A incorporação do colchonete ao arranjo espacial delimitou o espaço da atividade, aproximou os sujeitos. A partir de então, este episódio revelou uma das principais características atribuídas ao espaço do berçário por Nornberg (2013). Para a autora

este agrupamento etário é responsável por acolher e estimular as relações humanas desde a mais tenra idade.

Anteriormente os bebês estavam próximo ao sítio, mas a distância e distrações entre eles eram consideráveis. Quando a educadora levou o colchonete, visualizamos a constituição de um espaço que favorece as aproximações entre bebês e educadoras, notamos a emergência de um espaço que dialoga com um currículo para bebês: pautado nos relacionamentos sociais do grupo, trocas interativas e negação do “ofício de aluno” (BARBOSA; RICHTER, 2015). Bebês e educadoras negam o “ofício de aluno” ao passo que arranjos espaciais como o Sítio do Seu Lobato dialogam com uma prática que valoriza os múltiplos movimentos das crianças.

A educadora Sueli expressa que ao mobilizar as ações de Dennis aliando música e espaço, o seu agir ganha novos contornos, as tentativas de mordidas são substituídas pelo brincar com o outro, pela interação com seus parceiros de idade, pelos movimentos que emergem com base nas cenas e cenários que constituem o espaço. As ações dos bebês nos indicam que é por meio do lúdico e do social que eles aprendem, expressam que estar com outro, dividir o mesmo espaço, explorar junto, imitar seus movimentos são atividades que preenchem de sentido o lugar que ocupam na creche. Ao perguntarmos o que as ações das crianças possivelmente nos revelam sobre esse espaço, a educadora Sueli nos diz:

Que eles gostam desse espaço. Que um espaço de desenvolvimento, de interação, de aproximação, de carinho. Werick foi lá para o colo. Viu que eu sentei, se aproximou como quem diz: Eu vou aproveitar o colo, agora vou ficar aqui no denço enquanto os outros brincavam. Então é um **espaço que teve contato no olho e apesar de ser repetido, mas ele sempre renova com alguma brincadeira**, vai descobrindo coisas novas. Coisas que a gente percebe com o tempo (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Novamente pelas falas das educadoras, em sintonia com as ações das crianças, o espaço é retratado em sua dimensão relacional. O Sítio do Seu Lobato aproximou o grupo, permitindo uma maior interação. Cada bebê, por meio das suas falas expressou o seu envolvimento no espaço e brincadeiras suscitadas por ele, demonstrando pelos movimentos corporais que suas motivações e interesses eram contemplados. Nikolly ficou em pé e remexeu seu corpo ao som das canções, Kiara e Dennis ressignificaram as ações das educadoras, imitando seus movimentos, Werick curtiu o espaço no colo de Sueli, conseguindo aconchego, uma vez que a hora da soneca se aproximava.

A fala retrata ainda a dinamicidade que o espaço suscita devido às ações do grupo, as brincadeiras que surgem no delinear das interações e explorações são contornadas pelo

mobiliário. Nesse caso específico, as educadoras aproveitaram o espaço cujas músicas giravam entorno de animais para cantar e brincar ao som de uma cantiga que trazia em sua letra uma baleia. O colchonete agregou sentido à canção, quando as educadoras e crianças debruçavam o corpo sobre o colchonete um som era produzido, que correspondia ao som da baleia em contato com a água.

Dando prosseguimento a discussão dos episódios, apresentamos a seguir o episódio *Leitura para bebês*.

Quadro 14 – Episódio Leitura para bebês

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Leitura para bebês	Sueli; Eraldina; Werick; Dennis; Kiara; Arthur; Lara.	14/09/2016 M2U00077 15':29"	00':00" – 07':30"	07':30"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli está nos colchonetes com um livro em mãos. Ela começa a cantar junto com a educadora Eraldina: “Era uma vez, assim vai começar a historinha” (antes de acabar, ela interrompe a música para ver se Werick fez cocô). Os bebês se aproximam. Sueli direciona o livro para os bebês e diz “A historinha de Seu Lobato. Seu Lobato e os bichinhos da fazenda. Tem um porquinho? Cadê o porquinho de Seu Lobato? Tem um porquinho, tem um cachorrinho, tem um cavalinho e?” Dennis (15 meses) e Werick (13 meses) observam a educadora, Kiara (15 meses) se aproxima e pega o livro.

Figura 73 – Apresentando o livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 74 – Kiara pega o livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Kiara é surpreendida por Dennis que puxa o livro das mãos da menina. Ela olha para educadora como se pedisse ajuda. Sueli corresponde ao olhar da menina, abre a boca e os braços como se perguntasse: e agora? Kiara se joga no colchonete e choraminga.

Figura 75 – Dennis pega o livro de Kiara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 76 – Kiara reclama



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora conduz a menina até seu colo e retira o livro das mãos de Dennis. Ela retoma a proposta da leitura, abrindo o livro e dialogando sobre as figuras com os bebês: “Olha o carro do Seu Lobato. Seu Lobato está dirigindo” (imita alguém dirigindo/som de buzina). Lara (18 meses) se aproxima do grupo e senta. Arthur (13 meses) também se aproxima com um rodo em mãos. A educadora faz uma pausa e pede a educadora Eraldina para retirar o objeto do garoto.

Figura 77 – Sueli coloca Kiara no colo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 78 – Arthur e Lara se aproximam



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo após, a educadora Sueli retoma as explorações do livro, dessa vez ela convida os bebês a investigarem o livro junto com ela: “Olha, Seu Lobato tinha uns animais que ele gostava muito no seu sítio. Olha o que é que tinha no sítio do Seu Lobato. O que é isso hein? Que bichinho é esse?” (apontando para as figuras do livro). Suas perguntas são acompanhadas de pausas, reforçando assim a ideia do bebê enquanto interlocutor assíduo.

Mobilizado pelos convites da educadora, Werick se aproxima e toca as figuras. A educadora aponta para as galinhas e questiona: “O que é isso Werick?”. Após uma pausa ela fala: “É o cócócócó (imita o som da galinha). Olhe as galinhas de Seu Lobato. A vaquinha.”. Os bebês observam as imagens.

Figura 79 – Werick toca as figuras



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 80 – Apontando para as galinhas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em seguida a educadora vira a página e pergunta com entusiasmo: “Olha o que é que é isso? O que é que é isso hein? Que bichinho é esse com Seu Lobato?” Arthur se aproxima e se debruça sobre o livro. A educadora afasta o garoto enquanto imita os sons produzidos pelos pintinhos: “Piu, piu, piu, piu...” Arthur sobe novamente no livro, a educadora afasta o menino, colocando-o sentado ao seu lado.

Figura 81 – Arthur explora o livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 82 – Arthur sobe no livro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora retorna à exposição: “Olha o carro. Olha! Olha Lara!” Em uma atitude responsiva a garota pronuncia “car”. A educadora prossegue: “É Lara, é o carro! E aqui hein? Que bichinho é esse? Cadê? Que bichinho é esse? Moom, moom”. Lara e Arthur imitam a educadora. As ações dos meninos são acolhidas com animação pela educadora.

Figura 83 – Sueli acolhe as ações de Lara

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 84 – Imitando os animais

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Kiara e Dennis pegam o livro e negociam a posse do objeto puxando-o. A educadora retira o livro das mãos dos meninos. Kiara demonstra frustração e irritação ao balançar as pernas. A educadora Sueli apoia Kiara em seu colo e segue apresentando os animais que integram o livro até que não consegue sustentar mais a proposta, pois os bebês são atraídos por outros elementos materiais dispostos no espaço.

Figura 85 – Dennis e Kiara pegam o livro

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 86 – Uma leitura pautada no toque

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Chama atenção no episódio apresentado a configuração de um espaço para apreciação do objeto-livro. Para convidar o grupo a educadora dispõe de um ritual, marcado pela música. Pouco a pouco os bebês se aproximam e expõem por meio de seus movimentos corporais disponibilidade para escutar e se envolver com a narrativa. Os olhares atentos de Werick, Dennis e Kiara, bem como aproximação de Arthur e Lara evidenciam esses interesses.

Além de se envolverem nessa experiência por meio da escuta da narrativa, os bebês também demonstram modos peculiares de se relacionarem com o objeto-livro. Nesse sentido Oliveira (2012) pontua: “Antes de ser um texto, o livro é para a criança pequena um objeto que tem forma, cores, cheiro” (p. 151). Portanto, as ações dos bebês nos informam que assim como os demais materiais que compõem os espaços do berçário, o livro provoca seus

movimentos investigativos. A fala da educadora Sueli contempla as explorações tecidas pelos bebês com o objeto-livro ao comentar que:

Eles se **apropriaram do livro**. Tenta **folhear, pegar, brigar, subir, pisar** [...] Eles gostam. É um pouco confuso, mas **eles têm interesse pela história**. **Da maneira dele, mas é esse contato mesmo puxando** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora ressalta que os bebês por meio de suas singelas ações evidenciam a percepção da função social do livro. Seus comportamentos ao longo do episódio explicitam um perfil leitor: eles apontam para as figuras, balbuciam como se estivessem lendo, reviram o livro de um lado a outro e tentam folheá-lo, se debruçam sobre ele, observam e constroem as narrativas junto à educadora.

A exibição do episódio nos encontros reflexivos direcionou as discussões para a problematização da organização do espaço para a prática de leitura de modo a tornar a experiência mais interessante e prazerosa para o grupo, vejamos:

E tinha **muitas** outras **coisas chamando atenção** deles. Então, a **gente não limpou o espaço** para que eles pudessem **ficar mais concentrados** ali na história. E **levar** mais algumas **coisas concretas** para não ficar só no livro. **Para ampliar** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora chama atenção para dimensão pedagógica dos espaços. Nesse sentido, eles merecem atenção desde o planejamento pedagógico, pois auxiliam o desenvolvimento das experiências com os bebês. A partir desse entendimento o espaço é ressaltado em suas dimensões educativas, revelando-se integrante e parceiro do planejamento pedagógico com os bebês. Sua parceria curricular é validada pelos convites a brincadeiras, interações e explorações delineadas a partir dos materiais dispostos em seus arranjos.

Nesse sentido, algumas indagações merecem atenção para pensar na organização e reorganização dos espaços para a prática de leitura e contação de histórias: como organizar o espaço? Quais materiais selecionar para imersão dos bebês no universo encantado das histórias? É possível demarcar um arranjo espacial na extensão do berçário ou creche para estas experiências? A partir dessas problematizações atentamos sobre o olhar do professor para os elementos materiais, pois eles contribuem e aperfeiçoam a sua proposta educativa.

Continuamos a discussão dos dados produzidos, apresentando dois episódios que contemplam experiências desenvolvidas a partir de espaços configurados para o jogo de boliche.

Quadro 15 – Episódio Experiências com boliche

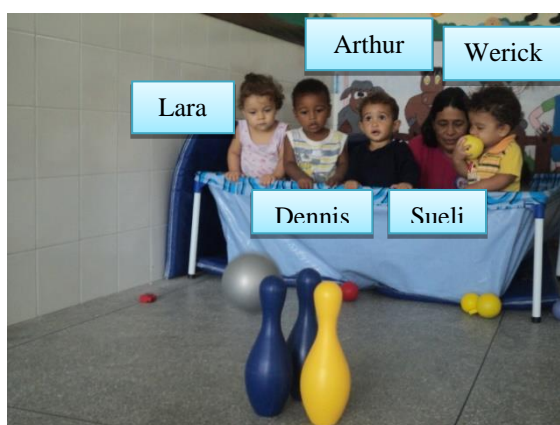
Episódio	Integrantes	Data
Experiências com boliche	Lara; Dennis; Arthur; Werick; Kiara; Sueli; Eraldina	28/07/2016

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Assim que a pesquisadora chegou ao berçário teve uma surpresa: um novo arranjo espacial integrava a rotina do grupo, tratava-se da piscina²⁰ utilizada no dia anterior no espaço do solário. Desta vez, ela não possuía água em seu interior, mas bolinhas. Logo no início das observações foi possível registrar interações e brincadeiras que surgiram neste novo espaço. Vejamos as descrições e imagens que ilustram a sequência interativa que provocou as falas das educadoras no terceiro Móbile dos Saberes.

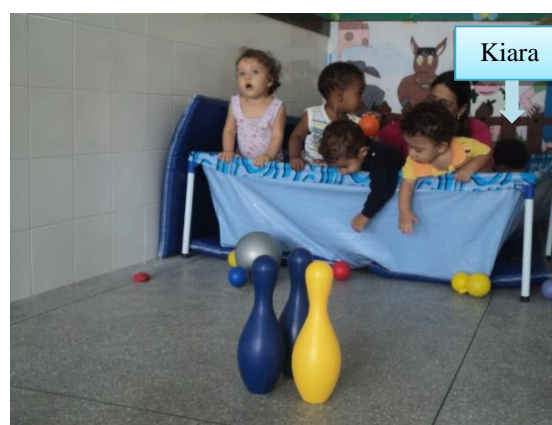
Lara (16 meses), Dennis (14 meses), Arthur (12 meses), Werick (12 meses) e Kiara (13 meses) estão dentro da piscina de bolinhas com a educadora Sueli. O grupo foi direcionado para esse espaço, pois havia o objetivo de *ensiná-los* a jogar boliche. À frente do grupo está a educadora Eraldina²¹, que organizou os pinos e começou a instigar as ações das crianças, demonstrando como acertar o alvo ao passo que lhe joga uma bola.

Figura 87 – Os bebês observam a cena



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 88 – Tentando pegar a bola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

²⁰ Esta piscina foi utilizada pelos bebês e educadoras no espaço do solário em agosto, pois a instituição estava envolvida no projeto pedagógico das olimpíadas. O berçário representou o time da natação e basquete. Assim que a piscina foi esvaziada e limpa, as educadoras a colocaram para dentro do berçário.

²¹ Ela não aparece nas imagens porque perderíamos a qualidade das ações e reações dos bebês diante da proposta, caso nos afastássemos para enquadrá-la.

Os bebês observam as ações da educadora Eraldina e o percurso realizado pela bola. Lara vocaliza algo olhando para a educadora como se quisesse chamar atenção, Arthur a observa atentamente, Dennis fixa o olhar nos pinos, Werick explora uma bola com a boca, Kiara não demonstra interesse ao convite das educadoras, a menina permanece atrás do grupo, explorando o espaço livremente. Logo em seguida, Arthur e Werick parecem querer pegar a bola cinza, inclinando seus corpos para baixo. A educadora Sueli interpreta o olhar de Dennis como um aceite à proposta de Eraldina e entrega uma bola ao garoto, incitando o arremesso.

Dennis atende ao pedido da educadora e arremessa algumas bolas, atingindo um dos pinos, ocasionando a queda. As educadoras comemoram. Lara continua olhando para educadora Eraldina e sorrindo, Arthur observa atentamente o movimento da bola jogada por Dennis, Werick parece querer pegar a bola cinza, pois continua olhando-a e conduzindo seu corpo para próximo da mesma.

Figura 89 – Vamos derrubar os pinos?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 90 – O chão é preenchido de bolas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis continua retirando as bolas de dentro da piscina. Mas logo depois ele se deita e não aparece mais no episódio. Atenta ao desejo expresso por Werick em querer a posse da bola cinza, a educadora Eraldina se aproxima e entrega o brinquedo ao garoto. Antes da entrega da bola, ela organiza os pinos que estavam caídos e pede para Werick derrubá-los. Lara começa a choramingar como se estivesse incomodada. Arthur não demonstra interesse à proposta e senta no colo da educadora Sueli.

Figura 91 – Os pinos caíram

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 92 – Quero sair daqui

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A bola escapa das mãos de Werick. Logo depois o menino coloca a mão na boca como se estivesse desapontado. A educadora Eraldina se desloca até a piscina e pergunta se Lara quer sair, interpretando as falas da garota, ela a retira. Logo depois, todo o grupo se dispersa e demonstra querer sair da piscina.

Figura 93 – Não queremos esse jogo

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 94 – Pode nos tirar daqui?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Visualizamos neste episódio uma lógica adultocêntrica que consiste na apropriação do espaço para o desenvolvimento de uma atividade dirigida, focalizada nos comandos dos adultos. A piscina é utilizada como mecanismo para imobilização dos corpos das crianças e maior direcionamento da atenção dos bebês para a proposta das educadoras. Porém, no decorrer do episódio, as ações dos bebês nos informam que eles negam o “ofício de aluno” como pontuam Barbosa e Ritcher (2015), contrariando a ideia de transmissão e receptação de conteúdos, os bebês indicam por meio de suas ações corporais que a imobilidade não é uma

característica desta fase da vida. As crianças revelam que suas motivações e interesses centram-se em atividades que favoreçam ações autônomas, cuja possibilidade de criação e recriação seja assegurada.

A negação desta proposta pelos bebês é contemplada na fala da educadora Sueli:

[...] E na verdade **eles não tinham interesse nenhum de arremessar essas bolas no boliche, era em qualquer lugar**. [risos]. Menos no boliche. Eles só estavam ali **se deliciando com as bolas, querendo jogar as bolas e estando em um espaço diferente**. Ele simbolizou **brincadeiras**, simbolizou **aconchego**, simbolizou **aproximação** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A educadora Sueli reconhece que os bebês aproveitaram o espaço e objetos disponíveis para explorar e brincar à sua maneira. A partir das suas linguagens, os bebês expressaram como disseram “não” à proposta das educadoras: Dennis jogou algumas bolas para fora da piscina, colorindo o chão, Werick mordeu uma das bolas e engajou-se com Arthur corporalmente para alcançar a bola cinza que rolava no chão, Lara mostrou-se entusiasmada, mas logo depois pediu para sair do espaço ao passo que choramingava, Kiara continuou desde o início do episódio explorando o espaço livremente sem demonstrar interesse aos comandos das educadoras.

Apesar de a configuração espacial favorecer a aproximação entre os bebês e educadoras, conforme relatado pela educadora Sueli, o modo como os corpos deveriam estar posicionados para o êxito na tarefa solicitada interferiu no desenvolvimento das relações sociais entre o grupo. Olhar para frente, focar nas ações dos adultos, ofuscou as possibilidades de contato com o igual que estava ao lado. Nesse episódio, as interações entre os bebês são tolhidas, a agência das crianças é condicionada por um espaço que não lhe dá espaço. Contrariando as proposições de Brasil (2010) e Agostinho (2004), este espaço não contribui para o estímulo as ações corporais dos bebês.

No entanto, a partir de singelas ações, os bebês nos dão pistas que a sua categoria de ator competente sustenta-se no e pelo movimento corporal. Cabe salientar mais uma vez que os bebês negam o “ofício de aluno” e ecoam a partir de seus corpos que querem construir junto às educadoras uma pedagogia que acolha e sustente as relações humanas, que instigue as explorações tecidas no meio físico e social e sobretudo que motive e respeite os múltiplos movimentos do grupo. Fortalecendo o potencial expressivo das infinitas linguagens dos bebês. Barbosa e Richter (2015) esclarecem:

[...] As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (p. 83-84).

Sendo o movimento responsável pela interlocução do bebê com seu espaço e universo social, percebemos o olhar sensível dos adultos às falas que emergiam das ações corporais dos bebês. Em poucos minutos o grupo não estava mais na piscina, mas sim brincando, explorando e interagindo com seus iguais no chão da sala. O deslocamento dos bebês para um espaço amplo, envolto a objetos que instigam o agir e as trocas sociais favoreceu o protagonismo das crianças. Deste modo, as propostas de estar naquele espaço e jogar boliche se desfizeram rapidamente, os bebês anunciaram que permanecer quase que imóvel em um determinado espaço coordenado pela figura do adulto ia de encontro à lógica da ação que move as experiências destes pequenos.

Outros dois episódios sobre as experiências com boliche foram expostos no terceiro Móbile dos Saberes, desta vez eles foram apresentados em vídeo. As discussões tecidas deram ênfase às práticas de ressignificação do espaço e objetos disponíveis para a brincadeira. Em razão da similaridade nas ações protagonizadas pelos bebês e educadoras, bem como pela semelhança no debate que emergiu destas cenas, nossa análise contemplará apenas um dos dois episódios expostos sobre as experiências com boliche. Vejamos abaixo as discussões tecidas pelas educadoras em torno destas cenas interativas descritas a seguir, explicitando suas concepções no primeiro vídeo exposto:

Quadro 16 – Episódio Experiências com boliche

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com boliche	Sueli; Arthur; Dennis; Kiara; Werick; Lara; Eraldina; Henry.	28/07/2016 MOV01790 22':18"	00':00" – 08':31"	08':31"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli se dirige aos colchonetes com um saco plástico preto, sacudindo-o. Em tom musical pergunta: “O que é que tem aqui?” Os bebês se aproximam. Dennis (14 meses) se aproxima e senta, Arthur (12 meses) também chega mais perto em tom investigativo e move os braços para cima e para baixo como a educadora faz ao segurar o

saco, o garoto puxa o saco e tenta sair. A educadora o chama, abre a boca do saco e diz em tom de surpresa: “Olha o que é que tem!” O garoto direciona o olhar para os objetos que estão dentro do saco.

Figura 95 – Aproximação



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 96 – O que tem nesse saco?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora conduz o saco até Dennis, que está ao seu lado, e fala novamente em tom de surpresa: “Olha Dennis, o que é que tem!” O garoto coloca as duas mãos no rosto e puxa o ar, correspondendo à ideia de surpresa que Sueli denotou. Em seguida, retira um pino de boliche de dentro do saco. Arthur direciona o olhar para o objeto nas mãos de Dennis. As educadoras falam: “Olha! O boliche!” Dennis solta o pino, Arthur o pega e leva-o até a boca. Werick e Kiara se aproximam.

Figura 97 – Surpresa!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 98 – Interessantes esses objetos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Lara se aproxima do grupo e a educadora Eraldina conduz Henry para próximo dos bebês. Kiara pega o pino que Arthur está segurando. O menino se levanta e olha para a garota,

mas ela se afasta. As educadoras tentam atraí-la novamente, chamando-a para o espaço que os bebês estão. Arthur retorna para perto da educadora Sueli e explora os objetos que estão dentro do saco junto com Dennis, Sueli e Werick.

Figura 99 – Devolve meu pino?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 100 – Não devolvo!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis continua a explorar os objetos que estão no saco. Retira um pino azul e bate no chão, depois ele joga o objeto para dentro do saco, pega um pino vermelho e joga para trás e observa o percurso que o objeto fez ao ser arremessado. Arthur também começa a bater o pino no chão.

Figura 101 – Explorando os pinos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 102 – Exploração conjunta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis pega o pino amarelo e joga na direção da cabeça de Arthur. O objeto toca no menino. Eraldina se aproxima, acaricia a cabeça de Arthur e diz: “Eita, meu Deus do céu! Dennis descobre qualquer coisa.”.

Figura 103 – O pino acerta Arthur

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 104 – Um pouco de carinho

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois a educadora Sueli revira o saco e diz: “O saco está vazio. O saco ficou vazio.” Os bebês seguem explorando os pinos de boliche colocando-os na boca, batendo e jogando-os no chão, entre outras ações autônomas. Posteriormente a educadora enfatiza: “Agora vamos mostrar como é que brinca de boliche!”. Mas é surpreendida pelas ações de Lara, a menina aproxima um dos pinos até a cabeça de Werick, o garoto começa a chorar. A menina se afasta e começa a bater o pino no chão. Sueli coloca o garoto no seu colo e o consola.

Figura 105 – O pino acerta Werick

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 106 – Sueli consola Werick

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Eraldina reforça a fala da educadora Sueli: “Agora vamos mostrar como é que se brinca com boliche. Não é na cabeça!” Eraldina tenta demonstrar para Dennis como “se brinca”, organizando um dos pinos e lançando uma bola em direção a ele. Lara se aproxima e levanta o pino antes da bola atingi-lo. Henry presta atenção na cena. A situação é motivo de riso para as educadoras e também para a garota. Lara sacode os braços, coloca o

objeto na boca e dá um grito animado. Enquanto isso, os demais bebês exploram os objetos, Henry, Kiara e Arthur manipulam os pinos.

Figura 107 – É assim que joga boliche



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 108 – Lara levanta o pino



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Sueli, que estava nos colchonetes, consolando Werick, coloca o menino de lado e diz: “Deixe eu pegar dois para mostrar como é que se brinca. Deixe eu correr.” Rapidamente Sueli recolhe os pinos do chão e se afasta. Os bebês seguem seus movimentos com os olhares. Ela começa a arrumar os pinos para demonstrar as regras da brincadeira. A educadora se distancia e diz: “Como é que joga. Olhe, olhe Lara aqui.” Sueli joga a bola para acertar os pinos, Lara se aproxima sorrindo e corre em direção à bola.

Figura 109 – Sueli recolhe os pinos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 110 – Lara se aproxima



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As educadoras festejam a derrubada dos pinos. Arthur, Dennis e Kiara se dirigem aos objetos derrubados.

Figura 111 – Os pinos caem

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 112 – Os bebês exploram os objetos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Sueli pergunta: “Quem quer fazer isso?”. Os bebês exploram os pinos à sua maneira. A educadora tenta juntar novamente os pinos para outra demonstração de “como se brinca”, mas os bebês se aproximam e tentam pegá-los. A educadora Sueli afasta Dennis e Arthur.

Figura 113 – Recolhida dos pinos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 114 – Afastando os bebês

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Eraldina tenta ajudar, trazendo novos pinos e afastando as crianças. Dennis é levado por Sueli para o colchonete. Enquanto isso, Eraldina entrega bolas a Lara e Arthur e pede que joguem em direção aos pinos. Os meninos parecem não demonstrar interesse ao pedido.

Figura 115 – Eraldina afasta os bebês



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 116 – Entrega das bolas aos bebês



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Enquanto Eraldina tenta fazer Lara e Arthur jogarem as bolas, Dennis, que havia sido afastado por Sueli, segue em direção aos pinos e os derruba.

Figura 117 – Dennis se aproxima



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 118 – Derrubando os pinos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Sueli, atenta aos recursos disponibilizados pelo garoto para derrubada, levanta um dos pinos e repete a ação protagonizada por Dennis. Entusiasmado-o a educadora repete: “Derruba! Derruba! Derruba!”.

Figura 119 – Brincando de modo livre

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 120 – Brincando com as mãos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

À medida que o menino derrubava, a educadora Sueli e Dennis batiam palmas. O garoto derrubava os pinos e olhava para a educadora, esperando dela o reconhecimento pelo êxito. Os bebês seguiram brincando livremente com os pinos, segurando-os, jogando-os.

Figura 121 – Comemoração

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 122 – Brincadeira livre

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo no início do episódio visualizamos como a educadora Sueli mobiliza as ações das crianças, convidando-as a explorar os objetos. De maneira lúdica a educadora introduz a proposta pedagógica, seu tom de voz e a forma que sacode os brinquedos instiga o grupo a se aproximar. Pouco a pouco o espaço vai se configurando em seu potencial exploratório e relacional.

Os bebês se aproximam para uma atividade em conjunto: explorar os objetos que estão dentro do saco. O papel do educador é muito importante, pois ele estimula a participação das

crianças a partir do convite. Não há imposição para participar, os bebês se aproximam de acordo com seus interesses e motivações.

O agir dos bebês ao explorar os objetos que estão dentro do saco evidenciam o ato investigativo que move seus corpos. Em sintonia com exposto, Cairuga, Castro e Costa (2015) apontam que atividades como sugar, apertar, cheirar, morder e engatinhar elucidam o investimento dos bebês em conhecer e experimentar o espaço que dispõe. Esses movimentos representam também as opiniões dos bebês, suas falas apoiadas no agir de seus corpos revelam para as educadoras a necessidade de ressignificação da proposta pedagógica primeiramente centrada na ação do adulto para a valorização do experimentar e brincar sem regras. A esse respeito destacamos como a exposição do episódio no terceiro Móbile dos Saberes contribuiu para pensar a organização dos espaços e experiências com os bebês a partir do que eles anunciam:

O objetivo era para que eles **entendessem** que os **pinos eram para ficar em pé, não deu certo** naquele momento [...] Porque **o interesse deles** foi **pegar primeiro, sentir o objeto. Ainda não estão preparados para aquele tipo de atividade** [...] Então **a atividade com eles é de tocar, sentir o material.** É um material ainda pesado, pode machucar o outro, é grosseiro. **Então, não é uma atividade para essa faixa etária. Poderia estar ali livre, mas não usando regras.** [...] **As regras são eles que fazem.** Você dá o brinquedo, mas **eles vão fazer da maneira que eles acharem que deve. Não como a gente quer.** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Eles **não se interessaram** [...] E eles **mostraram como era que eles queriam brincar.** Eles sabiam o que fazer. Eles ali demonstraram: **“Eu sei o que fazer com isso.”** [risos] (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Assim como no episódio anterior, os bebês demonstram a partir dos seus movimentos corporais que o “ofício de aluno” é negado. Essa negação é contemplada na fala da educadora Sueli, a discussão do episódio conduziu a educadora para a reflexão das práticas e organização dos arranjos espaciais para os bebês. A análise das ações das crianças guiou as discussões a uma perspectiva educativa pautada na organização de espaços cujas explorações e descobertas sejam asseguradas e compartilhadas de acordo com os interesses do grupo.

Os movimentos corporais dos bebês expressaram como eles reinventaram o brincar com boliche. As ações provocadas pelos espaços e materiais indicaram que os bebês estavam imersos em um lugar onde explorações, interações e brincadeiras contornavam as vidas que pulsavam no berçário. Ao invés de brincar convencionalmente com o boliche, usando a bola para derrubar os pinos, conforme as educadoras Sueli e Eraldina almejavam, os bebês utilizaram o próprio corpo como mecanismo de investigação e ampliação das suas sensações e

aprendizagens. Inicialmente os bebês se engajaram em experiências que os fizeram sentir o material dos pinos, escutar o som que eles produziam em contato com o chão, arremessá-los, observar o percurso feito ao ser arremessado, imitar as ações dos parceiros, negociar a posse dos objetos, derrubar os pinos com a mão.

Ao questionarmos como as educadoras se posicionaram diante dessa resignificação exposta nas ações protagonizadas pelos bebês, a educadora Sueli evidencia um olhar sensível e acolhedor aos modos de brincar expostos pelas crianças:

A gente ali **acompanhou mais**, tentou até mostrar como é que faz, mas a gente **acabou prestando mais atenção na maneira que eles estavam brincando** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Não é só: “Ah, não pode ser com a mão.” Poderia até naquele momento **dar a regra a ele e dizer assim: “Não! Não faça com a mão! Faça com a bola!”**. Mas eu vi que não tinha sentido (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Rever o grupo em ação por meio dos vídeos e fotografias mexeu e remexeu com os saberes das educadoras no que concerne à organização dos espaços e das práticas educativas. Ao atentar-se para os movimentos das crianças nos espaços e materiais disponíveis, as educadoras repensaram o modo como conduziam as explorações e brincadeiras emergidas pelo contato com os pinos de boliche. A reelaboração do brincar é evidenciada pelas ações dos bebês, seus movimentos revelam que suas motivações e interesses coadunam com a exploração ativa dos arranjos espaciais, pois é em contato e interação com seu meio físico e social que suas aprendizagens acontecem.

Essa reformulação da brincadeira a partir dos anseios dos bebês fica evidente no final do episódio quando as educadoras tentam, sem sucesso, direcionar o agir das crianças. Ao tentar afastá-las para demonstrar o modo de “brincar” com o boliche, nota-se que os bebês negam este aprendizado, pois já possuem desde o início das cenas as suas próprias maneiras de brincar com os objetos disponibilizados. A surpreendente aproximação e derrubada dos pinos por Dennis no final do episódio é emblemática. Enquanto a educadora Eraldina tentava fazer Lara e Arthur acertarem os pinos com as bolas, o garoto expõe um modo bem particular de fazer isso: usando o próprio corpo. A partir de então, a educadora Sueli rende-se aos movimentos dos bebês, ela acolhe e incentiva as ações do garoto e de todo grupo, retirando de cena o foco em derrubar com a bola os pinos.

Nessa ótica, os bebês se afirmam por meio da exploração ativa dos elementos que compõem os espaços, atores sociais competentes e que o berçário é um lugar para se

movimentar, brincar e interagir com autonomia. O episódio interativo *Colando bolas na fita adesiva*, apresentado a seguir, colabora com o exposto.

Quadro 17 – Colando bolas na fita adesiva

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutaçã selecionada	Duração
Colando bolas na fita adesiva	Sueli; Dennis; Henry; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	04/08/2016 Vídeo final 411 18':50"	00':00" – 06':23"	06':23"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli interliga uma fita adesiva entre o móbile e o berço e convida os bebês a colarem bolas na fita. Ao perceberem a configuração desse novo espaço, os bebês se aproximam. Lara (16 meses), Kiara (13 meses), Dennis (14 meses), Nikolly (14 meses) e Werick (12 meses) colocam as mãos na fita e experimentam a textura. Ao tocarem, os bebês diminuem a capacidade de fixação da fita adesiva, impossibilitando o objetivo proposto pela educadora.

Figura 123 – Sueli coloca a fita



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

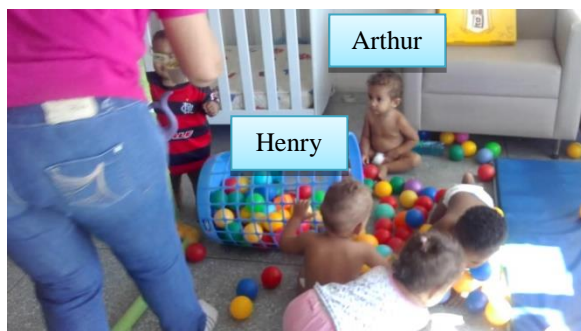
Figura 124 – Os bebês exploram a fita



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois, Dennis passa por baixo da fita e segue em direção ao cesto e o derruba. As bolas que estavam dentro do recipiente são espalhas no chão. Atentos aos movimentos de Dennis, Arthur, Henry e Lara se aproximam e exploram os objetos junto com o garoto.

A ausência de fixação da fita adesiva em decorrência das ações dos bebês redimensionou a educadora Sueli para a tentativa de posicionamento de uma nova fita adesiva no móbile. O som provocado ao puxar a fita direciona os olhares dos bebês para as suas ações. Werick se aproxima e apoia seu corpo nela.

Figura 125 – Os bebês exploram as bolas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 126 – Observando a educadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora começa a grudar algumas bolas na fita, mas Werick as derruba. Os demais bebês continuam explorando o espaço de forma livre sem seguir os comandos da educadora. Assim que percebe o insucesso da proposta, a educadora Sueli não a sustenta.

Figura 127 – Werick derruba as bolas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 128 – Explorando o espaço

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O episódio apresentado evidencia a configuração de um espaço que mobiliza as ações dos bebês. Donos de movimentos corporais responsáveis por investigar e atribuir sentidos e significados aos elementos materiais que compõem os espaços, os pequenos se aproximam e usam os seus recursos investigativos para explorar o seu meio físico. O toque marca presença nessas experiências e reorienta a proposta pedagógica inicialmente pensada pelas educadoras. A fala da educadora Sueli contempla essa resignificação:

O objetivo era que eles entendessem que **a bola ia ficar colada ali no durex**. Mas com o movimento da mão deles o durex embolava e não deu certo. [...] **Então não deu muito certo**. Mas eles inventaram. Foram mais **brincar com as bolas** do que entender que essas bolas tinham que ficar lá penduradas (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

Nesse sentido, pautando-se em Barbosa e Richter (2015), a exploração ativa dos bebês no espaço revela que eles “interrogam a escola e o currículo”, denotando assim que suas motivações e interesses articulam-se à configuração de um lugar onde as brincadeiras, interações e explorações não sigam roteiros predeterminados pela figura do adulto, mas que os contextos educativos sejam criados com abertura para as ações autônomas do grupo. A fala da educadora Sueli contempla essas indagações articuladas pela agência dos bebês e elucida o seu potencial criativo exposto pela reconfiguração dos usos dos espaços e materiais no delinear das suas experiências lúdicas.

Nessa trilha de proposições, apoiados em recursos sociocomunicativos que emergem de seus movimentos corporais os bebês redesenham modos de brincar e se relacionar com a materialidade do espaço. As ações protagonizadas por Dennis ao derrubar o cesto e consequentemente mobilizar o grupo para um contexto lúdico apoiado nos movimentos autônomos dos bebês fortalecem e direcionam a atenção das educadoras para a configuração e reconfiguração do espaço pedagógico em constante parceria com os interesses expostos pelos bebês. Ao encontro dessas ideias, bebês e educadoras reafirmam as elucidações proferidas por Horn (2015): “[...] o espaço é uma construção social e solidária” (p. 116).

Ampliando esta discussão serão apresentados e discutidos a seguir dois episódios exibidos em nosso quarto Móbile dos Saberes, trata-se das experiências com latas. Elucidamos abaixo estas cenas interativas, inicialmente será explicitado o primeiro episódio exposto neste encontro:

Quadro 18 – Episódio Experiências com latas

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com latas	Sueli; Werick; Kiara; João; Lara; Dennis; Eraldina; Nikolly; Henry	02/08/2016 MOV01871 30':47"	00':00" – 15':00"	15':00"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli se dirige até o canto da sala, ao lado da pia de mármore com um pote na mão. O recipiente possui alguns palitos de picolé. A educadora começa a tocá-los e balançá-los, ocasionando sons. À medida que remexe os palitos, a educadora apresenta verbalmente a proposta educativa aos bebês: “Tia vai pegar esses palitinhos. Estão vendo os palitos coloridos? Palito de picolé, olhe.” Os movimentos e as falas da educadora chamam

atenção dos bebês que estão nos colchonetes. Lara (16 meses), Werick (12 meses), Henry (12 meses), Nikolly (14 meses) e Kiara (13 meses) direcionam os olhares para os objetos nas mãos da educadora e logo depois se aproximam. Lara aponta para os materiais e balbucia como se quisesse pegá-los.

Figura 129 – Educadora balança os palitos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 130 – Os bebês se aproximam



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em seguida a educadora Eraldina conduz João para os colchonetes. A educadora Sueli pega uma lata, enfia alguns palitos nos buracos que a lata possui e diz: “Nós vamos encaixar aqui, olhe. Vai todo mundo encaixar palitinho, vamos lá!”. Enquanto fala, a educadora se abaixa e demonstra para os bebês como encaixar os palitos na lata.

Figura 131 – Sueli enfia os palitos na lata



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 132 – Os bebês observam



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na sequência, a educadora se direciona até os colchonetes e distribui as latas no espaço. Ao se locomover ela enfatiza: “Vamos sentar aqui para colocar os palitinhos.” Os bebês seguem as ações da educadora, se aproximam e exploram os objetos.

Figura 133 – Sueli distribui as latas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 134 – Os bebês exploram os objetos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os primeiros movimentos dos bebês são movidos pela exploração livre dos objetos, eles batem nas latas com as mãos e com os palitos, reviram-nas, sentem as texturas das tampas, emborrachados e alumínios, põem as mãos dentro do pote onde estão os palitos.

Figura 135 – Exploração livre



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 136 – Remexendo os palitos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em alguns momentos as educadoras direcionam os movimentos dos bebês, levando-os até o objetivo da atividade: encaixar os palitos nos buracos das latas. Os bebês coadunam com a proposta ao longo do episódio e em outros momentos ressignificam as maneiras de brincar e

explorar o espaço e objetos disponíveis. Abaixo visualizamos algumas dessas orientações tendo como foco o auxílio das educadoras:

Figura 137 – Sueli orienta Werick



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 138 – Eraldina auxilia Dennis



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os bebês demonstram aceitação à proposta das educadoras quando se engajam sem a intervenção direta dos adultos na colocação dos palitos dentro das latas. Eles observam o outro, em alguns momentos tentam uma ação conjunta ou simplesmente procuram um canto onde possam encaixar os palitos. Exemplificamos estes aceites nas ações de Lara, Nikolly, Dennis, Werick, Kiara e Henry, Já João experimenta o brincar explorando as latas com as mãos.

Figura 139 – Bebês exploram o espaço



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 140 – Lara observa Henry



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 141 – Tentando encaixar os palitos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 142 – Encaixando palitos

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Apesar de compartilharem de brincadeiras, interações no espaço dos colchonetes, os bebês também alargam os lugares de exploração dos objetos. Lara, em determinado período do episódio se afasta e conduz a brincadeira longe do grupo. Mas logo em seguida a garota retorna para os colchonetes.

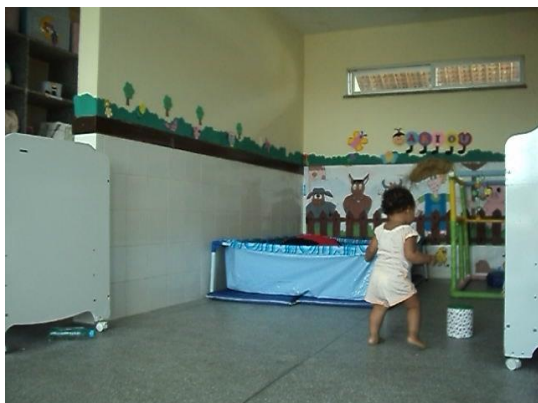
Figura 143 – Lara se afasta

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 144 – Lara retorna aos colchonetes

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Como descrito anteriormente, os bebês reinventam as formas de explorações e brincadeiras ao longo do episódio. Essa ressignificação fica evidente nas ações de Kiara no final do episódio. A menina se afasta do grupo que está nos colchonetes e se dirige até uma lata que havia sido deixada por Lara próxima ao berço, a garota se agacha e bate na lata com dois palitos.

Figura 145 – Kiara se afasta do grupo

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

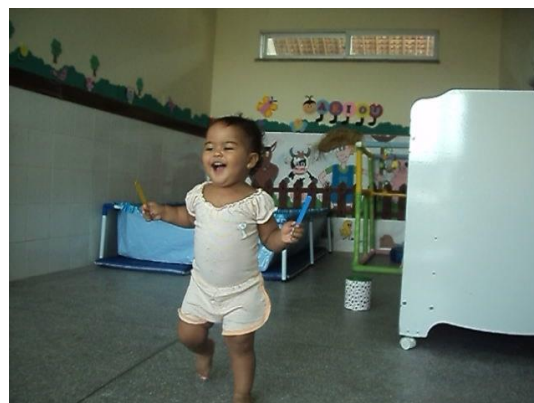
Figura 146 – Kiara bate na lata

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois a menina vira de costas e se inclina como se quisesse sentar na lata, antes de conseguir, a garota levanta-se e sorri, seguindo em direção aos colchonetes. Kiara retorna e senta na lata, após o êxito ela dirige-se novamente para os colchonetes, sorrindo.

Figura 147 – Kiara tenta sentar na lata

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 148 – Alegria pelo desafio vencido

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 149 – Kiara senta na lata

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 150 – Kiara comemora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao chegar aos colchonetes, a menina vai novamente em direção a lata e desta vez coloca uma das pernas em cima do objeto enquanto se apoia no berço com uma das mãos. A educadora Eraldina percebe a cena e chama a menina: “Ei, Kiara, você cai.” Ao ouvir a educadora, a menina retira o seu pé de cima da lata e vira de costas, parecendo que está desapontada. A educadora se aproxima, pega a lata e chama a garota para os colchonetes, a menina a acompanha, mas desta vez não sorri.

Figura 151 – Kiara tenta subir na lata



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 152 – Eraldina corta a exploração



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Assim como no episódio que retratou as interações, explorações e brincadeiras com o boliche, as cenas anteriormente descritas também iniciam com a mobilização do grupo pela educadora Sueli. Antes de entregar as latas e palitos para os bebês, a educadora procura de maneira lúdica instigar a atenção dos pequenos, introduzindo assim a proposta educativa: ela sacode os objetos, se aproxima do grupo de bebês, se agacha e demonstra com falas e ações o que possivelmente pode ser feito com aqueles materiais. Cabe ressaltar que ao se dirigir verbalmente para as crianças, a educadora organiza um espaço de aprendizagem pautado na concepção de um bebê potente, interlocutor assíduo em seu meio social (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, 2015).

Em nosso quarto Móbile dos Saberes a educadora Sueli expôs por que as latas integraram a rotina pedagógica do berçário investigado:

Eu estava procurando alguma coisa para a **coordenação motora fina**. Eles **pegavam tudo com a mão fechada**. Eu queria alguma coisa que eles começassem a **pegar com as pontas dos dedos**, como **pinça**. Tive que **procurar na internet qual a atividade poderia usar para a idade deles**. Vi uma lata dessas com botão, mas botão para a gente ainda não vai dar, é pequeno demais [...]. **Se faz com botão, pode ser feito com palito**. Peguei,

furei, fui fazendo, **enrolei com emborrachado para que ficasse menos perigosa**, porque é lata [...] Então o emborrachado dava aquela leveza na lata e **como a parte de cima era de plástico, não iria ter tanto problema** [...] Então, foi mais nessa tentativa da **coordenação motora** mesmo, deles **sentarem e encaixarem** (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

É interessante observar na fala da educadora que a organização do espaço e materiais surgiu com foco nas observações das ações dos bebês. Segundo ela, os bebês não tinham experiências sensoriais com o movimento de pinça, ao elaborar o material pedagógico com as latas e palitos novas possibilidades na dimensão expressivo-motora foram contempladas. Portanto, a postura investigativa atenta e sensível da educadora Sueli para as dinâmicas vivenciadas pelos bebês nos espaços do berçário interliga-se às proposições de Horn (2004) quando pontua: “[...] planejar a vivência no espaço implica prever que atividades são fundamentais para a faixa etária a que se destina, adequando a colocação dos móveis e dos objetos que contribuirão para o pleno desenvolvimento das crianças.” (p.17-18). Seguindo esta premissa, os objetos confeccionados proporcionaram novos desafios motores aos bebês ao passo que permitiu a exploração ativa por meio de manipulações diversas.

O potencial educativo do espaço e materiais apresentado no episódio anteriormente descrito ganha visibilidade pela agência dos bebês durante as cenas captadas em vídeo. A dimensão pedagógica do arranjo espacial é ressaltada pela educadora Sueli ao explicitar o que as ações das crianças nos revelam sobre esse espaço e materiais:

Que houve **interesse, interação**. Eles demonstraram que tinham **vontade de aprender, querer saber mais**. Então, a **participação** deles foi bem **ativa**, de todos; tanto que passou um bom tempo, cerca de quinze ou vinte minutos. Então, **trinta minutos para um bebê ficar sentado com um objeto na mão, é muito tempo** (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

Conforme enfatizado pela educadora, o espaço mostrou-se propulsor de interações, as explorações motivadas pelas latas e palitos aproximaram os bebês e educadoras, favorecendo uma experiência conjunta. Ao longo do episódio visualizamos o distanciamento de alguns bebês como Lara e Kiara, mas na maior parte do vídeo evidenciamos realmente a demarcação e explicitação de um espaço relacional, que devido à proximidade social influenciou o desenvolvimento de interações sociais, ressaltando a possibilidade de aprender com o outro, seja ele o adulto ou o igual.

Como vimos, o espaço e materiais disponíveis fez emergir um cenário educativo desafiador e repleto de interações sociais. As ações dos bebês indicaram o empenho na elaboração de estratégias para conseguir vencer o desafio por trás da proposta pautada em

colocar os palitos nas latas. Um dos artifícios utilizados pelo grupo sustenta-se na condução de seus olhares para as ações das educadoras e de seus pares. Nas imagens que ilustram este episódio percebemos que Lara mostrou-se aberta e disposta a aprender com o outro quando olha atentamente para os movimentos orquestrados por Henry e logo em seguida mobiliza suas próprias ações para encaixar os palitos na lata que possui.

Em consonância com Horn (2015), os bebês elucidam a constituição de um espaço sustentado nas relações sociais, pois as trocas interativas representam um princípio básico para suas aprendizagens. O olhar de Lara para as ações de Henry comunica aquilo que Agostinho (2004) constatou em suas pesquisas por meio da interpretação dos dizeres das crianças sobre os arranjos espaciais: a ação humana na materialidade espacial conduz a configuração de um espaço propício a encontros, elucida a emergência de um “lugar para se encontrar”. Os encontros interativos proporcionados por um espaço vivo e dinâmico produz narrativas diversas e explicitam claramente a percepção de um bebê potente, capaz de interagir com seu meio físico e social a partir dos recursos exploratórios e sociocomunicativos que emergem dos seus movimentos corporais.

A educadora destaca ainda em sua fala como o espaço mostrou-se atrelado às motivações e interesses das crianças, enfatizando o tempo investido pelos bebês ao explorarem os objetos e a participação ativa das crianças como balizadores das suas opiniões, revelando assim que a atuação dos pequenos no respectivo espaço contribuiu para reconhecer o arranjo espacial como um componente pedagógico importante para o grupo, revelando-se parceiro da prática educativa com os bebês.

Além de ficarem sentados com as latas e palitos em mãos por um longo período, atendendo ao objetivo pedagógico elencado pelas educadoras, os bebês ressignificaram as explorações e brincadeiras com estes objetos mostrando assim que são atores sociais competentes. A ressignificação é destaque no episódio a partir das ações protagonizadas por Kiara ao se afastar do grupo e explorar uma das latas de maneira inusitada. A menina desafia e amplia seus movimentos corporais a partir das ações de sentar e subir na lata. Ela evidencia que há inúmeras maneiras para brincar e explorar os objetos disponíveis nos espaços. Por meio das suas ações, Kiara confirma as observações de Agostinho (2004) ao elucidar os desafios organizados pelas crianças: “Nessa busca por se movimentar as crianças organizam espaços, criam lugares, inventam passagens estreitas e escuras para se rastejar.” (p. 11). Nessa trilha de proposições, os movimentos protagonizados por Kiara nos revelam que o berçário é um lugar onde o movimento permeia a rotina das crianças e educadoras.

Além disso, a garota nos indica por meio da sua atuação que seus interesses e motivações centram-se na organização de espaços desafiadores e seguros. Ela manifesta essas pretensões quando se apoia no berço para vencer o desafio de subir na lata. O berço assume nesta cena o apoio necessário para a garota ousar em seus movimentos. A educadora Sueli se mostra surpresa e aberta a aprender com as ações de Kiara e de todos os bebês a partir das discussões tecidas após a exibição do episódio, vejamos:

Esse olhar que a gente está tendo agora, **eu não tive esse olhar naquela questão do desafio de Kiara, da lata.** Porque eu **estava concentrada na proposta** que tinha lá na frente que foi **a coordenação** de realmente **colocar os palitinhos [...]** **A partir desses vídeos a gente retorna. Não é que eu precise fazer tudo correndo, não.** Tem que aproveitar o máximo que eles estão nesse momento agora. Mais tempo de **conversa, de atenção, de explorar, de ver o que eles querem.** Se tiver fazendo uma atividade e eles modificarem, não ficar na minha, mas **ir naquela proposta que deu mais sentido a eles [...]** E a gente participa dessa outra proposta porque nesse momento para ele é mais enriquecedor do que a proposta que eu quis naquele momento (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

Conforme a fala da educadora Sueli, reviver as cenas vividas nos espaços do berçário por meio dos episódios interativos permitiu a emergência de um olhar reflexivo, disposto a aprender com as ações do grupo. Em consonância com o exposto, Cairuga, Castro e Costa (2015) esclarecem: “[...] atuar com crianças pressupõe um professor atento ao modo como elas vivem e aprendem, observador de suas ações individuais e no grupo, estando disponível para estar com elas e aprender muito a cada dia.” (p. 11). Esse profissional que se revela um eterno aprendiz nas suas práticas com as crianças fortalece o alicerce que busca construir uma pedagogia da escuta, pautada no acolhimento e interpretação das infinitas linguagens das crianças para assim aprender com elas sobre suas reais motivações e interesses.

A educadora Sueli reconhece o quanto está aprendendo a partir das ações singelas das crianças dia após dia, as ressignificações dos espaços, objetos e experiências pelos bebês são essenciais nestes aprendizados, como pontuado em sua fala: quando a modificação de uma proposta pedagógica acontece é um momento oportuno para entender e dar sentido às interações, explorações e brincadeiras suscitadas nos arranjos espaciais do berçário.

Esse movimento reflexivo é ampliado após a exibição de outro episódio interativo onde as experiências com latas são contempladas. Logo abaixo serão expostas as discussões tecidas em torno destas cenas interativas, começaremos com as informações básicas do registro:

Quadro 19 – Episódio Experiências com latas

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com latas	Arthur; Sueli; Eraldina; Nikolly; Dennis; Kiara	12/09/2016 M2U00075 04':37"	00':00" – 03':05"	03':05"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Arthur (13 meses) está empilhando latas em cima da poltrona. Ao conseguir empilhá-las, o garoto se afasta, olha para a educadora Sueli que está nos colchonetes (não aparece nas imagens devido o ângulo da filmagem), bate palmas e comemora esboçando: “ÊÊÊÊÊÊÊÊ”. A educadora é solícita às ações do garoto: “Muito bem, Arthur!” (bate palmas).

Figura 153 – Arthur empilha as latas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 154 – O menino comemora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Eraldina que está no fraldário comenta: “Olha, tá empilhando, é?” O menino comemora. As educadoras batem palmas. Ele se afasta e vai até onde Eraldina está.

Figura 155 – Arthur se afasta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 156 – Arthur vai até Eraldina



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

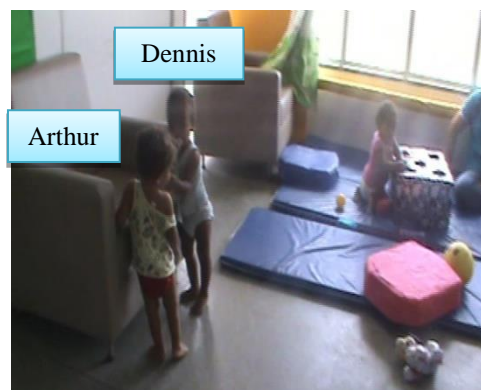
Após o afastamento de Arthur, Nikolly (15 meses) e Dennis (15 meses) se dirigem até as latas que o menino empilhava e começam a explorá-las. A menina se afasta com duas latas nas mãos. O garoto retorna, mas assim que se aproxima de onde estavam suas latas demonstra frustração ao perceber que os objetos foram pegos. Sueli percebe o desânimo de Arthur e fala em tom meigo: “Oh, e agora?”.

Figura 157 – Nikolly e Dennis pegam as latas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 158 – Arthur retorna



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Enquanto isso, Nikolly leva as latas para o chão e começa a empilhá-las. Sueli comemora: “Isso, Nikolly!” (bate palmas.) Arthur se aproxima, pega uma das latas e tenta empilhá-la junto com Nikolly.

Figura 159 – Nikolly empilha as latas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 160 – Arthur auxilia Nikolly



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo em seguida Dennis se aproxima com uma lata nas mãos, o menino tenta colocá-la em cima das latas que os meninos estavam empilhando. Mas a lata do meio cai. Então eles passam a negociar a posse das latas.

Figura 161 – Tentando empilhar a lata



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 162 – A lata vermelha cai



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dennis se debruça sobre a lata branca, Arthur choraminga. A educadora Sueli se aproxima e afasta Dennis. Arthur para de chorar e tenta empilhar novamente as latas, mas é surpreendido por Dennis que começa a bater nos objetos, derrubando-os.

Figura 163 – Sueli afasta Dennis



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 164 – Arthur retorna a exploração



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Arthur chora. Sueli se aproxima novamente, pede para o menino não chorar e empilha as latas para ele. O menino olha para as latas e cessa o choro. Sueli afasta Dennis. Arthur explora as latas por alguns segundos.

Figura 165 – Arthur chora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 166 – Arthur explora a torre

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Kiara (14 meses) se aproxima e derruba uma das latas. Arthur chora novamente olhando para Sueli.

Figura 167 – Kiara derruba as latas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 168 – Arthur chora novamente

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Rapidamente ele para de chorar e pega a lata branca. Logo depois Kiara pega a lata vermelha que derrubou e tenta colocá-la em cima da lata que Arthur possui. O menino puxa a lata evitando o alcance do objetivo da menina. Como sinal da sua negação, Arthur se levanta e afasta-se de Kiara. O grupo se dispersa da exploração das latas, Arthur é o único que permanece com uma lata nas mãos, explorando-a pelo berçário.

Figura 169 – Kiara tenta encaixar a lata

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 170 – Arthur se afasta com a lata

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As ações dos bebês no episódio anteriormente apresentado fortalecem e configuram a concepção de um espaço vivo, dinâmico, capaz de contribuir com interações sociais, brincadeiras e explorações. Os movimentos dos bebês nos espaços e materiais dispostos no berçário validam a concepção de um bebê potente, engajado nas práticas de ressignificação dos espaços e objetos atribuindo assim novos sentidos para as brincadeiras e explorações propostas pelas educadoras, visto que as latas foram confeccionadas com o objetivo dos bebês encaixarem palitos de picolé, mas Arthur indica uma nova maneira de brincar e explorá-las.

Ao perguntarmos o que as ações de Arthur possivelmente nos revelam em relação ao espaço e materiais que o menino dispõe, a educadora Sueli pontuou a visualização de um novo contexto brincante criado pelas ações do garoto:

Ali ele achou uma **nova maneira de brincar** [...] não deixa de ser uma **atividade motora**. Empilhar latas. **Muito difícil** e ele conseguir colocar elas empezinhas, uma em cima da outra. Então quer dizer **que a coordenação dele está bem** (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

A fala da educadora aponta para o ato criador dos bebês, seus dizeres compartilham de um olhar atento ao agir das crianças, compreendem que ao exercer sua autonomia os bebês são capazes de criar e recriar contextos brincantes. Ao atribuir um novo modo de explorar e brincar com as latas, Arthur investe em seu próprio desenvolvimento, ampliando suas dimensões expressivo-motora e cognitiva, conforme esclarece a educadora. O corpo e a mente do garoto elaboram estratégias para empilhar as latas, ao conseguir alcançar o respectivo objetivo, o menino vibra e compartilha com as educadoras tal conquista, demonstrando assim que o espaço e materiais proporcionavam desafios e aprendizagens entrelaçados às motivações e interesses do grupo (HORN; GOBBATO, 2015).

As ações protagonizadas por Arthur elucidam um espaço que apesar das suas limitações materiais acolhe e valoriza a criança como ator social competente ao passo que provoca e favorece sua autonomia. Este lugar configurado pelas marcas que as crianças e educadoras imprimem respalda as ideias de Horn e Gobbato (2015) no que concerne à compreensão da “criança como agente do seu próprio conhecimento, como protagonista e ativa, alguém que aprende na interação com o meio e com outros parceiros.” (p. 69). Nesse sentido, o espaço mostra-se como parceiro pedagógico nas experiências vivenciadas pelos bebês. Ele instiga o protagonismo infantil e colabora no delineamento das relações humanas. Neste episódio, por exemplo, a agência de Arthur no espaço e materiais convida e provoca as ações de Nikolly, Dennis e Kiara, fazendo surgir a partir de então um lugar de explorações, brincadeiras, encontros e interações permeadas pelo objeto-lata. A introdução destes novos sujeitos no episódio interativo é interpretada pela educadora Sueli da seguinte forma:

Revela que **a ação do outro me mobiliza** também. Se eu estou vendo que o outro está conquistando, eu também posso conquistar. Ai eu **vou lá tentar fazer o mesmo que ele fez**. Só que **vira uma disputa** [risos]. Como eles ainda são **bebês**, são muito pequenos, eles ainda **não conseguem se unir para todos trabalharem na mesma questão**. Então assim, **cada um quer fazer o seu**. Por causa da idade mesmo. **Se fossem um pouquinho mais velhos iam se juntar para fazer uma torre bem grande** (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

De acordo com seu posicionamento, a educadora Sueli reconhece a importância atribuída pelos bebês às ações do outro nos espaços e objetos do berçário. Novamente os bebês explicitam por seus movimentos que estão atentos às experiências vivenciadas por seus iguais, sendo a atividade do outro no espaço e materiais desencadeadora de aproximações, interações e explorações (OLIVEIRA, 2011).

Nessa ótica, ao explorar as latas, Arthur mobiliza o grupo ao passo que faz emergir novos sentidos e significados para os objetos. Ao ressignificar o modo de brincar com as latas, o garoto redimensiona os olhares e movimentos dos bebês para a exploração conjunta destes materiais, evidenciando como o espaço e brinquedos que compõem o berçário integram e contribuem para o contexto pedagógico.

Outro ponto destacado na fala da educadora refere-se às imitações propagadas nos espaços do berçário. Ao reinterpretar as ações dos iguais por meio da imitação os bebês demonstram interesse em partilhar socialmente do contexto brincante criado pela intervenção de Arthur no espaço e assim compartilham novas experiências.

Conforme esclarece Guimarães (2009), o ato de imitar traz entrelaçado consigo o desejo em aprender com o outro ao passo que suscita o desenvolvimento de relações sociais. É sob essa ótica pautada na imitação como artifício desencadeador de aprendizagens que a educadora Sueli tece suas considerações quando pontua: “Se eu estou vendo que o outro está conquistando, eu também posso conquistar. Ai eu vou lá tentar fazer o mesmo que ele fez.” Para além de fazer igual, a imitação evidencia o ato criativo por trás da reformulação das ações do outro. Deste modo, quem imita carrega em si características peculiares que o aproxima de um modelo, mas também o diferencia pela capacidade de produzir o seu próprio conhecimento pautado nas vivências compartilhadas (GUIMARÃES, 2011).

Notamos o potencial criativo de quem imita nas ações protagonizadas por Nikolly, a garota ressignifica o ato de empilhar as latas iniciado por Arthur, diferentemente do garoto que explorava as latas em cima da poltrona, a menina leva as latas para o chão e as empilha neste espaço.

Quando Arthur retorna e percebe que as latas estão com Nikolly, visualizamos expressões que denotam frustração, mas logo depois o menino se dirige até a menina e tenta junto com ela encaixar uma lata na outra. Dennis também se aproxima com uma lata em mãos e mobiliza suas ações corporais para colocá-la junto às outras. A educadora Sueli interpretou este momento como uma disputa, marcada segundo ela pela dificuldade que os bebês têm em compartilhar experiências, por isso ela se aproximou do grupo e tentou mediar às explorações.

Tristão (2004a) relaciona esta compreensão de um bebê que não se envolve em experiências conjuntas à forte influência dos manuais de desenvolvimento nas interfaces do trabalho pedagógico no berçário, estes materiais ilustram uma criança egocêntrica, centrada em suas ações, ofuscando a potência que há nas relações humanas. Contrariando estas preposições, os bebês evidenciam por meio dos seus movimentos uma realidade sustentada pelas interações, explorações e brincadeiras com seus iguais. Ao longo das discussões as cenas foram reavaliadas, possibilitando reconhecer que as ações dos bebês nos revelavam um enorme esforço em explorar os materiais em parceria com seus coetâneos.

No entanto, cada vez que as latas eram derrubadas pelas ações dos seus parceiros, mudava-se o rumo da brincadeira, fomentando o choro de Arthur em sinal de incômodo, possibilitando a aproximação da educadora Sueli para auxiliá-lo na negociação dos objetos. Sobre este recurso comunicativo elegido pelo garoto, Tristão (2004a) discorre: “[...] É por meio da emoção que a criança mobiliza o outro para atender às suas necessidades” (p. 09). Essa mobilização foi questionada pela educadora Sueli ao rever as cenas, ela então

problematizou sua intervenção nas ações do grupo de bebês lançando a seguinte reflexão para a pesquisadora: “Tem horas que a gente até diz: Será que a ação é essa?”.

Diante de tal questionamento ressaltamos o potencial sociocomunicativo que há nos movimentos corporais dos bebês. Por isso, antes de interferir nas interações, explorações e brincadeiras protagonizadas pelas crianças é interessante possibilitar a emergência de negociações a partir das ações e reações das próprias crianças. Ao educador, cabe estar atento ao contexto social para em situações que envolver perigo se aproximar como mediador da situação interativa como fez a educadora Sueli, movida pela preocupação advinda do surgimento de mordidas, comumente utilizada por Dennis nas negociações de objetos.

Mas é primordial acreditar que os bebês possuem um arcabouço refinado de linguagens e atuam como interlocutores assíduos nos diversos espaços onde compartilham experiências. Sendo assim, olhares, toques, balbucios, choros, distanciamento corporal são algumas das expressões utilizadas por estes pequenos seres em suas trocas sociais e que fizeram parte deste episódio.

Nosso terceiro e quarto Móbile dos Saberes continuaram elucidando por meio das ações dos bebês e educadoras a ressignificação dos espaços a partir das interações, explorações e brincadeiras. As imagens apresentadas e discutidas em nosso terceiro Móbile dos Saberes corroboram com o exposto, nelas é exibida uma sequência interativa onde os bebês, a pesquisadora e a educadora Sueli se relacionam no delinear da brincadeira de esconde-esconde. Logo abaixo será descrito e analisado o referido episódio.

Quadro 20 – Episódio Esconde-esconde na cortina

Episódio	Integrantes	Data
Esconde-esconde na cortina	Werick; Pesquisadora; Dennis; Sueli	28/07/2016

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Werick (12 meses) se aproxima das cortinas que ficavam próximas às janelas do berçário e cobre-se todo. A pesquisadora que estava filmando a cena aproveita as ações do menino para convidá-lo a brincar de esconde-esconde. Ela então começa a dizer: “Cadê Werick?” O menino é solícito às investidas sociais e começa a interagir. Ele retira a cortina do rosto e sorri, olhando para a pesquisadora. Os movimentos do garoto atraindo a atenção de Dennis (14 meses) que se aproxima e junto a Werick olha para a pesquisadora. Logo depois Werick se afasta e Dennis começa a reinterpretar as ações protagonizadas anteriormente pelo garoto.

A educadora Sueli atenta às ações dos meninos e se integra a brincadeira, entusiasmando o esconde-esconde dos garotos.

Figura 171 – Achou!!!



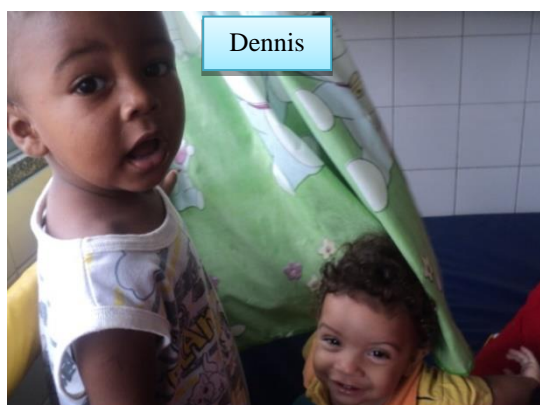
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 172 – Cadê Werick?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 173 – Dennis se aproxima



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 174 – Quero brincar também



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 175 – Dennis se esconde



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 176 – Sueli interage com os meninos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ganha destaque no episódio apresentado o olhar investigativo dos bebês. Desde a mais tenra idade eles se engajam em experiências exploratórias, ressignificando os espaços e objetos disponíveis para o desenvolvimento de suas interações e brincadeiras. Sob essa ótica criativa exposta pelas ações das crianças no espaço, elas “[...] vão inventando, inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos” (AGOSTINHO, 2004, p. 08).

Nesta cena interativa visualizamos a ressignificação do uso da cortina, comumente utilizada como objeto responsável por blindar a passagem de luz para um espaço potencialmente educativo devido aos relacionamentos que suscita e sustenta. Em sintonia com tal percepção, a educadora Sueli interpreta os modos de ocupação dos bebês neste espaço da seguinte forma:

Ai está sendo **usada** como um **esconde-esconde** mesmo. Uma **brincadeira** onde ele pode **esconder** e achar que ninguém está vendo. [risos] (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Assim como nos episódios anteriores, os bebês demonstram por meio das suas ações no espaço o caráter investigativo por trás dos seus movimentos. A partir da intervenção dos bebês no espaço a cortina transforma-se em um material brincante. Como pontua a educadora Sueli, ela permite a configuração do brincar de esconde-esconde protagonizado pelas crianças. Esse contexto lúdico favorece as aproximações, evidenciando o potencial relacional dos arranjos espaciais. A pesquisadora, Werick, Dennis e Sueli interagem segundo as narrativas proporcionadas por um espaço vivo e dinâmico.

As brincadeiras e interações ocasionadas pelo espaço enfatizam a concepção da criança como ator social competente desde bebê. Suas vozes não são consolidadas em falas articuladas em palavras, mas pelas suas ações corporais os bebês revelam-se interlocutores assíduos. A interlocução ganha destaque nos episódios apresentados em grande parte pela imitação. O ato de imitar aproxima socialmente os bebês, ao reelaborar as ações de outrem é possível integra-se a um contexto interativo. Vejamos quais as considerações da educadora Sueli ao notar que Dennis imita Werick:

Aquilo que ele está fazendo é bom. Vou lá também. [risos]. Chamou **atenção de Dennis pela alegria de Werick.** Ele disse: **“Também posso ficar assim!”**. Vou me esconder também (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli coaduna com Oliveira (2011), quando discorre sobre a importância que a ação do outro delega aos móveis, objetos e brinquedos que constituem as instituições de educação infantil. Ao explorar e desenvolver um modo de brincar com as cortinas da sala, Werick chama atenção de Dennis que a partir de então atribui sentido ao material devido à dinamicidade que as ações de Werick nele produzem. Ao imitar as ações protagonizadas por Werick, o garoto elucida o desejo de vivenciar sensações parecidas com a de seu coetâneo que mostra por meio de sorrisos o bem estar proporcionado pela brincadeira. Ao se afastar, Werick atende ao pedido de Dennis, exposto pela aproximação, toque e olhares para as ações protagonizadas por seu parceiro ao manipular a cortina. A educadora é convidada pelos movimentos dos bebês a interagir. A partir de então ela entusiasma o agir dos bebês e se integra à brincadeira iniciada por Werick e a pesquisadora.

Este e outros episódios interativos delineados nos espaços do berçário revelam que em cada canto da sala, junto aos móveis, objetos e brinquedos a agência dos bebês faz presença, demarcando encontros, brincadeiras, movimentos, explorações, entre outras situações circundantes do universo infantil.

Em nosso quarto Móvel dos Saberes ampliamos as discussões sobre os usos da cortina pelos bebês e educadoras. Um episódio interativo em formato de vídeo foi apresentado, fomentando as falas da educadora Sueli sobre as brincadeiras e interações que este arranjo espacial provocava. Logo abaixo serão expostas as discussões tecidas em relação a estas cenas interativas, começaremos com as informações básicas do registro:

Quadro 21 – Episódio Esconde-esconde na cortina

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Esconde-esconde na cortina	Werick; Sueli; Kiara; Arthur	16/08/2016 MOV01988 01':58"	00':00" - 01':58"	01':58"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Werick (13 meses) está com a cortina sob seu rosto, a educadora Sueli se aproxima e começa a brincar com o menino de esconde-esconde. A educadora puxa a cortina para vê-lo e logo depois solta-a, perguntando: “Cadê Werick? Cadê Werick? Quem viu Werick hein? Werick, cadê, cadê, cadê? Achei!”. Ao puxar o tecido, ela provoca risadas no garoto.

Figura 177 - Achei Werick

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 178 – Me escondi

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Atento ao contexto interativo, Arthur (13 meses) que estava brincando com algumas latas ao lado parece repetir a palavra achou, o garoto balbucia: “Aó”. Logo depois a educadora Sueli retorna para próximo dos bebês que estão explorando as latas. Kiara (13 meses) se dirige até as cortinas, coloca sob o rosto e olha para a pesquisadora como se quisesse brincar de esconde-esconde. A pesquisadora atende aos pedidos da garota e começa a dizer: “Cadê Kiara?”. Quando a menina mostra o rosto ela diz: “Achou!”. Logo depois Kiara se afasta. Werick continua explorando o espaço com seus movimentos corporais.

Figura 179 - Aó

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 180 – Kiara e a pesquisadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Arthur observa os movimentos da cortina e logo em seguida levanta-se e vai explorá-la. O garoto põe-se atrás do tecido. A educadora Sueli que está nos colchonetes atenta-se para as ações dele e diz: “Oi, Arthur. Cadê Arthur? Arthur.” O menino olha para a educadora e sorri. Ela diz: “Achei!”. Logo em seguida a educadora para de interagir com Arthur e entrega uma lata para Werick.

Figura 181 – A cortina voadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 182 – Sentindo a cortina

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 183 – Brincando com a educadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 184 – Sorrindo para a educadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Este episódio elucidava assim como o anterior os convites que o espaço faz às ações dos bebês e educadoras. Nele visualizamos inicialmente Werick e a educadora Sueli em um contexto lúdico e interativo enquanto um grupo de bebês está envolvido nas explorações de algumas latas. Vale ressaltar que a educadora se aproximou ao notar os interesses do garoto em interagir e brincar naquele espaço. Essa aproximação é respaldada pelas considerações de Guimarães (2009): “Os espaços convidam à ação e à imaginação, por isso a importância de o educador funcionar quase como um cenógrafo, possibilitando as cenas que serão criadas pelas crianças, ajudando a que essas cenas possam ser sustentadas e ampliadas.” (p.102). Ao observar e acolher as ações protagonizadas por Werick como um convite à brincadeira, a educadora expõe a concepção de um bebê potente, interlocutor, ator social competente, capaz de mobilizar seu meio social para atender as suas motivações e interesses.

As ações de ambos esclarecem que todo espaço do berçário pode suscitar explorações, interações e brincadeiras, pois os bebês enxergam cada detalhe da sala como um laboratório

investigativo. Seus movimentos corporais deixam isso muito claro, seus sentidos captam tudo que envolve os espaços habitados por eles (CAIRUGA, 2015). A fala da educadora Sueli ao se referir às ações de Werick fortalece este argumento:

Ele achou **mais um objeto**, uma **interação**, **um brinquedo**, uma maneira de se **divertir** com aquilo. Ele percebeu que quando estava atrás da cortina não era visto e não via. Então ele associou que era **uma brincadeira de esconde-esconde mesmo** (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

Conforme ressaltado pela educadora, as estratégias investigativas e exploratórias de Werick no espaço fez emergir a brincadeira de esconde-esconde. Nessas explorações que o espaço propõe destacam-se as relações sociais desenvolvidas. Nas duas primeiras imagens que ilustram esta sequência interativa é possível visualizar o clima afetivo proporcionado pela brincadeira. Ao retirar a cortina do rosto de Werick e lançar algumas perguntas para o menino, notamos que o compartilhamento de conversas, sorrisos e a proximidade física proposta pelo espaço favorece o delinear de um contexto interativo e brincante. Ao interagir verbalmente com o garoto, a educadora constrói junto a ele novas narrativas sustentadas por um espaço que aproxima e fortalece os vínculos afetivos entre bebê e educadora.

Para Agostinho (2004) as crianças ecoam em seus corpos a satisfação e o desejo de transformar os espaços das instituições de educação infantil em um lugar para brincar e se encontrar. Em sintonia com a autora, os bebês desta pesquisa a todo o momento transpareciam interesses semelhantes. A seguir a educadora Sueli comenta sobre como o espaço convida os bebês para a brincadeira de esconde-esconde:

O vento batendo chama atenção deles. A **cortina** está **indo e voltando**. Eles estão quietinhos, **tem dias que nem ligam a cortina, mas quando começa a bater o vento**, e eles gostam muito dessa brincadeira de esconde-esconde (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli evidencia os convites provocados pelo espaço e materiais que integram a sala do berçário. Esses chamados ganham visibilidade pelos movimentos que os bebês fazem ao observar o ir e vir da cortina. Guimarães (2009) pontua: “O espaço e os objetos que o constituem instigam pelo que convidam. Às vezes convidam ao descolamento, às vezes à observação.” (p. 103). As ações dos bebês explicitam primeiramente um envolvimento marcado pela observação, visualizamos esta prática nos movimentos orquestrados por Arthur, o garoto demonstra inicialmente por meio do olhar atenção à brincadeira de esconde-esconde protagonizada pela educadora e Werick. Outro recurso

sociocomunicativo utilizado por Arthur que transparece seu interesse no contexto interativo que observa refere-se à tentativa da repetição da palavra “Achou”, readaptada para “Aó”.

Assim como a observação, o espaço também instigou os movimentos dos bebês. O ir e vir da cortina logo fez Kiara se aproximar e reinterpretar timidamente as ações exploratórias de Werick. Ao colocar o tecido sobre o rosto e retirá-lo, a menina busca com o olhar a atenção de um adulto disponível para delinear a brincadeira de esconde-esconde. A sua agência no meio físico e social é marcada pela configuração de um olhar disposto a aprender com a ação do outro ao passo que cria e recria situações que observa. Atenta aos movimentos da garota, a pesquisadora interpreta seu olhar como um convite ao brincar. A partir de então as duas interagem por alguns segundos, mas logo depois Kiara se afasta. O afastamento repentino da menina é interpretado pela educadora Sueli como uma resposta da garota ao não acolhimento das suas ações pelas educadoras:

E eles **chamaram atenção**, mas no momento **a gente não estava ligada e não participou e eles desistiram**. Com Werick eu tive um olhar e fui brincar com ele, ele passou mais tempo. **Kiara foi, chamou atenção e não foi correspondida**. Ela logo **largou**. Não teve um interesse maior (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

É interessante notar o caráter reflexivo do registro. Ao reviver as cenas a educadora Sueli avalia sua postura diante das investidas sociais dos bebês. Guimarães (2009) atenta para o importante papel do educador ao observar as ações das crianças nos espaços e materiais que envolvem suas experiências na educação infantil. Para a referida autora, pertence ao olhar do adulto uma sensibilidade aguçada para as explorações das crianças em seu contexto físico e social a fim de compreendê-las e ampliá-las levando em consideração as motivações e interesses expostos pelo grupo. Esse olhar atento e sensível aos convites feitos pelas crianças ao explorar a cortina da sala não foi notado segundo a educadora nas investidas sociais de Kiara, pois ao não dirigir-se corporalmente e verbalmente para a menina, a educadora revela não sustentar os planos da garota, ocasionando seu afastamento.

As ações de Arthur no decorrer do episódio interativo também foram ponto de discussão. O menino denotou por meio do seu corpo uma predisposição para explorar e ressignificar o uso da cortina. As suas expressões faciais denotavam surpresa ao ser tocado pelo tecido. No rol das suas explorações, ele levanta e se movimenta conforme a direção da cortina. A educadora Sueli atenta-se para as ações do garoto e entusiasmo verbalmente suas expressões corporais, convidando-o a brincar de esconde-esconde. O menino senta, olha para a educadora e começa a interagir por meio de sorrisos. O espaço traduz desta forma o seu

potencial para provocar explorações, interações e brincadeiras. Nesse sentido, o supracitado arranjo espacial configura-se pela ação humana em um espaço vivo e dinâmico, propulsor de relações sociais que são entrelaçadas aos móveis, objetos e brinquedos.

Os bebês expressaram ao longo de todo esse registro suas habilidades investigativas e criativas. Seus corpos anunciaram a cada olhar, toque e aproximação que eles são pequenos pesquisadores. Suas pesquisas levam-nos até o brincar. Esta constatação integra-se ao enunciado de Agostinho (2004), de que “[...] as crianças vão indicando para o espaço da creche *um lugar para brincar*, onde o sonho e a fantasia são possíveis, aguçando em nós o desejo de que elas nos enfeiticem” (p. 09). Nessa trilha de proposições, os bebês anseiam e nos dizem através das suas ações corporais que querem acesso a espaços e experiências onde as brincadeiras e interações façam presença constante. Esses dizeres que emanam dos seus movimentos encantam os adultos e os transportam para um contexto brincante.

Fruto dos interesses e motivações dos bebês, a brincadeira de esconde-esconde permeou vários momentos da rotina do berçário investigado. No quarto Móbile dos Saberes apresentamos e discutimos um episódio interativo cuja brincadeira de esconde-esconde deu-se com o auxílio de um tecido encontrado por Werick na poltrona. Vejamos as informações básicas deste registro:

Quadro 22 – Episódio Esconde-esconde no tecido

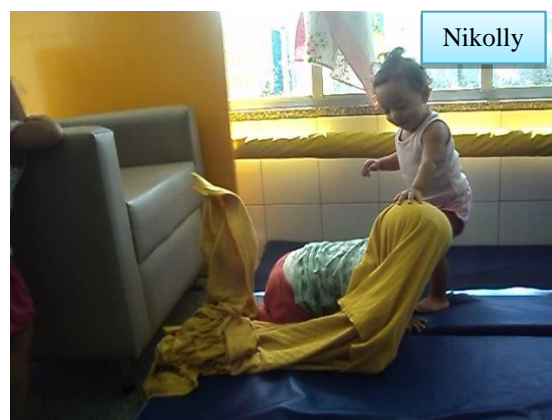
Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Esconde-esconde no tecido	Werick; Sueli; Nikolly; Dennis	02/08/2016 MOV01876 22’:16’’	16’:21’’ – 20’:10’’	03’:49’’

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os bebês e a educadora Sueli estão interagindo no espaço dos colchonetes. De repente Werick (12 meses) se afasta do grupo engatinhando, ele se dirige até a poltrona e pega um tecido amarelo. O garoto coloca o tecido sobre a cabeça e tenta sair. Mas logo desequilibra e cai nos colchonetes. Então ele tenta se afastar engatinhando. Demonstrando atenção às ações do garoto, Nikolly (14 meses) se aproxima e bate levemente na cabeça do menino.

Figura 185 - Werick explora o tecido

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 186 – Nikolly se aproxima

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Werick retira o tecido da sua cabeça e põe ao lado. Notando o interesse dos bebês por aquele material, a educadora Sueli se aproxima e pega o tecido. A educadora retorna para o ponto que estava e diz: “Venha, Werick. Werick procure tia, chegue.”. O menino parece não demonstrar interesse, ele se direciona para o canto da poltrona e observa o solário. Lara (16 meses) e Nikolly se aproximam da educadora. Lara gargalha. Sueli se joga no colchonete e cobre-se por inteira com o tecido. Nikolly, Lara, Kiara (13 meses) e Dennis (14 meses) observam. Lara grita como se estivesse com medo. Nikolly e Dennis chegam próximo à educadora, a menina toca nela.

Figura 187 - A educadora pega o tecido

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 188 – Cadê a educadora?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Sueli cobre-se e descobre-se rapidamente. Cada vez que aparece a educadora fala: “Ah!”. Dennis se remexe em sinal de felicidade. Toda vez que a educadora aparece o menino parece vibrar de alegria. Lara está parada sentada, olhando sério para a educadora.

Figura 189 – Achou!

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 190 – Observando a educadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Sueli olha para a menina e diz: “Oi Lara!” A menina olha para a educadora com expressão séria. Logo depois a educadora cobre-se novamente. Desta vez, Kiara se aproxima da educadora. Lara se distancia.

Figura 191 – Conversando com Lara

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 192 – Afastamento de Lara

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Distante, Lara balbucia “má” (modo como se refere às educadoras) e aponta para a educadora Eraldina. A menina continua apontando o dedo em direção a saída do berçário. A educadora Sueli interpreta suas ações e pergunta: “Não gostou não, foi? Quer ir lá para fora?” Enquanto isso, Nikolly tenta subir na educadora, Dennis e Kiara observam Lara. A educadora ergue o corpo e senta-se, ela coloca o tecido ao lado e diz a Lara que guardou (indicando que não irá mais brincar daquele modo) e a chama para o seu colo. A menina se aproxima e vai para o colo da educadora. Nikolly, por sua vez, pega o tecido. Ao notar que a garota está com o tecido, Werick se aproxima.

Figura 193 – Lara se aproxima

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 194 – Nikolly explora o tecido

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Nikolly coloca o tecido sobre seu rosto, repetindo as ações protagonizadas por Werick e Sueli. Werick também coloca o tecido sobre o rosto. A educadora vira Lara no sentido de Nikolly e fala entusiasmada: “Olha Nikolly fazendo. Cadê Nicolly? Achou! Cadê Werick?”. Kiara observa.

Figura 195 – Cobrindo-se

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 196 – Nikolly e Werick brincam

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Lara demonstra mais uma vez insatisfação ao choramingar e virar seu corpo. A educadora fala para os bebês que Lara não está gostando dessa brincadeira. Nikolly e Werick continuam a esconder-se e mostrar-se. A partir de então a educadora não entusiasma mais as ações dos bebês. Logo em seguida eles param de explorar o tecido. A educadora coloca Werick no colo e põe o tecido ao lado. Dennis pega o tecido e começa a explorá-lo. O garoto ressignifica as ações do grupo, cobrindo-se e descobrindo-se. Dennis coloca e tira o tecido olhando para a educadora três vezes seguidas. Ao retirar o tecido do corpo, o menino olha

para a educadora como se quisesse que ela participasse, mas a educadora não o corresponde, ela interage com Werick, Nicolly e Kiara perguntando se os meninos querem dormir e dando aconchego para eles.

Figura 197 – Dennis explora o tecido



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 198 – Dennis olha para educadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As tentativas sem respostas provocam a reelaboração das explorações e brincadeiras por Dennis. Ele levanta-se e arrasta o tecido. Então olha para trás, mas a educadora não esboça nenhuma reação. Ele retorna para os colchonetes arrastando o material. Logo em seguida o garoto sai arrastando o tecido pelo chão do berçário, ele faz menção para colocá-lo dentro da piscina de bolinhas, mas logo depois retorna e larga o material nos colchonetes.

Figura 199 – Arrastando o tecido pela sala



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 200 – Jogando o tecido na piscina



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Novamente o olhar investigativo dos bebês guia este episódio interativo. Werick é convidado por um novo elemento do espaço a se locomover. O tecido que está em cima da

poltrona instiga suas ações e é fonte de exploração para o garoto. Seus movimentos dialogam com a perspectiva de um espaço que mobiliza o agir, lançando convites aos atores sociais que o circundam.

Esses olhares atentos ao seu meio físico e social também são perceptíveis pelos movimentos de Nikolly, pois a garota observa as ações de Werick e se aproxima, tocando-o. Desta forma o espaço se configura como propulsor de interações, pois segundo Oliveira (2011), à medida que o outro atribui valor a um objeto ou material por meio de explorações e brincadeiras, novos sujeitos são mobilizados. Nesse sentido, Guimarães (2009) esclarece: “[...] É importante pensarmos os colchonetes, brinquedos e outros dispositivos materiais das creches como mobilizadores de contato, favorecendo que as crianças se encontrem, troquem olhares, objetos e sentidos.” (p. 101). Esse espaço relacional ressaltado pela autora entrelaçou a rotina do berçário investigado. Neste e nos demais episódios apresentados as ações dos bebês e educadoras nos indicaram a forte presença de um contexto relacional, onde todos os elementos dispostos no espaço inferem explorações e brincadeiras permeadas por interações sociais.

Estes encontros propagados pelas explorações dos objetos e materiais convidaram as ações da educadora Sueli. Motivada pelos interesses expostos por Werick e Nikolly, a educadora organiza um contexto lúdico onde o tecido é seu parceiro pedagógico. Deste modo, em sintonia com Simiano e Vasques (2011), a educadora interpreta e narra em muitos momentos as experiências que ocorrem nos espaços do berçário. Ao interpretar os movimentos dos bebês como expressões dos seus interesses e motivações para a emergência da brincadeira de esconde-esconde, novas narrativas são criadas. Visualizamos esse educador que narra seu cotidiano junto aos bebês na seguinte fala da educadora Sueli:

Ele estava brincando e eu fui fazer com que todos participassem da brincadeira também, com o tecido. Lara não aceitou aquela brincadeira, se assustou. Os outros gostaram, mas ela se assustou. Fui respeitar porque como eu conheço Lara, eu sei que certas atitudes com ela ia fazer ela chorar. Parei, tanto que ela veio e sentou. [...] Nikolly começou, mesmo assim ela não gostou. Mas eu não dei muita atenção para que aquela brincadeira realmente acabasse. Só que não prestei atenção mais em Dennis. Fiquei prestando atenção naqueles que estavam ali, querendo colo, querendo mais atenção de dormir (Sueli, Quarto Móvel dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli dialoga com Tristão (2004a) no que tange à importância da observação atenta do cotidiano pedagógico para organizar e reorganizar as práticas pedagógicas com os bebês. Quando a educadora diz conhecer Lara isso significa que durante

a rotina pedagógica as ações da garota são valorizadas, seus movimentos corporais são interpretados e acolhidos como sinais que ecoam suas motivações e interesses. Portanto, a educadora a reconhece como alguém competente, capaz de se comunicar e ser ouvida mesmo quando não há articulação de palavras, pois suas vozes emanam do seu corpo. Neste episódio os sinais comunicativos de Lara foram seus olhares, gritos, balbucios, distanciamentos e orientações corporais.

Em uma atitude responsiva, pertencente a um profissional atento e disposto a aprender com as crianças sobre elas mesmas ao observá-las, a educadora revela não dar andamento as explorações e brincadeiras que provocou no grupo porque as ações de Lara indicavam desconforto. Deste modo, o posicionamento da educadora evidencia que “[...] a observação é base para organizar as ações pedagógicas que tenham como meta o respeito para com cada um, pelas suas singularidades, pelos sinais comunicativos que emitem” (TRISTÃO, 2004a, p. 07). Portanto, diante de um contexto educativo coletivo, as especificidades de cada um dos sujeitos diante das experiências que ocorrem no berçário são reveladoras. Deste modo, a maneira como cada bebê agiu diante da proposta feita pela educadora informou se suas motivações e interesses estavam ajustados às explorações e brincadeiras que o tecido suscitou.

Estes informes evidenciados nas ações do grupo ilustram no início do episódio interativo que Lara demonstra interesse nas ações protagonizadas pela educadora ao pegar o tecido, esta interpretação é possível porque a menina acompanha com o olhar as ações da educadora, ela se aproxima e dá uma gargalhada. Porém, quando a educadora cobre-se por inteira, a garota grita, aparentando medo. Nesse momento a configuração de um espaço apoiado nas explorações e brincadeiras com o tecido sofre interferência pela negação de Lara em participar das experiências que a educadora propõe.

Por outro lado, ao longo do episódio, Dennis, Nicolly, Kiara e Werick se aproximam da educadora e acolhem sua proposta lúdica, indicando por olhares, sorrisos, toques, movimentações corporais e imitações como o espaço e materiais propagava por meio das ações humanas a concepção de um berçário vivo e dinâmico, emaranhado de explorações, interações e brincadeiras.

Sendo o movimento a maneira que o bebê tem de estar e vivenciar cada detalhe do mundo, Brasil (2010) indica a organização de espaços e práticas que favoreçam as ações corpóreas das crianças, afinal, como pontuado por Oliveira (2011), os bebês se articulam por uma lógica movida pelo agir de seus corpos.

Em sintonia com o exposto, discutimos com as educadoras alguns episódios interativos que contemplaram o ir e vir dos bebês e educadoras na sala do berçário. Estas

cenas emergiram das experiências delineadas a partir da popular brincadeira de pega-pega. Esses episódios foram discutidos no terceiro e quarto Móbile dos Saberes. Devido a semelhança nas falas dos dois encontros distintos, priorizamos em nossa análise a cena exposta no terceiro Móbile dos Saberes. Abaixo será discutida a sequência de imagens que foram apresentadas, fomentando as falas das educadoras.

Quadro 23 – Episódio Pega-pega

Episódio	Integrantes	Data
Pega-pega	Lara; Sueli; Arthur; Werick; Kiara; Dennis	26/07/2016

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

No horário que antecedia o banho dos bebês, o grupo costumava brincar de pega-pega com as educadoras. O espaço estava pré-adaptado para a brincadeira ocorrer: dispondo de uma configuração espacial aberta, sem objetos no chão, portanto sem empecilhos para que crianças e educadoras se movimentassem com liberdade, autonomia e segurança.

Enquanto uma das educadoras estava envolvida na prática do banho, outra aproveitava o espaço aberto para correr com os bebês de um lado para o outro. Inúmeras vezes o início da brincadeira dava-se pelos convites que as crianças faziam, demonstrando a partir do corpo que queriam se movimentar. As imagens a seguir ilustram essa brincadeira, bebês e educadora indicam que o berçário é um espaço dinâmico, propício a interações e brincadeiras que emergem conforme as ações do grupo nos arranjos espaciais dispostos.

Lara (16 meses) percorre o espaço sorrindo, a educadora a pega no colo e as duas partilham gargalhadas. Arthur (12 meses) observa o grupo do berço.

Figura 201 – Lara e Sueli correm



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

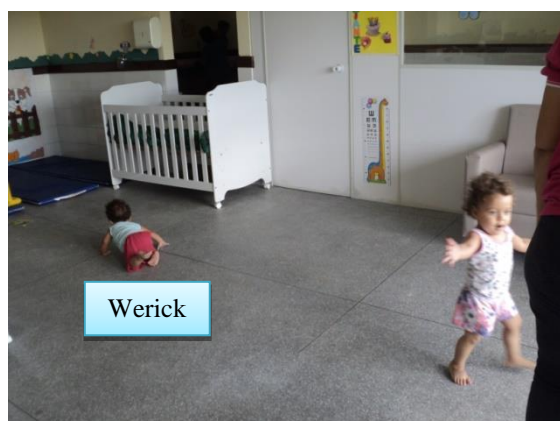
Figura 202 – A educadora pega Lara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Dando prosseguimento à brincadeira, Lara assume o comando e tenta pegar a educadora. Instigada pelas motivações dos bebês, a educadora continua provocando o grupo dizendo que irá pegá-los. Werick (12 meses) se afasta engatinhando, Kiara (13 meses) e Dennis (14 meses) correm, Lara se afasta imitando os movimentos de Werick.

Figura 203 – Lara toca a educadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 204 – Vamos correr!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Kiara retorna sorrindo e vai ao encontro da educadora. Sueli interpreta o desejo da menina e aproxima-se, agachando-se para pegá-la. As duas sorriem.

Figura 205 – Vou pegar!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 206 – Sueli pega Kiara



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora interpreta o olhar de Arthur como um sinal de interesse na brincadeira, ela então o retira do berço. O menino junta-se ao grupo e começa a correr.

Figura 207 – Ela vai nos pegar!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 208 – A correria continua



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Após a exibição e contextualização da cena interativa, questionamos às educadoras o que esse espaço comunicava. A educadora Sueli enfatizou os seguintes aspectos:

A **socialização** entre eles e o gosto da **brincadeira e a afetividade**. E o **brincar de pega-pega** que ele espera que a gente pegue! Que ele seja alcançado, ele espera! **Ele quer que a gente pegue!** “Vou pegar! Vou pegar!”. Eles correm, correm, mas na verdade eles **querem que você pegue**. É uma comunicação mesmo de demonstração de **carinho**, de **estar próximo** deles (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Que eles **gostam da brincadeira**. Que eles **se sentem bem**. E esperam um **carinho**, esperam um **carrego**, esperam que sejam carregados, que seja feito **cócegas**. Que tenha **um olhar diretamente nos olhos deles**. Eles esperam que a gente olhe para eles. **Eles não só querem que peguem, mas eles também querem pegar** (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

As falas da educadora Sueli anunciam que as ações do grupo comunicam que o espaço contribui para uma pedagogia centrada nas relações humanas (HORN, 2015; NORNBERG, 2013). Por meio do brincar as crianças se encontram, delineiam interações, fortalecem os vínculos afetivos. As interações sociais são destacadas, seus movimentos corporais e expressões faciais revelam que os bebês estão imersos em um contexto lúdico, configurado por um espaço que sustenta suas motivações e interesses: olhares, sorrisos, correrias e toques são algumas pistas dadas pelo grupo para esclarecer esta acepção.

As interlocuções tecidas no espaço entre os bebês e a educadora são evidenciadas nas falas destacadas. Por meio das suas linguagens os bebês demonstram aceitação e envolvimento na brincadeira, revelando assim que sua categoria de ator social competente é respaldada por uma proposta pedagógica assentada em um espaço que instiga e favorece seus movimentos corporais.

Bebês e educadora reforçam as proposições de Agostinho (2004) e nos revelam que a creche é um lugar onde brincadeiras, movimentos e interações entrelaçam a rotina. As ações orquestradas pelos bebês neste episódio se interligam com as falas de outras crianças: “[...] Por meio das suas *cem linguagens* nos disseram cem vezes cem que querem um espaço que lhes garanta o direito à brincadeira.” (AGOSTINHO, 2004, p. 08).

Espaços comprometidos com as crianças acolhem e interpretam os seus dizeres, se as crianças nos informam que o brincar é uma atividade vital para elas, os arranjos espaciais precisam ser organizados e reorganizados seguindo este princípio. O espaço vai deste modo se configurando como um parceiro pedagógico, um componente curricular importante que carrega e perpetua concepções de criança e educação (HORN; GOBBATO, 2015). O episódio descrito fortalece a percepção de um bebê potente, cuja lógica formativa faz-se por meio da ação corporal em seu meio físico e social.

Dando prosseguimento a discussão dos episódios interativos, apresentamos a seguir o espaço destinado à prática social da alimentação como um nicho propício ao desenvolvimento de interações, explorações e brincadeiras enquanto os bebês apreendem os aspectos ritualísticos desse exercício cultural.

Quadro 24 – Episódio Olha o aviãozinho

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Olha o aviãozinho	Henry; João; Werick; Sueli	24/08/2016 MOV02050 30’:47”	22’:16” – 24’:43”	02’:27”

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Os bebês estão nas cadeiras de alimentação tomando o café da manhã. João (12 meses) que está ao lado de Henry (13 meses) começa a balbuciar em tom de desconforto dirigindo seus olhares para a educadora Sueli. O som que João pronuncia parece com a vogal “a”. Henry então começa a mexer a colher e direciona até João como se estivesse fazendo aviãozinho (brincadeira feita para os bebês comerem). O menino balança a colher e pronuncia a vogal “a”.

Figura 209 – Henry oferece alimento

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 210 – O voo do avião

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli percebe as ações de Henry e começa a fazer movimentos na colher como se fosse um avião para alimentar João. A educadora fala: “Aviãozinho, AAA.”. Henry, por sua vez, olha atentamente para Sueli e remexe a colher no ritmo das ações da educadora.

Figura 211 – A educadora pilota o avião

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 212 – Henry continua em voo

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Werick observa as ações do grupo e logo depois imita os movimentos da educadora Sueli. Ao notar que o menino ressignifica o seu agir, a educadora pergunta: “Werick, quer dá comida a João, é?” O menino balbucia alegremente. Logo em seguida a educadora “sobrevoa” o “avião” próximo a Werick e pousa na boca de João. Werick acompanha os movimentos da educadora com sorrisos e também movimentando sua colher.

Figura 213 – Werick também decola

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 214 – Manobras no ar

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao observar que Werick adentrou o contexto interativo, Henry vira-se para o garoto e dirige a colher para próximo de Werick como se quisesse alimentá-lo. Os dois seguem balançando as colheres para um lado e para o outro, mediados pelas narrativas da educadora. O episódio acaba quando Sueli termina de alimentar João.

Figura 215 – Os voos continuam

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 216 – Não há turbulências

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O episódio apresentado evidencia o momento da alimentação que representa uma prática social cotidiana responsável por aproximar as pessoas (PIOTTO; FERREIRA; PANTONI, 2011). Chama atenção nestas cenas a constituição de um espaço relacional e lúdico, possível pelas trocas interativas entre bebês e educadora. O grupo expõe claramente “[...] que comer é uma maneira de se relacionar com os outros” (PIOTTO; FERREIRA; PANTONI, 2011, p. 130). Nesse sentido, os bebês envolvem-se em práticas de socialização que lhes garantem explorações, interações e brincadeiras enquanto alimentam-se.

Esse contexto lúdico e relacional emerge apoiado em um espaço configurado para tal: o formato circular que as cadeiras de alimentação foram dispostas no arranjo espacial permite que todos os bebês troquem olhares e se relacionem enquanto apreciam a comida; a proximidade entre uma cadeira e outra intensifica o delinear de interações e brincadeiras.

Entrelaçado a um espaço mobilizador de relações sociais, Henry denota estar atento às ações de seus iguais ao passo que acolhe os balbucios de João como um convite a brincadeira. Reportando-se às práticas das educadoras no momento da alimentação, Henry balança a colher de um lado para o outro como se ela fosse um aviãozinho. Suas ações demonstram um bebê potente, atento às dinâmicas humanas delineadas na rotina pedagógica do berçário. Ao reinterpretar o agir das educadoras, o menino revela sua capacidade criativa, operando por meio de seus movimentos elementos da sua cultura. Como já discutido, a imitação não se trata de uma mera reprodução, mas diz respeito a uma reelaboração do vivido que traz consigo especificidades de quem imita.

Denotando atenção às ações de Henry, a educadora Sueli conduz a alimentação de João com a técnica do aviãozinho, cuja colher passa a representar um avião e a boca do garoto um aeroporto. Reconhecendo o bebê como coprodutor do trabalho pedagógico ao acolher suas ações, a educadora Sueli evidencia a percepção de ator social competente atribuída à criança desde a mais tenra idade, pois respeita e interage “[...] com ela como efetivo ser social, e não apenas como um corpo a ser banhado, alimentado ou trocado.” (TRISTÃO, 2004b, p. 02). Deste modo, o espaço destinado à alimentação é também um lugar onde emergem explorações, interações e brincadeiras, permeadas por um arranjo espacial vivo e dinâmico:

A intenção era que eles **interagissem, brincassem** na hora da comida e se **alimentassem** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Dando ênfase a característica relacional e lúdica do espaço, Werick imita as ações da educadora e de seu coetâneo. Ele expõe a partir da imitação o anseio em participar das trocas sociais desenvolvidas por ambos, cuja ênfase recai para a brincadeira em andamento: o sobrevoo do avião. Para Guimarães (2011), por meio da imitação os bebês mapeiam seus interesses diante da pluralidade de experiências disponíveis nos arranjos espaciais. Ao imitar as ações de outrem, os bebês indicam qual parceiro social lhe interessa. Henry e a educadora Sueli acolhem as investidas sociais do garoto e passam a interagir com ele.

Este espaço que mobiliza relações sociais ganha ênfase nos dizeres da educadora Sueli:

Geralmente a gente fazia um **semicírculo** para poder **observar e observar um ao outro**. Então **a criança observando o outro se alimentar, ela também repete esse movimento**. **Vai lá de um jeito e do outro prova** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli explicita a configuração de um espaço onde as trocas sociais entre os bebês seja o alicerce para as suas aprendizagens. O trabalho pedagógico delineia-se nesse sentido em parceria com estes pequenos seres. Seguindo essa premissa, a organização do espaço delimitada por um semicírculo dialoga com a promoção de encontros entre iguais, pois assim como Horn (2015) acredita-se no potencial educativo das interações tecidas pelas crianças nos espaços da educação infantil.

Essa dimensão educativa sustentada por um espaço relacional é destacada nas falas da educadora ao pontuar que quando o bebê observa atentamente as explorações e vivências tidas por seus iguais na prática social da alimentação ele apreende, incorpora e ressignifica os elementos da sua cultura, visto que, imita o outro e elabora modos singulares de vivenciar tal situação.

Uma das aprendizagens essenciais neste processo é alimentar-se com autonomia. Barbosa e Fochi (2015) chamam atenção para a complexidade por trás dos movimentos orquestrados pelo bebê para que o alimento chegue até sua boca. Nesses caminhos que os talheres percorrem, o alimento segue rumos para além do território-boca, ele distribui-se por todo o corpo, permitindo sensações diversas. Essas explorações são importantes porque permitem um aprendizado autônomo. Nesse sentido, conforme pontua Barbosa (2010) “[...] A dependência das crianças de uma alimentação que é servida para elas, vai, pouco a pouco, sendo substituída por situações de alimentação com elas.” (p. 13). Em sintonia com Barbosa (2010), a fala da educadora Sueli expõe a configuração de um espaço onde a prática social da alimentação é compartilhada:

Eu gosto de deixar o prato para que ele experimente, sinta a textura daquele alimento, se está quente, se está frio. Então, é um momento de grande riqueza o momento de alimentação na creche. **Eles além de se alimentar, estão aumentando o vocabulário: o que eles estão comendo. O que tem nessa comida. O que gosta mais da comida. Pedagogicamente eles aprenderam muita coisa nesse momento de estar sentado, de comer. Eles sabiam que tinha que sentar para comer, pegava a colher, o prato não ir para o chão** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Pode-se observar que a educadora dá visibilidade às ações dos bebês nos momentos de alimentação. Apesar de a educadora conduzir o alimento na maior parte do tempo, ela

também estrutura oportunidades para que as crianças possam vivenciar com autonomia essa prática social por meio de suas habilidades expressivomotoras. Ao encontro dessas ideias, Barbosa e Fochi (2015) elucidam a configuração de uma ação compartilhada entre bebês e educadoras durante o ritual social da alimentação. Esse compartilhamento pode ocorrer quando o educador deixa a criança explorar os talheres e alimentos, pois posteriormente o bebê identificará suas funcionalidades e irá se aventurar nas tentativas de conduzi-los até sua boca.

Outro ponto que merece ser ressaltado em sua fala diz respeito às interlocuções entre bebês e educadoras durante a alimentação. A configuração de um espaço relacional ganha ênfase mais uma vez devido às narrativas que envolvem a prática. Para além de um aumento significativo no número de palavras, conforme ressaltado pela educadora, os bebês vivenciam a prática social da alimentação em sua categoria de atores sociais competentes. Sendo assim, os questionamentos advindos das educadoras lapidam um espaço de provocação e escuta das falas dos bebês, evidenciando a potência comunicativa que há em seus balbucios, choros, olhares e movimentos corporais.

Essa escuta apurada aos recursos sociocomunicativos dos bebês foi a responsável pelo delinear deste episódio interativo. Ao acolher e entusiasmar as ações desses sujeitos, a educadora narra o contexto lúdico, enfatizando que os espaços do berçário são constituídos por interações e brincadeiras ajustadas aos interesses e motivações expressos pelas crianças. Nessa trilha de proposições o grupo evidencia que o brincar não se delimita a um determinado tempo e espaço, mas permeia todos os cantos e recantos da sala, afinal, a brincadeira consiste em uma experiência essencial nos primeiros anos de vida, pois ela conduz a criança a inúmeras aprendizagens (BRASIL, 2012).

Para finalizar as discussões deste bloco de análise que enfatizou as explorações, brincadeiras e interações dos bebês e educadoras nos espaços do berçário, apresentamos a seguir o episódio interativo *A canoa virou*.

Quadro 25 – Episódio A canoa virou

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutaço selecionada	Duração
A canoa virou	Sueli; Eraldina; Nicolly; Dennis; Kiara; Arthur.	09/09/2016 M2U00071 10':46"	03':56" – 10':46"	06':42"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Nicolly (15 meses), Dennis (15 meses), Kiara (14 meses) e Arthur (13 meses) estão no chão e nos colchonetes brincando com garrafas pet de 500 ml cheias de água, elas possuem algumas figuras que representam os animais do fundo do mar. As educadoras Sueli e Eraldina cantam a cantiga popular “A canoa virou”²². Cada vez que cantavam, as educadoras incorporavam à canção o nome de um dos bebês presentes na sala.

Em um determinado momento a educadora Sueli se aproxima dos colchonetes. Ela sobe em um deles e começa a se remexer cantando a referida música. Nikolly se aproxima e toca o colchonete, a educadora vira-o, representando a canoa caída. A menina se desequilibra e cai. As educadoras falam com entusiasmo: “A canoa virou! A canoa virou!”.

Figura 217 – A canoa está balançando



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 218 – A canoa virou



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As educadoras continuam cantando a música e incorporando os nomes dos bebês à canção. Kiara se aproxima e se debruça sobre o colchonete. Sueli vira a “canoa” com a garota. Nikolly se aproxima e compartilha da experiência.

Figura 219 – Kiara entra na canoa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 220 – Quem deixou ela virar?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

²²“A canoa virou. Pois deixaram ela virar. Foi por causa de *nome do bebê* que não souber remar. Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar, eu tirava *nome do bebê* do fundo do mar”.

A educadora Sueli continua virando os bebês que se aproximam do colchonete. Ela os conduz até o espaço, balança-os de um lado ao outro simulando o vai e vem da canoa e depois os vira. A cada virada, os bebês sorriem. Nas cenas abaixo vemos Arthur dentro da “canoa” e posteriormente Dennis e Nikolly.

Figura 221 – Arthur não soube remar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 222 – Indo para o fundo do mar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Chama atenção neste episódio a capacidade lúdica que permeia as ações da educadora Sueli no espaço. Ela demonstra essa predisposição para a ludicidade ao passo que ressignifica os sentidos e significados atribuídos ao colchonete, convidando o grupo de bebês a vê-lo, senti-lo e explorá-lo como se fosse uma canoa. As falas da educadora Sueli contemplam esses novos significados que os materiais ganham quando a imaginação permite a criação e recriação de narrativas sustentadas por cenários que se modificam conforme os interesses do grupo:

[...] Aproveitei o **colchãozinho** e **fiz um barquinho**. No início eles não deram tanta importância, **estava cantando a música do peixinho, mas ninguém estava se importando**. Depois que **comecei com o movimento do colchão ai eles vieram** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

A ação de pegar o colchonete e virar um barquinho deu sentido à música. E eles eram os peixinhos. Por que quem era que não sabia remar? [...] Então assim **é como se eles estivessem dentro da música. Virou personagem da música** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Os apontamentos levantados pela educadora Sueli ressaltam o importante papel do educador enquanto profissional responsável por organizar espaços onde a ação e imaginação entrelaçam a rotina do berçário e o transformam em um lugar para brincar, movimentar e se encontrar. Ao se aproximarem, demonstrando interesse em compartilhar da experiência lúdica, os bebês validam a reconfiguração do espaço organizado pela educadora, elucidando

em consonância com Agostinho (2004, p. 09) que “[...] o sonho e a fantasia são possíveis” nas instituições de educação infantil.

Esses espaços onde a fantasia e o sonho são possíveis ascendem quando a educadora ressignifica os usos do colchonete, transformando-o em uma canoa. Ao deixar-se guiar pelo lúdico, a educadora dialoga com as motivações e interesses dos bebês. Ao longo dos episódios apresentados essas ressignificações diante dos materiais que compõem o espaço do berçário foram constantes: o colchonete já representou o mar, a colher um avião, a cortina um esconderijo, a lata um assento. Portanto, bebês e educadoras “[...] demonstram que têm *outro jeito*, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído.” (AGOSTINHO, 2004, p. 08).

Essas relações tecidas pelas educadoras e bebês na materialidade do espaço transforma o inanimado em algo vivo e dinâmico. As brincadeiras e interações delineadas a partir dos convites provocados por móveis, objetos e brinquedos chamam atenção para as dimensões pedagógicas que entrelaçam os arranjos espaciais. Nesse sentido, o espaço é um parceiro importante, pois dialoga com o trabalho pedagógico desenvolvido com os bebês ao passo que provoca encontros e narrativas, contorna e sustenta os planos das educadoras e crianças (AGOSTINHO, 2004; GUIMARÃES, 2009; SIMIANO; VASQUES, 2011).

Deste modo, o espaço ganha destaque pelas dinâmicas humanas que é capaz de produzir ou instigar. Podemos inferir que o berçário é composto por espaços que não são medidos por suas extensões métricas, mas pelas vidas que pulsam em cada um dos seus integrantes, responsáveis por atribuir sentidos e significados a materialidade que circunda suas experiências. Sendo assim, as ações dos bebês e educadoras nestes episódios esclarecem que o espaço é reconhecido como lugar de encontros e desencontros, lugar de explorações, interações e brincadeiras que emergem e sustentam-se pelas vidas que pulsam em suas configurações espaciais.

4.2 A CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS COMO TERCEIRO EDUCADOR: CENAS QUE ENTRELACAM BRINCADEIRAS, EXPLORAÇÕES E INTERAÇÕES

Fortalecendo o potencial educativo dos espaços, visualizamos e discutimos no segundo Móbile dos Saberes uma sequência de imagens que ilustra o episódio interativo “Empurra o brinquedo”. Neste episódio, o espaço mostra-se novamente pelas ações das crianças e educadoras um importante propulsor de aprendizagens, levando em consideração os relacionamentos que suscita.

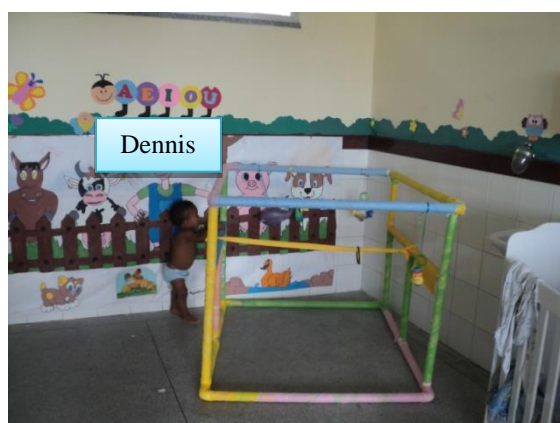
Quadro 26 – Episódio Empurra o brinquedo

Episódio	Integrantes	Data
Empurra o brinquedo	Dennis; João; Sueli; Eraldina; Lara; Kiara; Nikolly	25/07/2016

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As trocas interativas foram desenvolvidas próximo ao Sítio do Seu Lobato, o episódio começa quando Dennis (14 meses) se aproxima do móbile de PVC e começa a empurrá-lo.

Figura 223 – Dennis se aproxima do Móbile



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 224 – Dennis puxa o Móbile



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Mobilizado pelas ações de Dennis, João (11 meses) se aproxima engatinhando. Dennis, por sua vez, continua a empurrar o objeto. À medida que João chega mais perto, direciona o olhar para o rosto de Dennis.

Figura 225 – João se aproxima



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 226 – João olha para Dennis



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao apresentar as imagens do referido episódio para as educadoras e contextualizar sumariamente a cena interativa, realizamos os seguintes questionamentos: quais dimensões este espaço favorece? Motivada por essas questões, destacamos as falas da educadora Sueli:

Social, a **relação afetiva**, também viso-motora, porque ele visualizou e foi lá a partir desse movimento para fazer o mesmo que o colega está fazendo. **Cognitiva** porque só dele ir lá até o outro e **querer fazer o que o outro está fazendo está mexendo com o cognitivo dele** (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

Dennis está estudando ali como é que ele vai arrastar aquele negócio [...] Então assim, essa foto aí mostra que **Dennis pensou! Pensa como fazer para tirar aquele objeto daquele lugar. Ele sabia que ele podia fazer!** Que ele já botou pra cá, botou para lá e arrastou. Então, eu acho que **usa todas as dimensões!** (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

Nas cenas anteriores, notamos que o mobiliário instiga as ações de Dennis e João. O espaço apresenta-se como convidativo aos movimentos dos garotos. A fala da educadora destaca o caráter social e afetivo proporcionado pela intervenção de Dennis e João no espaço. A dimensão afetiva entrelaça a cognitiva, demonstrando que um ambiente socialmente estruturado instiga o agir dos bebês, favorece trocas sociais regadas de afeto e aprendizagens. Nesse sentido, Oliveira (2011) esclarece: “[...] o afeto é regulador da ação, influenciando na escolha ou rejeição de determinados elementos, eventos, ou situações por parte da criança.” (p. 140).

Nesses encontros que a organização espacial suscita, a educadora destaca que o ato de imitar as ações do outro representa um mecanismo de aprendizagem e elaboração cognitiva importante. Guimarães (2011) pontua que o “[...] ato de imitar, ao mesmo tempo em que se apoia no outro, revela a potência criadora de quem imita.” (p. 185). Desta forma, a imitação representa a interiorização das ações do outro para posteriormente reelaborá-las e produzir suas próprias ações. Vale ressaltar que a imitação é comumente evidenciada no contexto pedagógico do berçário, ao explicitar os desejos de se integrar socialmente a um grupo ou contexto brincante para compartilhar experiências.

Além disso, a educadora destaca ainda as estratégias utilizadas por Dennis para movimentar o móbile, enfatizando a dimensão cognitiva que entrelaça suas ações. Ao puxar e empurrar o brinquedo, o menino está explorando o objeto e trabalhando a sua dimensão expressivo-motora, seus aspectos cognitivos também são ressaltados ao passo que elabora estratégias para movimentá-lo, usando seus artifícios corporais para alcançar seus objetivos.

Primeiramente ele o puxa com apenas uma mão, em seguida o empurra com as duas mãos erguidas sobre o móbile.

Ao atuar neste espaço, o garoto evidencia sua característica de ator social competente e esclarece por meio de sua agência as constatações de Agostinho (2004) ao questionar o espaço da creche, partindo da seguinte problematização: “Que lugar é este?”. Ouvindo as infinitas linguagens das crianças ao ocuparem e ressignificarem os espaços, a autora destaca que as crianças lhes disseram durante toda a pesquisa que a creche é um lugar para se movimentar: “A vida na creche é marcada pelo movimento; movimentar-se para as crianças é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo; é uma forma de linguagem; é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades” (AGOSTINHO, 2004, p. 10). Dennis fortalece a tese da referida autora nos mostrando por meio de suas ações no berçário que o movimento faz presença constante nos contextos educativos que os bebês se inserem.

Os movimentos realizados por Dennis chamam atenção de João que se aproxima. A aproximação de João é marcada pelo olhar que ele direciona para Dennis. Dentre os recursos sociocomunicativos que os bebês possuem, o olhar é destaque no delineamento de interações sociais. Segundo Elmôr (2009), os olhares dos bebês revelam intenções e sinalizam informações importantes, eles são responsáveis por iniciar e sustentar relações sociais que se desenvolvem sem a presença articulada de palavras. Portanto, o olhar não se articula somente a um dos sentidos do nosso corpo, mas é considerado também como um recurso que permite comunicações e interlocuções. A esse respeito a autora enfatiza: “[...] O olhar não é considerado simplesmente visão” (ELMÔR, 2009, p. 27). Partindo destas considerações, João nos dá pistas de que ao posicionar os seus olhares para Dennis, há uma predisposição para trocas sociais com o garoto. Vale ressaltar que a partir de suas ações corporais, em especial ao olhar que destina a Dennis, João elucida que está atento ao princípio vital de qualquer relação social: a aceitação do outro para desenrolar trocas interativas. Oliveira (2011) fundamenta a atitude de João: “Sendo ação partilhada, a interação é influenciada por características de ambos os parceiros.” (p. 141).

Coadunando com Agostinho (2004), os bebês nos revelam a partir deste episódio interativo que o espaço do berçário é um “lugar para se encontrar”. Assim como nos episódios protagonizados no Sítio do Seu Lobato, o espaço revelou-se propulsor de interações que foram motivadas pela dinamicidade que as ações das crianças agregam aos móveis e objetos dispostos na sala. Visualizamos mais uma vez o espaço transformar-se em *lugar* pela

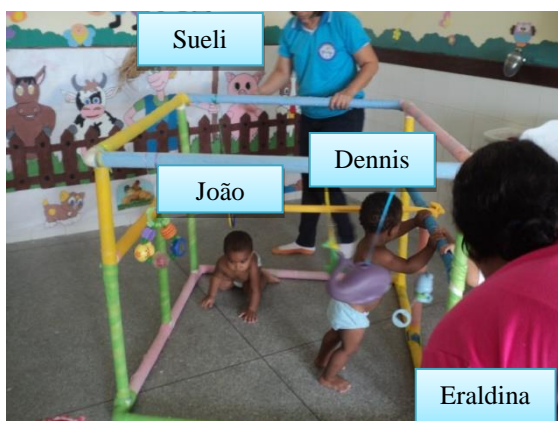
dinâmica que o humano atribui a ele, pelas vidas que pulsam e dão sentido aos arranjos espaciais (AGOSTINHO, 2004; SIMIANO; VASQUES, 2011).

Nessa trilha de proposições, o olhar atento do educador para o que as crianças possivelmente nos dizem em suas explorações e brincadeiras nos diferentes espaços do berçário é primordial para pensar a organização de arranjos espaciais que respeitem as motivações e interesses expostos pelo grupo. Conforme elucidado, os bebês anunciam o berçário como lugar de excelência para relação com o outro, logo, nos demonstram que o seu entorno espacial é responsável por favorecer trocas interativas que se sustentam envoltas às ações do grupo em meio aos móveis, cartazes, objetos e brinquedos dispostos. Confirmando a tese de Agostinho (2004) ao reconhecer a creche como “um lugar de encontro”, o episódio interativo iniciado por Dennis e João ganha novos sujeitos. Vejamos nas descrições e imagens a seguir.

Dennis continua empurrando o móvel. À medida que o gira, o objeto bate no berço. O garoto tem dificuldade para movê-lo. As educadoras Sueli e Eraldina então se aproximam. Sueli pergunta: “E agora? Como vamos conseguir tirá-lo daí?” O garoto puxa o móvel para trás, mas não sem êxito. Lara (16 meses) também aparece na cena interativa e toca o móvel na medida em que pressiona o seu corpo para baixo, como se quisesse auxiliar Dennis a vencer o obstáculo que se apresentava. João, por sua vez, se movimenta seguindo as ações de Dennis.

Logo depois, Dennis olha para o rosto da educadora Sueli, como se pedisse ajuda. Kiara (13 meses) e Nikolly (14 meses) se aproximam. Sueli apoia suas mãos sobre o móvel, impedindo que o objeto se locomova, evitando assim que os bebês se machuquem. As crianças exploram os objetos pendurados no móvel.

Figura 227 – Aproximação/educadoras



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 228 – Lara ajuda Dennis



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 229 – O que houve?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 230 – Nikolly e Kiara exploram



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Após a exibição das imagens, as educadoras falaram sobre o episódio interativo. Ao questionarmos o porquê da aproximação do adulto no espaço, a educadora Sueli pontua:

Dennis está empurrando, a força está tão grande que tem que ter uma **ajuda senão ele ia machucar os outros**. [...] Sem intenção, que a intenção dele não era machucar, é explorar (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

Eu tinha que estar ali para **mediar ou interagir na brincadeira para que não acontecesse um acidente. E olhar mesmo o que estava fazendo como eu poderia intervir** (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

A educadora se aproxima não com a intencionalidade de impedir as explorações do garoto, mas com o intuito de tornar o ambiente seguro para que todos os bebês pudessem brincar e interagir sem riscos. O papel do adulto frente às interações e explorações nos espaços é evidenciado neste segundo momento do episódio interativo. Conforme Simiano e Vasques (2011, p. 09): “Na criação de contextos materiais, temporais e sociais, a presença do professor permite, proíbe, incentiva e sustenta (ou não) as vivências, as significações”. Guiada por um desejo de promover ambientes desafiadores e seguros, a educadora Sueli se integra ao grupo. Sua proximidade é propícia à observação e intervenções futuras.

É interessante observar que uma ação orquestrada por Dennis mobiliza o grupo inteiro. A educadora Sueli expressou durante o Móbile dos Saberes a relevância atribuída aos fazeres dos bebês nos espaços da creche. Reconhecendo que o convite para explorar o espaço e partilhar uma brincadeira pode partir tanto das educadoras, como das crianças.

Chamou atenção aquela ação de Dennis. E como tinha mais criança, nós fomos também. Então estava mais interessante aquele espaço. Aquele espaço estava mais convidativo, estar todo mundo junto. Se aproximaram para interagir na brincadeira. (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

Nesta fala e nas ações do grupo notamos como o agir de outrem em determinado espaço pode ressignificá-lo e faz emergir novos contextos interativos e brincantes. Para Oliveira (2011), “[...] A atividade de outra criança atrai o olhar por marcar certos objetos como potencialmente interessantes, dentro de um grande mecanismo de partilhas de significados.” (p. 146). Deste modo, as ações de Dennis provocaram nos bebês e educadoras o desejo de estar perto. Ao explorar o móbile, o garoto atribui sentido ao objeto, redimensionando assim as atenções dos bebês para exploração do mobiliário, destacando o móbile como integrante do contexto pedagógico do berçário. Desencadeando, portanto, aproximações, interações e brincadeiras com seus pares e educadoras.

Dando prosseguimento às dinâmicas humanas que o espaço suscitou, conversamos sobre as imitações das ações de Dennis por Nikolly e Lara e sobre as explorações e interações tecidas por João e Sueli quando o garoto se aproxima das argolas no centro do móbile.

Figura 231 – Imitando Dennis



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 232 – Sueli auxilia João



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 233 – João fica em pé



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 234 – João se apoia nas argolas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Conforme discutido anteriormente, a imitação demonstra que a criança está ressignificando ações. Não se trata de uma cópia idêntica do agir de outrem, mas diz respeito a uma reelaboração repleta de especificidades. Ao se engajarem socialmente em práticas imitativas, os bebês nos indicam seus interesses diante de um espaço plural, a imitação nos revela os parceiros escolhidos para tecer interações e, por vezes, esses episódios interativos são iniciados tendo em vista o espaço e mobiliário disposto. Portanto, o ato de imitar carrega intencionalidades que interliga o autor da ação àquele que a representa (GUIMARÃES, 2011).

Neste rol de explorações que o móbile instiga, no final do episódio evidenciamos a relação de João com o espaço. Iniciamos a descrição da ação interativa a partir da aproximação de João que foi mobilizado pelo agir de Dennis e finalizamos com as ações autônomas do menino neste arranjo espacial. O que chama atenção nesta cena final é que assim como as ações de Dennis prenderam a atenção de João, registramos como as ações protagonizadas por João redimensiona a atenção de Kiara e da educadora Sueli. Sob a ótica dos bebês, vivenciamos o que Simiano e Vasques apontam como: “O delicado e sutil movimento do espaço constituindo-se em um lugar...” (p. 02). Lugares estes que fomentam encontros e narrativas diversas.

De acordo com a educadora Sueli, o móbile foi confeccionado com intuito de servir como um instrumento de apoio para os bebês exercerem sua autonomia motora, assim sendo, os objetos pendurados ao longo dos canos de PVC estimulavam as explorações, tornando o espaço lúdico e convidativo. As argolas que o móbile possuía foram escolhidas pelas educadoras com o propósito de servirem de apoio para o ato de levantar os corpos dos bebês e assim ensaiar seus primeiros passos em um espaço desafiador e seguro. Ao questionarmos qual a importância do móbile para João, a educadora Sueli expõe:

A **argola** vai estimular que ele **pode ficar em pé**. Vai ter uma **segurança**. Que através da argola ele poderia **se erguer, ter um apoio, para poder ficar em pé** [...] ele segurava a barra e a argola fazia com que ele tivesse **força**. Botasse força e **levantasse o corpo** (Sueli, Segundo Móbile dos Saberes, 2016).

A fala da educadora toma a organização do espaço como elemento importante na constituição da proposta pedagógica para os bebês. Ao atribuir ao mobiliário a função de auxiliar no desenvolvimento motor dos bebês, ela elucida que o trabalho desenvolvido na creche tem forte relação com os objetos, móveis e brinquedos que povoam os espaços. Em razão disso, o espaço não é neutro, conforme afirma Horn (2015): “[...] Pode-se dizer que o

espaço é uma construção social que tem estreita relação com as atividades desempenhadas por pessoas nas instituições.” (p. 105). Por fim, vale destacar que o espaço atua como um terceiro educador na medida em que provoca as ações das crianças e educadoras, interligando-se a proposta pedagógica do grupo.

O episódio Experiências no labirinto, discutido no terceiro Móbile dos Saberes fortalece e amplia a dimensão pedagógica que circunda as materialidades deste espaço. Ele será apresentado a seguir.

Quadro 27 – Episódio Experiências no labirinto

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências no labirinto	Werick; Sueli	02/08/2016 MOV01877 15’:32’’	10’:39’’ – 12’:47’’	02’:02’’

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Werick (12 meses), que há pouco começou a dar seus primeiros passos, se dirige caminhando para o móbile de PVC, também denominado de labirinto. O garoto se apoia na piscina de bolinhas e d  um grito. A educadora Sueli corresponde: “Oi, Werick.”. Ele sorri e logo depois vira seu corpo, sustentando-o nas barras do labirinto. Em seguida o menino sobe em um brinquedo que está no chão e balança suas pernas.

Figura 235 – Werick grita



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 236 – Balançando as pernas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli chama atenção do menino, pedindo para ele descer, e diz: “Não, não, não, não.”. O garoto desce e passa por baixo da barra do labirinto, entrando no móbile.

Figura 237 – Transpondo obstáculos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 238 – Consegui entrar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O menino apoia-se no tecido que se liga ao outro lado do móbile e se dirige até a extremidade do mobiliário. Ao chegar ele grita e coloca um dos brinquedos pendurados na boca. Dentre as suas ações exploratórias, o garoto intercala momentos em que põe o objeto na boca e vira-o de um lado para o outro.

Figura 239 – Chegando na extremidade



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 240 – Explorando os objetos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois Werick passa por baixo do tecido e segue em direção aos demais objetos pendurados no labirinto. O menino explora-os com as mãos e boca. Durante suas explorações ele balbucia e balança os brinquedos.

Figura 241 – Seguindo um novo rumo



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 242 – Exploração deliciosa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

As ações de Werick no decorrer do episódio elucidam a configuração de um espaço responsável por fomentar desafios. Percebemos a partir das ações protagonizadas pelo garoto que este espaço contribui para o desenvolvimento da sua autonomia, pois convida e provoca suas ações, levando-o a realizar múltiplos movimentos enquanto envolve-se e explora o seu meio físico. A esse respeito Barbosa (2010) esclarece: “Os ambientes, quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo” (p. 08). Esses convites proferidos pelo espaço validam a tese de que ele é um parceiro pedagógico importante, visto que, interações, explorações e brincadeiras circundam suas extensões constantemente. Entendendo o espaço como integrante da ação pedagógica, a educadora Sueli respalda as contribuições educativas emaranhadas ao mobiliário que Werick explora:

É para que eles fiquem em pé. É estímulo mesmo. Estimular para que eles possam pegar nos objetos, começar a andar, ver texturas dos objetos, os obstáculos, passar por cima, não precisar baixar, andar. Então, são obstáculos para que eles desenvolvam essa motricidade. A parte motora, de equilíbrio [...]. São barreiras para eles vencerem. Obstáculos que vão dando a eles autonomia de como brincar, de como sair daquele espaço, entrar, sair (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Novamente as falas da educadora atribuem ao espaço muito mais que opções decorativas, reconhecendo-o como parceiro pedagógico, capaz de provocar inúmeras experiências e aprendizagens aos bebês (BARBOSA; HORN, 2001). Chama atenção em seus posicionamentos o anseio em configurar arranjos espaciais onde o protagonismo infantil revele-se e seja vislumbrado nas ações autônomas dos bebês, sustentadas por um “espaço que lhes dê espaço”, que lhes garanta o direito de explorar livremente seus próprios limites e

possibilidades diante da gama de desafios que os arranjos espaciais propõem (HORN; GOBBATO, 2015; THIAGO, 2012).

Um grande desafio apontado pela educadora corresponde ao desenvolvimento da marcha que representa para os bebês a incrível experiência de dar seus primeiros passos. É importante ressaltar que o espaço contribui para esse processo, oferecendo apoio e segurança para os pequenos se aventurarem nessa conquista. Deste modo, ao elaborar e inserir no espaço do berçário um móvel que apoia e amplia os movimentos orquestrados pelos bebês, as educadoras revelam acreditar na potência educativa dos espaços e na capacidade que as crianças têm de gerir seu próprio conhecimento (HORN; GOBBATO, 2015).

Essa predisposição que o bebê denota para investir em si por meio dos movimentos exploratórios protagonizados nos arranjos espaciais é ressaltada pela educadora Sueli, vejamos:

Se não tiver esse apoio ele vai demorar mais. Dentro do berçário ele vai procurar um lugar. Não vai ter essa facilidade, mas vai procurar no berçário uma maneira dele ficar em pé. Como tem o brinquedo, então ele já tem o apoio (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

Portanto, parte-se de uma ideia de bebê potente, atento a todos os elementos que compõem o berçário, enxergando-os como inúmeras possibilidades de atuação e elaboração de estratégias para trilhar suas aprendizagens, respaldando-se em um espaço que acolhe e favorece seu desenvolvimento.

O episódio apresentado a seguir coaduna com o exposto ao evidenciar as ações autônomas de João em um espaço que provoca seus movimentos corporais.

Quadro 28 – Episódio Experiências com bolas

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com bolas	João e Arthur	12/09/2016 M2U00072 09':12"	00':00" – 04':17"	04':17"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

João pega uma bola que está próximo ao berço e a joga. O menino observa o percurso feito pelo objeto e engatinha até ele.

Figura 243 – João lança a bola

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 244 – João engatinha até a bola

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O menino pega a bola novamente e logo depois a solta. Ele observa-a, pega-a e joga-a. João investiga o percurso feito pela bola e engatinha até ela.

Figura 245 – Observando o percurso

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

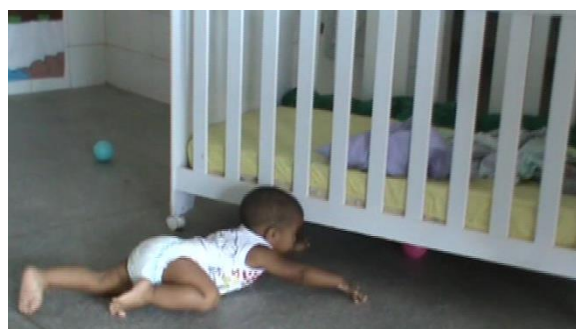
Figura 246 – Ela está me chamando

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao se aproximar o menino segura a bola e a joga. Ela vai parar debaixo do berço. O garoto observa, deita-se no chão e olha para baixo do berço, atentando-se para o caminho percorrido por ela. Ele arrasta seu corpo para bem próximo do berço com intuito de pegá-la, mas ela está fora do seu alcance.

Figura 247 – Vou buscá-la

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 248 – Será que consigo pegá-la?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

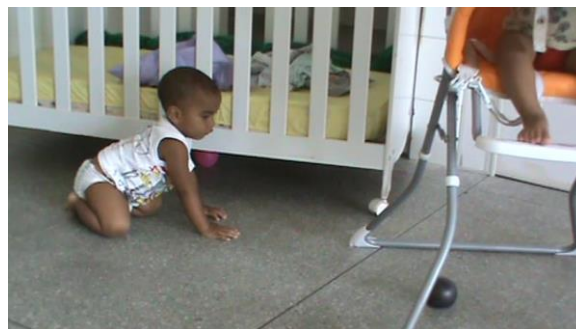
O menino então pega uma bola preta que estava próxima e a joga. Mas apenas observa o percurso, não vai atrás dela.

Figura 249 – Nova bola para explorar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 250 – João observa a bola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo em seguida João se apoia no berço e fica em pé como se quisesse empurrá-lo para pegar a bola que anteriormente explorava. Arthur (13 meses) é posto no chão e se dirige até uma bola amarela ao lado do berço, o menino pega a bola, João o observa. Arthur olha para pesquisadora e solta a bola, balbuciando algo parecido com Gool.

Figura 251 – Empurrar o berço resolve?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 252 – Gool!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

João engatinha até a bola, tenta pegá-la, mas ela desliza e leva os movimentos do garoto até um canto entre a pia e o berço. Lá ele encontra mais três bolas pequenas. O menino repete as ações de segurar e soltar as bolas, atentando-se para os sons e movimentos que os objetos produzem. Até que outra bola vai para debaixo do berço, ele a observa e em seguida engatinha até o grupo de bebês que está nos colchonetes.

Figura 253 – Novas explorações



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 254 – Volta aqui bola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Consoante a Guimarães (2009) evidenciamos os convites ao deslocamento feitos pelos objetos dispostos no chão do berçário. João, ao brincar e explorar as bolas com refinados recursos corporais evidencia a percepção de um bebê potente, traduzido em ação, atento e disposto a aventurar-se em explorações e descobertas a partir dos atributos investigativos que entrelaçam o seu corpo. Os desafios lançados pelo espaço são ressaltados pela educadora Eraldina ao observar as cenas protagonizadas por João:

Ele **observa** que a bola sai do lugar. Como ele está engatinhando, ele observou que **a bola também corre. Ele vai a sua procura.** Vai tentar pegá-la novamente [...] **Todas as crianças gostam de bolas.** Como se fosse: **elas correm então eu também posso! Eu posso fazer aquilo que a bola faz!** Vai à sua procura. **Um movimento** (Eraldina, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

O enunciado atenta para o olhar investigativo denotado por João ao explorar o objeto-bola. Chama atenção a percepção de um arranjo espacial capaz de lançar convites que desafiam o agir do menino ao passo que instiga múltiplos movimentos. A autoria de João ao se relacionar com o arranjo espacial é respaldada pela educadora, o protagonismo que envolve as ações do menino articula-se a um espaço configurado levando em consideração que João é um ator social competente. Nessa ótica, o menino revela-se agente do seu próprio desenvolvimento e detentor de uma curiosidade que lhe é intrínseca, sendo esta responsável por lançar e perpetuar as mais incríveis aventuras investigativas (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, 2015). A educadora Sueli evidencia as conquistas de João no espaço dizendo-nos o que é possível interpretar levando em consideração as ações do garoto:

Percebe-se que **a capacidade de locomoção dele é boa.** Ele consegue se movimentar em um momento lento, mas certo momento com **agilidade.** Já

está mais ágil. Ele demorou a engatinhar. **Aquela conquista dele ali, ele mesmo se encanta** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Nesse sentido, o espaço configura-se pelas dinâmicas orquestradas pelo garoto como um terceiro educador, visto que, instiga, propõe e mobiliza formas de atuação. As explorações tecidas por João no espaço elucidam um investimento nas possibilidades motoras inerentes ao seu corpo. O menino cria um enredo lúdico apoiado em estímulos aos seus movimentos corporais perceptíveis pelos lançamentos e buscas dos objetos que explora. Sendo assim, o espaço é validado pelo protagonismo de João como um parceiro pedagógico, pois permite que o garoto invista em seu próprio desenvolvimento (HORN, 2015).

Outro ponto que merece destaque neste episódio interativo refere-se à imersão de Arthur no contexto investigativo iniciado por João. As ações de Arthur com o objeto-bola mobilizam e ampliam o repertório lúdico de João, levando-o para um novo percurso de exploração, composto por bolas de diversos tamanhos. Oliveira (2011) atenta para importância que a ação do outro delega aos objetos e materiais, demarcando-os como atraentes diante de um espaço plural. Seguindo essa premissa, o olhar de João para as ações protagonizadas por Arthur já denunciava o redimensionamento de seus interesses. No entanto, é a partir do seu engatinhar que confirmamos a tese da referida autora.

Em consonância com as evidências vislumbradas, o espaço do berçário configura-se pela agência dos bebês em um lugar para brincar e se movimentar. O movimento permeia as experiências lúdicas e investigativas, pois representa para as crianças formas de adentrar e conhecer o mundo e também a si mesmo. A autonomia motora que perpassa as suas ações revela que o menino é protagonista do seu próprio desenvolvimento, pois as relações que desenvolve com seu meio físico e social o ajuda a construir e reconstruir suas aprendizagens. Entendemos que a agência de João neste episódio nos diz que os bebês querem e elaboram a percepção de um espaço onde o movimento é o combustível para as cenas e cenários que surgem no dia a dia das instituições de educação infantil.

Corroborando com o exposto, a seguir apresentamos o episódio Bolas no cesto.

Quadro 29 – Episódio Bolas no cesto

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Bolas no cesto	Henry; Sueli; Lara	22/08/2016 MOV02046 03':47"	00':00" – 03':47"	03':47"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Henry (13 meses) explora o espaço colocando bolas dentro do cesto, o qual se encontra pendurado no móvel. Essa configuração espacial é recente no berçário, despertando o interesse da criança em explorá-lo. Na ocasião, a educadora Sueli se aproxima e inclina o cesto para baixo, deixando as bolas saírem. Logo depois ela se afasta.

Figura 255 – Colocando a bola no cesto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 256 – Sueli vira o cesto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Lara (17 meses) grita e segue junto a Henry em direção ao caminho percorrido pelas bolas, com a finalidade de alcançá-las. Quando alcançadas, o menino continua colocando as bolas dentro do cesto. Lara se aproxima e também experimenta da brincadeira iniciada por Henry.

Figura 257 – A bola vai para o cesto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 258 – Lara compartilha o brincar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois, o garoto tenta retirar as bolas que havia colocado dentro do cesto. Ele bate nas bolas, sacode, puxa e olha para a educadora pedindo sua ajuda (ela faz sinal

predispondo-se a ajudá-lo, mas a pesquisadora, observando as estratégias elaboradas pela criança, pede a ela que aguarde um pouco). O menino continua criando novas tentativas para alcançar êxito: Ele coloca a mão por dentro dos buracos do cesto e toca em uma das bolas.

Figura 259 – Você pode me ajudar?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 260 – Estratégias



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A educadora Sueli pergunta se o garoto quer tirar o objeto, ele olha para ela e balbucia algo, afirmando a pergunta da educadora. Ela então o entusiasma dizendo: “Tente! Isso! Vá! Mais um pouquinho.” O garoto persiste mexendo nas bolas e consegue retirar uma delas. A educadora comemora: “É, Henry conseguiu! Muito bem Henry!” (risos).

Figura 261 – Interação com a educadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 262 – Consegui!



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O menino joga a bola retirada no chão e balança seus braços, comemorando sua conquista. Em seguida, volta sua atenção ao cesto, no intuito de retirar o objeto que nele se encontra. Ele bate no cesto e tenta pegar a bola, mas ela está no fundo. O menino olha para a

educadora e balbucia insatisfeito com a situação. A educadora estimula: “Vá, vai conseguir! Empurre!”.

Figura 263 – Henry joga a bola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 264 – Preciso de ajuda



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Frustradas as tentativas, o garoto resolve colocar novamente no cesto a bola que havia retirado. Assim que a bola entra, ele bate palmas, comemorando seu êxito. A educadora Sueli favorece as ações do menino quando comemora: “EEEEEEEE” (bates palmas)! Ela começa a cantar: “Muito bem! Você tá de parabéns! Que legal! Você é sensacional!” Enquanto isso, o garoto retira uma das bolas e a coloca no cesto rapidamente, mais uma vez o menino bate palmas.

Figura 265 – A bola vai para o cesto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 266 – Henry comemora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ele então retira e joga uma das bolas no chão. Em seguida tenta remover a que ficou no fundo do cesto. O garoto inclina seu corpo para dentro do cesto, remexe-o, tenta levá-lo

para revirá-lo, balbucia algo como se quisesse expressar seu desejo, conseguindo assim a atenção adulta. Ele vira o cesto e parece querer entrar. A educadora encoraja: “Isso, Henry! Está conseguindo!”.

Figura 267– Henry levanta o cesto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 268 – Será que consigo entrar?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao ouvir a educadora, o garoto choraminga e olha para ela em pedido de ajuda. Ele estica seu braço, porém, não consegue alcançar a bola. A pesquisadora avisa que a educadora pode ajudar. Ela se aproxima e vira o cesto, a bola cai. O menino pega a bola e se afasta.

Figura 269 – Preciso de ajuda



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 270 – Sueli auxilia o garoto



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O episódio apresentado revela os desafios e possibilidades propostas pela materialidade do berçário, evidenciando o potencial educativo do espaço. Nesse sentido, as imagens evidenciam que a configuração de um novo arranjo espacial convida e favorece as ações de Henry, pois o menino engaja-se em inúmeros movimentos corporais enquanto

explora o seu meio físico: estica seus braços para colocar as bolas dentro do cesto, abaixa o cesto para retirá-las, levanta-o, balança-o, debruça seu corpo sobre ele, toca as bolas com as mãos. A educadora Sueli atenta para a agência de Henry no espaço, vejamos:

Ele aproveitou esse espaço e foi **brincar, explorar**. Ele se organizou mentalmente e achou um jeito de **brincar** com aquele cesto (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli compreende que Henry mostra-se ator social competente a partir dos seus movimentos e intervenções no espaço. Logo, o garoto revela disposição para explorar seu meio físico e social com todos os mecanismos investigativos que dispõe em seu corpo (CAIRUGA; CASTRO; COSTA, 2015). O pronunciamento da educadora compartilha com a percepção de um espaço ajustado às motivações e interesses dos bebês, sendo reconhecido assim como parceiro pedagógico, pois suscita, sustenta e amplia os planos dos bebês, oferecendo oportunidades de explorações e brincadeiras (HORN; GOBBATO, 2015).

Oliveira (2011) nos auxilia na compreensão das expressões corporais das crianças como objeto do conhecimento ao declarar que: “[...] Antes de poderem construir uma lógica narrativa, elas constroem uma lógica da ação” (p.139). No caso dos bebês, seus movimentos corporais são dispositivos utilizados no início, manutenção e término de explorações e interações nos espaços que vivenciam. Sendo assim, as ações corpóreas dos pequenos traduzem seus processos investigativos, elucidam sua disponibilidade para investir no seu próprio desenvolvimento, engajando-se desde os seus primeiros dias de vida em atividades de interlocução entre o seu meio físico e social.

A experiência exploratória é marcada também pela configuração de um espaço relacional, explicitado pelas interlocuções entre Henry e a educadora Sueli bem como pela aproximação sutil de Lara e provável compartilhamento da brincadeira comandada por Henry quando a menina coloca um objeto dentro do cesto.

Dono de um corpo que investiga e se relaciona ativamente com os elementos físicos e humanos dispostos no espaço, Henry busca por meio de olhares, balbucios e choros a atenção da educadora, mobilizando-a para interações sociais. O garoto expressa por meio de suas linguagens o desejo de ter suas motivações e interesses acolhidos. Nessa ótica, Barbosa e Richter (2015) salientam: “Ao adulto cumpre estar presente, observar, procurar dar sentido às linguagens da criança e responder adequadamente, pois esse diálogo somente poderá ocorrer com a materialidade do corpo capaz de expressar desejos, gostos, aflições.” (p.84). As ações do garoto no espaço mobiliza a atenção de sua educadora, ressaltando o importante papel do

adulto na mediação das experiências que os bebês têm acesso no berçário. Reconhecendo os bebês como interlocutores assíduos, a educadora observa e acolhe suas linguagens corporais, interpretando-as como pedidos de ajuda e estratégias para serem notados diante de um espaço plural.

Finalizando nossas considerações sobre as ações protagonizadas pelos bebês em um espaço configurado como terceiro educador, apresentamos e discutimos a seguir o episódio Experiências com caixas.

As caixas de papelão são comuns nos espaços educativos da educação infantil. A introdução desses materiais no berçário é marcada pela exploração ativa dos bebês, eles tocam, empurram, jogam, entram, saem, amassam, enfim, experimentam-nas com todos os seus sentidos. As ações dos bebês transformam o material de sucata em um brinquedo que convida e amplia suas explorações, interações e brincadeiras. No quinto Móbile dos Saberes a agência dos bebês ao se depararem com este objeto foi destacada nas ações protagonizadas por Henry, Lara e Nikolly, como podemos perceber no episódio exposto a seguir.

Quadro 30 – Episódio Experiências com caixas

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com caixas	Henry; Lara; Nikolly	31/08/2016 MOV02077 12':07"	00':00" – 09':37"	09':37"

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Henry (13 meses) explora uma caixa de papelão enquanto alguns bebês estão sendo alimentados pelas educadoras. O garoto percorre o chão do berçário, pega algumas bolas e as guarda dentro da caixa. A educadora Sueli²³ comenta: “E ele guarda tudo viu! Na hora que eu digo: Vamos guardar os brinquedos! Ele vai e ajuda.” O menino coloca as bolas dentro da caixa e olha para a educadora. Ela o parabeniza pela ação: “Muito bem, Henry!” O menino sorri. Lara (17 meses) observa as ações do menino no fundo da sala.

²³ Não aparece visivelmente na cena, apenas suas falas são captadas devido ao foco da filmagem.

Figura 271 – Jogando as bolas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 272 – Henry sorri para educadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em seguida Henry suspende a caixa e a vira, fazendo as bolas caírem. Ele observa o percurso que elas fizeram, pega-as e as coloca novamente dentro da caixa, deitando-se sobre ela. Lara sai do fundo da sala e se aproxima de Henry.

Figura 273 – Henry revira a caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 274 – Henry entra na caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Após alguns segundos o menino retira as duas bolas que estavam no fundo da caixa ao passo que olha para Lara. A menina observa as ações do garoto e logo depois se dirige a Henry. Ao perceber a aproximação, o menino joga seu corpo para dentro da caixa.

Figura 275 – Henry olha para Lara

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 276 – Lara se aproxima

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo depois Henry se levanta com duas bolas nas mãos, afastando-se um pouco. Lara aproveita o afastamento de Henry e pega a caixa. Ao perceber que Lara pegou o objeto, Henry retorna e negocia a posse colocando as bolas dentro e afastando a garota com as mãos.

Figura 277 – Negociação da caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 278 – Modos de negociação

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Lara puxa a caixa e balbucia algo em tom de insatisfação, os dois negociam a posse do objeto, puxando-o de um lado para o outro. Em seguida Henry coloca a cabeça dentro da caixa, se abaixa e se debruça sobre ela. Lara grita e choraminga enquanto balança a caixa como se quisesse que Henry saísse, mas ele continua deitado com parte do corpo dentro do material.

Figura 279 – Queremos a caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 280 – Tática infalível

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A menina então solta a caixa e tenta olhar para o rosto de Henry, ele levanta o rosto em direção a garota, olhando-a em seus olhos e balbucia algo como se estivesse reclamando com ela. Lara se afasta. Ao notar o seu afastamento, Henry sai de dentro da caixa.

Figura 281 – Dialogando com os olhares

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 282 – Eu desisto

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O menino pega as duas bolas que estavam dentro da caixa e joga na direção que Lara está. A garota pega uma das bolas que ele jogou. Henry vai até a bola e tenta pegá-la, mas a garota impede, movimentando seu braço de um lado a outro e se afastando.

Figura 283 – Brincando com bolas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 284 – Negociando as bolas

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Henry segue Lara, mas desiste da posse da bola, ele então pega uma bola amarela que está no chão e a leva para dentro da caixa. O garoto suspende a caixa e a coloca sobre a cabeça, fazendo a bola cair.

Figura 285 – Uma nova combinação

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 286 – Revirando a caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em seguida o menino leva a caixa para próximo da cadeira de alimentação onde está Nikolly (15 meses), ele tenta entrar na caixa apoiando-se na cadeira. O garoto atinge seu objetivo. Ele então balança seu corpo para um lado e para o outro como se estivesse comemorando. Nikolly percebe a presença do menino e começa a balbuciar e olhar para ele com rosto risonho. Henry corresponde aos olhares com risos e toques.

Figura 287 – Entrando na caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 288 – Interação com Nikolly

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Logo em seguida o menino tenta sair da caixa. Primeiro coloca uma perna para fora, aparentando procurar uma posição segura para sair, mas seus movimentos posteriores parecem denunciar que ele não se sente seguro. Então Henry senta-se na caixa, olha para pesquisadora, sorri e joga uma bola.

Figura 289 – Henry tenta sair da caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 290 – Henry olha para pesquisadora

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Nikolly que estava na cadeira de alimentação é colocada no chão e se direciona até Henry. A menina toca na caixa, mas o menino afasta a mão dela. A garota afasta-se. Henry levanta-se e sai de dentro da caixa, seguindo em direção aos colchonetes.

Figura 291 – Me deixa explorar

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 292 – Henry se afasta da caixa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Henry retorna rapidamente ao notar que Nikolly tenta entrar na caixa. O garoto se aproxima e puxa a menina pela calcinha. Ela cai, mas logo se levanta e se posiciona em direção a Henry, segurando o próprio braço e balbucia algo como se quisesse dizer ao garoto que ele a machucou.

Figura 293 – Nem pense em fazer isso

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 294 – Você me machucou

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Henry continua de costas tentando levantar a caixa para colocar a bola dentro. Assim que consegue levantá-la, Nikolly tenta puxá-la e sai correndo, mas o menino se joga dentro do objeto, impedindo as ações da garota. Henry fica sozinho explorando a caixa até ser chamado para fazer sua refeição.

Figura 295 – Agora eu consigo explorá-la



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Figura 296 – Hora do plano infalível



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Visualizamos neste episódio interativo a emergência de interações, explorações e brincadeiras que são desenvolvidas a partir dos convites que o espaço propõe aos bebês. Nesse sentido, o espaço configura-se como um parceiro pedagógico, visto que os movimentos exploratórios dos bebês no arranjo espacial acontecem descentralizados da figura do adulto, suas ações ganham formas pelos desafios que o objeto-caixa instiga, elucidando assim o protagonismo de Henry, exposto nos modos como o menino elaborou estratégias para explorar e brincar com o material.

Segundo Horn (2015), quando o educador organiza os espaços da educação infantil de modo a instigar a autonomia das crianças por meio de experimentações diversas, provocadas por um espaço que desafia suas ações a sós ou com seus iguais, o protagonismo infantil fica evidente e o adulto deixa de ser o centro das atenções, permitindo que as crianças atuem no seu meio físico e social e invistam em seu próprio desenvolvimento a partir do agir curioso dos seus corpos. A fala da educadora Sueli ao perguntarmos como e por que o objeto-caixa fez parte das atividades desenvolvidas no berçário evidencia as proposições da referida autora, notamos em seus dizeres a configuração de um espaço desafiador:

A caixa de papelão, como a gente sabia que **é um objeto que eles gostam**, é um **desafio de entrar, sair** e a questão do **movimento** e dele ter um local que ele possa **criar**. **No início a gente deixava a caixa para ver o que ia acontecer. Eles começavam a entrar.** É normal, qualquer bebê, dê qualquer espaço que possa entrar, eles entram (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

A fala da educadora Sueli destaca os convites que um espaço ajustado às motivações e interesses dos bebês provoca. Conforme visualizamos no episódio apresentado e a partir do

que é exposto pela educadora, o objeto-caixa lança desafios aos bebês. As ações inventivas de Henry esclarecem os desafios suscitados pela exploração de tal material. Em muitos momentos o menino levantou a caixa, revirou-a, entrou e saiu de dentro, colocou objetos. Em todas essas situações fica evidente a ideia de um bebê potente, capaz de elaborar estratégias diversas e inúmeros modos de brincar e explorar o espaço.

É importante ressaltar que as ações protagonizadas por Henry no espaço foram mobilizadoras de contato. Inicialmente visualizamos a educadora Sueli interagir com o garoto, entusiasmando suas ações quando o menino guarda os objetos na caixa. Posteriormente Lara e Nikolly se aproximam, demonstrando por seus movimentos corporais interesse em explorar o objeto. As educadoras reconhecem a importância atribuída por Lara e Nikolly ao ato de Henry. Vejamos:

Se inspiraram em Henry (Eraldina, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Se inspiraram. **Se estava bom para ele, pode ser bom para mim também. Se a brincadeira está boa para ele, vou lá também** (Sueli, Quinto Móbile dos Saberes, 2017).

Essas aproximações suscitadas por um espaço mobilizador de encontros esclarece o quanto os bebês observam e aprendem com seus parceiros. Essas aprendizagens são elucidadas ao reinterpretarem ou tentarem reelaborar os modos de brincar e explorar os espaços e materiais com base no agir do outro. Nessas trilhas percorridas pelos bebês percebe-se que o desenvolvimento humano delinea-se conjuntamente por meio de interações. Guiando-se por uma lógica da ação, os bebês iniciam, sustentam e finalizam trocas sociais constantemente nos arranjos espaciais do berçário (OLIVEIRA, 2011).

Ao encontro dessas ideias convém ressaltar que os bebês são interlocutores assíduos mesmo não possuindo uma fala articulada em palavras. Sendo assim, Henry disse “não” às investidas das meninas de explorar a caixa de diversas maneiras. Seus movimentos corporais anunciavam essas negações. Por exemplo, quando Lara se aproximou ele tentou distanciar a menina erguendo seu braço na direção dela, puxando a caixa e por fim deitando-se sobre o objeto, evitando que a garota conseguisse sua posse. O garoto utilizou-se também de olhares e balbucios como recursos sociocomunicativos escolhidos para o diálogo com Lara. A menina interagiu com um arcabouço de recursos sociocomunicativos semelhante, mas suas falas trouxeram novos atributos como gritos e choros. Porém, ao deitar-se sobre a caixa, o menino impediu que Lara puxasse o objeto, finalizando assim a negociação em andamento. O êxito de

Henry revelado pelo distanciamento de Lara potencializou as ações do menino, mais adiante o garoto utilizou-se desta estratégia corporal para impedir as explorações de Nikolly.

Percebemos que as ações de Henry no espaço mobilizaram os interesses de Lara e Nikolly. As primeiras aproximações com Nikolly aconteceram quando o menino se aproximou da cadeira de alimentação que a garota estava e apoiou-se como se quisesse configurar um lugar seguro onde pudesse desafiar seus movimentos corporais ao entrar e sair da caixa com segurança. Suas ações logo chamaram a atenção da garota, os dois interagiram por meio de sorrisos, toques e balbucios. O arranjo espacial organizado pelo garoto mostrou-se propulsor de relações sociais, coadunando com o exposto por Guimarães (2009) ao relatar as mobilizações sociais que a materialidade do espaço proporciona, favorecendo assim encontros, toques, compartilhamentos de objetos e diversas experiências. Nesse sentido, em sintonia com Agostinho (2004) as crianças anunciam neste e nos demais episódios apresentados que o espaço da creche é um lugar para se movimentar, brincar e se encontrar.

Nestes encontros que o espaço suscitou ganha destaque as cenas finais do episódio onde Nikolly, assim como Lara, é mobilizada pelos sentidos e significados que Henry atribuiu ao objeto-caixa. Ao explorar e brincar com a caixa durante alguns minutos o menino atraiu os olhares de seus coetâneos, demarcando o respectivo material que compõe o espaço do berçário como algo demasiadamente interessante no que tange ao desenvolvimento de explorações e brincadeiras. Este interesse atribuído ao objeto é perceptível quando a menina se aproxima e o toca. Porém, em sinal de negação, Henry a afasta. No entanto, ao perceber que o objeto está sem a presença do garoto, a menina se aproxima novamente e tenta entrar na caixa, mas Henry retorna e a puxa pela calcinha, dizendo mais uma vez por meio de recursos corporais um “não” às tentativas exploratórias de Nikolly.

Logo após cair, a menina se levanta, direciona seus olhares para Henry ao passo que segura seu braço e balbucia em tom de desconforto. Seus movimentos corporais anunciam: “Você me machucou.” As ações de Nikolly evidenciam a emergência de um espaço que acolha seus sentimentos, um lugar onde as emoções possam ser manifestadas e a empatia entrelace as relações sociais. Nesse sentido, em sua categoria de atores sociais competentes, os bebês se envolvem em encontros e desencontros que são desenvolvidos pelas intervenções humanas nas materialidades que compõem o berçário.

Apoiando-se em recursos sociocomunicativos que ecoam do agir de seus corpos, Nikolly tenta mobilizar as ações e reações de Henry para poder explorar a caixa. Contrariando as intenções da menina, Henry não nota as ações da garota. Ele, por sua vez, continua a explorar a caixa, demonstrando que não tem interesse em compartilhá-la. A menina então

puxa o material e tenta se afastar, mas o garoto utiliza-se de uma estratégia corporal utilizada anteriormente para impedir que Lara pudesse pegar a caixa: ele joga seu corpo para dentro do objeto, impedindo as ações de Nikolly e finalizando a negociação em andamento.

As ações de Henry no decorrer do episódio merecem atenção pela agilidade e inventividade. Barbosa e Richter (2015) colaboram com a potência que há nos movimentos orquestrados pelos bebês nos espaços da educação infantil: “[...] O bebê é muito ágil e inventivo; é poderoso em sua capacidade básica de se auto-organizar, autogerir, auto-administrar, escolher e tomar decisões para empreender ações e alcançar êxito nos resultados” (p. 85). Essas características apontadas pelas autoras foram evidenciadas nas ações protagonizadas por Henry, o menino criou inúmeras possibilidades por meio de seus movimentos corporais para brincar e explorar o objeto-caixa com autonomia. A fala da educadora Sueli a respeito do que as ações de Henry nos revelam durante o episódio em relação ao espaço e materiais reforça o argumento apresentado:

Ele soube explorar. Ele criou a maneira dele brincar. Ele demonstrou o que a gente vem fazendo. Ele representou o que se fazia com a caixa. Subiu, desceu, guardou, espalhou. Sozinho, sem ninguém dizer nada a ele, mas ele revelou que deu um significado àquela brincadeira dele (Sueli, Quinto Móble dos Saberes, 2017).

Consoante ao exposto pela educadora, as ações do menino no espaço elucidam a percepção de um bebê potente, entrelaçado a uma curiosidade inata que o leva a aventurar-se na incrível jornada de conhecer o mundo. Henry traduz-se em verbo, elucidando deste modo que o espaço do berçário conjuga duas grandes ações: brincar e se movimentar. Suas experimentações com o objeto-caixa eclodem dos olhares atentos para cada detalhe que compõe os arranjos espaciais nos quais vive sua infância. O berçário sob a ótica do menino e de todos os bebês desta pesquisa é um infinito laboratório onde eles podem criar e recriar interações e brincadeiras e em muitos momentos ir além das previsões adultas sobre como se relacionar com o espaço e os objetos que configuram as narrativas da educação infantil.

4.3 OS MÓBILES DOS SABERES, O APRIMORAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DOCENTE EM LÓCUS

Já dizia Manoel de Barros: “*A maior riqueza do homem é sua incompletude*”. É com esta célebre frase que iniciamos esta discussão. O ser humano é inacabado por natureza e é esta condição de eterna construção e reconstrução de si que vai moldando seus aprendizados.

Ser incompleto é antes de tudo virtude, pois emana uma abertura para o novo, uma predisposição para se aperfeiçoar cada vez mais em contato com os outros.

A partir do terceiro Móbile dos Saberes, no final de cada encontro, as educadoras eram convidadas a se posicionarem diante dos seguintes questionamentos: para vocês como está sendo esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram? O que o conjunto de imagens e vídeos apresentados fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais? Essas perguntas eram lançadas no sentido de captar as provocações que as discussões tecidas ao longo dos Móviles dos Saberes traziam para a formação docente das educadoras.

A fala da educadora Sueli ressalta inicialmente a emoção que salta a seus olhos ao rever as cenas protagonizadas por ela, a educadora Eraldina e os bebês. Aliada a um clima afetivo eclode uma perspectiva de mudança, pautada no aprimoramento da prática por meio um investimento formativo, vejamos:

Eu me emocionei hoje aqui. Eu estou me cobrando agora. Uma formação melhor. Faço a ação, mas está precisando de um estudo. Melhorar na pesquisa de como melhorar nosso dia a dia com eles. Elaborar uma estratégia de como programar uma atividade [...] Mas assim, ter uma proposta realmente de atingi-los. De chegar à faixa etária deles mesmo. Quais materiais que eu posso realmente levar? O que é para ter lá dentro? O que não é para ter? (Sueli, Terceiro Móbile dos Saberes, 2017).

É interessante destacar o caráter formativo dos Móviles dos Saberes, cuja importância recai para a possibilidade de formação em lócus. Baseando-se em Imbernón (2010), em contraste a uma formação vinculada ao treinamento das ações dos professores, com foco em problemas genéricos, evidencia-se uma formação que emerge a partir da reflexão da realidade educativa pelas vozes dos “protagonistas da ação” e de sua formação (p. 55).

Em consonância com Nóvoa (2001), a educadora Sueli nos aponta a configuração de um olhar reflexivo que emerge do contexto educativo onde atua cotidianamente. As dinâmicas orquestradas por bebês e educadoras nos espaços do berçário revelam a percepção de um contexto de atuação profissional investigativo vivo e dinâmico, capaz de instigar reconfigurações no que concerne aos saberes e formação docente. É assumindo seu perfil formativo que os Móviles dos Saberes provocaram inquietações na educadora, conduzindo-a a uma necessidade formativa com foco no aperfeiçoamento das experiências vivenciadas com os bebês, levando em consideração motivações e interesses expostos pelo grupo nas cenas analisadas.

Fortalecendo o viés formativo que as experiências delineadas nos espaços do berçário evocavam a cada Móbile dos Saberes, destacamos as falas da educadora Sueli no quarto encontro reflexivo:

Esse movimento para mim está ótimo. **Aprendendo e abrindo novos horizontes. Como eu posso melhorar.** Porque muita coisa foi feita com um **planejamento mais por baixo. Deu muito certo, mas se tiver um estudo maior, me aprofundar mais.** Então assim, creio que vai ser bem mais visto, bem mais notado o aprendizado deles. **Queria que não ficasse só no berçário, que fosse para outras turmas. Para mim e para Eraldina é um crescimento muito grande** (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

[...] Vou até **pedir sugestões de leituras.** Eu estou **há quase dois anos no berçário, é tudo novo. Eu nunca trabalhei com essa idade.** Vou em busca, **passo muito tempo procurando como atingi-los** (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

Eu tenho que pegar meu planejamento e focar, eu tenho uma hora, duas horas para criar meu planejamento. Então, nessas 2 horas **quem é que vai me dar essa base? A internet vai me dar umas atividades, ela vai me dar assim: olhe uma ideia!** [...] Hoje a gente está pegando o quê? **Só técnico, só o pronto, mas não foi feita uma leitura antes para chegar a esse ponto** [...] **É um pouco mais de leitura e mãos à obra** (Sueli, Quarto Móbile dos Saberes, 2017).

Novamente a educadora expõe um aprendizado mediado pelo exercício da reflexão das experiências compartilhadas em seu lócus de trabalho. A abertura de *novos horizontes* significa uma predisposição para reelaboração dos seus saberes docentes como caminho para ressignificação de suas práticas. Vale destacar que não há uma negação das experiências vivenciadas pelo grupo, no entanto as educadoras percebem por meio dos registros imagéticos e fílmicos a necessidade de possíveis mudanças, ressaltando assim o despertar de um profissional reflexivo, atento aos interesses e motivações das crianças, com foco na qualidade das experiências que terão nos espaços que constituem a educação infantil (PAIGE-SMITH; CRAFT, 2010).

Outro ponto que merece destaque na fala da educadora Sueli é o sentimento de pertencimento a um contexto amplo, formado pelos diversos atores sociais que dão vida a instituição educacional na qual trabalha. Ao expor o desejo de ver outros profissionais da educação compartilhando de momentos de formação como os ocasionados pelos Móviles dos Saberes, a educadora evidencia as proposições de Imbernón (2011) cuja proposta consiste em “[...] Possibilitar a passagem da experiência de inovação (isolada e individual) à inovação

institucional” (p. 51). Desse modo, a educadora explicita um olhar sensível para a instituição educacional, evidenciando a perspectiva de uma formação que abarque toda a escola.

Nessa trilha de proposições, a educadora Sueli expõe a necessidade de incorporar à sua prática educativa elementos teóricos e assim ampliar a noção de um fazer técnico para a edificação de um agir sustentado em referenciais que denotam um profissional pesquisador e transformador da sua própria realidade. Essa qualidade voltada para a pesquisa constitui um elemento-chave para a construção de um profissional reflexivo, autor do seu trabalho (SARMENTO; FOSSATTI, 2012).

Em sintonia com o exposto, os Móveis dos Saberes lapidaram o processo de formação docente, corroborando assim para a autoanálise como ferramenta de ressignificação de saberes docentes vinculados à prática desenvolvida com os bebês. Os dizeres das educadoras Sueli e Eraldina no quinto Móvel dos Saberes reforçam nossos argumentos:

Está mexendo comigo [...] É um trabalho de pensar realmente. Então eu passo mais tempo para elaborar um planejamento hoje. Por que eu estou levando isso? Qual o sentido disso para eles? [...] Se eu quero que ele [bebê] rasgue o papel, eu faço só de papel. Mas se eu quero algo mais, eu não faço de papel. Então assim, requer mais um tempo de organização (Sueli, Quinto Móvel dos Saberes, 2017).

Para mim é bom rever as imagens. Dá saudade. É um aprendizado. Estão ali participando. Estão até aprendendo. Estão desenvolvendo. É ótimo! Estou gostando (Eraldina, Quinto Móvel dos Saberes, 2017).

Todo aquele espaço ali está para favorecer o desenvolvimento da criança. Então, toda vez que eu pensar em levar algo, eu já levo com a intenção de que aquilo ali vai produzir algo. Claro que pode ser assim: Vou levar com uma expectativa, mas pode gerar outra. Mas que tudo que se coloca é para pensar. Não aleatório, mas para produzir o desenvolvimento deles. Há uma mudança também de pensamento. Não é só para enfeitar a sala [...] Foi mudando. A gente ia botando a decoração de acordo com o que a gente tinha e para deixar bonito (Sueli, Quinto Móvel dos Saberes, 2017).

As falas das educadoras elucidam o potencial formativo das discussões tecidas ao longo dos Móveis dos Saberes. O planejamento pedagógico, atividade fundamental na docência, recebe novos contornos em sua elaboração. Problematizações que anteriormente passariam despercebidas, atualmente são motivos de indagações como exemplifica a educadora Sueli ao se referir ao uso do papel e outros materiais que poderão compor as experiências dos bebês nos arranjos espaciais do berçário. Uma questão-chave que exhibe a percepção de um bebê potente, centro do planejamento curricular é validada no relato da educadora quando ela se questiona: “Qual o sentido disso para eles?”. Consoante ao

elucidado, durante os Móviles dos Saberes os bebês deram pistas de como construir um espaço educativo respaldado em seus interesses.

Na direção dessas ideias, a educadora Sueli ressalta como os Móviles dos Saberes conduziram a reconfiguração dos seus olhares, possibilitando uma nova percepção a respeito do espaço. Consoante às proposições de Imbernón (2010), a educadora revela que: “[...] A formação move-se sempre entre a dialética de aprender e desaprender.” (p.94). Sendo assim, os arranjos espaciais deixam de ser percebidos de modo figurativo e pouco a pouco vislumbram dimensões educativas, entrelaçadas às brincadeiras, interações e explorações que foram delineadas a partir dos materiais dispostos nos espaços. Nessa ótica, o conjunto de imagens e vídeos apresentados fez pensar em um espaço que ultrapassa medidas e exhibe sua importância por ser parceiro pedagógico da prática educativa com os bebês.

Para finalizar, apresentamos a fala da educadora Sueli em nosso sexto e último Móvil dos Saberes. Ela sintetiza esse movimento formativo que permeou todos os nossos encontros, elucidando o despertar de uma formação que acontece integrada ao lócus de atuação:

O espaço fala muito. Para gente foi **muito rico. Muito bom!** Eu acho que **mais gente deveria saber.** Teria que passar por mais pessoas [...] **Eu queria rever outras vezes. Daqui a uns cinco anos será que eu melhorei? Eu tenho muita foto, mas não com esse olhar que você teve** (Sueli, Sexto Móvil dos Saberes, 2017).

A fala em destaque fortalece a riqueza que há na organização de contextos formativos onde as transformações emergem a partir do olhar atento dos sujeitos envolvidos nesse processo para o seu lócus de trabalho. É nesse sentido que a educadora Sueli indica a ampliação de momentos como esses para as demais instâncias da instituição onde trabalha. Esse *feedback* positivo justifica-se porque tentamos construir uma pesquisa onde as educadoras pudessem expor suas inquietações diante das situações vivenciadas com os bebês nos espaços do berçário em um ambiente de formação ético, atento e aberto para a compreensão do potencial que há em seus saberes.

É embasando-se na percepção de um ser sempre em formação, inacabado por natureza, que a educadora Sueli manifesta seu desejo de rever as cenas futuramente e novamente buscar elementos para refletir sobre elas, elucidando deste modo a infinita construção e reconfiguração dos saberes docentes sob um viés que compreende “[...] que as situações de trabalho são potencialmente formativas, ou seja, espaços privilegiados de desenvolvimento profissional” (PINAZZA, 2013, p. 56).

Em suma, os relatos destacados revelam uma postura reflexiva, guiada por inquietações que surgem no sentido de orientar e reorientar a organização dos espaços educativos para os bebês pautando-se em um currículo construído junto às crianças, respaldado nas vozes que ecoam dos seus corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

(Fernando Pessoa)

Foi velejando por entre os dados produzidos nesta dissertação, junto às educadoras e bebês que pouco a pouco conseguimos alcançar os objetivos investigativos propostos. A bússola que tínhamos em mãos levou-nos ao alcance do objetivo central do nosso trabalho, permitindo assim compreender os saberes docentes sobre a organização do espaço para bebês e os usos deste espaço pelas crianças na creche.

Arelado a esse fio condutor nos lançamos em mar aberto e buscamos ao longo da pesquisa: a) evidenciar o desenvolvimento de interações, explorações e brincadeiras entre os bebês e suas educadoras nos espaços da creche; b) compreender o processo de construção e reconfiguração dos saberes docentes no que concerne a organização dos espaços para bebês; c) construir um espaço reflexivo entre a pesquisadora e as educadoras sobre o potencial educativo dos espaços destinados às crianças.

Por meio das discussões tecidas nos Móbiles dos Saberes evidenciamos que as educadoras expressaram a partir de seus posicionamentos que a organização dos espaços é um dos focos do planejamento pedagógico da prática educativa com os bebês, pois suas falas explicitam a concepção educativa que os cenários que constituem o ambiente pedagógico possuem. Sendo o espaço reconhecido como importante componente curricular, pois expressa e perpetua concepções de criança, infância e educação. Nesse sentido, ele se configura e se fortalece como ponto de discussão uma vez que integra um dos pilares que sustenta o trabalho na educação infantil.

Ao encontro dessas ideias, os episódios protagonizados por bebês e educadoras nos arranjos espaciais do berçário, fonte de discussões e reflexões nos Móbiles dos Saberes, ressaltam a configuração de um espaço validado por suas dimensões educativas, ele é integrante e parceiro do planejamento pedagógico com os bebês. Sua parceria curricular é legitimada pela evidência de brincadeiras, interações e explorações que foram delineadas a partir dos materiais dispostos em seus arranjos.

As educadoras engajavam-se em confeccionar objetos que despertassem o agir da criança, realçando, assim, a percepção de um espaço que convida, desafia, aproxima, instiga a capacidade investigativa dos bebês, age como um terceiro educador.

Deste modo, as dinâmicas humanas transformaram e deram sentidos as materialidades presentes nos espaços do berçário, e a ação humana conferiu a ele a categoria de lugar. Pela ação e intervenção dos bebês e educadoras nestes arranjos espaciais é possível interpretá-los para além da sua metragem e reconhecê-los como potencialmente educativos.

Sendo assim, o espaço é interpretado como um importante parceiro pedagógico, visto que estabelece uma sintonia com as experiências educativas organizadas para os bebês, provocando encontros e narrativas diversas, contornadas e sustentadas pelas motivações e interesses do grupo.

Foi sob o olhar atento das brincadeiras, explorações e interações tecidas nos espaços do berçário que as educadoras explicitaram como se dá o processo de construção e reconfiguração dos saberes docentes sobre organização dos espaços para as experiências educativas com os bebês. É importante ressaltar que as falas e posicionamentos das educadoras durante os Móveis dos Saberes destacaram o lócus de trabalho como importante espaço formador. Portanto, a possibilidade de rever as cenas que foram orquestradas por bebês e educadoras nos diferentes espaços do berçário contribuiu para a lapidação dos saberes docentes.

Ouvir e compreender as vozes que ecoavam dos movimentos corporais dos bebês representou um importante exercício de escuta e abertura para reconfiguração dos espaços e experiências compartilhadas pelo grupo.

Em sua categoria de ator social competente, os bebês exibiam a todo o momento pistas valiosas para pensar a organização dos espaços onde aconteciam suas explorações, interações e brincadeiras. Em uma postura atenta e sensível aos sinais expostos pelas crianças, as educadoras Sueli e Eraldina eram conduzidas a práticas de reconfiguração dos sentidos e significados atribuídos aos arranjos espaciais, ajustando-os aos interesses e motivações expressos pelos bebês.

Os bebês, em constante exploração e envolvimento com seu meio físico e social, expressavam a todo o momento que desejavam e trilhavam um caminho para constituição de um espaço vivo e dinâmico, onde seus movimentos fossem contemplados, respeitados em sua autenticidade e compreendidos como essenciais para comunicação, expressão e interação com seu entorno.

Deste modo, bebês e educadoras redesenharam formas de exploração e atuação nos espaços do berçário. A inquietação própria de um corpo disposto a investigar todos os cantos e recantos da creche elucidou um dos desejos mais autênticos do universo infantil: a organização de espaços e práticas que favoreçam, incentivem e apoiem as ações corporais das crianças. Foi defendendo este propósito que os bebês, em vários momentos da rotina investigada, “questionaram” as atividades planejadas pelas educadoras, demonstrando (para elas) que as brincadeiras, interações e explorações desenvolvidas nos arranjos espaciais sustentavam-se segundo os seus interesses e motivações – e não os dos adultos.

Nessa trilha de proposições, bebês e educadoras elucidaram em todos os Móveis dos Saberes o potencial educativo dos espaços do berçário. Seus dizeres teceram considerações sobre um espaço vivo, dinâmico, produtor de ações e aprendizagens significativas, atuando como um terceiro educador, auxiliando e provocando aprendizagens diversas no grupo.

Em consonância com o teor das discussões desenvolvidas nos Móveis dos Saberes notamos a construção de um espaço reflexivo. A produção dos dados destaca o caráter formativo que envolveu esses encontros. As falas das educadoras apontam as contribuições para pensar a organização dos espaços e práticas pedagógicas com os bebês suscitadas pela reflexão da sua realidade educativa, tendo como elemento primordial para essa análise o exercício de revisitar as cenas protagonizadas no agrupamento etário denominado Berçário I da Escola Municipal de Educação Infantil Jason Gois da Silva, seu lócus de atuação.

Em cada Móvel dos Saberes as falas das educadoras e bebês contornavam as experiências e explicitavam que os espaços onde atuavam eram revestidos de um potencial formativo exorbitante.

Nessa ótica, a construção e reconfiguração dos saberes docentes no que tange a organização dos espaços para bebês, lapidaram-se no e pelo chão do berçário investigado, com base nas análises dos usos e ressignificações desses arranjos espaciais por meio das ações protagonizadas pelos bebês e suas educadoras.

Assim como as educadoras, eu também senti a formação acontecer dentro de mim. Por meio das ações e falas das educadoras e bebês, a cada Móvel dos Saberes, o arcabouço teórico que carregava comigo interligava-se às práticas, potencializando assim o conhecimento adquirido por meio de leituras. Esses encontros reflexivos me conduziram a captar as nuances teóricas que se sustentam por meio das práticas.

Desta forma, os fundamentos teóricos emergem de contextos reais, portanto, representam o possível. Nesse sentido, a pesquisa chama atenção para a potencialidade formativa que há na prática, pois ela é formada por elementos teóricos implícitos. Seguindo

essa premissa, buscamos uma postura de não anunciar o que deveria ser feito, mas construir e reconstruir junto às educadoras e bebês caminhos a serem trilhados e reinventados.

Nessa trilha de proposições, esperamos que esta investigação contribua para reflexões que apontem caminhos para configuração de espaços educativos que deem visibilidade as vozes dos bebês, pois elas ecoam por meio de movimentos corporais, olhares, choros, gritos e balbucios a emergência de arranjos espaciais que apoiem e sustentem brincadeiras, interações e explorações.

É acreditando na potência que há nas ações dos bebês, que os sujeitos desta pesquisa trazem para o campo científico e prático da educação infantil um conjunto de saberes que possam discutir práticas de organização espacial atentas às necessidades, motivações e interesses expostos pelas crianças.

Acreditamos que as vidas que pulsam em cada linha dessa dissertação encaminharão novas problematizações sobre o objeto de estudo discutido, afinal, ele não se encerra nestas considerações finais, ao contrário, fomenta novas possibilidades de pesquisas.

Entre essas possíveis ampliações investigativas, ressaltamos a ausência de estudos que problematize a organização e usos dos espaços das instituições de educação infantil em diálogo com as demais turmas da instituição, uma vez que as pesquisas destinam seus olhares para uma turma em particular, impossibilitando articulações e trocas de saberes entre os profissionais e ofuscando assim a perspectiva de uma formação em contexto.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.

AGOSTINHO, Kátia Adair. O espaço da creche: que lugar é este? In: **27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais...** Caxambu/MG: Anped, 2004.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papirus, 12 edição, 2010.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARAÚJO, Djanira Alves Biserra. **Os espaços lúdicos como elementos formadores em uma creche do Município de Santo André**. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2016.

ARAUJO, Elaine Sampaio; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. Contribuições da teoria histórico-cultural à pesquisa qualitativa sobre a formação docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia. **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 2008.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Porto Alegre, 2010, 16f. (Texto digitado).

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. Os bebês no berçário: ideias-chave. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. (Org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de (Orgs.). **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Lei Federal de 05/10/1988. Brasília: Senado Federal, 2000.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Crêterios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEB, 2009a.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil - Encarte**. Brasília: MEC/SEB, 2006b.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. V. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006c.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. V. 2. Brasília: MEC/SEB, 2006d.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional De Desenvolvimento Da Educação. **RESOLUÇÃO Nº 6, DE 24 DE ABRIL DE 2007**. Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil-PROINFÂNCIA.https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000006&seq_ato=000&vlr_ano=2007&sgl_orgao=CD/FNDE/MEC

CAIRUGA, Rosana Rego. Bebês na escola: a organização do ambiente. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de (Orgs.). **Bebês na escola**: observação, sensibilidade e experiências essenciais. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de; COSTA, Márcia Rosa da. Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais (Apresentação). In: CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de (Orgs.). **Bebês na escola**: observação, sensibilidade e experiências essenciais. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CALLIL, Maria Rosária Silva. **Formar e formar-se no berçário**: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um Centro de Educação Infantil. 2010. 223f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Mara Campos de. O porquê da preocupação com o ambiente físico. In: ROSSETTI FERREIRA, Maria Clotilde [et. al.] (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER; Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v.24, p. 213-225, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. n. 115, p. 139-154, março/2002.

ELMÔR, Larissa de Negreiros Ribeiro. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: um estudo de caso**. Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Ribeirão Preto-SP, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Sobre a arte ou estética do ato de pesquisar. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Práxis).

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 66 jul.-set. 2016.

FONTES, Naiane Libório. **Práticas pedagógicas na educação infantil: o brincar na narrativa de educadoras de crianças de zero a três anos**. 2017, 124f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. Ed.. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EISENBERG, Zena. Produção e análise de vídeo-gravações em pesquisas qualitativas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 249-261, 2011.

GOBBATO, Carolina. **“Os bebês estão por todos os espaços”**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011, 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

GONZAGA, Amarildo Menezes. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro;

FRANCO, Maria Amélia S. **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GUIMARÃES, Daniela; KRAMER, Sônia. Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos. In: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil**. São Paulo: Ática, 2009c.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

HONORATO, Aurélia; FLORES, Célia; SALVARO, Giovana; LEITE, Maria Isabel. A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças. In: **29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais...** Caxambu/MG: Anped, 2006.

HORN, Maria da Graça Souza. **Estudo propositivo sobre a organização dos espaços internos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento**. Brasília, MEC, 2013.

HORN, Maria da Graça Souza. **Estudo propositivo sobre a organização dos espaços externos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento**. Brasília, MEC, 2014.

HORN, Maria da Graça Souza. O bebê e suas relações com o espaço. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de (Orgs.). **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. (Org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

IMBERNÓN, Francisco. A formação continuada deve abrir sobre as situações problemáticas dos professores. In: **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. A formação permanente do professor. In: **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. Será preciso passar da atualização à criação de espaços de formação. In: **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KREPPNER, Kurt. Sobre a Maneira de Produzir Dados no Estudo da Interação Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 17 n. 2, pp. 097-107, Mai-Ago 2001.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva; COLOMBO, Fabiana Aurora. A voz do sujeito como fonte primária na pesquisa qualitativa: a autoscopia e as entrevistas recorrentes. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia S. **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, Laíse Soares. **Linguagens da infância na perspectiva de educadores de creche: o que revelam as narrativas**. 2017, 171f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

MALLMANN, Elisete. **Materiais potencializadores e os bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário**. 2015. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. **Ambientes da infância e a formação do educador: arranjo espacial no berçário**. 2011, 118f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2011.

MÜLLER, Fernanda; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. A infância pesquisada. **Psicologia USP**, São Paulo, julho/setembro, 2009, 20(3), 465-480.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NORNBERG, Marta. Do berço ao berçário: a instituição como morada e lugar de contato. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 99-113, Dec. 2013.

NÓVOA, António. Antonio Nóvoa: "professor se forma na escola": entrevista. [01 de maio, 2001]. **Revista Nova Escola**, Edição 142. Entrevista concedida a Paola Gentile.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. Cascavel, PR, n. 4, p.1-16, 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PAIGE-SMITH, Alice; CRAFT, Anna. Desenvolvendo a prática reflexiva. In: PAIGE-SMITH, Alice; CRAFT, Anna. [et. al.] (Orgs.). **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

PINAZZA, Mônica Appezzato. Desenvolvimento profissional em contexto: estudos de condições de formação e mudanças. In: KISHIMOTO, Tisuko Morchida; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (Orgs.). **Em busca de uma pedagogia da infância: pertencer e participar**. Porto Alegre: Penso, 2013.

PIOTTO, Débora Cristina; FERREIRA, Marisa Vasconcelos; PANTONI, Rosa V. “Comer, comer... comer, comer... é o melhor para poder crescer...”. In: ROSSETTI FERREIRA, Maria Clotilde [et. al.] (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras? In: **35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais...** Porto de Galinhas: Anped, 2012.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para o debate científico interdisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Viera Cruz (Org.). **A criança fala: a escuta da criança em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; SILVA, Anamaria Santana da. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; LARocca, Priscila. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 419-433, set./dez. 2004.

SARMENTO, Dirléia Fanfa; FOSSATTI, Paulo. Formação de professores, saberes docentes e práticas educativas: a qualidade da educação infantil como centralidade. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 25, n. 2, p. 117-140, 2012.

SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia; RIBAS, Adriana Ferreira Paes. **Bebês recém-nascidos: ciência para conhecer e afeto para cuidar**. Curitiba: Juruá, 2012.

SILVA, Cleber Fabiano da; RAITZ, Tânia Regina; FERREIRA, Valéria Silva. Desafios da Sociologia da Infância: uma área emergente. **Psicologia & Sociedade**; 21 (1): 75-80, 2009.

SIMIANO, Luciane Pandini; VASQUES, Carla Karnoppi. Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês In: **34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais...** Natal/RN: Anped, 2011.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais

das crianças. **Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho**, Portugal. p. 16-20, agosto, 2004.

TAYLOR, S. I.; BOGDAN, Robert. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

THIAGO, Lilian Pacheco S. Espaço que dê espaço. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas, SP: Papirus, 2012.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A Educação de bebês em espaços coletivos: reflexões sobre uma prática pedagógica. In: **V ANPEd Sul - Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul**, Curitiba – PR., 2004a.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 6, n. 9, p. 1-14, jan. 2004b.

TRISTÃO, Rosana Maria; FEITOSA, Maria Angela Guimarães. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. **Estud. psicol.** (Natal) [online]. 2003, vol.8, n.3, pp. 459-467. ISSN 1413-294X.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANEXO A - PARECER FAVORÁVEL DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PÁGINA 01 DE 03

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/ HU-	
---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO INFANTIL PARA BEBÊS? O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Pesquisador: Viviane dos Reis Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55605216.0.0000.5546

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.592.638

Apresentação do Projeto:

A educação infantil, reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), como primeira etapa da educação básica oferecida em creches e pré-escolas a crianças entre 0 e 5 anos de idade, atualmente está se configurando como um campo de estudo em efervescente reflexão. A integração da educação infantil na educação básica buscou romper o caráter assistencialista que por muito tempo perdurou esta área de atuação educacional. Atualmente, as crianças são vistas e defendidas como seres sociais competentes e a creche como um local propício para o seu desenvolvimento de forma integral.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário da creche e suas implicações educativas.

Objetivo Secundário:

Evidenciar quais as concepções pedagógicas emergentes da organização do espaço físico do berçário; explicitar os usos e atribuições do espaço físico do berçário pelos bebês e educadores por meio de episódios interativos; elaborar indicadores de (re)organização espacial e saberes docentes construídos a partir das práticas cotidianas investigadas com os educadores em ocasiões

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº	CEP: 49.060-110
Bairro: Sanatório	
UF: SE	Município: ARACAJU
Telefone: (79)2105-1805	E-mail: cepfu@ufu.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.592.030

de reuniões de estudo, organizadas pela pesquisadora e a orientadora do projeto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos. Destacamos possíveis constrangimentos durante as observações das rotinas e exposições das falas dos educadores. Com intuito de minimizá-los, procuraremos ao longo da pesquisa estabelecer uma relação de confiança e troca recíproca de aprendizados, explicitando sempre que possível os objetivos do estudo, bem como o caráter sigiloso a respeito das identidades dos participantes da pesquisa. Apenas quando os sujeitos da pesquisa sinalizarem estarem à vontade com a pesquisadora, sem receios diante das vídeo-gravações, gravadores e demais instrumentos de produção de dados é que a coleta será iniciada.

Benefícios:

A proposta de pesquisa colaborativa permite estabelecer diálogos entre o olhar do pesquisador e dos sujeitos envolvidos, contribuindo assim para provocar reflexões dos profissionais que atuam na educação infantil sobre o seu trabalho, lapidando por meio da junção entre teoria e prática possíveis mudanças nas práticas pedagógicas, resultando na melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças. Com base nesses

pressupostos, a relevância desta pesquisa pode ser apontada em razão de refletir a respeito das implicações contidas na organização de um ambiente propulsor do desenvolvimento infantil, que dê visibilidade ao mundo social das crianças; contribuindo, assim, com um conjunto de saberes que possam discutir práticas de organização espacial atentas às necessidades, motivações, interesses e desafios das crianças.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema é relevante e a pesquisadora está apta para desenvolver o projeto. O método inclui tomada de imagens de crianças, mas o TCLE ressaltava esse ponto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rua Cláudio Basteira s/nº

Bairro: Senador

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)2105-1805

E-mail: cephu@ufu.br

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE
ARACAJÚ/ UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE/ HU-



Continuação do Parecer: 1.592.838

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_706411.pdf	28/04/2016 23:07:00		Aceito
Outros	Entrevistaeducadoras.pdf	28/04/2016 22:58:41	Viviane dos Reis Silva	Aceito
Outros	Questionarioeducadoras.pdf	28/04/2016 22:57:08	Viviane dos Reis Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartadeAnuencia.pdf	28/04/2016 22:55:48	Viviane dos Reis Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECriançasProjetoMestrado.pdf	28/04/2016 22:54:57	Viviane dos Reis Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_EducadoresProjetoMestrado.pdf	28/04/2016 22:54:02	Viviane dos Reis Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoedepesquisa.pdf	28/04/2016 22:51:44	Viviane dos Reis Silva	Aceito
Declaração do Patrocinador	Declaracaogastos.pdf	28/04/2016 22:50:46	Viviane dos Reis Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	28/04/2016 22:48:23	Viviane dos Reis Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 16 de Junho de 2016

Assinado por:
Anita Herminia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório CEP: 49.060-110
UF: SE Município: ARACAJU
Telefone: (79)2105-1805 E-mail: cephu@ufu.br

APÊNDICE A – FREQUÊNCIA DAS CRIANÇAS NA PESQUISA²⁴

JULHO

BEBÊS	COLETA DE DADOS – Julho/2016				
	25/07/2016	26/07/2016	27/07/2016	28/07/2016	29/07/2016
Arthur Ezequiel	• ²⁵	•	•	•	•
Dennis Wendel	•	•	•	•	•
Henry Gabriel	•	F ²⁶	F	•	•
Kiara	•	•	•	•	•
João Pedro	•	•	F	F	•
Lara Sophia	•	•	•	•	•
Nikolly Sophia	•	•	•	F	•
Werick Maxuel	•	•	•	•	•

AGOSTO

BEBÊS	COLETA DE DADOS – Agosto/2016				
	01/08/2016	02/08/2016	03/08/2016	04/08/2016	05/08/2016
Arthur Ezequiel	•	F	F	•	F
Dennis Wendel	•	•	•	•	•
Henry Gabriel	•	•	F	•	•
Kiara	•	•	•	•	•
João Pedro	•	•	•	•	•
Lara Sophia	•	•	•	•	•
Nikolly Sophia	•	•	•	•	•
Werick Maxuel	•	•	•	•	•

²⁴ Nas duas primeiras semanas da pesquisa combinei de ir a campo de segunda-feira a sexta-feira, pois precisava criar um clima favorável para o desenvolvimento da pesquisa. Esse clima partia da aceitação das crianças e professoras.

²⁵ Presença

²⁶ Falta

BEBÊS	COLETA DE DADOS – Agosto/2016			
	08/08/2016	16/08/2016	17/08/2016	18/08/2016
Arthur Ezequiel	•	•	•	F
Dennis Wendel	F	•	•	•
Henry Gabriel	•	F	•	•
Kiara	F	•	•	•
João Pedro	F	•	•	•
Lara Sophia	•	•	•	•
Nikolly Sophia	•	•	F	•
Werick Maxuel	•	•	•	•

BEBÊS	COLETA DE DADOS – Agosto/2016			
	22/08	24/08	29/08	31/08
Arthur Ezequiel	•	•	•	•
Dennis Wendel	•	•	•	•
Henry Gabriel	•	•	•	•
Kiara	•	•	•	•
João Pedro	F	•	F	•
Lara Sophia	•	•	•	•
Nikolly Sophia	•	F	•	•
Werick Maxuel	•	•	•	•

SETEMBRO

BEBÊS	COLETA DE DADOS – Setembro/2016								
	05/09	08/09	09/09	12/09	14/09	16/09	19/09	28/09	30/09
Arthur Ezequiel	F	•	•	•	•	F	•	•	F
Dennis Wendel	•	F	•	•	•	•	•	•	•
Henry Gabriel	F	F	F	F	F	F	•	F	F
Kiara	•	•	•	•	•	•	•	•	•
João Pedro	F	•	F	•	F	•	•	•	•
Lara Sophia	F	F	F	F	•	•	•	•	F
Nikolly Sophia	•	•	•	•	F	F	•	•	•
Werick Maxuel	•	•	F	F	•	•	•	•	•

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Responsáveis pelas crianças)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Responsáveis pelas crianças)

TÍTULO DO PROJETO: Educação infantil para bebês? O que pensam os educadores e o que nos revelam as crianças sobre a organização dos espaços

RESPONSÁVEL PELA COLETA DE DADOS: Viviane dos Reis Silva.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Sergipe/Programa de Pós-Graduação em Educação

Seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar de um projeto de pesquisa que iremos desenvolver na rede municipal de ensino onde ele estuda. A participação nesse estudo é muito importante para nós, mas você pode não permitir ou interromper a participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa no momento em que assim desejar.

A pesquisa será desenvolvida com o objetivo de analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário e suas implicações na participação social dos bebês, culminando na elaboração conjunta de indicadores de (re)organização espacial e saberes docentes ajustados aos interesses e necessidades socioafetivas das crianças.

Realizaremos filmagens das professoras e crianças, registrando-se as interações entre bebês ou com os adultos durante as práticas pedagógicas desenvolvidas. As professoras irão analisar algumas das cenas filmadas junto com a pesquisadora na busca de indicadores que orientem a organização de práticas educativas ajustadas à melhoria da qualidade da educação infantil.

A criança poderá se sentir desconfortável no início das videograções. Seu(sua) filho(a) poderá “estranhar” a presença da(s) pesquisadora(s) na sala e chorar. Esse risco de desconforto deverá ser minimizado com a visita da(s) pesquisadora(s) à instituição durante vários dias antes do início das filmagens para que as crianças possam se familiarizar com ela. Somente diante de uma sinalização de que as crianças estão à vontade (não demonstrando receio ou choro diante da câmara ou da(s) pesquisadora(s)) é que a coleta será iniciada).

Justificamos a relevância desta pesquisa por contribuir na reflexão a respeito das implicações contidas na organização de um ambiente propulsor do desenvolvimento infantil, que dê visibilidade ao mundo social das crianças; contribuindo, assim, com um conjunto de

saberes que possam discutir práticas de organização espacial atentas às necessidades, motivações, interesses e desafios das crianças.

Os autores irão apresentar ou publicar os resultados desta pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em congressos científicos, revistas especializadas, livros, contribuindo para ampliar os conhecimentos produzidos sobre a organização de práticas educativas com bebês, mas a identidade de seu(sua) filho(a) só irá aparecer, caso seja autorizada pelos pais ou responsáveis.

Gostaríamos de contar com a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa.

CONTATO COM A PESQUISADORA RESPONSÁVEL: fone – (79) 99810-4210. E-mail: viviannereys@hotmail.com Endereço: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão. Fone: 2105-6600.

IDENTIFICAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE

NOME DA CRIANÇA:

- ☐ Sim. Aceito que meu(minha) filho(filha) seja filmado(a) para esse estudo.
- ☐ Permito a apresentação e/ou a publicação das imagens da criança nos resultados deste estudo.

Estando, assim, de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Pai, mãe ou responsável pela criança

Pesquisadora responsável pelo projeto

Testemunha 1

Testemunha 2

Nossa Senhora do Socorro/SE, ____ de _____ de 2016.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Educadoras)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA (Educadoras)

TÍTULO DO PROJETO: Educação infantil para bebês? O que pensam os educadores e o que nos revelam as crianças sobre a organização dos espaços

RESPONSÁVEL PELA COLETA DE DADOS: Viviane dos Reis Silva.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Sergipe/Programa de Pós-Graduação em Educação

Você está sendo convidado (a) para participar de um projeto de pesquisa que iremos desenvolver na rede municipal de ensino onde você atua. A sua participação nesse estudo é muito relevante para nós. Ao aceitar participar, você pode não permitir ou interromper a sua participação no momento em que assim desejar.

A pesquisa será desenvolvida com o objetivo de analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário e suas implicações na participação social dos bebês, culminando na elaboração conjunta de indicadores de (re)organização espacial e saberes docentes.

Realizaremos entrevistas áudio-gravadas com educadores que atuam no Berçário I. Em conjunto com esta etapa da pesquisa, aplicaremos um questionário com intuito de traçar o perfil social destes profissionais, destacando sua função na creche, idade, tempo de trabalho na educação infantil e formação acadêmica. O passo seguinte é dar início às observações das rotinas dos berçários, seguidas de escritos em diário de campo, vídeo-gravações e registros de imagens por meio de fotografias. Escolhemos a filmagem como aparato metodológico, pois necessitamos nos debruçar sobre os mínimos detalhes das ações orquestradas pelos bebês e educadores. Portanto, o vídeo nos permitirá rever cenas e captar as nuances que poderiam ser perdidas tendo como base somente as observações.

Todos esses procedimentos culminarão na organização de reuniões de estudos pela pesquisadora e a orientadora do projeto, realizadas semanalmente ou em uma frequência que melhor se adeque à instituição. Nesse momento serão impulsionadas reflexões sobre a retomada de alguns relatos das entrevistas, exibindo atividades realizadas nos berçários, capturadas em vídeos, fotos e registros escritos, problematizando a organização dos espaços físicos onde tais ações foram protagonizadas. Nesse sentido, as reuniões de estudo permitirão a análise junto aos educadores das atividades cotidianas nos mais diferentes espaços da creche, possibilitando pensar em reorganizações espaciais ao longo da pesquisa e de suas implicações na participação social dos bebês, bem como na constituição ou reestruturação de saberes docentes. Vale ressaltar, que as reuniões de estudo serão filmadas e áudio-gravadas.

Em relação ao risco de constrangimentos ao longo da pesquisa, procuraremos minimizá-los. Como medida ética, as educadoras podem optar pelo anonimato ou apresentação dos seus nomes reais. Buscaremos esclarecer sempre que necessário os objetivos do trabalho proposto. Investiremos na construção de um clima favorável à participação do grupo. Buscaremos nos familiarizar com os sujeitos da pesquisa, entrando em contato com o dia a dia dos mesmos e participando de suas rotinas, na busca por uma aceitação cautelosa. À medida que formos sendo aceitos, daremos início aos processos escolhidos para coleta de dados.

Justificamos a relevância desta pesquisa por contribuir na reflexão a respeito das implicações contidas na organização de um ambiente propulsor do desenvolvimento infantil, que dê visibilidade ao mundo social das crianças; contribuindo, assim, com um conjunto de saberes que possam discutir práticas de organização espacial atentas às necessidades, motivações, interesses e desafios das crianças.

Os autores irão apresentar ou publicar os resultados desta pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em congressos científicos, revistas especializadas, livros, contribuindo para ampliar os conhecimentos produzidos sobre a organização de práticas educativas com bebês.

Gostaríamos de contar com a sua participação no projeto.

CONTATO COM A PESQUISADORA RESPONSÁVEL: fone – (79) 99810-4210. E-mail: viviannereys@hotmail.com Endereço: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão. Fone: 2105-6600.

IDENTIFICAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE

Nome: _____ _____	
<div style="margin-left: 40px;"> <input type="radio"/> Sim. Aceito ser filmado e ter minhas falas áudio-gravadas para este estudo. <input type="radio"/> Permito a apresentação e/ou a publicação dos resultados deste estudo. </div>	
Estando, assim, de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias. _____	
Educador (a)	Pesquisadora responsável pelo projeto
_____ Testemunha 1	_____ Testemunha 2
Nossa Senhora do Socorro/SE, ____ de _____ de 2016.	

APÊNDICE D – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO: DADOS DAS EDUCADORAS

TÍTULO DO PROJETO: Educação infantil para bebês? O que pensam os educadores e o que nos revelam as crianças sobre a organização dos espaços

RESPONSÁVEL PELA COLETA DE DADOS: Viviane dos Reis Silva.

Nome Completo:.....**Sexo:** F () ou M ()

Função na creche:.....

Data de Nascimento:_____/_____/_____ **Idade:**.....

Cidade e Estado de Nascimento:.....

Cidade onde reside:.....

Formação:

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio comum

() Ensino médio (Magistério)

() Superior em **Ano de Conclusão:**.....

Pós-graduação/ano de conclusão:

.....
.....

Início no magistério: ____/____/_____ **Tempo:**.....

Ingresso na PMNSS²⁷: ____/____/_____ **Tempo:**.....

Início do magistério na educação infantil: ____/____/_____ **Tempo:**.....

Início do magistério com bebês: ____/____/_____ **Tempo:**.....

²⁷ Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro.

APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO: ENTREVISTA COM AS EDUCADORAS

TÍTULO DO PROJETO: Educação infantil para bebês? O que pensam os educadores e o que nos revelam as crianças sobre a organização dos espaços

RESPONSÁVEL PELA COLETA DE DADOS: Viviane dos Reis Silva.

1. Fale um pouco sobre sua trajetória profissional. Você gosta de ser educador?
2. Para você o que é ser criança?
3. O que caracteriza a educação infantil? O que significa uma Educação Infantil de qualidade?
4. Qual o papel do professor de educação infantil?
5. Qual a especificidade do professor de bebês? O que os bebês aprendem no berçário?
6. É preciso planejar a prática pedagógica com bebês? Se sim, como acontece esse planejamento? Quais fontes você costuma utilizar para criar/aperfeiçoar sua prática pedagógica? Conte-me sobre suas práticas pedagógicas.
7. O espaço físico da creche ou do berçário é ponto de discussão na hora do planejamento pedagógico?
8. Como vocês organizam os espaços físicos do berçário? Por que a sala foi organizada desta forma? Possui objetivos específicos?
9. Vocês costumam modificar a arrumação do espaço físico do berçário? Com qual frequência? Qual foi a última modificação? Por que a fez? Os bebês tiveram alguma intervenção na mudança? De que forma?
10. Os bebês demonstram maior interesse por locais específicos no espaço físico do berçário? Quais são esses locais? Quais são as atividades desenvolvidas nesses espaços preferenciais?

**APÊNDICE F – EPISÓDIOS PROTAGONIZADOS NO ESPAÇO INTERNO
DA SALA DE ATIVIDADES DO BERÇÁRIO**

Espaço interno – Sala de atividades Berçário: Vídeos²⁸				
Episódios	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração do episódio
Experiências com boliche	Sueli; Arthur; Dennis; Kiara; Werick; Lara; Eraldina; Henry	28/07/2016 MOV01790 22':18"	00':00" – 08':31"	08':31"
Roda-roda - Tocando os móveis	Sueli; Lara; Dennis; Arthur	28/07/2016 MOV01790 22':18"	16':21"- 19':51"	03':30"
Batendo nos colchonetes	Dennis; Henry; Sueli; Werick; Kiara e Nikolly	29/07/2016 MOV01828 07':29"	02':06"- 03':50"	01':44"
Compartilhando objetos	Kiara e João	29/07/2016 MOV01833 08':08"	00':00" – 03':30"	03':30"
Jogando bolinhas	Dennis; Henry; Nikolly	29/07/2016 MOV01825 25':53"	04':38" – 10':15"	05':37"
Leitura para bebês	Sueli; Lara; Dennis; Nikolly; Werick; Arthur; Kiara; Lara; Henry	01/08/2016 20160801_080952 04':10"	00':00" - 04':10"	04':10"
Cont. Leitura para bebês	Sueli; Lara; Dennis; Nikolly; Werick; Arthur; Kiara; Lara; Henry	01/08/2016 20160801_081537 03':16"	00':00" - 03':16"	03':16"

²⁸ Os episódios apresentados e discutidos nos Móveis dos Saberes estão destacados em negrito.

Leitura para bebês: Nikolly explora o livro.	Nikolly	01/08/2016 20160801_084305 02':48"	00':27" – 01':15"	00':38"
Leitura para bebês: Lara explora o livro sozinha	Lara	01/08/2016 20160801_095755 02':12"	00':00" – 01':08"	01':08"
Interagindo no berço	Henry e Nikolly	01/08/2016 20160801_095755 02':12"	01':35" – 02':00"	00':25"
Espaço que aproxima – Colchonetes e labirinto	Arthur e Nikolly	01/08/2016 20160801_100025 02':03"	00':25" – 02':00"	01':35"
Leitura para bebês: Lara e Kiara exploram o livro.	Lara e Kiara	01/08/2016 20160801_100025 02':47"	00':00" – 01':30"	01':30"
Batendo na parede	Kiara e Nikolly	01/08/2016 20160801_100025 02':47"	01':50" – 02':16"	00':26"
Negociando objetos	Henry e João	02/08/2016 MOV01870 00':51"	00':00" – 00':51"	00':51"
Experiências com latas	Sueli; Werick; Kiara; João; Lara; Dennis; Eraldina; Nikolly; Henry	02/08/2016 MOV01871 30':47"	00':00" – 15':00"	15':00"
Esconde-esconde no tecido	Werick; Sueli; Nikolly; Dennis	02/08/2016 MOV01876 22':16"	16':21" – 20':10"	03':49"
Experiências no labirinto	Werick	02/08/2016 MOV01877 15':32"	10':39" – 12':41"	02':02"
Brincadeiras com	Dennis; Nikolly;	03/08/2016	00':00" –	24':47"

latas	Werick; João; Kiara; Lara	MOV01907 24':47"	24':47"	
Brincando de pega- pega	Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara	03/08/2016 MOV01916 24':47"	00':00" - 01':41"	01':41"
Colando bolas na fita adesiva	Sueli; Dennis; Henry; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	04/08/2016 Vídeo final 411 18':50"	00':00" – 06':23"	06':23"
Comendo e explorando a melancia	Dennis; Henry; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	04/08/2016 Vídeo final 345 31':23"	00':00" – 31':23"	31':23"
Brincadeiras com caixas	Nikolly; Werick; Kiara; Lara; Dennis	05/08/2016 MOV01929 08':59"	00':00" – 08':45"	08':45"
Desenhando círculos no chão	Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	16/08/2016 MOV01983 10':14"	00':00" - 10':14"	10':14"
Exercitando os primeiros passos	Sueli e João	16/08/2016 MOV01983 10':14"	03':45" – 06':28"	02':43"
Esconde-esconde na cortina	Werick; Sueli; Kiara; Arthur	16/08/2016 MOV01988 01':58"	00':00" - 01':58"	01':58"
Fico em pé com o apoio do cesto	Sueli; João; Kiara; Lara; Dennis	16/08/2016 MOV01989 08':10"	00':00" - 08':00"	08':00"
Círculo	Sueli; Kiara	16/08/2016 MOV01992 00':49"	00':00" - 00':49"	00':49"
Brincando com latas:	Arthur; Dennis;	16/08/2016	00':00" -	00':44"

empilhando-as	Sueli; Eraldina	MOV01993 01':07"	00':44"	
Brincando com latas	Eraldina; Sueli; Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	16/08/2016 MOV01993 06':41"	00':00" – 05':39"	05':39"
Arrumando o espaço para o Aniversário	Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	16/08/2016 MOV01996 05':47"	00':00" – 05':47"	05':47"
Aniversário dos bebês	Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara; Lara; Arthur	16/08/2016 MOV02000 04':24"	00':00" – 04':24"	04':24"
Grudando peixes na parede	Sueli; Kiara; Dennis; Arthur; Werick; Lara	17/08/2016 MOV02013 03':46"	00':00" – 02':04"	02':04"
Dinossauro vai morder!	Sueli; Arthur; Werick	17/08/2016 MOV02013 03':46"	02':05" – 03':12"	01':07"
Grudando objetos na parede	Henry; Kiara; Arthur; Sueli	17/08/2016 MOV02014 02':18"	00':00" – 02':18"	02':18"
Brincando com bexigas de ar	Sueli; Lara; Nikolly; Henry; Dennis; João; Werick	18/08/2016 MOV02033 06':55"	00':00" – 06':55"	06':55"
Brincando com os blocos de encaixar	Dennis e Henry	22/08/2016 MOV02040 03':27"	00':00" - 01':38"	01':38"
Grudando os objetos na parede: grudando as mãos	Sueli; Kiara; Arthur; Werick; Henry; Nikolly	22/08/2016 MOV02041 16':34"	00':00" – 15':20"	15':20"
A baleia é amiga da sereia	Sueli; Eraldina; Henry; Werick;	22/08/2016 MOV02042	00':00" – 04':33"	04':33"

	Nikolly; Kiara; Arthur; Lara	07':39"		
Brincando de jogar bola no cesto	Sueli; Henry; Werick; Nikolly; Lara; Henry	22/08/2016 MOV02045 03':07"	00':00" – 03':07"	03':07"
Bolas no cesto	Henry; Sueli; Lara	22/08/2016 MOV02046 03':47"	00':00" – 03':47"	03':47"
Brincando com latas	Sueli; Eraldina; Werick; Arthur; Dennis; Lara; Kiara; João; Henry	24/08/2016 MOV02050 30':47"	00':00" – 06':02"	06':02"
Organizando o espaço para o café da manhã	Sueli; Eraldina; Werick; Arthur; Dennis; Lara; Kiara; João; Henry	24/08/2016 MOV02050 30':47"	06':02" – 12':01"	06':01"
Sorrisos compartilhados	João e Lara	24/08/2016 MOV02050 30':47"	12':01" – 13':00"	00':59"
Oferecendo mingau a pesquisadora	Henry e pesquisadora	24/08/2016 MOV02050 30':47"	16':21" – 17':44"	01':23"
Olha o aviãozinho	Henry; João; Werick; Sueli	24/08/2016 MOV02050 30':47"	22':16" – 24':43"	02':27"
Brincadeiras com caixas – Hora do sono	Nikolly; Lara; Henry; Kiara; Eraldina	29/08/2016 MOV02068 12':40"	04':50" – 12':40"	07':50"
Brincando com latas: empilhar	Arthur; Lara; Nikolly; Werick	31/08/2016 MOV02075 17':43"	10':50" – 14':46"	03':56"
Brincadeiras com caixas	Henry; Sueli; Diretora	31/08/2016 MOV02076	02':05" – 07':54"	05':49"

		08':21"		
Experiências com caixas	Henry; Lara; Nikolly	31/08/2016 MOV02077 12':07"	00':00" – 09':37"	09':37"
Brincando com caixas	Sueli; Henry; Dennis; Kiara	31/08/2016 MOV02078 19':33"	00':00" – 08':54"	08':54"
Brincadeiras no Sítio do Seu Lobato	Sueli; Dennis; Henry; Eraldina; Lara; Nikolly; Kiara	31/08/2016 MOV02078 19':33"	08':54" – 19':33"	10':39"
Arrastando o labirinto			10':00"	
Pega-pega	Dennis; Henry; Eraldina; Lara; Nikolly; Kiara	31/08/2016 MOV02080 05':18"	00':00" – 02':00"	02':00"
Brincando de esconde-esconde	Sueli; Dennis; Lara; Nikolly; Kiara	31/08/2016 MOV02080 05':18"	02':28" – 04':58"	02':30"
Beijando a bandeira do Brasil – Semana da Pátria	Sueli; Werick; Kiara; Nikolly	05/09/2016 MOV02085 01':44"	00':00" – 01':20"	01':20"
Brincadeiras com a Bandeira do Brasil	Sueli; Eraldina; Werick; Kiara; Nikolly; Dennis	05/09/2016 MOV02087 09':12"	00':00" – 03':25"	03':25"
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Eraldina; Werick; Kiara; Nikolly; Dennis	05/09/2016 MOV02095 07':01"	01':52" – 04':05"	02':13"
Brincando com chocalho	Nikolly	08/09/2016 ²⁹ M2U00064 04':13"	00':00" – 03':47"	03':47"
Produzindo som com argolas	João	08/09/2016 M2U00065	00':00" – 01':49"	01':49"

²⁹ Sueli não foi esse dia.

		01':49"		
Brincando com latas	Eraldina; Vânia; Kiara; Nikolly; Werick; Arthur; João	08/09/2016 M2U00066 14':50"	00':00" – 06':10"	06':10"
Brincadeiras no Sítio de Seu Lobato	Eraldina; Kiara; Nikolly; Werick; Arthur; João	08/09/2016 M2U00067 04':41"	00':00" – 04':41"	04':41"
Imitando a baleia	Sueli; Eraldina; Dennis; Nikolly; Kiara	09/09/2016 M2U00068 02':01"	00':30" – 01':54"	01':24"
Brincadeiras com caixas	Dennis; Sueli; Eraldina; Nikolly; Arthur	09/09/2016 M2U00069 01':29"	00':00" – 00':42"	00':42"
Brincadeiras com cesto	Dennis; Nikolly; Sueli; Eraldina	09/09/2016 M2U00070 12':35"	00':00" – 02':40"	02':40"
Brincando com o "jacaré"	Nikolly; Sueli; Kiara; Arthur; Eraldina	09/09/2016 M2U00070 12':35"	04':18" – 05':55"	01':37"
Cont. Brincando com o "jacaré"	Nikolly; Sueli; Kiara; Dennis	09/09/2016 M2U00070 12':35"	09':11" – 12':35"	03':24"
A canoa virou	Sueli; Eraldina; Nikolly; Dennis; Kiara; Arthur	09/09/2016 M2U00071 10':46"	03':56" – 10':46"	06':42"
Experiências com bolas	João e Arthur	12/09/2016 M2U00072 09':12"	00':00" – 04':17"	04':17"
Atividade com círculos	Sueli; Nikolly; Dennis; Arthur; Kiara	12/09/2016 M2U00072 09':12"	04':17" – 08':40"	04':23"
Brincando com	Sueli; Eraldina;	12/09/2016	00':00" –	10':23"

caixas e de pular	Nikolly; Dennis; Arthur; Kiara	M2U00073 10':33"	10':23"	
Brincando com latas	Kiara; Sueli; Nikolly.	12/09/2016 M2U00074 07':07"	02':48" – 03':58"	01':10"
Um espaço para estar junto	Dennis; Kiara; Sueli; Eraldina	12/09/2016 M2U00074 07':07"	03':52" – 07':00"	03':08"
Experiências com latas	Arthur; Sueli; Eraldina; Nikolly; Dennis; Kiara	12/09/2016 M2U00075 04':37"	00':00" – 03':05"	03':05"
Brincando com caixas – espaço que aproxima	Dennis e Kiara	12/09/2016 M2U00076 12':43"	00':00" – 10':13"	10':13"
Brincando de pular	Kiara; Lara; Sueli; Dennis; Werick	14/09/2016 M2U00001 08':45"	00':00" – 04':27"	04':27"
Pega-pega	Sueli; Kiara; Lara; Arthur; Dennis; Werick	14/09/2016 M2U00004 07':05"	02':06" – 03':51"	01':45"
Leitura para bebês	Sueli; Eraldina; Werick; Dennis; Kiara; Arthur; Lara	14/09/2016 M2U00077 15':29"	00':00" – 07':30"	07':30"
Brincando com bolas – interações com a pesquisadora	Pesquisadora; Dennis; Lara.	14/09/2016 M2U00078 19':41"	00':00" – 03':07"	03':07"
Experiências com boliche	Sueli; Kiara; Lara; Arthur; Dennis; Werick	14/09/2016 M2U00078 19':41"	03':07" – 05':58"	02':51"
Brincadeiras com caixas	Sueli; Kiara; Dennis; Werick; Lara	14/09/2016 M2U00078 19':41"	05':58" – 14':30"	08':32"

Olha o círculo	Sueli; Eraldina; Kiara; Dennis; Werick; Lara; Arthur	14/09/2016 M2U00078 19':41''	14':30'' - 19':42''	05':12''
Brincando com latas	Kiara; Lara; Dennis; Werick; João	16/09/2016 M2U00079 10':32''	00':00'' – 01':07''	01':07''
Pegando minha cadeira	Sueli; Kiara; Lara; Dennis	16/09/2016 M2U00079 10':32''	01':07'' – 04':07''	03':00''
Explorando o painel da Primavera	Sueli; Eraldina; Kiara; Lara; João; Dennis	19/09/2016 M2U00005 02':12''	00':00'' – 02':12''	02':12''
Brincando com a banheira	Werick	19/09/2016 M2U00084 14':41''	05':48'' – 10':33''	04':45''
Leitura para bebês: árvore – morada dos animais	Sueli; Lara; Kiara; Werick; Dennis; Eraldina	19/09/2016 M2U00085 21':41''	00':00'' – 12':20''	12':20''
Correndo atrás da bola: investindo no próprio desenvolvimento	Sueli e João	19/09/2016 M2U00085 21':41''	20':40'' – 21':41''	01':01''
Brincando de pula- pula	Sueli; Eraldina; Werick; Dennis; Kiara; Lara.	19/09/2016 M2U00086 15':41''	02':00'' – 09':48''	07':48''
Brincando com jogos eletrônicos (celular)	Dennis; Nikolly; Werick; João; Kiara	30/09/2016 M2U00094 08':41''	00':00'' – 04':36''	04':36''

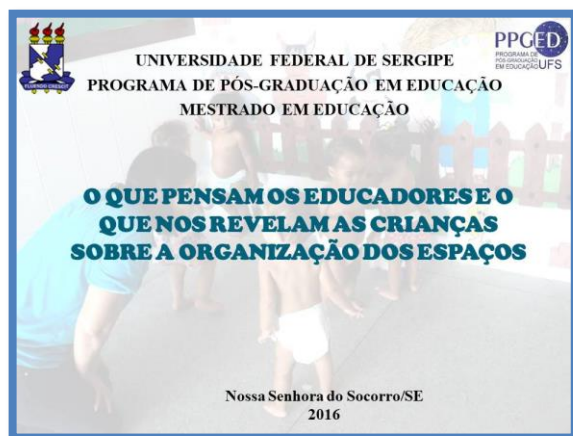
**APÊNDICE F – EPISÓDIOS PROTAGONIZADOS NO ESPAÇO INTERNO
DA SALA DE ATIVIDADES DO BERÇÁRIO**

Espaço interno – Sala de atividades Berçário: Fotografias		
Episódios	Integrantes	Data
Empurra o brinquedo	Dennis; João; Sueli; Eraldina; Lara; Kiara; Nikolly	25/07/2016
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Arhur; Kiara; Dennis; Lara; Nikolly	25/07/2016
Pega-pegas	Lara; Sueli; Arthur; Werick; Kiara; Dennis	26/07/2016
Experiências com boliche	Lara; Dennis; Arthur; Werick; Kiara; Sueli; Eraldina	28/07/2016
Esconde-esconde na cortina	Werick; Pesquisadora; Dennis; Sueli	28/07/2016

APÊNDICE G – SLIDES MÓBILES DOS SABERES

SLIDES: 1º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01



Slide 02



Slide 03

OBJETIVO:

- Analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário da creche e suas implicações educativas.

Slide 04

Cronograma – Produção de dados

JULHO							AGOSTO							SETEMBRO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
					1	2	1	2	3	4	5	6	7					1	2	3
4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11
11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18
18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25
25	26	27	28	29	30	31	29	30	31					26	27	28	29	30		

Slide 05

Cronograma – Móvil dos saberes

NOVEMBRO							DEZEMBRO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
					1	2					1	2	3
7	8	9	10	11	12	13	5	6	7	8	9	10	11
14	15	16	17	18	19	20	12	13	14	15	16	17	18
21	22	23	24	25	26	27	19	20	21	22	23	24	25
28	29	30					26	27	28	29	30	31	

Slide 06

Encontro I: A sala do Berçário e as Diretrizes

Vocês conhecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil?

Vocês costumam utilizar as DCNEI para organizar a prática pedagógica?



Slide 07


Organização de Espaço, Tempo e Materiais na Educação Infantil




Fonte: <https://3.bp.blogspot.com/-ehs9WBuLcz8/VGI8okprWYI/AAAAAAAABAE/Olh2dTqSGFs/s1600/HiRes-2.jpg>

Slide 08

Organização de Espaço, Tempo e Materiais



Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

 A indivisibilidade das dimensões expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

Fonte: Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 2010.

Slide 09

**Encontro I:
A sala do Berçário e as Diretrizes**

Como os materiais, espaços e tempos do berçário são organizados?

De que forma as dimensões a seguir são pensadas e desenvolvidas?

Expressivomotora;
afetiva;
cognitiva;
linguística;
ética;
estética;
sociocultural

Slide 10

**Encontro I:
A sala do Berçário e as Diretrizes**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 11

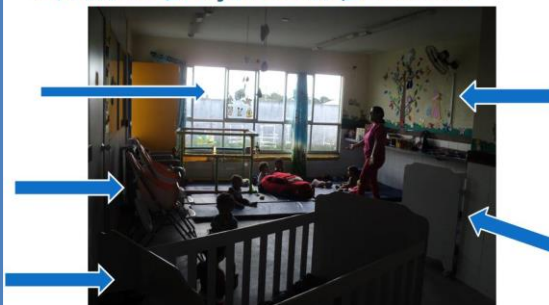
**Encontro I:
A sala do Berçário e as Diretrizes**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 12

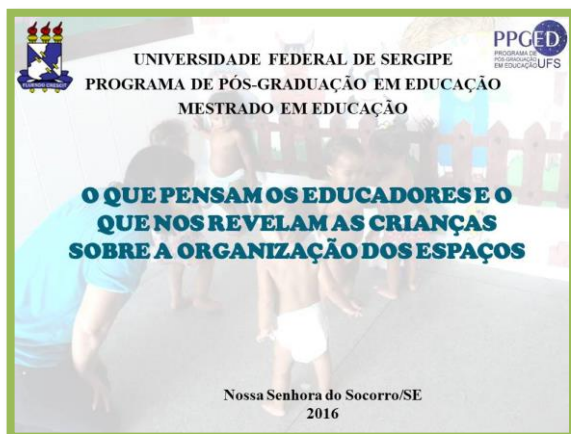
**Encontro I:
A sala do Berçário e as Diretrizes**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

SLIDES: 2º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01




Slide02




Slide 03

Organização de Espaço, Tempo e Materiais

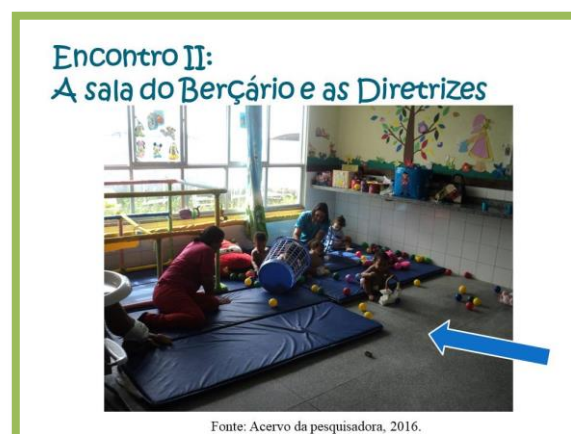


Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

 A indivisibilidade das dimensões expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

Fonte: Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 2010.

Slide 04



Slide 05

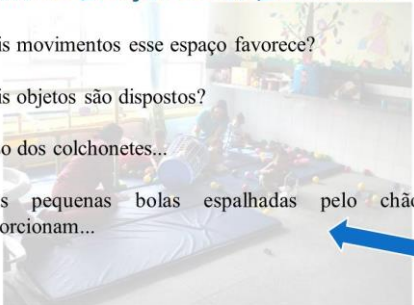
**Encontro II:
A sala do Berçário e as Diretrizes**

Quais movimentos esse espaço favorece?

Quais objetos são dispostos?

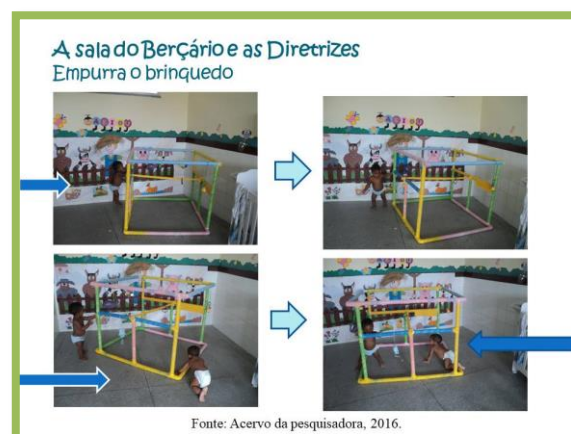
O uso dos colchonetes...

Essas pequenas bolas espalhadas pelo chão proporcionam...



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.


Slide 06



Slide 07

Encontro II:
A sala do Berçário e as Diretrizes

Quais dimensões esse espaço favorece?



Quais objetivos pedagógicos desse objeto?

Como esse objeto está sendo usado por Dennis?

Por que João se aproxima?

Slide 08

A sala do Berçário e as Diretrizes
Ajuda da educadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 09

Encontro II:
A sala do Berçário e as Diretrizes

Por que Sueli e Eraldina se aproximaram?

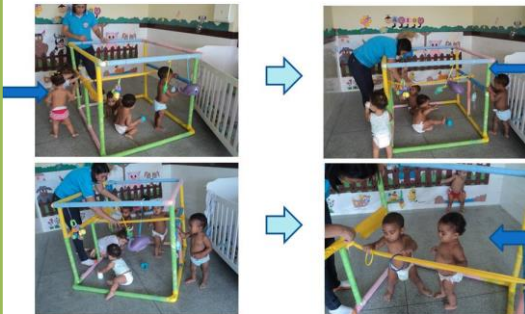
Outras crianças se aproximaram, por quê?

O que chamou atenção das crianças?

Esse brinquedo costuma ser muito utilizado? Em quais situações?

Slide 10

A sala do Berçário e as Diretrizes



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 11

Encontro II:
A sala do Berçário e as Diretrizes

Nicole e Lara estão imitando a ação iniciada por Dennis. O que isso demonstra?

João se aproxima até as argolas e é ajudado por Sueli.

Qual a importância desse objeto para João?

Qual o papel do educador nesse espaço?

Slide 12

A IMITAÇÃO

Os bebês são capazes de observar o outro, sorrir, vocalizar, trocar brinquedos, imitá-lo, na busca de contato social e compartilhamentos sociocomunicativos. O ato de imitar atribui significado as trocas sociais estabelecidas cotidianamente. A imitação revela a capacidade de criação e recriação do vivido, ela manifesta as ações que chamaram à atenção dos bebês, expressa intencionalidades (GUIMARÃES, 2009b).

SLIDES 3º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

São Cristóvão/SE
2017

Slide 02

Móbile dos saberes

Slide 03

OBJETIVO:

- Analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário da creche e suas implicações educativas.

Slide 04

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma antigo : Móbile dos Saberes

NOVEMBRO							DEZEMBRO							
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	
					5	6					1	2	3	4
7	8	9	10	11	12	13	5	6	7	8	9	10	11	
14	15	16	17	18	19	20	12	13	14	15	16	17	18	
21	22	23	24	25	26	27	19	20	21	22	23	24	25	
28	29	30					26	27	28	29	30	31		

- Fizemos dois encontros: 09/11 e 16/11
- 3º Encontro – 17/11 - não foi possível porque Arthur não dormiu.
- Na semana seguinte Sueli adoeceu: parada dos encontros.

Slide 05

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma: Produção de dados

JULHO							AGOSTO							SETEMBRO								
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM		
					1	2	3	1	2	3	4	5	6	7					1	2	3	4
4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11		
11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18		
18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25		
25	26	27	28	29	30	31	29	30	31					26	27	28	29	30				

- 30 dias em campo produzindo dados
- 02 questionários; 171 vídeos; 02 entrevistas; 441 fotos.

Slide 06

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma Novo : Móbile dos Saberes

ABRIL

SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

- 3º Encontro: 08/04/2017;
- 4º Encontro: 29/04/2017.

Slide 07

Organização de Espaço, Tempo Materiais



Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos.

Fonte: Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 2010.

Slide 08

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 09

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Como esse espaço costuma ser utilizado? Quais atividades são realizadas nele?

Qual atividade está sendo realizada no momento deste vídeo?

Como essa atividade inicia-se? Como ela se apresenta na rotina do berçário?

O que as ações das crianças e educadora nos revelam sobre esse espaço?

Slide 10

O QUE ESSA FALA NOS DIZ SOBRE O ESPAÇO APRESENTADO?

“O Sítio do Seu Lobato, então, quando canta a música do Lobato, eles já sabem que ali é uma fazendinha e ali naquela fazendinha, eles sabem, né, os sons dos animais. Então a gente coloca cartazes para cantar mesmo, para contar história. E ali eles criarem uma identidade com aqueles animais, com aqueles objetos que estão ali. Então, além de deixar o espaço com a carinha bonitinha, enfeitado, encantador, que a criança goste disso, né, de tá apontando, isso aí também ajuda na construção da linguagem: o que é estrela, o que é nuvem, o que é gotinha d’água. Você tá criando vocabulário, né. Visual, não é? Que o vocabulário visual que eles estão percebendo as formas das figuras. Então nada é de qualquer jeito, tudo pensado e planejado pra os bebês.” (ALVES. 2016).

Slide 11

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Por que vocês enfeitaram a sala com figuras de animais?

Por que a joaninha possui vogais?



Slide 12

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 13

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 14

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

O que está acontecendo nas cenas anteriores?

Essa atividade é do tipo planejada? Como ela acontece?

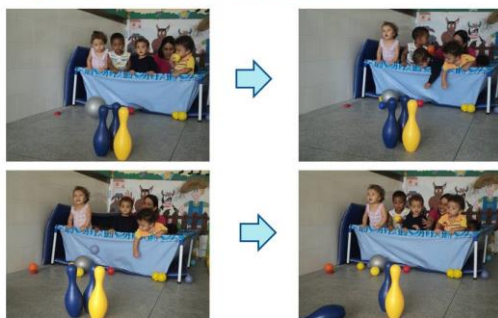
Como o espaço pode estar organizado para que esta atividade aconteça? Por quê?

Em que momento ela costuma ocorrer?

O que as ações e reações das crianças nos revelam?

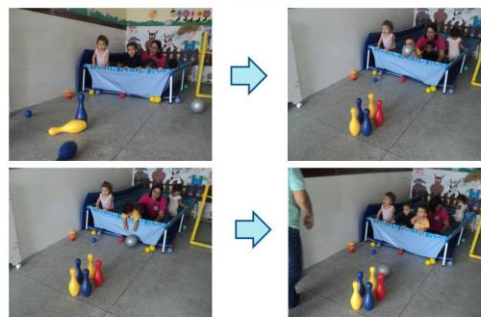
Como a educadora atuou ou pode atuar nesse espaço e atividade?

Slide 15

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 16

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 17

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

O que esse espaço nos comunica?

Como as crianças utilizam a piscina de bolinha?

Qual o papel do educador nessa atividade?

O que as ações das crianças nos revelam sobre esse espaço e materiais que foram disponibilizados para elas?

Slide 18

O QUE ESSA FALA NOS REVELA SOBRE ESSE ESPAÇO?

“[...] Então, a piscina foi pra lá, aproveitei o espaço pra usar as bolinhas. Como eles gostam das bolinhas, dentro da piscina ficou um ambiente de brincadeira. Então eles gostam né[...] Então, deixei um pouco porque eu não queria desmontar. Não foi nenhum propósito pra deixar lá pra virar um canto de brincadeira, claro que virou, né, mas assim, não é pra ficar aí. Ficou essa semana que eles interagiram, eles gostaram, eles pedem pra entrar porque lá tem brinquedo lá dentro, né. Então eles ficam ali preso e ao mesmo tempo se divertindo. Quando eles enjoam, já ensinei botar o pezinho pra fora, quando não quiser mais bota a perna pra fora que tira. Então eles já tão sabendo. Então assim, tudo que você trouxer e colocar aqui vai virar um canto de brincadeira novo. É bom, mas vai sair. Não vai ficar muito tempo aí não.” (ALVES, 2016).

Slide 19

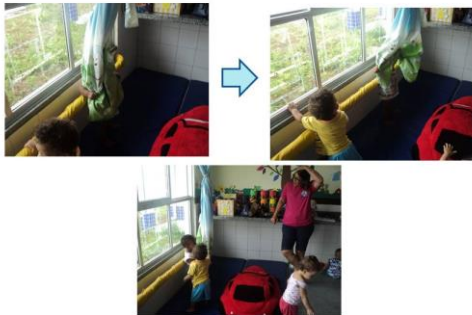
O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 20

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 21

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Como a cortina da sala é usada pelos bebês?

O que as expressões faciais de Werick possivelmente demonstram?

O que possivelmente nos revelam as ações de Dennis e Werick nesse espaço?

Qual o papel do educador nessa atividade?

Slide 22

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 23

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 24

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 25

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 26

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 27

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 28

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 29

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

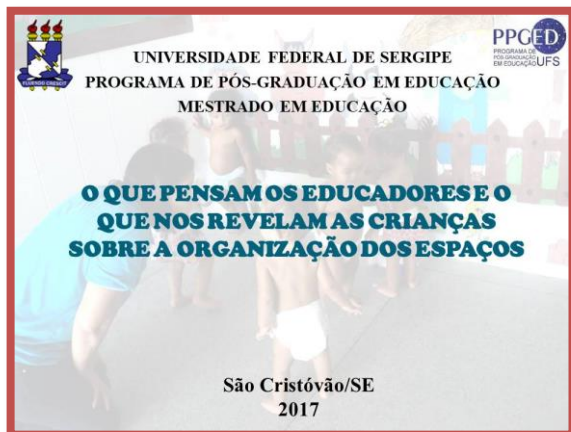
Slide 30

O QUE ESSE ESPAÇO COMUNICA?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

SLIDES 3º E 4º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01




Slide 02



Slide 03

Organização de Espaço, Tempo e Materiais



Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos.

Fonte: Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 2010.

Slide 04

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com boliche	Sueli; Arthur; Dennis; Kyara; Werick; Lara; Eraldina; Henry.	28/07/2016 MOV01790 22':18"	00':00" – 08':31"	08':31"
Experiências com boliche	Sueli; Kyara; Lara; Arthur; Dennis; Werick.	14/09/2016 M2U00078 19':41"	03':07" – 05':58"	02':51"

Slide 05

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Como essa atividade foi pensada? Quais os objetivos dela?
- O que as ações das crianças nos dizem à respeito dessa proposta inicial?
- Qual o papel das educadoras nessa atividade?
- O que o espaço e materiais favorecem?
- Quando vocês começam a ensinar para as crianças as regras para brincar com boliche o que acontece? O que as ações dos bebês comunicam?

Slide 06

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Leitura para bebês	Sueli; Eraldina; Werick; Dennis; Kyara; Arthur; Lara.	14/09/2016 M2U00077 15':29"	00':00" – 07':30"	07':30"

Slide 07

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Vocês consideram importante contar histórias para bebês? Por quê?
- Como essa atividade foi pensada? Quais os objetivos?
- Como essa atividade foi conduzida?
- Como o livro foi usado pelas educadoras? E pelas crianças?
- O que as ações das crianças nos dizem sobre essa proposta?
- Qual a atuação das educadoras nessa atividade?
- O que o espaço e materiais favorecem?
- Sueli fez a leitura de imagens. Por que ela não leu também a narrativa do livro?

Slide 08

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- A partir de um determinado momento as crianças se afastam. Sueli relacionou o afastamento aos diversos materiais distribuídos na sala. (Transcrição)
- Vocês acham que o espaço deveria ser organizado anteriormente para iniciar a proposta de contação de histórias? Por quê?

Slide 09

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências no labirinto	Werick	02/08/2016 MOV01877 15':32"	10':39" – 12':41"	02':02"

Slide 10

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que esse espaço e materiais apresentados no vídeo representam?
- Esse material foi elaborado com quais objetivos?
- Ao subir no brinquedo que está no chão o que você imagina que Werick nos informa?
- O que as ações de Werick nos diz sobre esse espaço?

Slide 11

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com latas	Sueli; Werick; Kyara; João; Lara; Dennis; Eraldina; Nicole; Henry;	02/08/2016 MOV01871 30':47"	00':00" – 15':00"	15':00"

Slide 12

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Como essa atividade foi pensada? Quais os objetivos dela?
- Como essa atividade foi conduzida?
- O que as ações das crianças possivelmente nos revelam?
- Qual a atuação das educadoras nessa atividade?
- O que o espaço e materiais favorecem?

Slide 13

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com latas	Arthur; Sueli; Eraldina; Nicole; Dennis; Kyara	12/09/2016 M2U00075 04':37"	00':00" – 03':05"	03':05"

Slide 14

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que as ações de Arthur possivelmente nos revelam em relação ao espaço e materiais que o menino dispõe?
- O que as ações dos bebês revelam em relação aos espaços neste vídeo?
- O que demonstram as ações das educadoras?

Slide 15

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Esconde-esconde na cortina	Werick; Sueli; Kyara; Arthur	16/08/2016 MOV01988 01':58"	00':00" - 01':58"	01':58"

Slide 16

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Para que servem comumente as cortinas da sala?
- Como os bebês utilizaram as cortinas da sala?
- O que as ações dos bebês nos revelam em relação ao uso das cortinas no berçário?
- Essa atividade foi programada pelas educadoras? Como ela surgiu?

Slide 17

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Esconde-esconde no tecido	Werick; Sueli; Nicole; Dennis.	02/08/2016 MOV01876 22':16"	16':21" – 20':10"	03':49"

Slide 18

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Essa atividade foi programada? Como ela surgiu?

Por que Sueli utilizou o tecido desta forma? Qual o propósito?

O que as ações dos bebês nos revelam em relação aos espaços e materiais neste vídeo?

O que proporcionou o uso do tecido pela educadora e crianças?

Slide 19

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Bolas no cesto	Henry; Sueli; Lara.	22/08/2016 MOV02046 03':47"	00':00" – 03':47"	03':47"

Slide 20

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Por que o cesto foi pendurado no labirinto?
- O que as ações de Henry e Lara possivelmente nos revelam sobre a organização desse espaço?
- O que nos revelam as ações da educadora em relação à exploração do cesto por Henry?
- O que o cesto pendurado no labirinto proporcionou?

Slide 21

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Colando bolas na fita adesiva	Sueli; Dennis; Henry; Nicole; Werick; João; Kyara; Lara; Arthur	04/08/2016 Video final 411 18':50"	00':00" – 06':23"	06':23"

Slide 22

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Como essa atividade foi pensada? Quais os objetivos dela?
- A organização do espaço favoreceu alcançar os objetivos planejados? Por quê?
- O que as ações dos bebês possivelmente nos revelam?
- Vocês mudariam alguma coisa em relação à organização do espaço para essa atividade? Por quê?

Slide 23

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Pega-pegas	Dennis; Henry; Eraldina; Lara; Nicole; Kyara.	31/08/2016 MOV02080 05':18"	00':00" – 02':00"	02':00"
Pega-pegas	Sueli; Kyara; Lara; Arthur; Dennis; Werick.	14/09/2016 M2U00004 07':05"	02':06" – 03':51"	01':45"

Slide 24

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

O que está acontecendo nas cenas anteriores?

Essa atividade é planejada? Como ela acontece?

Como o espaço deve ser a organização do espaço para que esta atividade aconteça? Por quê?

Em que momento da jornada diária com as crianças ela costuma ocorrer?

O que as ações e reações das crianças possivelmente nos revelam?

Como as educadoras atuaram ou podem atuar nesse espaço e atividade?

Slide 25

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Para vocês como está sendo esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram?
- O que o conjunto de imagens e vídeos apresentado fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais?

Slide 26

Algumas considerações

“[...] a organização do espaço ou a disposição dos objetos e materiais pode favorecer uma maior ou menor interação entre as crianças além de evidenciar o tipo de proposta pedagógica adotada. Isso porque a organização dos espaços reflete a cultura de quem os organiza e as concepções que se tem de criança e infância.” (CALLIL, 2010).

“Compreendido em seu potencial educador, o espaço configura-se como mais um importante elemento na educação infantil, indo além de suas extensões métricas. Considerado componente curricular essencial na educação de crianças, ele é capaz de proporcionar valiosas experiências e aprendizagens, podendo contribuir para o estímulo a interações, explorações, movimentos, desafios, atuando como mediador do desenvolvimento infantil.” (SILVA, p. 03, 2015).

Slide 27

Algumas considerações

“O espaço da sala é um lugar de vivências e de narrativas, um lugar de encontro: onde se encontram sorrisos, olhares, movimento, o toque. Esse espaço se constitui a partir das relações que ali são estabelecidas, que o vão significando, imprimindo marcas de histórias, um lugar de vida, de cor, de movimento, um lugar de viver a infância. As professoras devem pensar em lugares acolhedores e hospitaleiros, que enamorem os bebês, que os convide a explorá-lo, propiciando encontros entre eles mesmos, privilegiando também as interações.” (GONÇALVES, 2014, p.172).

[...] o ser humano é um ser de relação desde o nascimento.” (GUIMARÃES, 2011, p. 59).

Slide 28

Algumas considerações

“[...]uma das primeiras aprendizagens dele é conviver com os outros, em grupo, né. Que ele, ele consegue identificar um amiguinho chorando, um amiguinho sorrindo, correndo, se movimentando. Uma das primeiras aprendizagem dele é interagir com o outro.” (ALVES, 2016).

“O corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem estes universos, maiores serão os voos da borboleta, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade.” (Rubem Alves).

SLIDES: 5º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01

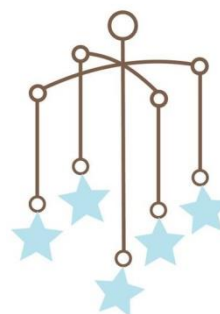
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

São Cristóvão/SE
2017

Slide 02

MóBILE dos saberes



Slide 03

Organização de Espaço, Tempo e Materiais



Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos.

Fonte: Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 2010.

Slide 04

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com caixas	Henry; Lara; Nicole	31/08/2016 MOV02077 12':07"	00':00" – 09':37"	09':37"

Slide 05

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Como e por que o objeto-caixa fez parte das atividades desenvolvidas no Berçário?
- Quais foram as ações dos bebês diante desses objetos?
- O que as ações de Henry nos revelam em relação a esse espaço e materiais?
- Durante o episódio Lara e Nicole demonstram interesse pela caixa. (Transcrição).
- O que esse interesse nos indica?
- Como os bebês negociam o objeto?

Slide 06

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Video/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências com bolas	João e Arthur	12/09/2016 M2U00072 09':12"	00':00" – 04':17"	04':17"

Slide 07

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- João pega uma bola que está próximo ao berço e a joga. Ele observa o percurso feito e engatinha até ela. Pega-a novamente e a solta, o menino observa-a de novo, pega-a e joga-a. João investiga o trajeto feito e engatinha até ela. Ao se aproximar, segura-a e a joga. Dessa vez ela vai para debaixo do berço. O garoto observa atentamente, deita-se no chão e olha para baixo do berço, atentando-se para o caminho percorrido por ela. Ele se arrasta para bem próximo, mas ela está fora do seu alcance. O menino então pega uma bola preta que estava próxima a ele e a joga. Desta vez apenas observa o percurso, não engatinha até ela. (Transcrição).

Slide 08

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que as ações de João possivelmente nos revelam à respeito do espaço e materiais dispostos neste episódio?
- João observa os movimentos de Arthur que está com uma bola em mãos. O menino a joga, balbuciando algo parecido com a palavra "Gool", João engatinha até a bola, tenta pegá-la, mas ela desliza e leva os movimentos do garoto até um canto entre a pia e o berço. (Transcrição).
- O que é possível interpretar levando em consideração as ações de João a partir de então?

Slide 09

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS				
Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Olha o aviãozinho	Henry; João; Werick; Sueli	24/08/2016 MOV02050 30':47"	22':16" – 24':43"	02':27"

Slide 10

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que esse espaço e materiais apresentados no vídeo representam?
- Como o espaço deve ser organizado para que esta atividade aconteça? Por quê?
- Como as educadoras atuaram ou podem atuar nesse espaço e atividade?
- O que as ações das crianças possivelmente nos revelam sobre esse espaço?

Slide 11

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS				
Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Pegando minha cadeira	Sueli; Kyara; Lara; Dennis.	16/09/2016 M2U00079 10':32"	01':07" – 04':07"	03':00"

Slide 12

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Ao perceber que o café da manhã chegou, Kyara pede ajuda à educadora Sueli para buscar sua cadeira de alimentação. (Transcrição).
- O que as ações da menina possivelmente nos revelam sobre a organização dos espaços e materiais?

Slide 13

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS				
Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
Experiências no Sítio de Seu Lobato	Sueli; Eraldina; Werick; Kyara; Nicole; Dennis.	05/09/2016 MOV02095 07':01"	01':52" – 04':05"	02':13"

Slide 14

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que esse espaço e materiais apresentados no vídeo representam?
- Essa atividade é do tipo planejada? Como o espaço deve ser a organizado para que esta atividade aconteça? Por quê?
- Como as educadoras atuaram ou podem atuar nesse espaço e atividade?
- O que as ações das crianças possivelmente nos revelam sobre esse espaço?

Slide 15

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Enquanto canta, Sueli vai pegar um colchonete e traz para próximo do painel do Sítio de Seu Lobato. Os bebês se dirigem até o colchonete. (Transcrição).
- Como essa nova configuração espacial provocou/mobilizou as ações das crianças e educadoras?

Slide 16

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Episódio	Integrantes	Data/Vídeo/Duração	Minutação selecionada	Duração
A canoa virou	Sueli; Eraldina; Nicole; Dennis; Kyara; Arthur.	09/09/2016 M2U00071 10':46"	03':56" – 10':46"	06':42"

Slide 17

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- O que esse espaço e materiais apresentados no vídeo representam?
- Essa atividade é do tipo planejada?
- Como as educadoras atuaram ou podem atuar nesse espaço e atividade?
- O que as ações das crianças possivelmente nos revelam sobre esse espaço?

Slide 18

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Sueli e Eraldina cantam as músicas peixe vivo e a canoa virou. Em um determinado momento Sueli se aproxima dos colchonetes e os arruma. Sobe em um dos colchonetes e começa a se remexer cantando, ela vira o colchonete simbolizando a canoa virada. (Transcrição).
- Como essa nova configuração espacial provocou/mobilizou as ações das crianças e educadoras?

Slide 19

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Para vocês como está sendo esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram?
- O que o conjunto de imagens e vídeos apresentado fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais?

Slide 20

Algumas considerações

“O lugar que as crianças ocupam no espaço da creche se constitui a partir da ocupação, de usá-lo, significando a partir das relações ali estabelecidas. As crianças tornam os espaços em um lugar de vida, de cor, de movimento, portanto, devem ser espaços pensados como um lugar para que as crianças possam viver intensamente a infância.” (GOLÇALVES, 2014, p. 159).

“É preciso incentivar e respaldar os educadores a olharem, escutarem e observarem atentamente a criança que têm diante de si e a criarem um ambiente acolhedor, afetivo, desafiador e rico em possibilidades.” (CALLIL, 2010, p. 18).

Slide 21

Algumas considerações

“Atualmente considerado como um segundo, ou terceiro educador à medida que também agrega a função de educar, o espaço apresenta-se como um elemento essencial de qualquer abordagem relativa à educação infantil.” (CALLIL, 2010, p. 60).

“A organização do espaço físico destinado à educação dos pequeninhos deve privilegiar explorações, interações e o brincar, uma vez que ele configura uma das linguagens da criança, além do modo particular pelo qual ela se apropria da realidade e adquire conhecimentos.” (CALLIL, 2010, p. 69).

Slide 22

Algumas considerações

“O modo de organização dos espaços implica a criação de condições diferenciadas às crianças, pois favorece o bem estar, segurança, autonomia, interação, exploração, movimento, acesso e escolhas, resultando em aprendizagens diversas. Por isso, a estruturação do espaço reflete o modo de pensar de quem o organiza. Assim, ele nunca é neutro, mas revelador de concepções e valores.” (CALLIL, 2010, p. 76).

“[...] O arranjo espacial, isto é, o modo como os objetos, equipamentos e mobiliários estão dispostos no espaço e são utilizados, se constitui num mediador do desenvolvimento infantil.” (MOREIRA, 2011, p. 19).

Slide 23

Algumas considerações

“O ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o “terceiro educador”, juntamente com a equipe de dois professores.

A fim de agir como um educador para criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela.” (GANDINI, 1999, p. 157).

Slide 24

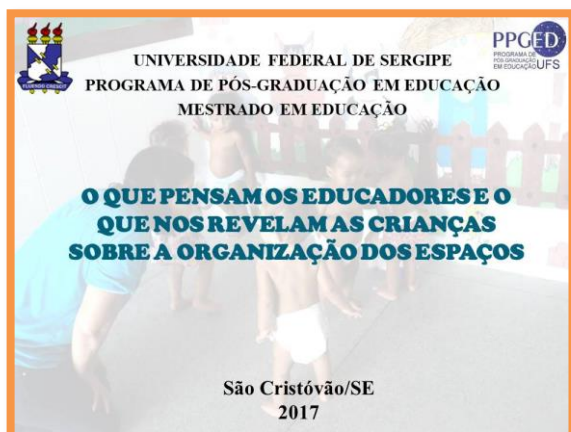
Algumas considerações

“As pesquisas indicam que o espaço físico e a proposta educacional da creche precisam ser pensados juntos, visto que ambos vão orientar as práticas pedagógicas com crianças pequenas.” (MOREIRA, 2011, p. 57).

“O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.” (HORN, 2004, p. 15).

SLIDES: 6º MÓBILE DOS SABERES

Slide 01



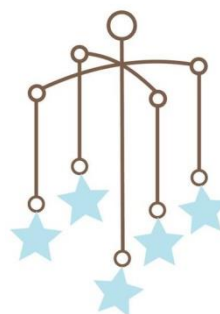
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

São Cristóvão/SE
2017

Slide 02

MóBILE dos saberes



Slide 03

OBJETIVO:

- Analisar os saberes docentes que permeiam a organização do espaço físico do berçário da creche e suas implicações educativas.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 04

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma: Produção de dados

JULHO							AGOSTO							SETEMBRO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
					1	2	1	2	3	4	5	6	7					1	2	3
4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11
11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18
18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25
25	26	27	28	29	30	31	29	30	31					26	27	28	29	30		

- 30 dias em campo produzindo dados
- 02 questionários; 171 vídeos; 02 entrevistas; 441 fotos.

Slide 05

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma antigo : Móbile dos Saberes

NOVEMBRO							DEZEMBRO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
					1	2					1	2	3
7	8	9	10	11	12	13	5	6	7	8	9	10	11
14	15	16	17	18	19	20	12	13	14	15	16	17	18
21	22	23	24	25	26	27	19	20	21	22	23	24	25
28	29	30					26	27	28	29	30	31	

- Fizemos dois encontros: 09/11 e 16/11
- 3º Encontro – 17/11 - não foi possível porque Arthur não dormiu.
- Na semana seguinte Sueli adoeceu: parada dos encontros.

Slide 06

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Cronograma Novo : Móbile dos Saberes

ABRIL							MAIO							AGOSTO						
SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	SOM
						01	01	02	03	04	05	06	07	01	02	03	04	05	06	
03	04	05	06	07	08	09	08	09	10	11	12	13	14	07	08	09	10	11	12	13
10	11	12	13	14	15	16	15	16	17	18	19	20	21	14	15	16	17	18	19	20
17	18	19	20	21	22	23	22	23	24	25	26	27	28	21	22	23	24	25	26	27
24	25	26	27	28	29	30	29	30	31					28	29	30	31			

3º Encontro – 08/04

4º Encontro – 06/05

6º Encontro – 01/08

5º Encontro – 20/05

Slide 07

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

VÍDEO – ASSIM SE ORGANIZA O AMBIENTE



Slide 08

O QUE PENSAM OS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAM AS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

VÍDEO – ASSIM SE ORGANIZA O AMBIENTE

Os espaços que os bebês vivenciavam na Creche Vovô Jason dialogam com a perspectiva do vídeo?

Quais contribuições o vídeo traz para pensar a organização dos espaços para bebês?

Slide 09

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS

Por onde começar?





Fonte: DCNEI, 2010



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 10

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL - DCNEI

Eixos do currículo:

- As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as **interações** e a **brincadeira**.

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 11

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;




Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 12

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- A indivisibilidade das dimensões expressivomotora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;




Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 13

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

A **participação**, o **diálogo** e a **escuta** cotidiana das **famílias**, o respeito e a valorização de suas formas de organização;



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 14

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de **mesma idade** e crianças de diferentes idades;




Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 15

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de **diferentes idades**;



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 16

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos **espaços internos** e externos às salas de referência das turmas e à instituição;



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 17

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e **externos às salas** de referência das turmas e à instituição;



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 18

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E MATERIAIS DCNEI

- Vídeo – O Explorador – Palavra Cantada



Slide 19

AMPLIANDO OS OLHARES: CONHECENDO OUTROS ESPAÇOS



Slide 20

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

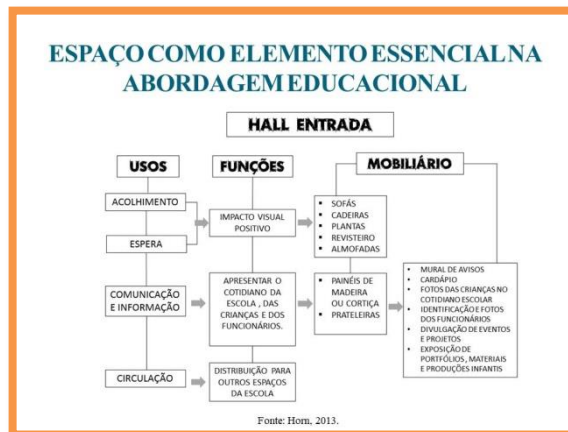
- **Entrada da creche:** Espaços para brincar e interagir.



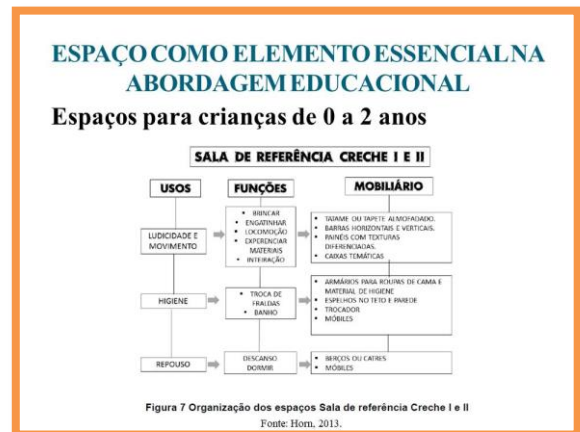
Cantos e recantos do hall de entrada da escola

Fonte: Gobatto, 2011.

Slide 21



Slide 22



Slide 23



Slide 24

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos

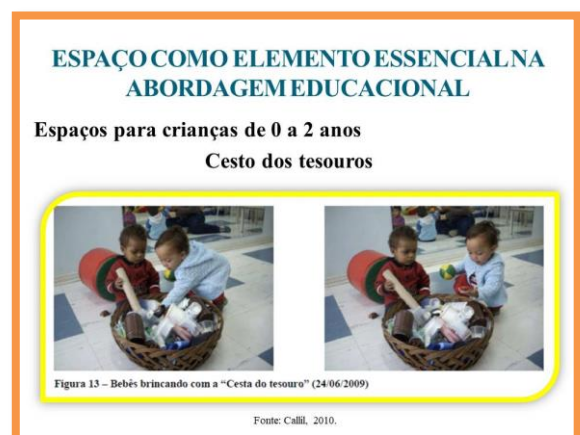
Construção da identidade

- Construção de painel com fotos das crianças e famílias – Fotos cartonadas – servem de brinquedos para as crianças;
- Confeccionar fichas com nomes para identificar cabides, pertences, produções das crianças – podem ser acompanhadas por fotos dos bebês ou com representação em EVA ou feltro que se aproximem bastante da realidade;
- Brinquedos, livros, imagens que respeitem as questões étnico-raciais;
- Mural de fotos das atividades realizadas no Berçário – Documentação.

Slide 25



Slide 26



Slide 27

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos

Cesto dos tesouros – O que é?

- Disponibilizar uma grande variedade de objetos que despertem o interesse das crianças, estimulem seus sentidos e permitam a investigação dos seus diferentes atributos.
- Objetos do cotidiano: bolsinhas, panelas, estojo de óculos e materiais naturais: sementes, esponjas, frutas, pedras, objetos de madeira, objetos de metal, colheres, copos, espremedores, tampas de panelas, molho de chaves, objetos de couro, papelão, borracha, tecido, saquinhos com chás de aromas diversos.

(Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 121).

Slide 28

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos

Cesto dos tesouros – Cabe ao professor:

- Preparar o cenário e acompanhar as crianças atentamente dando tempo e transmitindo confiança para que se aventurem a explorar os objetos desconhecidos;
- Trocar periodicamente alguns objetos dos cestos para que a criança encontre objetos com os quais está familiarizada, podendo explorá-los de maneira nova, podendo travar contato com objetos novos que despertem sua curiosidade.

(Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 121-122).

Slide 29

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos



Fonte: Gobbato, 2011.

Slide 30

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos



Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/vsf/animacoes/exibi-animacao.shtml?209_creche.swf

Slide 31

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos

Contar histórias

- Selecionar com antecedência a história – pode pedir sugestões dos pais;
- Escolher os recursos de apoio;
- Preparar a sala com um canto aconchegante – piso macio e almofadas para acomodar os bebês;
- Utilizar alguns “rituais” – variação na luminosidade da sala, presença de uma caixa decorada ou baú com objetos que serão usados para contar histórias, músicas.

(Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 121-122).

Slide 32

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Espaços para crianças de 0 a 2 anos

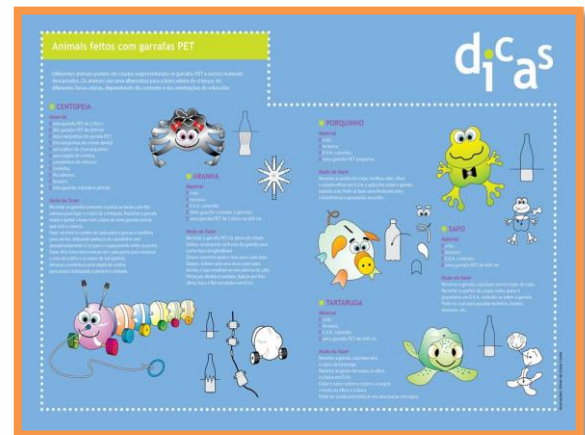


Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/vsf/animacoes/exibi-animacao.shtml?209_creche.swf

Slide 33



Slide 34



Slide 35

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Princípios balizadores:

- Espaço como terceiro educador;
- Criança como protagonista;
- Oferta de materiais diversificados;
- Favorecer múltiplos movimentos;
- Espaços para brincar e interagir;




Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 36

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Princípios balizadores:

- Foco nos espaços internos e externos;
- Nenhum espaço é marginal;
- Espaços que documentam;
- Espaço para além da metragem;
- Parceria entre espaço e educador.

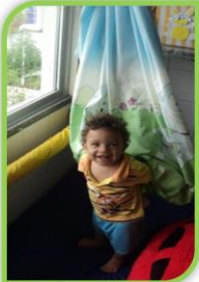



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 37

ESPAÇO COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA ABORDAGEM EDUCACIONAL

“O corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem estes universos, maiores serão os voos da borboleta, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade.”
(Rubem Alves)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Slide 38

O QUE PENSAMOS EDUCADORES E O QUE NOS REVELAMAS CRIANÇAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- Tecendo conclusões ou reinventando-as...
- Para vocês como foi esse exercício de revisitar as cenas do berçário que atuaram?
- O que o conjunto de imagens e vídeos apresentado fez pensar sobre a organização dos espaços e materiais?

Slide 39

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O Espaço da Creche**: que lugar é este? 2003. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- CALLIL, M. R. S. **Formar e formar-se no berçário**: um projeto de desenvolvimento profissional no contexto de um Centro de Educação Infantil. 2010. 223f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.
- FERRAZ, Beatriz Mangione Sampaio. **Bebês e crianças pequenas em instituições coletivas de acolhimento e educação**: representações de educação em creche. 2011. 333p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2011.
- GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Slide 40

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- GUIMARÃES, Daniela; KRAMER, Sônia. Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos. In: KRAMER, Sônia. (Org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.
- GUIMARÃES, Rosele Martins. **Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras**: um estudo acerca das interações dos bebês, crianças bem pequenas e o objeto livro numa turma de berçário. 2011, 226f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- GOBBATO, Carolina. **“Os bebês estão por todos os espaços”**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011, 219f. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, 2011. 10

Slide 41

REFERÊNCIAS

- HORN, Maria da Graça Souza. **Estudo propositivo sobre a organização dos espaços internos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. DIRETORIA DE CURRÍCULOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL. COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, Brasília, 2013.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. **Ambientes da infância e a formação do educador**: arranjo espacial no berçário. 2011, 118f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2011.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

APÊNDICE H – MÓDULO: A DOCÊNCIA COM BEBÊS**A DOCÊNCIA COM BEBÊS****Textos desta Unidade:**

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. Porto Alegre, 2010, 16f. (Texto digitado).

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A Prática Pedagógica no Berçário. Porto Alegre: 2009. 6p. (Texto digitado).

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. Os bebês no berçário: ideias-chave. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. (Org.). Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil. CNE/CEB. Parecer n. 20/2009. Brasília, 2009.

CAIRUGA, Rosana Rego. Os profissionais que atuam com bebês. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; Castro, Marilene Costa de (Orgs.). Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais.

CARONI, Cybelle. Conhecendo a rotina da classe bebê. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; Castro, Marilene Costa de (Orgs.). Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais.

RAMOS, T. K. G. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras? In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais... Porto de Galinhas: Anped, 2012.

APÊNDICE I – MÓDULO: ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Textos desta Unidade:

AGOSTINHO, K. A. O espaço da creche: que lugar é este? In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu/MG: Anped, 2004.

CAIRUGA, Rosana Rego. Bebês na escola: a organização do ambiente. IN: CAIRUGA, Rosana Rego; Castro, Marilene Costa de (Orgs.). *Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais*.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Gobbato, Carolina; Barbosa, Maria Carmen Silveira. OS BEBÊS NOS CORREDORES DA CRECHE: num espaço entre espaços, explorações e acolhimento. *Revista Eventos Pedagógicos: Educação de 0 a 3 anos em espaços de vida coletiva*, v. 6, n. 3 (16. ed.), edição especial temática, p. 95-115, ago./out. 2015.

GUIMARÃES, Daniela. A Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.) *Educação infantil: cotidiano e políticas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

_____; KRAMER, Sônia. Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com crianças de 0 a 3 anos. In: KRAMER, Sônia (Org.). *Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009.

HORN, Maria da Graça Souza. A solidária parceria entre espaço e educador. In: *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. (Org.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

-Artigos com indicações pedagógicas das Revistas: *Revista Nova Escola* e *Revista Pátio: Educação Infantil*.